UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ESTUDOS DA LINGUAGEM
ANÁLISES TEXTUAIS, DISCURSIVAS E ENUNCIATIVAS

MARILANE MENDES CASCAES DA ROSA

EM TRAMAS E ENCAIXES, A METÁFORA PARA O ENSINO DE ANÁLISE DO DISCURSO

Porto Alegre
2022

MARILANE MENDES CASCAES DA ROSA

EM TRAMAS E ENCAIXES, A METÁFORA PARA O ENSINO DE ANÁLISE DO DISCURSO

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientadora: Profª. Drª. Solange Mittmann

Porto Alegre

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Rosa, Marilane Mendes Cascaes da
Em tramas e encaixes, a metáfora para o ensino de Análise do Discurso / Marilane Mendes Cascaes da Rosa. -- 2022. 310 f.
Orientadora: Solange Mittmann.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, BR-RS, 2022.
1. Sentido. 2. Metáfora. 3. Michel Pêcheux. 4. Materialidades significantes. 5. Ensino da Análise do Discurso. I. Mittmann, Solange,orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MARILANE MENDES CASCAES DA ROSA

EM TRAMAS E ENCAIXES, A METÁFORA PARA O ENSINO DE ANÁLISE DO DISCURSO

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Doutora em Letras.

Aprovada em 08 de abril de 2022.

BANCA EXAMINADORA

_____

Suzy Maria Lagazzi
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

_____

Dóris Maria Luzzardi Fiss
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

_____

Maria Cristina Leandro Ferreira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

_____

Solange Mittmann
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - Orientadora

***À família**, pelos laços que nos unem no amor, especialmente, ao meu esposo, José Wanderley, e às minhas filhas, Lara e Lívia.*

***A todos os professores** que, assim como eu, acreditam numa educação de qualidade e transformadora, capaz de mudar o contexto social em que estamos inseridos.*

AGRADECIMENTOS

O fio que teço agora é o da gratidão, reconhecimento pela contribuição de todos aqueles que estiveram comigo ao longo deste percurso repleto de desafios, mas também de muitas conquistas. Pessoas que me fizeram acreditar que era preciso lutar pelos meus sonhos. Então, com pontos bem altos e cheios de afeto e amor, agradeço...

À minha família, bem maior, fio espesso que me constitui e que esteve junto nesta trajetória.

Aos meus pais, Neri e Maria, estímulo primeiro aos estudos e pela educação recebida. De forma muito especial, à minha mãe, professora dos primeiros pontos do crochê.

Aos meus irmãos, Ednaldo e Simone, pelo apoio e incentivo durante este período, mesmo passando por momentos tão difíceis.

Ao meu marido, José Wanderley, pela convivência, pelo amor, pela parceria de vida e de profissão e por cada ida à rodoviária de madrugada.

Às minhas filhas, Lara e Lívia, meus maiores tesouros, por compreenderem que era preciso ir em busca deste sonho.

À minha sogra, Lenita, pela torcida para que tudo desse certo.

À professora Solange Mittmann, minha orientadora, por tantos fios tecidos, pelo acolhimento, carinho e pelo conhecimento compartilhado.

Às professoras Maria Cristina Leandro Ferreira e Freda Indursky pelos ensinamentos, não só da Análise de Discurso, pela generosidade e por me fazerem vislumbrar um outro mundo.

Às professoras Dóris Maria Luzzardi Fiss e Suzy Maria Lagazzi pelas contribuições valiosas a este trabalho.

A todos os colegas de pós-graduação, com quem muito aprendi, de forma carinhosa, à Camila Borges dos Anjos, Priscila Cavalcante do Amaral, Andréia Maria Pruinelli, Carla Maicá, Roberta Rosa, Valéria Silveira Schwuchow, Maria Daniela Leite e Alex Sander Silveira de Oliveira.

À amiga Maria Ana Pignatel Marcon Martins, irmã do coração.

Aos autores dos textos veiculados nos jogos, pela sensibilidade e concessão da autorização.

A todos os professores e funcionários da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

À Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, pela formação inicial no Curso de Letras Português/Inglês, depois no mestrado em Ciências da Linguagem e, posteriormente, pela experiência adquirida como professora, assistente pedagógica e coordenadora de curso.

Aos colegas de profissão, das escolas por onde passei e da universidade.

Aos meus estudantes, com quem compartilho minhas experiências, conhecimentos, o encantamento pela AD e com quem aprendo constantemente.

Ao Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina - UNIEDU, mantido pelo Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior, pelo incentivo financeiro concedido.

A Deus por ter me guiado e ter me mostrado o caminho a seguir.

E, assim, com o coração transbordando de alegria: obrigada!

“o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora”

(PÊCHEUX, 2014a [1975], p. 240).

RESUMO

Esta tese propõe um caminho teórico-analítico tomando a noção de metáfora como norteadora para o ensino da teoria da Análise de Discurso que segue o legado de Michel Pêcheux. O percurso se compõe de três partes interligadas. Primeiramente, sintetiza a abordagem da metáfora e do sentido em Frege, Saussure, Jakobson, Lacan, Chomsky, Althusser e Milner, que foram autores presentes nos estudos de Michel Pêcheux e de outros analistas do discurso que se dedicaram às questões de sentido. Em seguida, apresenta o percurso da metáfora na teoria do discurso por Michel Pêcheux e estabelece a relação entre a metáfora e as demais noções da teoria do discurso, mostrando como a noção tem sido abordada teoricamente por analistas do discurso em um lugar específico de discussão: o Seminário de Estudos em Análise do Discurso – SEAD, nas nove edições, compreendidas entre 2003 e 2019. Para isso, foram analisados textos publicados em livros e anais do SEAD. Também nesses materiais, foi observado como a metáfora vem sendo utilizada enquanto modo de dizer a própria Análise de Discurso, ou seja, como os modos de dizer metafóricos contribuíram para as reflexões apresentadas pelos analistas do discurso no SEAD. As análises mostram tratar-se de um gesto peculiar de abordar noções complexas sobre o ponto de vista teórico e que propicia um olhar diferenciado, significativo da noção, mas não redutor, pois o uso da metáfora fez com que cada noção teórica discursivizada alçasse outros sentidos. Partindo dessa possibilidade, da metáfora como modo de dizer a AD, a última parte da tese propõe um caminho para o ensino da Análise de Discurso pela metáfora e por distintas materialidades, como, por exemplo, a casa da AD feita com pecinhas de montar, propiciando um ensino ainda mais significativo.

Palavras-chave: Sentido. Metáfora. Michel Pêcheux. Materialidades significantes. Ensino da Análise do Discurso.

RÉSUMÉ

Cette thèse propose un parcours théorico-analytique prenant la notion de métaphore comme guide pour l'enseignement de la théorie de l'Analyse du Discours qui suit l'héritage de Michel Pêcheux. Le parcours se compose de trois parties interconnectées. Premièrement, il synthétise l'approche de la métaphore et du sens chez Frege, Saussure, Jakobson, Lacan, Chomsky, Althusser et Milner, auteurs présents dans les études de Michel Pêcheux et d'autres analystes du discours qui se sont consacrés aux questions de sens. Il présente ensuite le parcours de la métaphore dans la théorie du discours par Michel Pêcheux et établit la relation entre la métaphore et les autres notions de la théorie du discours, montrant comment la notion a été théoriquement abordée par les analystes du discours dans un lieu de discussion spécifique : le Séminaire d'études en discours. Analyse – SEAD, dans les neuf éditions, entre 2003 et 2019.Pour cela, des textes publiés dans des livres et actes de SEAD ont été analysés. Dans ces matériaux également, il a été observé comment la métaphore a été utilisée comme moyen de dire l'Analyse du discours elle-même, c'est-à-dire comment les manières métaphoriques de dire ont contribué aux réflexions présentées par les analystes du discours de SEAD. Les analyses montrent qu'il s'agit d'un geste particulier d'aborder des notions complexes du point de vue théorique et qui apporte un regard différencié, significatif de la notion, mais non réducteur, puisque l'usage de la métaphore fait prendre à chaque notion théorique discursive d'autres sens. Partant de cette possibilité, de la métaphore comme manière de dire AD, la dernière partie de la thèse propose une manière d'enseigner l'Analyse du Discours à travers la métaphore et à travers différentes matérialités, comme, par exemple, la maison AD faite avec des pièces d'assemblage, fournissant une un enseignement encore plus significatif.

Mots-clés: Sens. Métaphore. Michel Pêcheux. Matérialités importantes. Enseigner l'analyse du discours.

ABSTRACT

The purpose of this thesis is to propose a theoretical-analytical path that adopts the notion of metaphor as a guide when teaching the Discourse Analysis theory that follows the legacy of Michel Pêcheux. The path is made up of three interconnected parts: The first one synthesizes the approach to metaphor and meaning adopted by Frege, Saussure, Jakobson, Lacan, Chomsky, Althusser, and Milner, whose works were present in the studies carried out by Michel Pêcheux and other discourse analysts who focused their studies on meaningfulness. After that, the route of metaphor in discourse theory according to Michel Pêcheux is presented and the relationship between metaphor and other notions of discourse theory is established, thus showing how the notion has been theoretically approached by discourse analysts in a specific location: The Seminário de Estudos em Análise do Discurso – SEAD in the nine editions, which took place between 2003 and 2019. In order to accomplish that, texts that have been published in books and annals of the SEAD were analyzed. In these materials, it was also observed that metaphor has been used as a means to refer to Discourse Analysis itself, i.e., how the metaphorical means of speech contributed to the reflections presented by the discourse analysts at the SEAD. The analyses identified a peculiar manner to approach complex notions about the theoretical viewpoint that provides a different view with a meaningful notion, however not reductive since the use of metaphors enabled each theoretical notion approach to reach other meanings. Founded on the possibility of metaphor as a means to explain the notions of Discourse Analysis, the last part of this thesis proposes a path for the teaching of Discourse Analysis through metaphors and distinct materials, such as the Discourse Analysis house, which is made up of small pieces that are assembled, thus enabling an even more significative learning process.

Keywords: Meaning. Metaphor. Michel Pêcheux. Significant Materialities. Teaching Discourse Analysis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Triângulo de Frege 32
Figura 2 - Funções da linguagem 46
Figura 3 - Processo metafórico 54
Figura 4 - Processo metonímico 54
Figura 5 - Processo metafórico e metonímico 55
Figura 6 - Linha do tempo das obras de Pêcheux 81
Figura 7 - Fases da AD 87
Figura 8 - AD hoje 88
Figura 9 - Esquema dos processos metonímicos e deslocamentos metafóricos 91
Figura 10 - Processo metafórico e metonímico 93
Figura 11 - Relação inextricável entre equívoco e metáfora 99
Figura 12 - Caminho da metáfora em Pêcheux segundo Pfeiffer e Grantham (2016) 105
Figura 13 - No tabuleiro de xadrez: o discurso 123
Figura 14 - Furacão de sentidos 129
Figura 15 - Artes que compuseram as nove edições do SEAD 136
Figura 16 - Arte do X SEAD 139
Figura 17 - Livros do SEAD 140
Figura 18 - Conceitos/noções no entorno da metáfora 169
Figura 19 - Modos de dizer metafóricos nos títulos de capítulos dos livros do SEAD 171
Figura 20 - Modos de dizer metafóricos nos títulos de trabalhos publicados nos Anais do SEAD 173
Figura 21 - A caixa da AD e a fita de Moebius tecida no crochê 199
Figura 22 - Colcha discursiva 200
Figura 23 - Paleta de alguns conceitos do discurso 201
Figura 24 - Paleta de alguns conceitos do discurso revisitada 202
Figura 25 - O mapa 203
Figura 26 - Tesouro da análise do discurso 204
Figura 27 - Os materiais 206
Figura 28 - Os terrenos 207
Figura 29 - Os vizinhos na/da casa 208
Figura 30 - Condições de produção e exterioridade 210
Figura 31 - Pilares: língua, ideologia, história e inconsciente 211

Figura 32 - Paredes das formações 214
Figura 33 - Telhado: interdiscurso, memória discursiva e acontecimento discursivo 216
Figura 34 - Janelas e portas: efeitos de sentidos 217
Figura 35 - Sujeito: o dono da casa? 219
Figura 36 - Mãos que oferecem outras peças 221
Figura 37 - Algumas cartas do dominó da AD 222
Figura 38 - Dominó da AD 223
Figura 39 - Jogo: mala das formações 224
Figura 40 - Algumas cartas do jogo das formações 225
Figura 41 - Os dados da AD 226
Figura 42 - Exemplos de cartas da recarga discursiva 227
Figura 43 - Recarga discursiva 228
Figura 44 - Modos de dizer a AD e suas noções 232

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Síntese de Friedrich Ludwig Gottlob Frege 35
Quadro 2 - Síntese de Ferdinand de Saussure 43
Quadro 3 - Síntese de Roman Jakobson 49
Quadro 4 - Síntese de Jacques Lacan 57
Quadro 5 - Síntese de Noam Chomsky 60
Quadro 6 - Síntese de Louis Althusser 64
Quadro 7 - Síntese de Jean-Claude Milner 67
Quadro 8 - Resumo do pensamento de Herbert 90
Quadro 9 - Número aproximado de participantes do SEAD 135

LISTA DE SIGLAS

AD – Análise de Discurso

AAD – Análise Automática do Discurso

AIE – Aparelhos Ideológicos de Estado

CLG – Curso de Linguística Geral

CLP – Círculo Linguístico de Praga

ELG – Escritos de Linguística Geral

FD – Formação Discursiva

SD – Sequência Discursiva

SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

APOIO DE FINANCIAMENTO UNIEDU

A pesquisa de Doutorado obteve financiamento do Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina - UNIEDU, mantido pelo Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior - FUMDES/2019.

SUMÁRIO

INICIO COM LINHA, AGULHA E O DISCURSO.....20
1. TRAMANDO OS PRIMEIROS PONTOS: O SENTIDO E A METÁFORA NO ENTORNO DA ANÁLISE DO DISCURSO.....28
1.1 FRIEDRICH L. G. FREGE: SOBRE O SENTIDO E O SIGNIFICADO 29
1.2 FERDINAND DE SAUSSURE: TESOURO, JOGO, SINFONIA... SÓ METÁFORA....36
1.3 ROMAN JAKOBSON: PARA ALÉM DA POESIA E DA ARTE, UM LUGAR PARA A METÁFORA 44
1.4 JACQUES LACAN: O INCONSCIENTE ESTRUTURADO COMO LINGUAGEM 49
1.5 NOAM CHOMSKY: ENTRE O GRAMATICAL E AGRAMATICAL, UM ESPAÇO PARA A LÍNGUA 57
1.6 LOUIS ALTHUSSER: A IDEOLOGIA E A INSTABILIDADE DOS SENTIDOS 61
1.7 JEAN-CLAUDE MILNER: *ALÍNGUA* 64
2. OS PONTOS DE UMA TEORIA CONSISTENTE: A METÁFORA NA ANÁLISE DO DISCURSO PECHEUTIANA.....69
2.1 MICHEL PÊCHEUX: O DESBRAVADOR DE CAMINHOS.....70
2.1.1 Michel Pêcheux: uma trajetória inacabada 71
2.1.2 Michel Pêcheux e o percurso da metáfora.....89
2.2 O CAMINHO PARA OS SENTIDOS: A METÁFORA 106
2.2.1 Na língua, a metáfora 106
2.2.2 No tabuleiro de xadrez: o discurso.....111
2.2.3 Na língua: pontos de ancoragem e deriva 124
3. MAIS FIOS PARA TECER O DISCURSO: OS PONTOS DA METÁFORA NO SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO – SEAD.....130
3.1 A HISTÓRIA DO SEAD E DE SUAS PUBLICAÇÕES 131
3.2 PONTOS-FANTASIA PARA A METÁFORA NAS ARTES DO SEAD 135
3.3 PONTO ALTO, SQUARE, AUMENTOS: A METÁFORA NOS LIVROS E NOS ANAIS DO SEAD.....140
3.3.1 Metáfora: noção teórica no SEAD – eu busco por ela! 141
3.3.2 Metáfora: modos de dizer a AD no SEAD 170
3.3.2.1 A metáfora nos títulos dos textos do SEAD 171
3.3.2.2 Metáforas para explicar a AD e suas noções.....176

3.3.2.2.1 Metáforas para dizer sobre a Análise do Discurso: as interfaces e os conflitos da AD 176
3.3.2.2.2 A teoria e o trabalho do analista: respiração, pontas de lança, aventura, teia, nó, corda bamba, arena, solo fértil, caixa de ferramentas 179
3.3.2.2.3 Discurso: rede, nó, ponto de partida, aventura teórica, trama de fios, andaimes suspensos 183
3.3.2.2.4 Para e sobre a noção de sujeito: bloco, cadeia, morada da linguagem, dobradura, camisa de grife e de força 185
3.3.2.2.5 Arquivo: nós, fios, retalhos, novelo, patchwork 187
3.3.2.2.6 Memória: bem, restos, fragmentos, construções, tecido, camadas de tinta 188
3.3.2.2.7 Acontecimento discursivo: olho da travessia, cenas picotadas 190
3.3.2.2.8 Inconsciente: fenda 191
3.3.2.2.9 Língua: exposta aos (des)limites 192
3.3.2.2.10 Efeito-fecho dos modos metafóricos de dizer a AD no SEAD 193
4. O TRABALHO TECIDO COM A METÁFORA: CAMINHO TEÓRICO-ANALÍTICO PARA O ENSINO DE ANÁLISE DO DISCURSO 196
4.1 METÁFORAS NO ENSINO DA ANÁLISE DO DISCURSO: JOGO 196
4.1.1 Metáforas para experienciar a Análise do Discurso 197
4.1.1.1 A casa da AD 205
4.1.2 Metáforas para revisar os conceitos da Análise de Discurso: jogos 221
ARREMATANDO OS PONTOS, (DES)FAZENDO OS NÓS 230
REFERÊNCIAS 235
REFERÊNCIAS DAS SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS ANALISADAS 243
REFERÊNCIAS PRINCIPAIS DOS TEXTOS DAS METÁFORAS E DOS JOGOS PROPOSTOS 247
APÊNDICES 251
APÊNDICE A - A BANDA DE MOEBIUS TECIDA NO CROCHÊ E A ANÁLISE DO DISCURSO 252
APÊNDICE B - QUE É A TEORIA DA AD? 256
APÊNDICE C - JOGO: MALA DAS FORMAÇÕES 259
APÊNDICE D - DOMINÓ DA AD 264
APÊNDICE E - OS DADOS DA AD 279
APÊNDICE F - RECARGA DISCURSIVA 282
ANEXOS 299

ANEXO A – AUTORIZAÇÕES DIREITOS AUTORAIS.....300

SEMÂNTICA E
DISCURSO
UMA CRÍTICA
À AFIRMAÇÃO
DO ÓBVIO
EDITORA
UNICAMP

INICIO COM LINHA, AGULHA E O DISCURSO...

Linha e agulha foram a mim oferecidas. Saí a desenrolar os fios do novelo, passar a linha no dedo, fazer a laçada com a agulha e, a cada ponto que aprendia, entusiasmava-me mais: correntinhas, pontos altos e baixos, baixíssimos e, aos poucos, cada um mais complexo do que o outro... Após a descoberta dos pontos, não havia aquele que não fizesse. Aliás, os mais difíceis eram sempre os que me fascinavam, no desejo mesmo de descobri-los e ver o que o fio ia me mostrar depois do trabalho feito, contudo, havia sempre mais um a aprender. Durante muito tempo, eu e minha mãe nos dedicamos aos pontos, ao crochê, ganhamos a vida e a sobrevivência com ele. Aquilo que no começo era só uma distração, um passatempo de criança, tornou-se trabalho, às vezes, duro, porque tínhamos que dar conta das encomendas que chegavam. Muitas vezes passamos boa parte do dia e da noite crocheteando. Tecemos de um tudo: colchas, almofadas, toalhas, toalhinhas, barras, foram tantas que, talvez, nem saiba dizer tudo que já fizemos.

Escrever essas linhas iniciais me trouxe muitas lembranças, lembranças dos tempos de criança, da adolescência, da vida nem sempre fácil, da minha relação com o crochê, do fio que sempre esteve presente em mim e que, agora, pelo fio do discurso, continuo tecendo. Trouxe-me, igualmente, os desafios dessa jornada, quantas viagens, quantos pontos discursivos tecidos nos ônibus, com os colegas, com os professores, com a minha família e com tantos que de uma forma ou de outra estiveram presentes nessa trajetória.

Neste caminho, para minha surpresa, o que eu não imaginava era que pelo crochê também minha história do doutorado fosse tecida. Lembro-me bem do dia em que na aula de Teoria do Discurso, com a professora Maria Cristina Leandro Ferreira, fomos desafiados a fazer uma tal fita de Moebius, nem sabia direito o que era, mas lá mesmo ela nos deu as primeiras noções. Vim no ônibus de Porto Alegre a Tubarão pensando em como faria a fitinha e como a relacionaria com os conceitos da Análise do Discurso – AD. E durante a viagem, decidi que a faria de crochê. Estava, novamente, vivendo a descoberta dos pontos, agora da AD. O difícil, naquela ocasião, não era fazer a fita, mas relacionar cada pontinho feito aos conceitos da teoria que me encantava.

Peguei a linha, a agulha, teci os pontos e em cada um que fazia e, igualmente nos ausentes, um conceito surgia, uma relação se estabelecia. Os pontos do discurso iam aí se manifestando naquele trabalho e em mim. Preparei as fitas, sim, as fitas, não resisti, fiz mais de uma, cores diferentes e fios de espessuras distintas. Amarrei os conceitos com outros fios a fim de que eles estivessem bem firmes, doce ilusão de sujeito desejante. Escrevi o texto, arrumei

tudo dentro de uma caixa e, em aula, aguardei minha vez de apresentar a tal fitinha. Confesso que fiquei com medo, todavia, quando fui chamada, entreguei a todos as fitas e ficaram me olhando. Muitas coisas se passaram na minha cabeça nos segundos que antecederam a leitura do texto e durante a leitura dele. Entre os pensamentos: Pensa que isso aqui é brincadeira! Crochê?! Crochê em uma aula de doutorado? Todavia, ao término, todos estavam emocionados, inclusive eu. E foi naquela aula que nascia minha tese. A professora teceu elogios ao trabalho e sugeriu que eu deveria escrever sobre isso e que a metáfora estava em mim. Já com o projeto pronto sobre política, conversei, também, com a professora Solange Mittmann, que sugeriu que eu trouxesse minhas habilidades manuais para a tese, propondo algo sobre o ensino com esses materiais e que, teoricamente, buscasse sustentação na metáfora. Vim para casa, debrucei-me sobre os livros e mudei tudo. Abandonei o que tinha e passei a escrever sobre a metáfora. Nascia ali um outro trabalho, uma outra concepção que tenho buscado construir. A professora Solange acreditou no meu potencial, tornou-se minha orientadora e seguiu comigo o trajeto. Hoje, tenho certeza de que a escolha foi a melhor, pois ao longo deste tempo pude perceber o quanto a metáfora em mim habita e, por ela, quero construir uma história, sobretudo, para os meus estudantes e, igualmente, para a Análise do Discurso. Coragem, desafios e desejo não faltam...

Trilho o caminho da educação já há algum tempo e, ao longo deste período, tive oportunidades de vivenciar bons exemplos de práticas educativas, seja como estudante ou como professora, mas, igualmente, outras práticas que, simplesmente, reproduzem conhecimentos, fazendo-me lembrar da educação bancária questionada por Paulo Freire, ou seja, uma educação que não constrói, reprodutora da ideologia vigente e que só vê por esse viés. Compreendo que, como educadora, devo primar por uma sociedade mais justa, menos opressora e por cidadãos mais cientes dos seus papéis. Para mim, a educação é capaz de mobilizar novas atitudes e pode transformar a realidade que ora se apresenta.

Como profissional da linguagem, disponho de um universo privilegiado ao meu alcance, uma vez que lido com materialidades diversas (linguística, imagética, etc.) que compõem o material que está em análise (texto, corpus) e, por meio delas é possível articular com componentes curriculares distintos, visto que a linguagem se manifesta em todos. Para Lagazzi (2017, p. 17), materialidade significante não é sinônimo de materialidade de análise.

> Dessa forma, não se trata de sinonimizar materialidade significante e material de análise. Trata-se de considerar o modo de estruturação dos materiais tomados para análise, o modo como materializam discursos. Trata-se, enfim, da formulação discursiva. Portanto, um filme tomado para análise não é uma materialidade significante. Também não o é um anúncio, um documentário, um livro, uma peça de teatro, uma música quando tomados para análise. Devemos nos perguntar quais

> materialidades significantes compõem esses materiais passíveis de análise e nos permitem chegar a regularidades significativas de um funcionamento discursivo que se quer compreender.

Nesse entendimento, minha proposta se pauta numa educação mais qualificada, que contribua de forma mais significativa para a vida das pessoas e para a sociedade como um todo. Por esse viés, entendo que a Análise do Discurso pode contribuir ainda mais com a educação, já que ela propicia uma leitura diferenciada e crítica diante dos textos. Ela é "uma disciplina de conhecimento sobre a linguagem que permite alterar, modificar a experiência e, eventualmente, a ação e o comportamento das pessoas" (LEANDRO-FERREIRA, 2007, p. 16), logo, é capaz de instigar novas formas de agir e pensar na sociedade.

Sei que a tarefa é desafiadora, até porque nos acostumamos demasiadamente com as práticas pedagógicas que nos circundam, reproduzindo-as. Tendemos a fazer aquilo que nos ensinaram e/ou como aprendemos. Neste sentido, propostas que busquem romper com os padrões estabelecidos sempre causarão resistência, contudo, "é preciso ousar se revoltar", "ousar pensar por si mesmo" (PÊCHEUX, 2014a, p. 281), é necessário acreditar em outras possibilidades de ensino, levando em conta ambiente, materiais e ideias.

Ao optar por caminho assim, complexo, porque rompe com convenções, com conjunturas, com caminhos já construídos, é preciso coragem, pois, às vezes, o chão é duro, porém não podemos ceder diante dos obstáculos que porventura surgirem, mas resistir para que a terra possa ser revolvida e um outro caminho seja aberto. Além disso, é necessário olhar para outros terrenos e neles ver outras possibilidades, assim como fez Pêcheux. Ao abrir um caminho, não podemos nos acomodar com ele e achar que somente aquele levará ao lugar almejado, devemos sempre estar prontos para abrir outros.

Tal mudança, por sua vez, deve partir de quem está mais próximo da realidade de sala de aula, ou seja, dos professores, por isso, acredito que propostas alternativas para o ensino são emergentes, no meu caso, pretendo fazer isso pela via da Análise de Discurso, pois ela pode contribuir significativamente para uma concepção de língua diferente da tradicionalmente proposta. Penso o ensino de língua discursivamente, pautado nas distintas materialidades e na relação teoria e prática. Um ensino relacionado à vida, à realidade, à transformação da sociedade. Leandro-Ferreira (2016, p. 22) diz que Pêcheux conseguia mobilizar muitas paixões para um mesmo propósito, logo, "como a vida é mutante, contraditória, instável, surpreendente, a teoria teria também que mostrar sua presença de forma irruptiva, brusca, tomada no ato!" Como, então, pensar um ensino que não leve isso em conta?

Nesse movimento, o que busco é, pautada na teoria e prática da AD, propor outros caminhos para o ensino da própria AD. A reflexão realizada deve ser concebida não como um trabalho acabado ou uma receita para o professor, todavia como uma possibilidade.

Para Pêcheux (2012 [1984], p. 152):

> [...] a decisão de não restringir, a priori, o estudo do material textual aos objetos literários consagrados, parece-me extremamente interessante e positiva: ela permite interrogar os processos de construção da referência discursiva em toda sua extensão, compreendendo tanto a Altagesprache (e a Alltagsfiktion) quanto os discursos científicos, técnicos, políticos e estéticos.

Depreendo que, para a efetivação da prática discursiva, a escola constitui-se como um espaço privilegiado, assim, não me interessa apenas um material, mas a diversidade, desde aquelas menos formais, como, por exemplo, um comentário numa rede social, até aquelas que se colocam numa esfera mais formal, como, por exemplo, um artigo científico, pois todas são passíveis de sentidos múltiplos e de deslocamentos. Todas estão sujeitas a efeitos de sentidos diversos.

Neste terreno da língua, nada evidente, heterogêneo, atravessado por relações de força e de poder, o caminho da metáfora vem trazer uma nova relação, vem romper caminhos e construir outros, seja para a AD ou para a educação como um todo. Mas não me iludo de que nesse caminho haverá só flores, porque, certamente, haverá obstáculos. É preciso coragem para desbravá-lo. Para Leandro-Ferreira (2016, p. 32), “a AD é ainda mais exigente e quer mais de nós, quer que sejamos ‘revolucionários’”. E mais, “a relação com a AD não pode ser frouxa, não comporta tons sépia, suaves, mitigados. Os que com ela se identificam são movidos pela paixão” (LEANDRO-FERREIRA, 2016, p. 33) e estou certa de que é essa que me move.

Então, movida pela paixão, esta pesquisa desafia-me a propor, por meio da metáfora, uma outra forma de ensinar a AD, buscando para o campo teórico-prático dela novas contribuições. Parto do pressuposto de que é de metáfora que os discursos dos analistas de discurso se constituem.

Deste modo, como objetivo geral, quero compreender a noção teórica da metáfora para que, a partir dela, eu possa propor um caminho teórico-analítico para o ensino da teoria da Análise de Discurso. Para que esse objetivo possa ser alcançado, delineei como objetivos específicos:

1) sintetizar a abordagem da metáfora em autores como Frege, Saussure, Jakobson, Lacan, Chomsky, Althusser e Milner, presentes nos estudos de Michel Pêcheux e de outros analistas do discurso que se dedicaram às questões de sentido. Igualmente, abordo outros

aspectos da linguagem que estejam nessa relação com a metáfora e/ou com os postulados de Pêcheux;

2) construir o percurso da metáfora na teoria do discurso, por meio de Pêcheux. Se quero pensar a metáfora na Análise do Discurso, a base está nos textos de Pêcheux;

3) estabelecer a relação entre a metáfora e as demais noções da teoria do discurso. Não há como abordar um conceito isoladamente. Entendo que o que há nessa relação entre a metáfora e as demais noções é um fio conduzindo a outro e mais outro, as noções se articulam, imbricam-se umas nas outras;

4) analisar como a noção teórica da metáfora tem sido abordada por analistas do discurso nos livros do SEAD, visto ser o SEAD o mais importante evento da Análise de Discurso que acontece no Brasil e por reunir os principais nomes de estudiosos da área;

5) identificar como a metáfora foi utilizada como modo de dizer a Análise de Discurso no SEAD, ou seja, como os modos de dizer metafóricos contribuíram para as reflexões apresentadas no SEAD;

6) propor um caminho teórico-analítico para o ensino da Análise de Discurso por meio da metáfora e de distintas materialidades. Aqui, sugiro um outro caminho para o ensino da Análise de Discurso, que não é exclusivo, mas alternativo, construído por meio de materialidades diversas e que, para mim, surgem como possibilidades para um ensino ainda mais significativo e dinâmico.

Tomo a noção de *materialidade discursiva* de Pêcheux (2012 [1984], p. 151), "enquanto nível de existência sócio-histórica, que não é nem a língua, nem a literatura, nem mesmo as 'mentalidades' de uma época, mas que remete às condições verbais de existência dos objetos (científicos, estéticos, ideológicos...) em uma conjuntura dada."

Portanto, entendo por materialidades discursivas ou materialidades significantes, as diferentes manifestações da linguagem, verbal, não-verbal, sonora, gestual, enfim, várias, que podem se apresentar, também, em suportes diferentes e que permitem analisar os processos discursivos. Lá no início da AD, configurou-se a palavra e o discurso político como seus objetos teórico-analíticos por excelência, contudo, hoje, com o avanço da sociedade, outras necessidades foram emergindo e com elas novas possibilidades de análises e entrelaçamentos, que se abrem para a multiplicidade de leituras e interpretações. Mostra, também, o amadurecimento do dispositivo teórico e analítico da AD. Compreendo que as materialidades significantes aguçam o olhar do analista e quanto mais diversa, melhor. É um fio que se lança e se entrelaça a tantos outros. Há que se ver o que se mantem em materialidades distintas e, igualmente, o que difere em materialidades da mesma ordem. Nesse sentido, é o olhar atento

do analista sob a materialidade que permite o gesto interpretativo, o movimento dos sentidos. Permite enxergar as regularidades e o que desliza, o que leva a um sentido outro, rompe, desregula, mas significa, só que de um outro modo. Para Lagazzi (2019, p. 180), nas "diferentes linguagens, são diversas as materialidades que compõem as textualizações em análise, numa imbricação que nos demanda por compreensões acerca do funcionamento da leitura em suas derivas, em cada uma dessas diferentes estruturações." Segundo ela, "as diferentes materialidades se demandam pela incompletude simbólica que as constitui e que permite o movimento dos sentidos na leitura. Imagem, palavra, música, sonoridade, desenho, cor, letra, traço vão compondo sentidos conjuntamente." Lagazzi fala desse imbricamento ao analisar os vídeos *Marielle presente* e *Samba da utopia*.

Para Lagazzi (2017, p. 17):

> Afirmamos, a partir de Pêcheux (1975), que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua. Quando tomamos para análise materiais que se estruturam por imagens, músicas, sons, gestos..., nos colocamos uma questão de cunho teórico-analítico, já que nesse caso o discurso se materializa em outras relações que não verbais, e já que se foi o tempo em que a Análise do Discurso se restringia a materiais verbais. Portanto, qual a materialidade do discurso se falamos de objetos simbólicos materialmente heterogêneos? Respondo a isso insistindo que a materialidade do discurso é a linguagem em suas diferentes materialidades significantes, quais sejam: a palavra, a imagem, o gesto, a musicalidade, o aroma, a cor, o enunciado, a cena, o corpo, a melodia, a sonoridade, enfim, diferentes relações estruturais simbolicamente elaboradas.

Logo, este imbrincamento está presente também em outras materialidades, numa espiral que não cessa. Assim, proponho um caminho teórico-analítico que trilhe as materialidades significantes diversas, visto que é com a linguagem que lidamos e ela não se manifesta apenas de um modo. Então, quanto mais heterogêneo for o trabalho com ela, maiores as relações que se estabelecem entre sujeito e sentidos, mais gestos de interpretação sob materialidades diferentes.

Nesse entendimento, a fim de chegar à construção dos objetos e abordar a importância da metáfora, no primeiro capítulo, faço um estudo dessa noção em alguns teóricos no entorno da linguagem. No segundo, abordo Pêcheux e como ele construiu o percurso da metáfora. O terceiro capítulo é dedicado à análise dos textos publicados no SEAD e como a metáfora aí se manifestou, seja como noção teórica ou como modo de dizer o discurso. E, no quarto capítulo, proponho a metáfora como caminho teórico-analítico para o ensino da Análise de Discurso. Por fim, com o desejo de firmar os pontos, tento arrematá-los, fazer os nós, contudo, quando se trabalha com o discurso, nem sempre isso é possível, pois o nó pode desatar e se abrir para

outras possibilidades, visto que a língua está sujeita à equivocidade. A única certeza é que o caminho é incerto, no entanto a linha, a agulha e o discurso estão incessantemente presentes...

1. TRAMANDO OS PRIMEIROS PONTOS: O SENTIDO E A METÁFORA NO ENTORNO DA ANÁLISE DO DISCURSO

O sentido não pára; ele muda de caminho.
(ORLANDI, 2007, p. 13).

Quantos fios! Para tramar os primeiros pontos de um trabalho que almejo com os sentidos, e, consequentemente, com a metáfora, começo a fazer as escolhas, separar os fios, selecionar as cores e verificar a espessura dos mesmos. Ingenuamente, pensei ser simples, todavia, deparo-me com a dificuldade de fazer essa primeira parte, pois observo a heterogeneidade dos fios e o quanto será complicado (des)fazer o que já fora constituído, refazer o que se coloca como pronto e acabado, desmanchar e fazer um trabalho novo, mesmo que com fio velho, já usado. E nesse emaranhado de fios, puxo o primeiro e tento desenozar, contudo outros nós acabo fazendo. Tudo isso vai me afligindo, porque ao tecer um trabalho, o desejo é que o fio esteja ali livre e corra entre os dedos e que a agulha o encontre nas muitas laçadas a fim de tramar os pontos. Almeja-se, igualmente, que tanto a agulha quanto o fio estejam sob o comando do sujeito que está a tecer. Engraçado que fiz crochê durante muito tempo da minha vida e conseguia, com muita destreza, lidar com os fios, também diversos, mas agora é bem diferente! Talvez seja assim mesmo o trabalho com os sentidos, mas ainda não sei, suponho.

Neste capítulo, abordo algumas das perspectivas para a metáfora, noção teórica fundamental deste trabalho, e os caminhos percorridos por alguns daqueles que estudaram a linguagem e a questão dos sentidos, ou melhor, da produção dos sentidos. Assim, ao longo da história da ciência da linguagem, muitos foram aqueles que se dedicaram a explicar, a tentar resolver os tais problemas da significação, desde os mais formais, até os desprovidos desta formalidade, mas sem perder de vista a formalização que toda ciência exige. Filósofos, gramáticos, linguistas, enfim, analistas de todo o tipo, cada um ao seu modo, por meio de suas teorias, debruçaram-se sobre o objeto língua na tentativa de propor a ela uma “solução” para a significação. Alguns adotaram uma concepção de língua unívoca, simplista, estática, independente do sujeito que a emprega, contudo trabalhar com ela implica enfrentar um mar de águas nem sempre tranquilas, sobretudo quando se pretende abordar os processos de significação. Por conseguinte, seria mesmo possível uma teoria que desse conta dos sentidos? Esse é um dos objetivos deste capítulo, perceber como alguns estudiosos da linguagem abordaram o sentido e, posteriormente, relacioná-los à teoria que adoto e à noção que desenvolvo nesta tese: a metáfora.

A noção de metáfora mais antiga no Ocidente remonta a Aristóteles, século IV a.C., e, desta forma, não é possível trazer aqui todos os que se dedicaram a estudá-la, por isso, ao modo do percurso teórico seguido por Daltoé (2011) em *As metáforas de Lula: a deriva dos sentidos na língua política*, faço um recorte de alguns autores que poderão contribuir com este estudo, inclusive aqueles que não a abordaram explicitamente. A escolha dá-se, também, por alguns daqueles que, de algum modo, contribuíram com os estudos de Pêcheux. Então, selecionei os estudos de Friedrich Ludwig Gottob Frege, Ferdinand Saussure, Roman Jakobson, Roland Barthes, Jacques Lacan, Noam Chomsky, Louis Pierre Althusser e Jean-Claude Milner, os quais trarei nos próximos tópicos.

1.1 FRIEDRICH L. G. FREGE: SOBRE O SENTIDO E O SIGNIFICADO

> [...] a linguagem pode comparar-se à mão, que, apesar de sua capacidade de se acomodar às mais diferentes tarefas, não nos basta. (FREGE, 1980, p. 193).

Escolho, nesta primeira parte, começar por Frege porque suas teorizações colaboraram fundamentalmente para a teoria materialista do discurso (AD), tanto que Pêcheux (2014a [1975]) dedicou uma boa parte do *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* falando acerca da teoria empreendida por Frege. Lá, por meio dos exemplos de Frege, mostra o que de novo a teoria apresentava, o que retrocedia e o que a teoria materialista do discurso poderia propor de diferente, principalmente por meio da metáfora. Assim, os exemplos apresentados por Frege foram essenciais a Pêcheux para que este pudesse traçar seu caminho teórico, de forma a unir aquilo que precisava ser unido, corrigir os equívocos e deslizes a que uma teoria se submete, inclusive a sua.

Frege trouxe contribuições significativas à linguagem, sobretudo em relação ao sentido, à representação, à referência e ao significado, conceitos esses que trago para serem discutidos aqui.

Para Frege (1980, p. 192), é a linguagem “deficiente quando se trata de prevenir os erros de pensamento. Ela já não satisfaz à primeira exigência que lhe pode ser imposta sob este aspecto, a de univocidade.” Isso porque era assim que ela deveria ser, unívoca, de forma a garantir o sentido. Nesse entendimento, precisava haver um controle sobre os significados das palavras, já que eles podem oscilar, logo, não haveria garantia nenhuma sobre o significado. E continua: “A linguagem não é regida por leis lógicas, de modo que a obediência à gramática já garantisse a correção formal do pensamento.”

Frege em sua *Conceitografia* queria uma linguagem artificial que pudesse desfazer as ambiguidades da linguagem comum, logo, ao propor isso, deixa de fora a metáfora e os aspectos correspondentes ao subjetivo, pois fragilizariam ou, até, desqualificariam o pensamento lógico-racional a que ele se propunha, porém é o que fora excluído, que vai interessar a Pêcheux e ao estudo que proponho aqui. Frege compara a linguagem com a mão humana que por si só não basta, embora possa se adaptar a distintas tarefas. E diz:

> Criamo-nos **mãos artificiais**, instrumentos para fins particulares que operam de maneira mais precisa do que a mão seria capaz. E o que torna possível esta precisão? Justamente a rigidez, a imutabilidade das partes, cuja falta torna a mão tão diversamente hábil. Assim, também **a linguagem verbal não basta**. **Carecemos de um conjunto de sinais do qual se expulse toda ambiguidade, e cuja forma rigorosamente lógica não deixe escapar o conteúdo**. (FREGE, 1980, p.193, grifos meus).

Deste modo, Frege almeja a uma língua artificial, lógica, capaz de dar conta daquilo que a mão humana não daria, uma língua que permitisse todos os alcances do dizer, mas sem perder de vista a logicidade. Embora admita a imperfeição da linguagem, a falta que é constitutiva não só da mão como também da língua, ainda assim acredita em algo que pudesse se aproximar mais dessa precisão. Essa lógica matemática não afasta dele importantes contribuições que, depois, seriam revisitadas por Pêcheux.

Observo, igualmente, que o rigor pretendido por ele também lhe escapa. Ele mesmo vale-se da metáfora nessa comparação entre mãos naturais e mãos artificiais, pressupondo, aí, sentidos distintos, rigidez nesta e mobilidade naquela. Opõe-se à ambiguidade, mas seu discurso é constituído por ela.

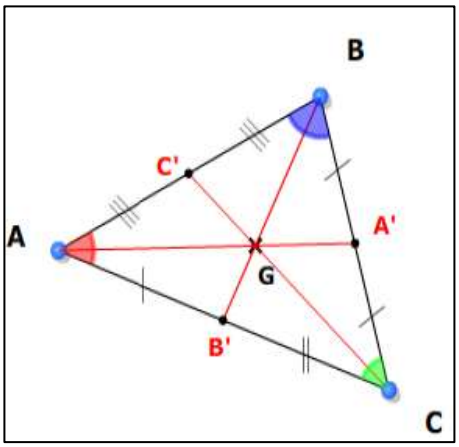
Na ilusão do sentido controlado, Frege se dispõe a criar uma fórmula, um aparato lógico que desse conta de todas as proposições, isto é, uma linguagem artificial e ideal (chamada de "conceitografia"). Enquanto Frege se propunha à conceitografia, um aparato que mantivesse o controle da língua, Pêcheux, lá no início da Análise de Discurso, almejava uma maquinaria discursiva, mas para propor exatamente o contrário, visto que a língua perfeita não existe. Mesmo que sob perspectivas distintas, com outro fio teórico, Frege foi fundamental para se compreender alguns aspectos da teoria materialista do discurso postulada por Michel Pêcheux.

Assim sendo, interesso-me pelos conceitos formulados pelo autor, principalmente, em relação à teoria do significado. Então, é nessa época e a partir das contribuições de Frege que a filosofia da linguagem começa a dar os primeiros passos e com ele se retoma a problemática do significado das sentenças, a qual havia sido deixada de lado pela história da filosofia (OLIVEIRA, 2015).

Frege (1982, p. 131) vai fazer diferenciações em relação a alguns termos pensados na língua. O nome e o sinal são "qualquer designação que desempenhe o papel de um nome próprio, cuja referência seja um objeto determinado [...] mas não um conceito ou uma relação." O sinal remete ao nome, as letras e a referência seria o próprio objeto. Já "o sentido de um nome próprio é entendido por todos que estejam suficientemente familiarizados com a linguagem ou com a totalidade de designações a que ele pertence" (FREGE, 1978, p. 63), logo, o sentido é a maneira como o objeto se manifesta, mas pode se manifestar de formas diferentes. Frege menciona: "Enquanto a referência permanecer a mesma, tais variações de sentido podem ser toleradas, ainda que elas devam ser evitadas na estrutura teórica de uma ciência demonstrativa, e não devem ter lugar numa linguagem perfeita." (FREGE, 1978, p. 63). Numa língua perfeita, o sentido não pode ser outro, diferente daquele de sua referência. Então, todo nome próprio se refere a um objeto e possui um sentido, assim, por exemplo, Maria, representa o nome próprio e, também, o conjunto das letras que o constitui, é o sinal. Já a referência é a própria Maria, a pessoa em si. O sentido seria como a Maria se manifesta para cada uma das outras pessoas, por exemplo, mãe, irmã, amiga, enfim, diversas possibilidades, tantas quanto forem as pessoas. Sobre essa questão do nome próprio, Pêcheux a coloca como absurda, visto que estaria pressuposto aí que para todo nome próprio corresponderia uma denotação, conforme o próprio Frege menciona, e não é assim que a língua se porta. Em contrapartida, questiona se não seria o caso de se pensar sobre "*o que é pensado antes, em outro lugar ou independentemente, e o que está contido na afirmação da frase?*" (PÊCHEUX, 2014a [1975], p. 89). Aqui, na brecha, um espaço para pensar o interdiscurso e as relações com a metáfora. Igualmente, dessa ilusão, a discussão sobre a constituição do sujeito e dos sentidos. O que observo é que mesmo fios com espessura distintas podem servir na construção de um trabalho, e, aí, um novo trabalho surgir.

A partir das considerações trazidas anteriormente por Frege, ele fará uma distinção importante em relação ao sentido e à referência e o faz com a publicação de um artigo denominado de *Sobre o Sentido e a Referência.* Dessa relação proposta, entendo que o que ele ilustra serve mais para mostrar o que ele não queria admitir, é um algo a mais que atravessa essa língua e, consequentemente, os sentidos, visto não ser possível essa relação linear entre sentido e referência e o objeto que, segundo ele, denota. Para ilustrar essa diferenciação, vale-se de um triângulo:

Figura 1 - Triângulo de Frege



Fonte: Oliveira, 2015, p. 3.

Por meio desse triângulo, Frege demonstra que embora a referência dos pontos A, B e C seja a mesma, ou seja, o ponto onde as linhas se encontram, a intersecção (G), ainda assim o sentido difere. Vale-se, igualmente, do clássico exemplo "A estrela da manhã é a estrela da manhã" e "A estrela da manhã é a estrela da tarde" para dizer que tanto uma quanto a outra se referem a Vênus, contudo os sentidos se distinguem, principalmente se efetuarmos aí uma substituição de um termo por outro. Dizer a estrela da manhã é Vênus e a estrela da manhã é um planeta, embora o referente seja o mesmo – Vênus, o sentido difere. Assim, do ponto de vista da estrutura, apenas uma troca, mas do sentido não. Mais uma fissura na língua que abre espaço para a metáfora, não a simples troca de uma palavra por outra, como nos fala Pêcheux, nem um sentido denotativo por um conotativo, mas nessa "troca" algo escapa. Deste modo, Pêcheux traz a importância de se diferenciar o que é da ordem do *pensamento* e do *objeto do pensamento*. (PÊCHEUX, 2014a [1975], p. 93), movimento essencial para se compreender o pré-construído. Segundo ele, há aí uma discrepância, um não coincide com o outro, mas é nesse lugar que reside o motor do processo.

Pêcheux (2014a [1975], p. 86) menciona que, para Frege, o funcionamento da língua se relacionaria ao funcionamento do *pensamento* e, desse modo, esse induziria a uma *ilusão*. Ainda, Frege desconsidera o funcionamento linguístico ligado a outros funcionamentos para verificar se se trata de um *efeito linguístico* sistemático ou de um caso particular, vendo-a apenas sob o ponto de vista da lógica, logo, imperfeita, pois a lógica não dá conta daquilo que foge aos padrões estabelecidos por ela. Assim, ao fazê-lo, Frege restringe sua análise ao que pode ser recuperado do sentido de uma referência, tanto que se há "ilusões na linguagem, é *porque* a linguagem 'natural' é mal feita e contém armadilhas e ambiguidades que podem

desaparecer numa língua artificial ‘bem feita’”. (PÊCHEUX, 2014a [1975], p. 87). Todavia, Pêcheux não fica ausente a essas posições e a tal “ilusão” proposta por Frege: “contra a concepção logicista segundo a qual as oposições ideológicas (e, sob certos aspectos, políticas) resultariam, ‘na realidade’, de imperfeições na linguagem, o que significa reduzi-las [...]”. (PÊCHEUX, 2014a [1975], p. 87). Reduz-se a língua e, consequentemente, os sentidos e, nessa lógica, não teríamos um lugar para pensar a metáfora já que não admite uma língua que comporte ambiguidades e algo que fuja da sua referência. Numa perspectiva materialista, o não lugar é o lugar para pensá-la, a negação coloca-se como espaço do lugar. E é exatamente aí que se pode concebê-la, nesse lugar do espaço deixado, vazio, contudo repleto de sentidos.

Pêcheux, ao se deparar com a logicidade nos exemplos que Frege desenvolve ao tratar do sentido, questiona se não se poderia pensar ao que é anterior à enunciação e evoca o pré-construído proposto por Henry, ou, em suas palavras, “o efeito discursivo ligado ao *encaixe* sintático.” (PÊCHEUX, 2014a [1975], p. 89). E diante da ilusão de Frege, ao pensar que os problemas do sentido pudessem ser solucionados por meio da lógica, constitui o *“ponto cego”*. Pêcheux mostra que não basta somente a estrutura da língua para solucionar o que envolve o sentido, mas algo que está para além dela e que deve ser considerado: a materialidade daquilo que é histórico, linguístico e ideológico. Segundo ele, é

> a condição formal de um efeito de sentido cuja causa material se assenta, de fato, na relação dissimétrica por discrepância entre dois ‘domínios de pensamento’, de modo que um elemento de um domínio irrompe num elemento do outro sob a forma do que chamamos ‘pré-construído’, isto é, *como se esse elemento já se encontrasse aí.* (PÊCHEUX, 2014a [1975], p. 89).

Diante disso, Pêcheux propõe a materialidade dos sentidos, o efeito de evidência que a ideologia provoca nos sujeitos e naquilo que estaria no interdiscurso. Então, conforme já dito por Pêcheux (2014a [1975]), o sentido de uma palavra, de uma expressão e/ou proposição não é literal e muito menos transparente e não estaria atrelado a um referente simplesmente, a um valor de verdade, mas está constituído pelas posições ideológicas daqueles que produzem esses sentidos, ou seja, remetendo-nos às formações ideológicas e, consequentemente, à formação discursiva.

Embora Frege considere o limite da língua e sua imperfeição, foram essas “fragilidades” que propiciaram a Pêcheux avançar no conceito de pré-construído, quando, por exemplo, Frege trata das orações relativas. A imperfeição em Frege é, para mim, a equivocidade pela qual a língua se constitui.

Ainda pensando na logicidade, Frege exemplifica por meio de números, então: para a referência 2, por exemplo, posso pensar em 1+1, 3-1, 2x1, 4-2, ou seja, mesmo que a forma de representar seja diferente, ainda assim a referência é a mesma – 2, tratando-a como um valor de verdade.

Outro aspecto importante da teoria de Frege é se a representação é objetiva ou subjetiva. A representação é, para ele, "uma imagem interna, emersa das lembranças de impressões sensíveis passadas e das atividades, internas e externas [..] está frequentemente saturada de emoções" (FREGE, 1978, p. 64). E conclui que essa é subjetiva, individual, seria a consciência de cada indivíduo. Já o sentido e a referência são objetivos. Enquanto o sentido é a descrição do objeto, a referência é o próprio objeto do qual o sentido dá a descrição. Para exemplificar, Frege vale-se da metáfora do telescópio. A lua corresponderia à referência, o objeto de observação e a imagem real construída no interior do telescópio representaria o sentido, já a representação seria a imagem na retina do observador. Novamente, a metáfora. Insiste em dizer o que nem o seu discurso acredita.

O que posso afirmar é que não se tem garantia nenhuma nem em relação à referência, muito menos em relação ao sentido e à representação que o sujeito faz dessa observação. Considera-se aqui a construção do sentido a partir do nome no mundo, distante das suas reais condições de produção. Na lógica de Frege, para se construir o significado de uma palavra, bastaria remetê-la ao mundo e ao seu valor de verdade, ou seja, buscar um objeto real no mundo e a partir dele afirmar ou negar a existência de sua referência. Dessa lógica, Frege afirma que palavras distintas poderiam ter uma relação de igualdade e que, assim, poderiam ter um mesmo referente no mundo. Além de não assegurar, conduz o referente a outros sentidos, bem ao modo como entendo a constituição da metáfora.

> A conexão regular entre um sinal, seu sentido e sua referência é de tal modo que ao sinal corresponde um sentido determinado e ao sentido, por sua vez, corresponde uma referência determinada, enquanto que uma referência (um objeto) pode receber mais de um sinal. E ainda, um mesmo sentido tem em diferentes linguagens, ou até na mesma linguagem, diferentes expressões. [...] **Portanto, apreender um sentido nunca assegura a existência de sua referência.** (FREGE, 1982, p. 132, grifos meus).

Ou seja, Frege descola sentido de referência, percebe o que propõe e verifica a complexidade de apreender ou construir um sentido por um sujeito, já que cada um leva em conta seu modo particular de estabelecer uma referência com um objeto no mundo, assim, utiliza-se dessa percepção para explicar a representação, já que essa seria da ordem do subjetivo, como cada sujeito olha um objeto. Ela "está frequentemente impregnada de emoções, os

matizes de suas diversas partes variam e oscilam" e, ainda, "a ideia de um homem não é a mesma de outro" (FREGE, 1982, p.134).

Os estudos de Frege foram importantes para Pêcheux (2014a [1975]), pois este buscou o que fora excluído por outros, o sujeito, o social, a exterioridade, a linguagem e, a partir das exclusões, formula suas ideias, às vezes opostas, uma outra forma de conceber as significações.

Na segunda parte de *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, conforme já mencionado, Pêcheux dedica-se a discutir as proposições de Frege e, por meio delas, faz as suas contribuições. Ressalto que, nesta parte do livro, há algumas referências explícitas à metáfora, pensadas a partir dos postulados de Frege, o que confirma a importância desse autor para os estudos discursivos e, certamente, para o estudo que aqui se delineia. A primeira ocorre quando Pêcheux fala acerca do "equívoco" positivista, o que, para ele, seria uma "cegueira com respeito à seriedade das metáforas e de sua eficácia;" (PÊCHEUX, 2014a [1975], p. 109). Também, menciona que "o equívoco impede de ver a função constitutiva e não-derivada, inferida ou construída da metáfora [...] leva a ignorar a *eficácia material do imaginário*." (PÊCHEUX, 2014a [1975], p. 109). Ou seja, o que é negado encontra um lugar para ser discursivizado.

Após ter trazido alguns aspectos da teoria de Frege, como efeito de fechamento dessa discussão em relação a ele e os principais conceitos ligados à materialidade de análise, proponho o quadro síntese:

Quadro 1 - Síntese de Friedrich Ludwig Gottlob Frege

Friedrich Ludwig Gottlob Frege	
LÍNGUA	Imperfeita, deficiente, mal feita. Almejava: língua artificial, perfeita, sem ambiguidades, lógica.
SENTIDO	Modo de apresentação do objeto, objetivo, remete à referência. Pode diferir em relação a um mesmo objeto. Nas sentenças: Distinção entre sentido *costumeiro* e sentido *indireto*. Sentido: é um pensamento.
METÁFORA	Não fala explicitamente sobre a noção da metáfora, porém o que diz dá suporte para uma discussão teórica abordada por Pêcheux.
CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO	Diferença entre sentido e referência.

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

A partir da perspectiva materialista, como considerar o que propõe Frege se os sentidos se fecham? Se não leva em conta o sujeito, a polissemia, os aspectos social, histórico e ideológico? Se só considera o valor de verdade, a denotação, que lugar teria a metáfora na teoria de Frege? Dela, valho-me para pensar que a linguagem está para além de sua teoria e que os vazios deixados por ele são contribuições para os estudos discursivos e para o que agora faço. Os furos deixados no trabalho tecido são tão importantes quanto os pontos fechados. Eles também significam. Então, continuarei tecendo os pontos, outras linhas para o sentido...

1.2 FERDINAND DE SAUSSURE: TESOURO, JOGO, SINFONIA... SÓ METÁFORA

> A língua é um traje coberto de remendos feitos de seu próprio tecido.
> (SAUSSURE, 2006, p. 200).

No *Curso de Linguística Geral*[1], de Ferdinand de Saussure, percebo o uso de várias metáforas no texto, embora a noção teórica esteja ausente. Ao abordar a língua, Saussure a considera como *tesouro, moeda, trem expresso, folha de papel, sinfonia, jogo de xadrez, traje....* Aproprio-me delas para compreender a concepção de língua adotada por Saussure e como essa concepção interfere nos sentidos, embora a adotada por mim seja outra.

Assim, numa das primeiras metáforas para a língua, Saussure (2006, p. 21) a compara com um "tesouro depositado". Para o autor, o que conta nesse tesouro é o que está dentro do "baú", ou seja, adota uma concepção de língua que exclui a exterioridade, fechada em si mesma, diferencia-a da linguagem, exclui a fala, é homogênea, exterior ao indivíduo e não pode ser modificada e criada, "é, pois, o produto social depositado no cérebro de cada um" (2006, p. 33). Uma língua assim obedece a um sistema e tem uma ordem própria que deve ser seguida. Essa perspectiva não considera os deslizamentos e os equívocos a que a língua está sujeita, ela é vista em e por si mesma. Tenta afastar tudo aquilo que possa afetá-la, no entanto ele mesmo assume que "uma língua é radicalmente incapaz de se defender dos fatores que deslocam, de minuto a minuto, a relação entre o significado e o significante" (SAUSSURE, 2006, p. 90). Ou seja, vejo aí um deslize, o ponto que se solta, mesmo que pouco, uma deriva do significado/significante e, consequentemente, possibilidades para a metáfora, já que essa relação entre significado e

---

[1] O *Curso de linguística Geral* foi uma obra publicada após a morte de Saussure. Foi organizada por Charles Bally e Albert Sechehaye, com base em anotações de alunos feitas ao longo de cursos oferecidos pelo linguista na Universidade de Genebra entre os anos 1906-1907, 1908-1909 e 1910-1911. Bally e Sechehaye contaram, também, com a colaboração de Albert Riedlinger na edição do texto.

significante é fundamental na obra de Saussure. Segundo ele, a língua "constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas" (SAUSSURE, 2006, p. 23) e, também, que o significado e o significante "estão intimamente unidos e um reclama o outro" (2006, p. 80), ou seja, um fio amarrado no outro, sem chances de considerarem a inserção de outros fios, outras possibilidades de pontos, sempre do mesmo modo, linearidade é o que se pressupõe aqui, contudo cada um exerce um papel. Não é essa a relação que pressuponho neste trabalho, visto que, na perspectiva materialista, o significado não está colado ao seu significante.

Pêcheux (2014b [1969], p. 60) considera um deslocamento importante na teoria de Saussure pensar a língua como *sistema*, pois até então ela era concebida para prestar uma *função*, quer seja, exprimir sentido. Saussure separa a língua da fala. A partir dessa mudança de posição, Pêcheux mostra que é possível pensar no *funcionamento* dela, já que se torna objeto de estudo da ciência. Ressalto que na metáfora do jogo de xadrez proposta por Saussure, é a parte que interessa, porém "[...] não se deve procurar o que cada parte *significa, mas quais são as regras que tornam possível* qualquer parte, quer se realize ou não." (PÊCHEUX, 2014b [1969], p. 60). Esse é o movimento que importa, visto que o que está em jogo é o seu funcionamento, as relações que se estabelecem entre as jogadas e os jogadores e, inclusive, as não jogadas. Importa tanto o que está no jogo quanto fora dele.

Ademais sobre o conceito de língua proposto por Saussure, como um objeto homogêneo, Pêcheux (2014b [1969], p. 69) vê nele exclusões teóricas, a saber: "- a exclusão da *fala* no inacessível da ciência linguística; - a exclusão das *instituições* 'não semiológicas' para fora da zona de pertinência da ciência linguística", as quais terão implicações para os estudos linguísticos e, consequentemente, para a teoria do discurso. Em relação à primeira, a implicação do sujeito livre, origem, e, ainda, uma língua que nada cria, já que se coloca como una, fixa, logo, sem considerar os mecanismos discursivos e as condições de produção. Sobre a segunda, ao defini-la como uma instituição social entre outras, "considera as instituições em geral como funções com finalidade explícita." (PÊCHEUX, 2014b [1969], p. 69), ou seja, Pêcheux se vale daquilo que fora excluído e/ou não abordado por Saussure, assim, retomando os pontos lá do começo, acrescenta e dá uma nova visada ao trabalho com a língua. Retomando Saussure, numa outra passagem, menciona que "apesar de tudo, a língua se transforma" (2006, p. 118), o que mostra que mesmo pensada sobre uma lógica interna, a transformação ocorre e é inevitável por mais que se tente afastar e resistir. Para ele:

> [...] a língua se altera ou, melhor, evolui, sob a influência de todos os agentes que possam atingir quer os sons, quer os significados. Essa evolução é fatal; não há exemplo de uma língua que lhe resista. Ao fim de certo tempo, podem-se sempre comprovar deslocamentos sensíveis. (SAUSSURE, 2006, p. 91).

Visualizo um Saussure convicto dos seus objetivos, contudo reconhecendo a impossibilidade de dar conta desse todo da língua, desse sistema complexo e, por isso, assume que ela pode sofrer deslocamentos. Ao mesmo tempo, resiste a eles e tenta manter-se no comando daquilo que lhe escapa ou "foge-lhe ao controle" (2006, p. 91), porque não é nada simples manter a língua "desembaraçada do restante" (2006, p. 21). E o desembaraço continua até hoje, porque há que se admitir a dificuldade de se manter sempre com o mesmo fio, pois chega um momento em que há necessidade de outros, inclusive com outras cores e espessuras, porque o trabalho com a língua é dinâmico, exige outros pontos: abertos e fechados; frouxos e apertados; altos, baixos e baixíssimos; simples e mais complexos; cruzados e desencontrados... Há momento até que os fios se entrelaçam, enleiam-se e fazem nó, muitos nós. Quantos nós essa língua causa! E não é (des)atá-los que importa, mas como se dá esse nó na relação com os sentidos. Pressupõe entender o seu entorno, mas não só. E foi desse desembaraço que a língua propicia que Pêcheux teceu os seus pontos, daquilo que enleia, dá nó, desencontra e se confronta com a dinamicidade da língua. Nesse enlear-se da língua, Leandro-Ferreira (1999, p. 127) contribui trazendo a dimensão do interior e do exterior, logo, para ela "[...] o que está dentro/fora da língua sinalizam as duas noções saussurianas presentes no conceito de língua: enquanto sistema de signos (nível interno) e enquanto instituição social (nível externo)." Entendo que o fato de Saussure considerar o dentro/fora já é um indício de que o externo deva ser incluído, embora ele não se ocupe dessa exterioridade. Valendo-se de uma das metáforas adotadas por ele e, agora, por mim, digo que tão importante quanto o tesouro, são os caminhos que levam até ele, as pistas que fazem encontrá-lo (se é que se encontra, acho que não, em se tratando de língua), a busca. O que percebo é que Saussure não mostrou o caminho, mas deixou pistas que pudessem levar a ele, pistas que foram aproveitadas por Pêcheux e que podem contribuir com este trabalho. Ainda pensando no dentro/fora da língua, o lado de fora a constitui tanto quanto o de dentro. O tesouro está, também, fora e em tudo o que a envolve, não separadamente dentro e fora, mas em um só, imbricados, ou, ao meu modo, enleiados. Um fio interfere nos outros, afrouxa, enoza.

Mais uma vez, na metáfora do tesouro, possibilidades de sentidos diversos e outras formas de conceber a linguagem, aliás, o próprio Saussure (2006, p. 15) já nos disse "que é o ponto de vista que cria o objeto" e se o é, haverá tantos pontos de vista quantas forem as teorias

a partir das quais os sujeitos se relacionam. Entendo que assume uma dimensão daquilo que é precioso e caro, muito caro, visto ser objeto de tantas disputas e intrigas e ter um valor incalculável.

Essa questão do valor será abordada por Saussure num outro excerto do *Curso de Linguística Geral*, ao comparar a língua com o jogo de xadrez. Ele afirma que ela só conhece a sua própria ordem e que a mudança das peças no jogo, na língua, não lhe altera o jogo, mas se houver aumento ou diminuição delas, as regras serão afetadas. Se uma peça for perdida, logo outra poderá substitui-la, desde que revestida do mesmo valor. Ao considerar a possibilidade da troca, vejo perspectiva para a metáfora, haja visto lhe atribua o mesmo valor, apesar de não se tratar apenas de uma substituição de um por outro, do mesmo, mas porque os sentidos também são outros e significam diferentes para o sujeito. A troca da peça afeta substancialmente o jogo, pois cada uma vem revestida de determinações ideológicas. O valor não é o mesmo, visto que a peça também não é, e o jogo, muito menos. Se é possível trocar as peças, igualmente se poderá burlar as regras ou, até, trapaceá-las, assim, a lógica interna pensada por Saussure pode ser alterada. A troca da peça, necessariamente, implica num sentido outro, não qualquer um.

Em outra metáfora explorada pelo genebrino, observo, mais uma vez, os equívocos a que a língua se submete, apesar de negá-los. Segundo Saussure (2006, p. 26), "a língua é uma sinfonia, cuja realidade independe da maneira por que é executada; os erros que podem cometer os músicos que a executam não comprometem em nada tal realidade". Os erros de que trata Saussure são possibilidades de manifestação da linguagem e é quando ela falha e falta que os deslizes acontecem. Não se trata de comprometer a realidade ao modo de Saussure, no entanto os sentidos são afetados, visto que a música não é mais a mesma. Alterar uma nota implica na alteração do significado/ significante e, aí, há espaço para a metáfora, pois as fileiras do sentido se movimentam e podem se transformar e/ou ressignificar, tornar-se outra. Além disso, a língua é uma sinfonia que toca conforme o maestro que a conduz, logo, a música vem revestida das determinações sociais, históricas, ideológicas. Mesmo negando, Saussure afirma que esse "sistema de signos que exprimem idéias" (2006, p. 24) pode falhar e, então, novas possibilidades para se pensar a metáfora sob o ponto de vista discursivo. Deste modo, penso uma língua sujeita ao equívoco que faz com que "um segmento possa ser ao mesmo tempo ele mesmo e um outro, através da homofonia, da homossemia, da metáfora, dos deslizamentos do lapso e do jogo de palavras, e do bom relacionamento entre os efeitos discursivos" (GADET; PÊCHEUX, 2004 [1981], p. 64). Portanto, uma língua sujeita à deriva, à incompletude e aos furos na sua estrutura e "o equívoco aparece exatamente como o ponto em que o impossível

(lingüístico) vem aliar-se à contradição (histórica); o ponto em que a língua atinge a história" (GADET; PÊCHEUX, 2004 [1981], p. 64).

Uma língua fechada, produto do registro passivo do indivíduo, de sentido uno, como propõe o Curso de Linguística Geral, não tem espaço na teoria do discurso, aliás, ela não existe. O que existe é a incompletude da linguagem, um mundo não logicamente estabilizado, a não transparência, as dúvidas e não a certeza diante do funcionamento dela e do sujeito.

Embora no *Curso de Linguística Geral* Saussure, por meio de Charles Bally e Albert Sechehave, tenha tido uma concepção diferente da que se tem hoje sobre a língua, ainda assim, suas contribuições revestem-se de importância para os estudos que vieram após, inclusive os de Pêcheux. Acredito que o Saussure apresentado neste livro está para além do que foi dito e que as suas obras merecem ser incessantemente (re)lidas. Tanto que, nas palavras de Romão (2011, p. 155), o texto *A palavra sob as palavras,* de Saussure, faz com que se possa "conceber a língua e seu funcionamento permanentemente atravessados pela opacidade". Para a autora, a partir do que postula o genebrino, foi possível para a Análise do Discurso de Pêcheux desenvolver "o caráter fugidio da linguagem, suas filigranas de desvio, seus ocos preenchidos pelo imprevisto, os giros com deslizes e deslocamentos possíveis ao sujeito nas bordas da língua". É ele, Saussure, que instaura "o mistério como parte constitutiva dos estudos da língua", o qual perdura até hoje, nessa língua inatingível, que não se alcança...

Em Saussure, pode-se pensar, ainda, na **mutabilidade** do signo e, assim, no deslocamento entre o significante e o significado; na **arbitrariedade** do signo, segundo o qual "o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade" (2006, p. 83); no **valor** do signo; na **diacronia** e **sincronia**; e, claro, como tudo isso interfere no sentido e na metáfora. A partir da contribuição de Saussure, por exemplo, em relação à diacronia e sincronia, Pêcheux entende a descrição, pois não se consegue fazer descrição sem sincronia. A noção de recorte tem relação com sincronia. A grande contribuição de Pêcheux é a passagem da diacronia para a sincronia, ou seja, olhar a língua nela e por ela mesma.

Como já falado no início deste capítulo, embora o *Curso de Lingüística Geral* (CLG) esteja repleto de metáforas e muitos dos dizeres de Saussure se valham delas, o texto, em nenhum momento, emprega o significante "metáfora". Ela aparece, explicitamente, apenas nos *Escritos de Lingüística Geral* (ELG), no texto *Sobre as dificuldades da terminologia em linguística (Chega de figuras!)* onde diz: "Proscrever a figura é se dizer de posse de todas as verdades, de outro modo você fica radicalmente sem condições de dizer onde começa e onde termina uma **metáfora**" (SAUSSURE, 2004 [1916], p. 201, grifo meu). Nesse fragmento,

Saussure critica a forma como alguns linguistas veem a língua, como uma língua absoluta, que não oferece mistérios, visto que poderiam desvendá-la, contudo, para ele, "não vale a pena discutir quando não se sabe sobre o que se discute" (SAUSSURE, 2004 [1916], p. 201), mostrando quão complexa a língua é. É pelo uso que se pode "julgar se minha denominação merece o nome de 'figura' ou não o merece" (SAUSSURE, 2004 [1916], p. 201).

Nesta passagem, percebo uma concepção diferente para pensar a metáfora, visto que não a considera apenas como uma figura de linguagem, um sentido conotativo em oposição a um denotativo, mas considera as condições de uso, tanto que o sistema de uma língua

> consiste em uma diferença confusa de idéias que se movem sobre a superfície de uma diferença [ ] de formas, sem que jamais, talvez, uma diferença da primeira ordem corresponda a uma diferença da segunda, nem que uma diferença da segunda corresponda a uma [ ] (SAUSSURE, 2004 [1916], p. 75).

O próprio título, *Chega de figuras!*, finaliza com o ponto de exclamação o que me faz considerar sentidos outros para os dizeres de Saussure, que não só aqueles veiculados no *Curso de Lingüística Geral*. A própria ordem imposta pelo verbo no imperativo remete a efeitos de sentidos do incômodo, do basta, num gesto de gritar.

Em *As palavras sob as palavras*, encontro pistas de que Saussure pode sim contribuir com os estudos que empreendo para a metáfora, para a constituição dos sentidos. Ele menciona: "Não há método algum para supor que o símbolo deva permanecer fixo, nem que deva variar indefinidamente, ele deve provavelmente variar em certos limites." (SAUSSURE, 1978, p. 4). Apesar dos limites, considera a possibilidade da fluidez, daquilo que pode tornar-se outro. E fala que "a identidade de um símbolo não pode nunca ser fixada desde o momento em que ele é símbolo, isto é, derramado na massa social que lhe fixa a cada instante o valor. (SAUSSURE, 1978, p. 4). Há, aqui, um Saussure que percebe a instabilidade do signo, a mutabilidade pela qual ele pode passar, um signo que pode se transformar, segundo as condições em que se insere.

Ao falar sobre a evolução da lenda, Saussure (1978, p. 6) dirá que "a nobreza da lenda como a da língua é que, condenadas uma e outra a se servirem apenas de elementos colocados diante delas e com um sentido qualquer, elas os reúnem e tiram deles continuamente um sentido novo", logo, os sentidos não são dados, fixos, mas se renovam, movimentam-se. E fica espantado com a possibilidade da estabilidade dos sentidos: "Imaginar que uma lenda começa por um sentido, que ela teve desde sua primeira origem o *sentido* que ela tem, ou melhor, imaginar que ela não pôde ter um outro sentido qualquer, é uma operação que me espanta." (SAUSSURE, 1978, p. 7). A estabilidade do sentido parece incomodar Saussure aqui, mas

para mim não é um sentido qualquer, como se pudesse ser qualquer um, mais um apenas, e sim algo que vem justamente para desestabilizar, para dar dinamicidade e vida à língua.

E continua: “Ela parece realmente supor que através dos séculos jamais foram transmitidos elementos materiais sobre esta lenda; pois dados cinco ou seis elementos materiais, o sentido mudará no espaço de alguns minutos se eu pedir [...] para combiná-los. (SAUSSURE, 1978, p. 7). Nesses dizeres, há a imprevisibilidade do sentido, pois, conforme o autor, ele “mudará no espaço de alguns minutos”, portanto, está submetido ao (des)arranjo, ao ir e vir, ao deslizamento, ao jogo constitutivo da língua, ou, no modo de Romão (2011, p. 158), “está permanentemente prestes a esfacelar-se [...], tornando-se passível de ser fraturado e perfurado por outro sentido em uma espiral que gira”. Diria que, independentemente da combinação, o sentido está sujeito à deriva, aos efeitos de sentidos distintos.

O Saussure de *As palavras sob as palavras,* dos Anagramas, é outro, está mais voltado para o futuro. É um Saussure dividido entre o que se postula no *Curso de Lingüística Geral* e o que se veicula nos anagramas analisados por ele. Para Gadet e Pêcheux (2015, p. 55):

> Saussure constitui, direta ou indiretamente, a pedra de toque de todas as escolas lingüísticas atuais, o seu ponto de partida crítico. Em nome de Saussure, os linguistas se dividem, porque o próprio Saussure carrega em si essa divisão, que transparece na dicotomia fácil que opõe o Saussure do *Cours de linguistique générale* (tanto mais claro e frio quanto for comentado segundo a leitura dos editores), ao dos *Anagrammes* (em que vaga a obscura loucura da decodificação, das associações escondidas nos versos saturninos).

A metáfora da pedra de toque utilizada por Gadet e Pêcheux mostra bem o que Saussure representou e ainda representa para os estudos da linguagem. Diante disso, vejo impregnada nas obras de Saussure a possibilidade sempre de outros sentidos e isso não se refere apenas à lenda ou à poesia, mas a distintas materialidades, pois “o trabalho de Saussure [...] faz do poético um deslizamento inerente a toda linguagem [...] uma propriedade da própria língua” (GADET; PÊCHEUX, 2004 [1981], p. 160). E, ainda, para Romão (2011, p. 159), “a opacidade faz parte do escopo teórico de Saussure e é condição da própria linguagem”. Sendo assim, espaço para a metáfora, isso porque Saussure coloca o valor como essencial em sua teoria. Para Gadet e Pêcheux (2004 [1981], p. 58):

> Colocar o valor como peça essencial do edifício equivale conceber a língua como rede de "diferenças sem termo positivo", o signo no jogo de seu funcionamento opositivo e diferencial e não na sua realidade; conceber o não dito, o efeito *in absentia* da associação, em seu primado teórico sobre a “presença” do dizer e do sintagma; o não dito é constituinte do dizer, porque o todo da língua só existe sob a forma não finita do não-tudo, efeito da alíngua; é pelo papel constitutivo da ausência que o pensamento saussuriano resiste às interpretações sistêmicas, funcionalistas, gestaltistas e

> fenomenológicas que, entretanto, elas não cessam de provocar. A revolução saussuriana provoca o esfacelamento da complementaridade.
> Só se pode perceber a tese do valor ligando fundamentalmente o trabalho sobre os *Anagramas* com a reflexão do *Cours de Linguistique Générale*.

O valor não é tomado como algo fixo, mas como espaço do que pode subverter, uma coisa pode tornar-se outra, no entanto, ao longo dessa trajetória teórica ele sempre esteve ameaçado, seja dentro da teoria saussuriana ou em outras. GADET; PÊCHEUX, 2004 [1981], p. 59). Esse lugar da subversão, do que foge ao pré-estabelecido, é, em meu entendimento, lugar da metáfora.

A partir dessas considerações sobre as obras de Saussure, Mariani (2008, p. 54), também, aponta que, nos estudos dos anagramas, "Saussure reintegra o sujeito na língua, um sujeito do desejo que se marca na língua desestabilizando-a".

Para amarrar este ponto de Saussure, é inegável o que ele trouxe para a Linguística, as distinções, conceitos e tudo o que foi possível depois dele e que continua até hoje. São pontos iniciados lá e que ainda carecem ser tecidos, mesmo depois de tantos acréscimos, fios escapados, trabalhos refeitos. As agulhas, dedos e fios não dão conta de toda a dimensão da língua, por isso, um fio outro sempre tem espaço e outros pontos precisam ser inseridos neste trabalho permanente com a língua. Em síntese, daquilo que interessa diretamente, destaco:

Quadro 2 - Síntese de Ferdinand de Saussure

Ferdinand de Saussure	
LÍNGUA	No Curso de Linguística Geral, a língua é convenção, sistema de signos, instituição social, fechada em si mesma, homogênea, fixa, exterior ao indivíduo e não pode ser modificada e criada. Nos Escritos e nas reflexões sobre os anagramas, a língua se abre para outras possibilidades.
SENTIDO	Relação entre significante (imagem acústica) e significado (conceito). Relações entre signos.
METÁFORA	Não considera a metáfora apenas como um sentido conotativo em oposição a um denotativo, mas verifica as condições de uso dela.
CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO	A língua como um sistema. Valor do signo. Diacronia e sincronia. Significado/ significante. Possibilidades de outros significados. Anagramas.

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

No jogo saussuriano, seja no *Curso de Lingüística Geral* (CLG), nos *Escritos de Lingüística Geral* (ELG) e/ ou em *As palavras sob as palavras*, as regras foram (im)postas, porém isso não impede de jogar com elas, recusá-las e/ou até propor novas regras, por que não? Foi dado o início do jogo, mas não o fim, visto que é da língua que se trata.

1.3 ROMAN JAKOBSON: PARA ALÉM DA POESIA E DA ARTE, UM LUGAR PARA A METÁFORA

> [...] um linguista surdo à função poética da linguagem e um especialista em literatura indiferente aos problemas linguísticos são, um e outro, flagrantes de anacronismos. (JAKOBSON, 2005, p. 162).

Trago um fio outro a este estudo e com ele busco fazer mais alguns pontos, do linguístico e do poético, nem só um nem só outro, mas a combinação deles. Seus trabalhos foram fundamentais para mostrar à Linguística o que até então ela ignorava (GADET; PÊCHEUX, 2004 [1981], p. 109). No Círculo Linguístico de Praga (CLP), ajudou com a definição de língua proposta pelo grupo - um sistema de meios de expressão destinados a um determinado fim. O CLP trouxe contribuições significativas, principalmente para a fonologia e para a poética. Jakobson difere na maneira de teorizar sobre a língua, pois, para o autor, só é possível pensar na língua quando ela integra a possibilidade da poesia.

Em relação ao CLP, Gadet e Pêcheux (2004 [1981], p. 106) afirmam que:

> A contribuição do C.L.P. pode ser considerada como essencialmente contraditória. Por um lado, será uma tentativa de aplicação prática do que havia ficado no plano teórico com Saussure: a reflexão privilegiada sobre o domínio dos sons baseia-se na apreensão da maneira pela qual nasce o sentido na poesia, o que significa que a língua, objeto do linguista, nunca é separada da língua, objeto da literatura. Por outro lado, ele será uma primeira etapa para a instalação da ordem do sério na lingüística, uma retomada da ideologia da comunicação, à qual ele traz uma garantia científica.

Para Barthes (2004, p. 164), a linguística ganhou com os trabalhos de Jakobson, porém a literatura, igualmente, foi presenteada, pois “Jakobson deu um lindo presente à literatura: ele lhe deu a linguística”.

O que se observa é que, embora linguista, desde jovem, Jakobson mostra-se incomodado com a separação existente entre a Ciência, Razão e Fato e, de outro, a Arte, a Sensibilidade, a Impressão, separação esta existente até o século XIX. Ele era “grande amante de poesia, pintura, cinema” e, assim, “o verdadeiro fato científico da modernidade não era o fato, mas a relação” (BARTHES, 2004, p. 165). Para mim, romper com essa dicotomia é dar espaço para

outras formas de significar. Ele queria “reivindicar para a linguística o direito e o dever de empreender a investigação da arte verbal em toda a sua amplitude e em todos os seus aspectos” (2005, p. 161). E “a questão das relações entre a palavra e o mundo diz respeito não apenas à arte verbal, mas realmente a todas as espécies de discurso” (JAKOBSON, 2005, p. 119). Entendo que o autor dialoga com este trabalho, já que o que pretendo leva em conta as distintas materialidades, sejam elas verbal ou não verbal, privilegiada ou marginalizada.

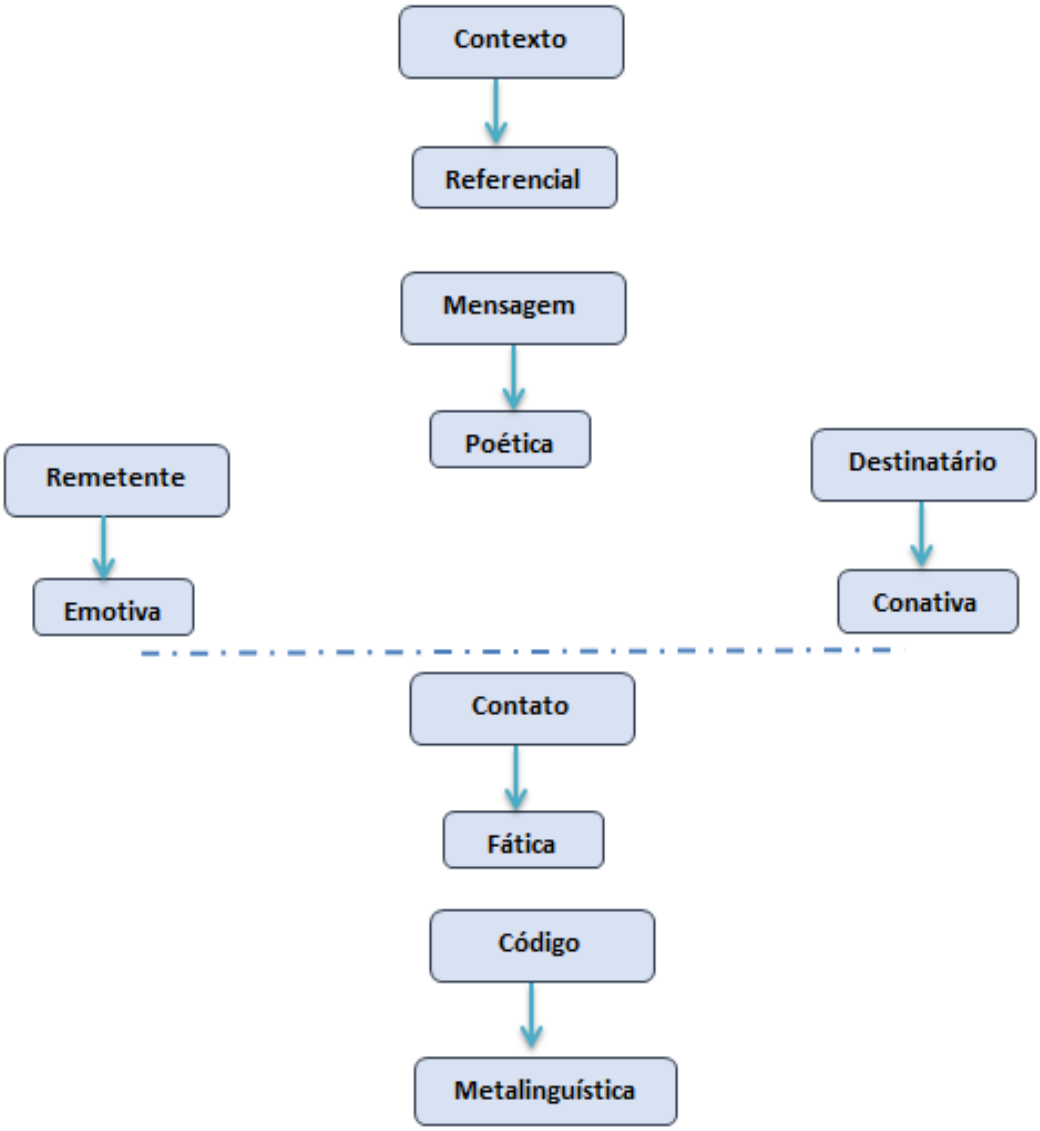
Jakobson contribui, ainda, quando aborda a língua em uso, isto é, o *ato linguístico* e as *funções da linguagem*, visto que associa a eles os polos metonímico e metafórico, este último, foco desta pesquisa. Para o autor, o ato linguístico comporta os elementos da comunicação, ou seja, remetente, mensagem, destinatário, contexto, código e contato. Assim, segundo Jakobson (2005, p. 123):

> O REMETENTE envia uma MENSAGEM ao DESTINATÁRIO. Para ser eficaz, a mensagem requer um CONTEXTO a que se refere (ou “referente”, em outra nomenclatura algo ambígua), apreensível pelo destinatário, e que seja verbal ou suscetível de verbalização; um CÓDIGO total ou parcialmente comum ao remetente e ao destinatário (ou, em outras palavras, ao codificador e ao decodificador da mensagem); e, finalmente, um CONTATO, um canal físico e uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário, que os capacite a ambos a entrarem e permanecerem em comunicação.

Esses elementos da comunicação estariam associados a seis diferentes funções da linguagem, a saber: emotiva, conativa, referencial, poética, fática e metalinguística. Embora conceba que cada uma dessas funções esteja associada a um desses elementos, não quer dizer que uma determinada mensagem só tenha uma dessas funções, haverá uma predominante, mas isso não significa única. Assim, a função emotiva ou expressiva estaria mais centrada no eu, no remetente; a função conativa ou apelativa, no tu, no destinatário; a função referencial ou denotativa, no contexto; a função poética, na mensagem; a função fática, no canal; e a função metalinguística, no código, sendo as quatro últimas focadas na língua.

Esquematizando o que propõe Jakobson, tem-se:

Figura 2 - Funções da linguagem



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

A partir do esquema, numa perspectiva funcional, a língua seria um codificador e um decodificador, ou seja, a partir da mensagem recebida, ela a decodifica, por meio do código linguístico e, então, interpreta-o, lê-o. Uma operação mecânica, perfeita, organizada, linear e que necessitaria, apenas, de um código comum aos falantes. A língua, no entanto, não se resume a isso, há algo muito mais complexo envolvido.

Para ele, em uma situação normal, "falar implica a seleção de certas entidades linguísticas e sua combinação em unidades linguísticas de mais alto grau de complexidade", ou seja, "quem fala seleciona palavras e as combina em frases, de acordo com o sistema sintático da língua que utiliza" (JAKOBSON, 2005, p. 37). Então, o signo linguístico comportaria dois modos de arranjo: *combinação* e *seleção*. A combinação se dá na construção e concatenação

das frases, ocorre no eixo da contiguidade. A seleção corresponde ao estabelecimento de relações de equivalência, substituir um pelo outro, sinônimos, antônimos e ocorre no eixo da similitude.

Jakobson admite haver rupturas nas comunicações, no entanto é preciso "compreender a natureza e a estrutura do modo particular de comunicação que cessou de funcionar" (2005, p. 34). Importante dizer que a ruptura que ele menciona não é aquela da AD, suscetível de acontecer sempre na língua, mas aquela que falha porque houve um problema no código e que, por isso, deve ser visto de modo particular e posto para funcionar, não algo intrínseco da língua. De qualquer forma, afirma que a "Lingüística interessa-se pela linguagem em todos os seus aspectos – pela linguagem em ato, pela linguagem em evolução, pela linguagem em estado nascente, pela linguagem em dissolução" (JAKOBSON, 2005, p. 34). Esta última vai despertar o interesse de Jakobson, que passa a estudar a linguagem dos afásicos, ou seja, daqueles que não conseguem estabelecer a dimensão comunicativa, pois os signos se desarranjam. Ao abordar a afasia, percebe que os linguistas teriam como contribuir para o estudo dessa patologia, já que essa é considerada "uma perturbação da linguagem" (JAKOBSON, 2005, p. 34), contudo "a ciência da linguagem passa em silêncio como se as perturbações da percepção da fala não tivessem nada a ver com a linguagem" (JAKOBSON, 2005, p. 35). A dissolução e a perturbação me interessam em Jakobson, seja no estudo que realiza em relação aos afásicos ou àquilo que a linguagem faz dissolver e que na constituição da língua perturba, mexe com os sentidos. A perturbação e a dissolução dos sentidos serão, posteriormente, pensadas por Pêcheux em relação à metáfora. O silêncio em relação à fala, não só quando essa apresenta um problema, não fez parte das discussões de muitos linguistas, mas Pêcheux deu a ela um lugar especial.

Independente do tipo de afasia que possuem, os afásicos apresentam problemas na combinação e seleção dos signos linguísticos, o que fará Jakobson pensar sobre a *linearidade significante* proposta por Saussure. Deste modo, ao abordar em seus estudos os distúrbios da similaridade (seleção e substituição) e os distúrbios da contiguidade (combinação e contextura), põe em xeque a linearidade da cadeia significante (MARIANI, 2007).

Para Mariani (2007, p. 218), "No distúrbio da similaridade (deficiência na seleção e substituição) ocorre uma deterioração das operações metalinguísticas", já no distúrbio da contiguidade, "ocorre uma deterioração da palavra na frase ou dos morfemas na palavra, portanto, há uma deterioração no poder de preservar a hierarquia das unidades linguísticas". Assim, "a metáfora é incompatível com o distúrbio da similaridade" (JAKOBSON, 2005, p. 55), enquanto que "a metonímia é incompatível com o distúrbio da contiguidade" (JAKOBSON, 2005, p. 55). Segundo Daltoé (2011, p. 98), o fato de os afásicos apresentarem

esta dificuldade de compreensão não significa que "perdem a condição de compreender o discurso figurado; pelo contrário, eles acabam usufruindo destas figuras para se comunicar;" isso porque, conforme a autora, o afásico que tiver "o distúrbio de *seleção*, com dificuldades na metáfora, vai se utilizar das relações de contiguidade da metonímia, e quem apresentar dificuldades nas *combinações* das frases vai se aproveitar das relações metafóricas para se comunicar."

Embora em sua obra a metáfora e a metonímia sejam consideradas figuras de linguagem, ele não as restringe apenas à literatura como tradicionalmente se faz, tanto o é que as recupera para tratar sobre a linguagem dos afásicos. Isso me interessa, porque, igualmente, quero dar à metáfora, também, um outro lugar, trazê-la para ocupar um lugar no ensino, que não aquele destinado a ela, mas propô-la como um caminho teórico-prático para ensinar a Análise de Discurso.

Ressalto que Jakobson, ao valer-se da metáfora e da metonímia para tratar da afasia, não as restringe apenas para a linguagem dos afásicos, mas as estendem ao funcionamento da língua como um todo. Para Jakobson (2005, p. 55), "o desenvolvimento de um discurso pode ocorrer segundo duas linhas semânticas diferentes: um tema [*topic*] pode levar a outro, quer por similaridade, quer por contiguidade", ou seja, por metáfora e por metonímia. Ele diz que essas duas figuras, assim consideradas, representam a *estrutura bipolar da linguagem* e, segundo ele, possuem "vasto alcance e importância para o estudo de todos os comportamentos simbólicos, particularmente do comportamento verbal e de seus distúrbios" (2005, p. 61). Assim, elas estarão em todos os processos simbólicos, seja subjetivo, como no caso da poesia, político, ideológico ou outro.

No tocante aos elementos da comunicação, apesar de Jakobson considerar que o processo linguístico pode falhar, como nos casos de afasia e "ampliar a compreensão do modo de funcionamento da cadeia significante, considerando os eixos paradigmático e sintagmático enquanto procedimentos metafórico e metonímico" (MARIANI, 2007, p. 219), a falha não vai constituir objeto de análise da língua. Contudo, para mim, "Contra o narcisismo da comunicação bem-sucedida, tentamos afirmar o valor político e histórico da falha" (GADET; PÊCHEUX, 2015, p. 105). É justamente o que falha que cabe ao campo do discurso.

Abaixo, sintetizo as ideias que trouxe de Jakobson e que tocam este trabalho diretamente:

Quadro 3 - Síntese de Roman Jakobson

Roman Jakobson	
LÍNGUA	Considera-a em uso, isto é, o *ato linguístico* e as *funções da linguagem.*
SENTIDO	Pode ser ambíguo, considera o sistema das substituições, não é um significado último, mas um *outro* nível significante. Previsibilidade.
METÁFORA	Metáfora considerada figura de linguagem, mas não a restringe apenas à literatura. Um dos componentes da *estrutura bipolar da linguagem.* A metáfora e a metonímia para tratar da afasia e as estende ao funcionamento da língua como um todo.
CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO	Possibilidade de o sentido ser outro. Metáfora e metonímia no funcionamento da língua como um todo.

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

É na dissolução, no desarranjo e no que perturba que encontro nos postulados de Jakobson pontos tecidos para a metáfora, assim, no fio poético inscrito na língua e, também, sob o olhar da arte, um ponto altíssimo para a discussão que empreendo e que este trará para Pêcheux.

1.4 JACQUES LACAN: O INCONSCIENTE ESTRUTURADO COMO LINGUAGEM

Substituição, condensação, metáfora
Aterrado
Do espírito ao lapso e ao esquecimento do nome
Ruínas e centelhas metonímicas
O parasita e seu mestre
(LACAN, 1999, p. 30, grifo meu).

Jacques Lacan contribuiu não só para sua área de atuação, a psicanálise, como para os estudos da linguagem, sobretudo, para a análise do discurso. Diferente dos que pensavam a psicanálise na época, com base na biologia, opta por uma outra perspectiva, da linguística e da lógica e, por meio delas, reconfigura a teoria do inconsciente, o qual, segundo o autor, é estruturado como linguagem. Deste modo, é pela linguagem que vai conduzir os seus estudos num retorno a Freud e, para ele, tanto a teoria quanto a prática da psicanálise precisam ser revistas.

A partir de seus estudos, mostra que o campo da linguagem mantém íntima relação com o campo da psicanálise e que um pressupõe o outro, num entrelaçamento. Em *Função e campo*

da fala e da linguagem em psicanálise (LACAN, 1998 [1953], p. 237), título de um relatório produzido por Lacan, em 1953, ele propõe que: a) a linguagem é o elemento da experiência psicanalítica e que se dá por meio da fala, a qual, posteriormente, vai diferenciar da fala vazia (fala) e da fala plena (discurso); b) a linguagem constitui o homem; c) o inconsciente é a própria estrutura da linguagem, que determina a subjetividade para além da consciência, assim, ele representa o discurso do outro; d) ao filiar a psicanálise ao paradigma científico iniciado pela linguística estrutural, acredita assegurar a ela um lugar na ciência moderna. Essas premissas, para Lacan, mostram que o essencial no discurso é que o inconsciente é a própria estrutura da linguagem, o qual se articula na fala do sujeito, histórica e finitamente constituído e, nessa relação com o psicanalista, o sujeito manifesta o seu desejo de verdade.

Assim, nesse relatório, Lacan menciona que a fala do paciente é o objeto de análise do psicanalista, logo, não se pode negligenciá-la como fizeram alguns teóricos, referindo-se a diversas áreas, entre eles, filósofos e linguistas. Igualmente, toda fala pressupõe uma resposta, ainda que essa resposta seja o silêncio. Diz, também, que mesmo que o discurso seja vazio de sentido, "a fala, mesmo no auge de sua usura, preserva seu valor de téssera." (LACAN, 1998 [1953], p. 253). Ou seja, um valor que não se pode negar, desprezar. E continua: "Mesmo que não comunique nada, o discurso representa a existência da comunicação; mesmo que negue a evidência, ele afirma que a fala constitui a verdade; mesmo que se destine a enganar, ele especula com a fé no testemunho." (LACAN, 1998 [1953], p. 253). Deste modo, como não a considerar ainda que o seu desejo de verdade não corresponda à verdade? Contudo, representa a verdade daquele sujeito.

Neste período, Lacan se aproxima das teorias de Saussure e, também, sofre influências de Jakobson, mas há pontos que se aproximam e outros tantos que se distanciam. Enquanto, por exemplo, Saussure considera a dicotomia entre língua (*langue*) e fala (*parole*), ou seja, a tensão entre um objeto social, as convenções, um contrato coletivo, e outro individual, a forma como o sujeito combina e atualiza esses componentes, Lacan estabelece a oposição entre fala (*parole*) e linguagem (*langage*). Para este não é o fato linguístico que interessa, mas a linguagem, campo onde o inconsciente e a psicanálise se definem. Nesse sentido, importa é que possa haver signos, símbolos e significantes. Logo, é a ordem simbólica que está em jogo. Ressalto, também, que nessa dicotomia proposta por Lacan está a tensão entre esses dois componentes que impõem a sua resistência.

Lacan diferencia *fala vazia* de *fala plena*. Na fala vazia, "o sujeito parece falar em vão de alguém que, mesmo lhe sendo semelhante a ponto de ele se enganar, nunca se aliará à assunção de seu desejo." (LACAN, 1998 [1953], p. 255), ou seja, o que se leva em conta aqui

são apenas os fatores psicofisiológicos individuais e que, também, segundo Lacan são excluídos, então, só serve como o início do movimento de análise, mas não a constitui em sua plenitude. Para exemplificar, vale-se de uma metáfora, comparando a fala a uma pesada roda de moinho tombada sobre si mesma e que é preciso levantar. Em oposição à *fala vazia*, traz a *fala plena*, entendida como o discurso, a qual está para além daquilo que é verbalizado ou o próprio silêncio. Ela começa na "intra-subjetividade obsessiva, a inter-subjetividade histérica, na análise da resistência, a interpretação simbólica." (LACAN, 1998 [1953], p. 255). E para compreender essa relação, mostra a importância do inconsciente neste processo, colocando-o como "a parte do discurso concreto, como transindividual, que falta à disposição do sujeito para reestabelecer a continuidade de seu discurso consciente." (LACAN, 1998 [1953], p. 260). Ou seja, o que falta é justamente o que completa esse discurso consciente e lhe dá sentido, no modo como o sujeito, constituído pela história, atribui-lhe a sua verdade. Para ele, tal como um anel que corre de mão em mão, a palavra também percorre esse trajeto até chegar ao discurso verbalizado pelo sujeito. Assim, o inconsciente é imprescindível para se compreender os sentidos, embora seja "o capítulo censurado", que, contudo, pode ser resgatado, seja nos monumentos, nos documentos de arquivo, na evolução semântica, nas tradições, nos vestígios e, nós, diríamos que se engendram no próprio sujeito por meio da sua história. (LACAN, 1998 [1953], p. 260-261).

Deter-me-ei, então, a abordar a metáfora, considerada aqui como aquela que propicia vida à linguagem. E, como tal, Lacan faz pensar nos processos de significação que se estabelecem entre significante e significado, em que o primeiro ganha uma dimensão de destaque em suas obras, é o elemento-guia, pois é ele e não o significado que conduz os processos de significação.

No *Seminário 3: as psi*coses, mais precisamente nos capítulos XVII e XVIII, os quais tratam sobre a metáfora e metonímia, Lacan apresenta dois conceitos e a relação intrínseca entre eles. Ao abordar a metáfora, posiciona-se dizendo que ela não é o que se tem de mais fácil de falar, principalmente quando reduzimos sua dimensão, pensando-a, por exemplo, somente na dimensão da literatura, o que seria restringir demasiadamente o seu sentido, visto que nos estudos lacanianos ela alcança uma dimensão muito maior. Na verdade, conforme minha formulação, ela é a bússola dos sentidos, uma bússola desgovernada melhor dizendo, visto que o caminho é incerto, a "metáfora supõe que uma significação seja o dado que domina, e que ela inflete, comanda o uso do significante, tão bem que toda espécie de conexão preestabelecida, diria lexical, se acha desatada." (LACAN, 1988 [1955-1956], p. 249). Isso porque a metáfora arranca o significante de suas "habituais" significações, leva o sentido para uma outra

dimensão. E é isso que é interessante de se pensar, essa dimensão em que ela coloca o sentido, desarranja, desestabiliza. A dimensão do sentido é o lugar do incerto, do sentido outro.

A metáfora é o que há de mais surpreendente, mas também o que há de mais problemático, porque da forma como alguns linguistas a compreendem é uma noção ingênua. Não se pode apenas dizer que "o significado nunca atinge seu fim senão por intermédio de um outro significado", levando a outro significado, visto que não é só isso o que acontece, é apenas a primeira parte. É necessário compreender que, "sem a estruturação do significante, nenhuma transferência seria possível." (LACAN, 1988 [1955-1956], p. 256). Assim, a linguagem deve ser tomada em seu conjunto e para se ter o conjunto é preciso começar pela ponta do significante. (LACAN, 1988 [1955-1956], p. 260).

Embora, para mim, a metáfora é aquela que leva aos sentidos, há que se pensar, também, na metonímia, visto que não há como separá-las, pois estão atreladas, em relação, determinando-se e imbricando-se na linguagem. Tanto que Lacan (1988 [1955-1956], p. 259) diz que "a metonímia está no ponto de partida, e é ela que torna possível a metáfora. Mas a metáfora é de um outro grau que a metonímia." Isto é, para se chegar à metáfora, necessariamente, precisa-se passar pelo processo metonímico e é nele que a metáfora intervém.

O sentido está na base da articulação metonímica também, para pensar metáfora, é preciso perceber este intrincamento entre elas. O sentido não acontece só na relação metafórica. O traço básico da metonímia é o remetimento, ela remete um a outro, já a metáfora pode substituir, transferir, provocar a perturbação. O efeito deletério da metáfora é maior, porém ela não existe sem a metonímia, sem a sintaxe que está na base. Daí a importância de considerar essa relação inextricável entre elas. O que se observa é que são níveis distintos da significação, do mais simples ao mais complexo, mas articulados. Assim, segundo Lacan (1988 [1955-1956], p. 261), o sentido está "na base da articulação metonímica [...] É preciso em primeiro lugar que a coordenação significante seja possível para que as transferências de significado possam se produzir." Sendo assim, é por isso que as crianças, por exemplo, têm dificuldades para compreender a metáfora visto que é necessário, primeiro, transpor essa primeira fase.

Reforço a relação inextricável entre metáfora e metonímia, sem uma, a outra não acontece. Enquanto a primeira reinterpreta, porque substitui o significante e o leva a alcançar um outro significado, a metonímia articula, ou seja, trata-se de um entrelaçamento semântico-metafórico e sintático-metonímico (MITTMANN; ROSA, 2021). Embora seja a metáfora que propicia o sentido outro, ela não tem sentido sem a metonímia, já que é esta que estabelece uma remissão, o remetimento ao sentido. E, então, o laço entre elas, a irrupção de um significante só é possível pela falta que há na cadeia significante. Para Lagazzi (2013, p. 107), "metáfora e

metonímia estarão sempre juntas, em determinação mútua, seleção e combinação, condensação e deslocamento, recalque e falta se constituindo em processos sempre em concomitância."

Lacan ao teorizar o campo da cadeia significante, diz que a metáfora seria a condensação, enquanto a metonímia, o deslocamento. Nesse entendimento, a condensação se dá no nível da substituição, contudo, para efetuá-la, recalca algo. Para o autor, "É na relação de substituição que reside o recurso criador, a força criadora, a força de engendramento, caberia dizer, de metáfora. [...] é pela possibilidade de substituição que se concebe o engendramento, por assim dizer, do mundo do sentido" (LACAN, 1999, p. 35). Portanto, "não existe sentido senão metafórico, só surgindo o sentido da substituição de um significante por outro significante na cadeia simbólica" (LACAN, 1999, p. 16).

Igualmente, reveste-se de importância a metonímia, pois

> [...] não existe objeto a não ser metonímico, sendo o objeto do desejo objeto do desejo do Outro, e sendo o desejo sempre um desejo de Outra coisa – muito precisamente, daquilo que falta, *a*, o objeto perdido primordialmente, na medida em que Freud mostra-o sempre pode ser reencontrado. (LACAN, 1999, p. 16).

Desta forma, a partir do que nos diz Lacan, enquanto a metáfora marca o sentido recalcado, a metonímia marca o desejo, que é o que sempre falta, por isso esses dois conceitos estão incessantemente em relação. No processo metafórico, o que temos é a "**substituição** de vários significantes por outro significante num processo de superposição", já no processo metonímico "não há substituição de um significante por outro, mas sim um **remetimento** a outro significante" (JORGE, 2005, p. 89).

Em seus estudos, Lacan considera crucial a metáfora e a metonímia nos processos inconscientes. Ele inverte o algoritmo saussuriano do signo linguístico e representa o significante com um S maiúsculo, isso porque, segundo Lacan, é "ele que governa no discurso do sujeito; ou mesmo que é ele que governa o próprio sujeito", e a metáfora e a metonímia são provas disso (DOR, 1992, p. 42). Deste modo, é o significante que é supremo e não o significado. Há uma dominação do sujeito pelo significante. O sujeito é predeterminado, não controla seu discurso, embora acredite ter controle sobre ele. Segundo Dor (1992), a relação do sujeito com seu discurso constitui a noção de fala-ser em Lacan. Conclui que:

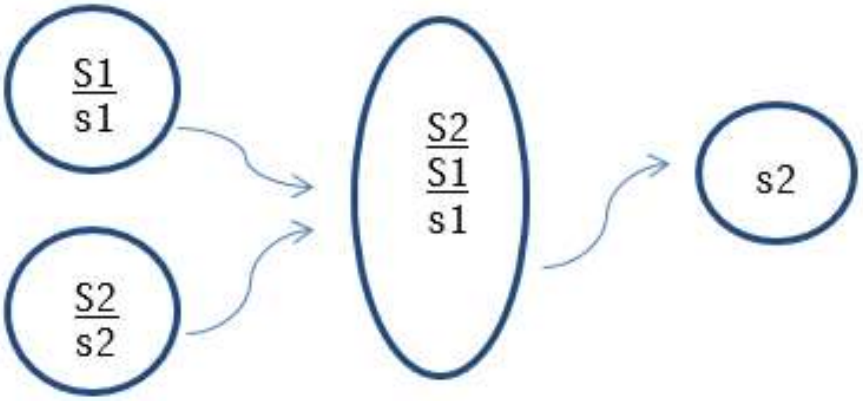
> 1) O processo metafórico é o produtor de sentido, na medida em que está sustentado pela autonomia do significante em relação ao significado: eis aí a explicação dessa formulação de Lacan: "A metáfora se situa no ponto preciso onde o sentido se produz no 'non-sens'".

> 2) A metáfora, no princípio de sua construção, atesta o caráter primordial do significante, no sentido de que é a cadeia dos significantes que governa a rede dos significados.
> 3) O caráter primordial do significante se exerce não somente em relação ao significado, mas também em relação ao sujeito, que ele predetermina sem que este o saiba. (DOR, 1992, p. 46).

Em relação à metonímia, ou seja, processo em que um objeto é nomeado por meio de um outro distinto daquele que normalmente lhe é atribuído, a relação só é possível quando existe entre os termos uma relação de matéria a objeto, de continente a conteúdo, causa e efeito, ou, ainda, de parte pelo todo. Dessa forma, no processo metonímico, o novo significante está em relação com o anterior, diferente do que ocorre na metáfora.

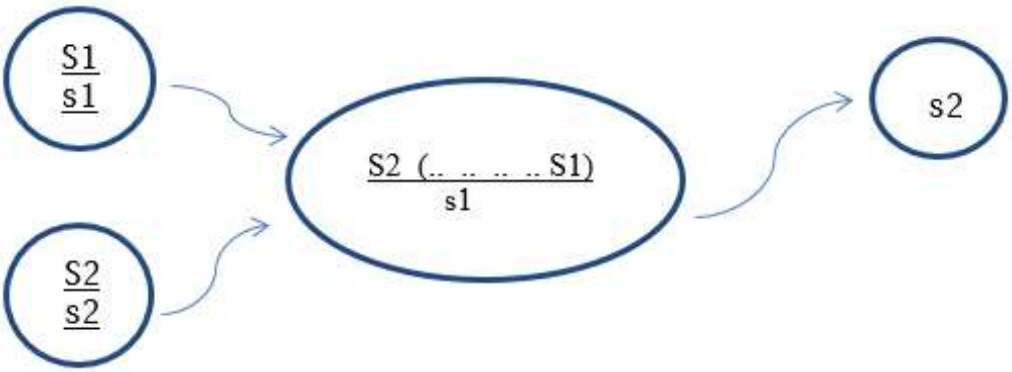
Dor (1992) esquematiza o processo metafórico e o metonímico proposto por Lacan:

Figura 3 - Processo metafórico



Fonte: Adaptado de Dor (1992, p. 43).

Figura 4 - Processo metonímico



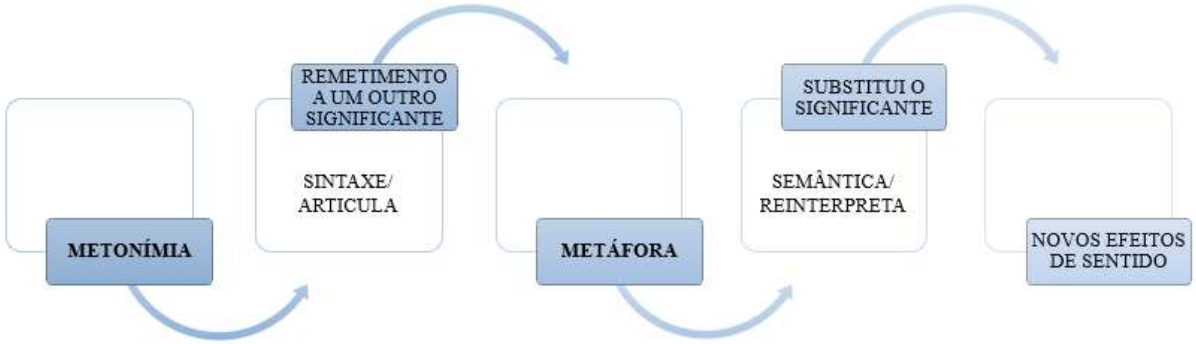
Fonte: Adaptado de Dor (1992, p. 47).

O que se visualiza é que enquanto na metáfora o S1 passa sob a barra da significação, fazendo com que se torne o novo significado de S2, na metonímia, o significante "descartado" não sofre esse processo, ele permanece na mesma direção, visto que o sentido está submetido à manutenção de S1, em relação à S2 e associado a s1. Na metonímia, o s2 fica expulso provisoriamente, diferente da metáfora, onde ele é afastado. No processo metonímico, os dois significantes são mantidos, impossibilitando um novo signo e, consequentemente, a associação de um significante a um significado. Na metáfora, um significante (S1) é substituído por outro (S2), de forma que o S1 se torna o novo significado de S2, provando que é a cadeia dos significantes que comanda o conjunto dos significados e que a metáfora é uma *substituição significante*, conforme proposto por Lacan.

A metonímia resiste à significação, de modo que a barra se mantém, ela "apresenta-se sempre como um *não-sentido aparente*", já na metáfora o sentido é imediato, visto que há transposição da barra (DOR, 1992, p. 40). Para Lacan, essas duas noções são essenciais para se compreender o inconsciente e constituem boa parte do arcabouço teórico para sustentar a tese de que *o inconsciente é estruturado como linguagem.*

Em minhas reflexões e tentando deixar mais didático o esquema proposto por Lacan, proponho a figura a seguir para elucidar como vejo a articulação entre o processo metafórico e metonímico:

Figura 5 - Processo metafórico e metonímico



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Para Lagazzi (2014, p. 107), "a linguagem se produz no cruzamento desses processos. Metáfora e metonímia definem o jogo da linguagem como um jogo significante, que estrutura o discurso do inconsciente. Não mais uma tomada retórica da metonímia, mas a metáfora e a metonímia na relação com o inconsciente." Portanto, nem só um nem só o outro, mas os dois, constituindo-se mutuamente.

Neste sentido, as contribuições de Lacan ajudarão a entender melhor o que proponho, visto que não quero apenas substituir um significante por outro e este ser materializado, mas que ele transponha a barra da significação, migrando noutras direções e trazendo sentidos mais acessíveis para o entendimento dos conteúdos da Análise do Discurso. Diria que se terá uma substituição significante com significância, já que, em meu entendimento, promove um ensino mais significativo.

Também como propõe Lagazzi (2014, p. 111), os entrelaçamentos distintos nas materialidades propostas por mim podem promover no estudante "deslinearizações que se imbricam no jogo de diferentes materialidades significantes." Vejo, como Lagazzi em *Linha de Passe*, "A metáfora e a metonímia em metaforizações metonímicas. A alteridade na deriva e no encadeamento, em composições que delimitam o irrealizado em nossa sociedade. Penso o significante em metáfora, no desejo metonímico da falta." E na metáfora dos jogos, das materialidades distintas, o desejo de um ensino de AD ainda mais significativo, dinâmico e prazeroso. Então, no que falta, no desejo, sentidos em deriva.

Assim como os analistas de discursos, os psicanalistas se interessam justamente por aquilo que falha na língua, onde ela tropeça, desta forma, os estudos deles, sobretudo de Lacan foram importantes para os estudos de Pêcheux, conforme abordado no capítulo que fala sobre a trajetória de Pêcheux com a metáfora. Na concepção lacaniana, para diferenciar a língua do inconsciente da língua da linguística, propõe a *lalangue*, alíngua, que seria a língua que comporta a falha, deslizes, equívocos, uma língua que escorrega, a língua do todo e do não-todo, lugar do impossível na língua. (LEANDRO-FERREIRA, 2004, p. 44). E, assim sendo, há volatilidade e fluidez dos sentidos, numa língua sempre prestes a esfacelar, porque a metáfora aí se localiza, no *non-sens*.

Segundo Leandro-Ferreira (2004, p. 44), essa terminologia adotada para a língua e esse conceito foram importantes para a Análise do Discurso, contudo, enquanto o acesso a ela, para a Psicanálise, se dá pelo inconsciente, para a AD ela dá acesso ao discurso, na materialidade que a constitui. Embora haja pontos que convirjam e outros que se distanciem, as teorizações de Lacan foram importantes para Pêcheux pensar várias das noções da AD, como, por exemplo, do sujeito, do sentido, da metáfora. Em Semântica e Discurso, várias são as referências que Pêcheux faz a Lacan e opto por trazê-las quando abordo Pêcheux. De maneira bastante singela, sintetizo o que Lacan propõe para a língua, o sentido e a metáfora:

Quadro 4 - Síntese de Jacques Lacan

Jacques Lacan	
LÍNGUA	Relação pensada com o inconsciente e com a metáfora. Opacidade. O inconsciente estruturado como linguagem. “Alíngua” – lugar do impossível na língua, o não-todo no todo, o não-representável no representado.
SENTIDO	O processo metafórico é o produtor de sentido. O sentido está “na base da articulação metonímica.” Volatilidade dos sentidos. O sentido é sempre fluido, sempre prestes a se tornar outro. Rompe com a cadeia de significantes. Relação de substituição – condensação.
METÁFORA	A metáfora seria a condensação e marca o sentido recalcado. Relação inextrincável com a metonímia.
CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO	Metáfora e inconsciente. Cadeia significante. Processos metonímico e metafórico.

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Reconheço que ainda há muito que buscar em Lacan para aliar ao objeto deste estudo, mas, por hora, esse é só um começo, porque acredito que,

> [...] por intermédio da metáfora, pelo jogo da substituição de um significante por outro num lugar determinado, que se cria a possibilidade não apenas de desenvolvimentos do significante, mas também de surgimentos de sentidos sempre novos, que vêm sempre contribuir para **aprimorar, complicar, aprofundar, dar sentido de profundidade àquilo que, no real, não passa de pura opacidade.** (LACAN, 1999, p. 35, grifo nosso).

E na opacidade da língua, busco novos fios a fim de que se (des)enlacem neste trabalho complexo da metáfora.

1.5 NOAM CHOMSKY: ENTRE O GRAMATICAL E AGRAMATICAL, UM ESPAÇO PARA A LÍNGUA

> Bem: o que está dentro da língua e o que está fora?
> (CHOMSKY, 1997, p. 83 apud LEANDRO-FERREIRA, 1999, p. 130).

Dentre as contribuições de Avram Noam Chomsky, está a formulação teórica e o desenvolvimento do conceito de gramática transformacional ou gerativa. Nela se distinguem

dois níveis na análise das frases: a estrutura profunda e a superficial. A primeira corresponde ao conjunto de regras de grande generalidade a partir das quais é gerada, mediante uma série de regras de transformação, a estrutura superficial da frase. No nível profundo, a pessoa possui conhecimento das estruturas fundamentais da gramática e que, segundo Chomsky, seria inato, ou seja, nasce com o indivíduo. Deste modo, falar-se-á em uma gramática universal.

O objetivo aqui é trazer alguns aspectos da teoria de Chomsky que ressoaram em Pêcheux de algum modo. Segundo Gadet *et al*. (2014, p. 43), a "revolução chomskyana" serviu mais para Pêcheux pensar sobre ela e não para trazer respostas. Inicialmente, conforme os autores, resistiu, contudo, posteriormente, toma emprestada, metaforicamente, a oposição entre estrutura de superfície e profunda quando propõe, em Análise Automática do Discurso, "a relação entre estruturas discursivas analisáveis como lugares de efeitos de superfície e a 'estrutura invisível' que as determina."

A proposta de Chomsky pode ser resumida da seguinte forma: "O objetivo fundamental na análise linguística de uma língua L é separar as sequências gramaticais que são as sentenças de L das sequências agramaticais que não são as sentenças de L, e estudar a estrutura das sequências gramaticais." (CHOMSKY, 2015 [1957], p. 17).

Interessante observar como Leandro-Ferreira (1999) aborda essa relação de Chomsky e Pêcheux, o dentro e fora da língua, aquilo que é gramatical e, de outro lado, agramatical. Para Chomsky, as estruturas gramaticais, bem estruturadas e que obedecem às regras, seriam as aceitas, logo, dentro da língua, já as agramaticais, que fogem à regra, estariam fora da língua. Nessa acepção, almeja-se uma língua perfeita e se considera apenas o interior, o que se consegue regular. Contudo, ao deixar de fora o que é agramatical, exclui parte dessa língua que se constitui também com o equívoco, a opacidade a que ela está sempre sujeita. Assim, para Leandro-Ferreira (1999, p. 129):

> Nessa metáfora geométrica só há espaço para dois círculos concêntricos: o núcleo e a periferia, espaços esses devidamente demarcados. Os julgamentos da gramaticalidade constituem o único controle empírico de que o lingüista dispõe para validar o modelo de regras que ele postula.
> A técnica do asterisco empregada pela gramática gerativa consiste em sinalizar precisamente aquelas inscrições feitas à margem da língua, no que elas supõem de negativo. Tem, pois, uma função opositiva, demarcando as formas possíveis das formas impossíveis. Esse enfoque da constituição da língua como rede de julgamentos trazidos à lingüística pela gramática gerativa representa uma contribuição decisiva para a análise dos modos de organização da língua.

É justamente o que fica à margem que para mim importa, o que se exclui, aquilo que a língua não dá conta, pois a AD trabalha com a língua da falta, do que falha e não cessa de fazer

sentido, a língua do impossível de tudo dizer e dos sentidos em devir. Assim, essa distinção entre o que serve e o que não serve na lógica de Chosmky é o que contribui para os estudos discursivos, visto que nestes não há exclusão, mas uma língua que comporta os dois elementos ao mesmo tempo. E mais, para Gadet e Pêcheux (2004 [1981], p. 136), "o objeto língua não pode ser corretamente aprendido fora de uma distinção entre estruturas profundas e estruturas de superfície; a relação entre os dois níveis é exprimível por meio de transformações." Portanto, se há uma relação entre elas, não há como conceber uma e excluir a outra, aliás, o fato de já se concebê-las traz indícios de que ambas precisam ser consideradas. Os autores mencionam:

> O *princípio de autonomia da sintaxe*, que constitui uma das constantes fundamentais do empreendimento de Chomsky, é ao mesmo tempo a fonte e a conseqüência desse esquema: entre o nível da materialidade (fônica e gráfica) e o nível da significação, não se pode não aventar a hipótese do nível da sintaxe, que constitui o princípio explicativo desse estabelecimento de relações. (GADET; PÊCHEUX, 2004 [1981], p. 136).

Ora, conforme mencionei, uma língua pensada na dualidade, todavia que não pode ser excluída, pois a ambiguidade também faz parte dela, isto é, como conceber a estrutura sem considerar as relações que mantém entre si?

Posteriormente, Chomsky apresenta a L-I (língua internalizada), assim, o foco deixa de ser o estudo do comportamento e seus produtos, o que denominou de língua externalizada (L-E) e passa para o estudo dos estados da mente/cérebro, os quais fazem parte deste comportamento e que vai chamar de língua internalizada (L-I), ou seja, agora importa o que está dentro, excluindo a exterioridade. (LEANDRO-FERREIRA, 1999, p. 131). Ainda, conforme a autora, o que a teoria chomskiana "pressupõe é uma homogeneidade que é alcançada através da abstração de fatores não-estruturais, aqueles que atuam em situação real de uso." (LEANDRO-FERREIRA, 1999, p. 131).

Em Santos (2011, p. 58), encontro, ainda, um caminho que ajuda a pensar os possíveis vestígios de Chomsky em Pêcheux, quais sejam ora diálogos ora dissidências, conforme nomeado por Santos. Um aspecto que trago do autor é quando menciona que Chomsky, ao apresentar os processos mentais articulados à linguagem, pressupõe que a linguagem seria "(e)feito desse trabalho mental de falantes", assim, uma possibilidade de Pêcheux pensar na língua como a base e dela passar ao discurso. Considerá-la base não significa que ela seja uma estrutura estável e autônoma, mas uma base equívoca, isto porque se expõe à história e, nessa esteira, ao sujeito e ao sentido. Deste modo, poderia se aludir que há "algo anterior à linguagem implicando a representação de sentidos", ou seja, haveria aí "uma base semântica, atualizada a

partir de nosso modo de julgar fatos da realidade, que nos impõe fazer escolhas lexicais em gestos de compor frases, conduzindo-nos, pois, ao significado de textos, ou melhor, aos 'seus' (im)possíveis sentidos." (SANTOS, 2011, p. 58). Sentidos e sujeitos construídos sob uma base que se altera conforme as posições assumidas pelo sujeito.

Santos aborda a questão de como a significação é vista por cada um dos autores. Em Chomsky, "no caso dos nomes comuns, a significação é fixa (exceto quando há ambiguidade ou metáfora), mas a extensão varia, dependendo da frase nominal em que o nome aparece" (CHOMSKY, 1972, p. 70 *apud* SANTOS, 2011, p. 59) já em Pêcheux não existe essa diferenciação à significação, pois o sentido oscila, conforme as posições assumidas, portanto, não fixos. De qualquer forma, chama minha atenção o fato de o autor admitir a pluralidade de sentidos quando há ambiguidade ou metáfora, o que, para mim, de algum modo, mesmo que com olhar diverso de Pêcheux, é assumir a possibilidade de o sentido ser também outro.

Então, para Santos (2011, p. 65), "se para o gerativismo tudo está amarrado à noção de cognição, ou seja, a uma 'expressão de pensamento da forma física' que antecede a linguagem [...] em Pêcheux, diferentemente, registra-se um olhar mais cuidadoso no que toca à estrutura linguística." E eu acrescento, bem mais cuidadoso, um olhar que se coloca para a materialidade da língua.

De minha parte, não nego as contribuições que Chomsky, assim como outros estudiosos trouxeram ao campo da linguística, contudo não é esse o viés que entendo como constitutivo da língua e, entre diálogos e dissidências, embora tenha trazido pouco aqui, somente o que se refere ao sentido e a língua, fico com as dissidências. No quadro a seguir, apresento uma síntese do que nos interessa de Chomsky nesse momento.

Quadro 5 - Síntese de Noam Chomsky

Noam Chomsky	
LÍNGUA	A língua é ideal, lógica, fechada em sua estrutura e se reduz ao componente sintático.
SENTIDO	Os sentidos obedecem a uma estrutura da língua. Fechados em si mesmos.
METÁFORA	Não se tem um conceito de metáfora, entretanto os postulados chomskyanos contribuíram para que Pêcheux pudesse pensar no que escapa, no que a gramática não dá conta e que ora se exclui.
CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO	Gramaticalidade (língua bem formada) e agramaticalidade (língua malformada). Dicotomia entre o dentro e fora da língua.

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

E como um (des)fecho para este tópico, proponho-me a pensar como Leandro-Ferreira (2005a, p. 216): “não há pontes entre caminhos epistemológicos tão distantes e incompatíveis”, exceto pela equivocidade da língua.

1.6 LOUIS ALTHUSSER: A IDEOLOGIA E A INSTABILIDADE DOS SENTIDOS

> Comme il n’est toutefois pas de lecture inocente, disons de quelle lecture nous sommes coupables. (ALTHUSSER, 1996 [1965], p. 4).[2]

Segundo Maldidier (2003, p. 18), Althusser se configura para Pêcheux como “aquele que faz brotar a fagulha teórica, o que faz nascer os projetos de longo curso”, ou seja, é o responsável por alimentar em Pêcheux o desejo e a vontade de ir à frente, e foi.

Althusser propôs ao marxismo a corrente estruturalista. Para ele, o estruturalismo não definia isoladamente os elementos de um processo histórico, econômico, mas apenas privilegiava a relação heterogênea e conflitiva que existiria aí. Entre os conceitos elaborados por ele, estão, por exemplo, o de corte epistemológico e o de Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE). A teoria althusseriana fez aflorar uma discussão crítica, política e se valeu do trabalho de Lacan para compreender a função da ideologia na sociedade, trazendo uma outra concepção para o seu tempo.

Nesse sentido, este texto não dá conta de toda a dimensão da obra althusseriana, traz apenas uma visão genérica sobre alguns aspectos da teoria de Althusser e as relações que esse manteve com Pêcheux e de que forma este trabalha os fundamentos daquele, o que constitui nosso objetivo maior, sobretudo, no que diz respeito ao sujeito, ao sentido e a ideologia. Importante mencionar que algumas dessas contribuições e aquilo que os aproxima e, igualmente, distancia-os é abordado no capítulo 2 quando trago a noção de ideologia articulada ao jogo de xadrez, peça fundamental do jogo discursivo. Nesse sentido, a fim de não repetir, sintetizo, aqui, apenas os aspectos mais significativos, que não estão no tópico referido e que contribuem para o estudo sobre a metáfora.

Na sua relação com Althusser, Pêcheux traz para o campo discursivo muito das proposições althusserianas, contudo sempre sob o seu viés teórico e tendo como objeto o discurso. Nesse entendimento, toca no Materialismo Histórico, na Linguística e Psicanálise e conceitos importantes como de condições de produção, efeitos de sentido, formação discursiva,

---

[2] Posto que não há leituras inocentes, comecemos por confessar de que leituras somos culpados. (ALTHUSSER, 1996 [1965], p. 4 *apud* GRÜNER, 2007, p. 103).

interdiscurso, entre outros, ganham novas reformulações e sofrem deslocamentos (FONTANA, 2014, p. 24). Aqui, trago, principalmente, as formulações sobre ideologia e as contribuições que Althusser foi buscar em Freud e Lacan sobre o inconsciente e que são essenciais para pensar a metáfora em Pêcheux.

Pêcheux, a partir da sua teoria materialista, propõe para o campo discursivo a concepção althusseriana e a define como "estruturas-funcionamentos designadas, respectivamente, como *ideologia* e *inconsciente*" e que, para ele, dissimulam "sua existência no interior mesmo do seu funcionamento, produzindo um tecido de *evidências 'subjetivas'*, [...] 'nas quais se constitui o sujeito'" (PÊCHEUX, 2014a [1975], p. 139). É justamente por meio dessas *evidências subjetivas* que Pêcheux traz a noção de sujeito, não como origem dos sentidos, mas constantemente interpelado pela ideologia, pelas posições que assume, então, o sentido não pode ser evidente, assim como não é o próprio sujeito, visto que sofre as interferências das posições ideológicas que assume, com as quais se identifica e que o constitui. Logo, sujeito e sentido se articulam mutuamente, portanto, este não é evidente, da mesma forma que não é o sujeito. A ideologia está aí trabalhando o tempo todo, jogando, interpelando e ela perpassa, costura não só as noções de sujeito e sentido, mas todas as noções da AD, já que é um dos tripés dessa relação pressuposta, está aí agindo, do mesmo modo que está o inconsciente, ambos se materializando por meio da linguagem, como forma material.

Em *Semântica e Discurso*, Pêcheux reconhece a importância desse autor e o que postulou sobre o sujeito da ideologia em relação aos conceitos da Psicanálise, todavia, sobre a luta ideológica de classes, aborda que nesse processo há uma relação de reprodução-transformação das relações de produção, isto é, a ideologia que serve para reproduzir, pode servir para transformar. Então, o sujeito pode sim romper com sua condição, com a ideologia que o domina e se filiar a uma outra perspectiva. É nessa intersecção entre o que é e o que pode tornar-se que o sujeito, assim como o sentido, podem ser outro e, nesse caso, lugar para a metáfora. Observo, então, a instabilidade do sentido presente, visto que ele não é só da ordem da língua, mas, igualmente, das formações discursivas, as quais representam as posições ideológicas dos sujeitos na linguagem. Deste modo, para mim, o sentido de um pode ser sempre soterrado para que outro possa emergir, porque a língua está sujeita à equivocidade que a constitui, o sujeito não é dono do dizer e, nesse sentido, sujeita-se à ideologia e às posições ideológicas em constante disputa. O tempo todo se está sujeito à língua na história, à incompletude e contradição, ou melhor, ao seu real.

Figueira (2012, p. 59), ao se referir à instabilidade dos sentidos, propõe três princípios, os quais, ratificam o meu posicionamento:

> [...] (1) a língua (materialidade simbólica) apresenta-se como constituinte equívoca (sem significações fixas definidas aprioristicamente em sua materialidade significante); (2) o sujeito (efeito da linguagem, inconsciente e ideologicamente assujeitado) não controla os sentidos de seus dizeres; (3) a história, que é a história da descontinuidade, da luta de classes, dos conflitos sócio-políticos-econômicos, materializa-se na ideologia (práticas) e na linguagem (formações discursivas), refletindo, ou melhor, refratando os conflitos na forma da divisão de posições ideológicas e, consequentemente, na divisão de sentido.

Na instabilidade dos sentidos, o que visualizo é um discurso sempre sujeito ao que regula, mas igualmente à descontinuidade, à deriva, ou seja, um discurso que se dá na contradição, no mesmo e no diferente, enfim, discurso suscetível a levar os sentidos sempre para outras direções.

Ainda que Althusser não tenha tocado diretamente na língua e nem trabalhado os pressupostos da Linguística, a ideologia está nela e, nesse caso, toca-a, interfere, intervém. Para ele, "Os linguistas e todos aqueles que recorrem à linguística com diferentes fins, tropeçam frequentemente em dificuldades que decorrem do desconhecimento do jogo dos efeitos ideológicos em todos os discursos – inclusive os discursos científicos." (ALTHUSSER, 1985 [1918], p. 94, nota 15). E se assim o é, no espaço do que fratura, racha, o sentido escapa, visto que o sujeito discursivo pode sim resistir à ideologia que o domina e, ao rompê-la, o sentido derivar para uma outra esfera. Ressalto que é justamente no tropeço, no que falha, que a metáfora tem seu espaço, como condição mesma dos sentidos.

Pêcheux, a partir da tese de Althusser de que *A Ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos*, propõe a teoria do discurso, buscando rasgar com a evidência do sentido, o sentido pronto e acabado, já que o sujeito é sempre já interpelado. Dos muitos aspectos da teoria althusseriana, para Figueira (2012, p.8), alguns fundamentos que tornaram singular a teoria discursiva de Pêcheux, a partir das contribuições de Althusser, foram: "(1) a desconfiança em relação à evidência do sentido; (2) a crítica à noção do sujeito *causa sui*; e (3) a imbricação entre o político e o simbólico, consubstanciada pela Ideologia." Para mim esses são fundamentos essenciais não só para o que Pêcheux formulou como para a análise que realizo em relação aos textos do SEAD e ao que proponho no último capítulo desta tese.

Abaixo, apresento um quadro-síntese que trouxe sobre Althusser e à metáfora.

Quadro 6 - Síntese de Louis Althusser

Louis Althusser	
LÍNGUA	A língua não recebe um conceito pronto, contudo, para Althusser, ela é de quem se deve sempre desconfiar, logo, a equivocidade é inerente a ela.
SENTIDO	Os sentidos se estabelecem nas relações que o sujeito mantém com a ideologia e no modo como ela o interpela, logo, são instáveis.
METÁFORA	A noção teórica da metáfora, nos textos consultados, não é abordada de forma explícita, no entanto o que traz, principalmente, em relação à ideologia, o sujeito e o inconsciente, este a partir de Lacan, são essenciais para pensar a constituição da metáfora e como os sentidos aí se movimentam.
CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO	"[...] a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos" (ALTHUSSER, 1985 [1918], p. 93) e, nesse caso, interfere nas relações que o sujeito estabelece com os sentidos e, consequentemente, com a metáfora.

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

E, então,

> Como todas as evidências, inclusive as que fazem com que uma palavra "designe uma coisa" ou "possua um significado" (portanto inclusive as evidências da "transparência" da linguagem), a evidência de que vocês e eu somos sujeitos – e até aí que não há problema – é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar. (ALTHUSSER, 1985 [1918], p. 94).

Diante das "evidências da linguagem", neste tópico, fico com o que de mais significativo Althusser trouxe para os estudos discursivos, de maneira especial, a ideologia, o sujeito e os sentidos que aí resistem e se manifestam, sempre em dispersão. Com Althusser e Pêcheux trilhamos um caminho sempre (in)certo e, com certeza, nada evidente.

1.7 JEAN-CLAUDE MILNER: *ALÍNGUA*

> [...] as palavras estão sempre em falta com alguma coisa – ou, ainda: há impossível de dizer. (MILNER, 2012 [1978], p. 69).

Mais um fiozinho, de densa espessura, que manteve relações com os estudos pecheutianos, seja pelas aproximações ou dissonâncias: Milner, linguísta e filósofo. Ele trouxe

contribuições importantes que passaram necessariamente pela Psicanálise e pelo real da língua (*lalangue*), ou seja, lugar da incompletude, uma língua que se dá num espaço sujeito ao equívoco, a uma estrutura prestes a esfacelar-se, porque apresenta imperfeições e é furada. Segundo Leandro-Ferreira (1999), *Lalangue* é um termo francês que se refere ao real da língua e que em português corresponde *alíngua*. Esse termo é um neologismo criado por Lacan em um de seus seminários e que Milner buscou e incorporou as discussões do real da língua. Tfouni, Prottis e Bartijotto (2017, p. 146) trazem a explicação:

> Lacan (1971-72) cria o termo lalangue em seu Seminário "O saber do psicanalista" ao fazer um lapso: queria dizer Laplanche, autor do vocabulário de psicanálise, mas mistura Laplanche com Lalande (dicionário de francês), formando, assim, a palavra lalangue (alíngua). Desse modo, afirma que passará a falar la junto com langue e ressalta que lalangue nada tem a ver com o dicionário, mas, sim, com o inconsciente, que, por sua vez, tem relação com a gramática, com o desejo do Outro e com a repetição. [...] Como afirma Arrivé, (1998), Lacan opera "uma solda ortográfica entre o artigo e o nome" fazendo com que, conseqüentemente, "la langue" (a língua) se torne uma única palavra: "lalangue" (alíngua, ou lalíngua). Tal fato marca a não pertinência dos cortes da análise linguística tradicional.

Para Milner (2012 [1978]), a língua opera entre o possível e o impossível, porque o que está em jogo é o real da língua, uma língua que não é fixa, mas flexível e que comporta o todo e o não-todo, uma língua que se dá na contradição. Nas palavras do autor, "o puro conceito de língua é o de um não-todo marcando lalíngua; ou, ainda, a língua é o que sustenta lalíngua na qualidade de não toda." (MILNER, 2012 [1978], p.28). E, assim, nessa relação com a língua, enquanto estrutura falha, o sujeito se coloca, determinado pelo inconsciente. (LEANDRO-FERREIRA, 1999).

Milner admite as contribuições de Saussure e aponta que já nelas havia o furo, a falta e que a partir dele outros estudos puderam ser efetuados, porém, na ótica milneriana, a língua é muito mais do que uma relação entre significante e significado ou de um signo com os outros em um sistema. Essa combinação é uma possibilidade, e não algo fixo e predeterminado. Nessa articulação, existem mais faltas e ausências do que o contrário, já que o que se observa é a arbitrariedade do signo, conforme admitido pelo próprio Saussure. Saussure fala, ainda, do valor atribuído ao signo, que não se trata apenas do que o circunda, está dentro ou fora, mas do batimento sempre opositivo, isso porque ele é o que o outro não é, em qualquer nível da língua. Importante toda a discussão feita por Gadet e Pêcheux mostrando que o arbitrário está na relação palavra coisa/mundo, e não na relação entre significado e significante. Não é o arbitrário que permite falar da falha na língua.

Para tratar sobre as contradições impostas pela própria língua, Milner (2012 [1978]) apoia-se no equívoco, condição a que todo enunciado está sujeito. Na equivocidade da língua, a possibilidade de um enunciado ser sempre outro e, consequentemente, uma língua que se coloca numa condição polissêmica e não unívoca, uma língua que se abre e não uma língua fechada em si mesma, ou seja, uma língua vista sob a perspectiva do real, incontornável, que não cessa. O que está em jogo é o não-idêntico, o repetível que se coloca de um outro modo e que promove o equívoco que afeta a língua. Desse modo, a língua se coloca nesse jogo, sempre prestes a alterar as regras, porque é equívoca.

É a partir desse real da língua que Gadet e Pêcheux (2004 [1981]) vão pensar que há, também, um real da história e outros conceitos emergem, como a contradição, real, imaginário e impossível, mas ressignificados no quadro teórico da AD, sob uma perspectiva discursiva. O real da história, deixado de fora por Milner, é abordado por Gadet e Pêcheux (2004 [1981]). Para eles, não há como conceber o real da língua separado do real da história, um se manifesta no outro e esse real existe na contradição, pois a língua é constantemente afetada pela história e pelo social. Assim, almejam trabalhar "o real da história como uma contradição da qual o impossível não seria foracluído" (GADET; PÊCHEUX, 2004 [1981], p. 52).

É preciso compreender, a partir de Gadet e Pêcheux (2004 [1981]), que a língua possui uma ordem própria, constantemente subvertida e que esta tem um valor, nos termos de Saussure, contudo este não dá conta em sua teoria da contradição que aí opera, a alíngua. Assim, com Milner isso será possível, visto que vai trazer à tona o real da língua, embora também apresente suas limitações teóricas.

O real da língua é condição para que os efeitos de sentidos aconteçam. Efeitos de não um, do não-todo, já que o real é mesmo o impossível, visto que se lida com uma língua falha e de estrutura fluida. Língua perpassada pela ideologia e pelo inconsciente e que resiste a não linearidade do discurso. Alíngua confere à língua um outro modo de operar, o do não todo, porque nela algo falta e que lhe é constitutivo.

Milner (2012 [1978]) fala do entrelaçamento entre a língua e a falta, e, para ele, é na alíngua o lugar do desejo. Em sua teoria, o sujeito é excluído, visto que ele manifesta o real da língua, o impossível de simbolizar. Já em Pêcheux e Gadet (2004), o real da língua mantém relação com a história e o inconsciente, ou seja, com a falha e com o equívoco. É naquilo que a língua falha e se equivoca que ela rompe. O escape, a falta mexem nos sentidos, desestabilizam a língua e promovem (re)arranjos, outros efeitos de sentidos. O impossível está no equívoco, na história e que Milner considera como simples efeito imaginário, deixando de fora a contradição e a política que aí se manifestam.

De qualquer forma, o caminho aberto sobre o real da língua e as implicações que Milner trouxe foram essenciais para que Pêcheux pudesse pensar esse real do ponto de vista discursivo e a ele inserir outros conceitos importantes. Igualmente, é nesse lugar do equívoco que a metáfora opera e com ela os sentidos, os quais estão sempre abertos e sujeitos a derivas, deslizamentos. Nesse sentido, os estudos de Milner se colocam como feitos fundamentais para que se possa compreender a metáfora e a desestabilização dos sentidos que ela opera na materialidade linguística. Pela sua natureza, a língua não consegue abrigar todos os sentidos possíveis, apenas os contorna, deixando sempre a mostra uma fenda, por onde os sentidos escapam e retornam, nem sempre do mesmo modo. É nesse buraco, no vazio deixado pela língua que a metáfora surge e promove torções de sentidos, efeitos incompletos, pois estão sempre a se inscrever e a deixar outros vazios, isso porque, o "'real da língua' é, portanto, o impossível que lhe é próprio." (GADET; PÊCHEUX, 2004 [1981], p. 52). É justamente no que lhe é impossível, no indizível que está a sua característica mais marcante, numa língua em dispersão e que não se esgota e, ainda, numa língua pensada sobre a dimensão poética.

Pêcheux (2015b [1983]) fala acerca da necessidade de uma língua concebida no que lhe é próprio: a equivocidade, a falta, a heterogeneidade. E, tomando Milner, menciona "nada da poesia é estranho à língua. Nenhuma língua pode ser pensada completamente, se aí não se integra a possibilidade da poesia". (PÊCHEUX, 2015b [1983], p. 50). Ou seja, uma língua que não é só lógica, mas que constantemente deixa os sentidos escaparem, alçando outras dimensões e colocando-os em movimentos imprevisíveis.

Como uma forma de sintetizar os quatro itens que tocam diretamente no que proponho, apresento o quadro de Milner.

Quadro 7 - Síntese de Jean-Claude Milner

Jean-Claude Milner	
LÍNGUA	É o possível e o impossível, o todo e o não-todo.
SENTIDO	O sentido se manifesta no real da língua, no impossível, sentidos abertos a derivas, falhas, deslizamentos. Suscetíveis a se tornarem outros.
METÁFORA	Não traz um conceito específico de metáfora, mas ela é o lugar do equívoco, lugar da poesia e onde os sentidos se manifestam.
CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO	O real da língua.

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Deste modo, o que observo em Milner (2012 [1978]) é que o amor pela/da/na língua é esse amor que não cessa, porque é um amor que toca a *alíngua*, impossível e, ao mesmo tempo, ressoa, deixa rastros, está sempre a fazer (e)feitos.

Como efeito fecho deste primeiro capítulo, posso afirmar que os autores aqui abordados contribuíram com os estudos discursivos, sobretudo, para que Pêcheux pensasse a língua e, consequentemente, os sentidos sob um outro olhar. O olhar de quem está sempre a (des)confiar da/na língua...

2. OS PONTOS DE UMA TEORIA CONSISTENTE: A METÁFORA NA ANÁLISE DO DISCURSO PECHEUTIANA

Como já afirmei, inicio este capítulo na expectativa de tecer os pontos mais belos, mas também os mais difíceis que me propus a fazer e que, durante alguns anos, conduziram meus estudos e, por que não dizer, a minha vida. Eles estão em mim e eu neles. Quantos desafios me lançaram! Quantas descobertas, quantos fios amarrados e outros tantos desatados, nós, pontos tecidos e outros desmanchados, refeitos, mas em cada um deles a marca de um sujeito desejante. Assim, sigo no caminho da Análise do Discurso e com ela tentarei (des/re)fazer os pontos da metáfora por meio de seu grande percursor: Michel Pêcheux.

2.1 MICHEL PÊCHEUX: O DESBRAVADOR DE CAMINHOS

Coloco-me agora diante daquele que, no meu entendimento, (des)fez os pontos mais complexos da teoria que opto e, com certeza, na condição de aprendiz, estou disposta ao desafio que foi posto por mim mesma, pois sei que é com ele que vou dar consistência e beleza ao trabalho que ora se constitui. É necessário aprendê-lo, partindo dos pontos mais básicos até chegar nos mais desafiadores, naqueles que até a agulha tem dificuldade de encontrar o fio e tramá-lo. E, assim, lanço mão do fio teórico e analítico de Michel Pêcheux, contando sobre sua trajetória e sobre a tessitura do discurso proposta por ele.

Pêcheux nasceu em Tours, 1938, e morreu em Paris, 1983. Ele foi um filósofo e fundador da análise do discurso na França, um revolucionário do seu tempo e é “o nosso grande timoneiro” (LEANDRO-FERREIRA, 2016, p. 21), ou, para mim, o desbravador de caminhos e um ponto a ser aprendido.

Em seu percurso, embora tivesse suas teorias, também acolhia aquelas que pudessem contribuir para os estudos discursivos, como apontei no capítulo primeiro desta tese. Soube aproveitar os pontos de outros autores quando esses condiziam com seus pensamentos e com o trabalho que se propunha, mas, igualmente, desfez outros e deu muitos nós, amarrou o que considerava importante, contudo seu trabalho nunca se deu por encerrado. E como legado, deixou a possibilidade de acréscimos de outros fios e pontos ao que iniciou. Da mesma forma, não descartou a retomada daquilo que fora feito para que pudesse ser refeito e/ou desfeito. Aliás, ele mesmo retificou o que observou ser necessário em sua teoria. Assim sendo, a seguir, exponho as principais obras publicadas em seu percurso teórico.

2.1.1 Michel Pêcheux: uma trajetória inacabada

Pego a linha, de densa espessura, faço a laçada e me preparo para fazer o trabalho que representará o caminho daquele que me inspirou até aqui. Então, com o desejo que me habita, inicio o primeiro ponto sobre a Análise do Discurso (AD). Na sequência, apresentarei alguns dos textos e obras de Pêcheux, sobretudo aqueles que, de algum modo, apresentam sua perspectiva sobre o sentido e a metáfora, e a língua na questão do sentido e que, então, contribuirão com esta pesquisa.

A Análise do Discurso aparece nos anos de 1960, na França, num contexto sociopolítico revolucionário, que tem seu ponto alto com Maio de 1968, período de greves e rebeliões que atingem todas as camadas sociais. Segundo Gadet (2014, p. 8), ela surge sob as emergências geográficas e temporal, dominada pelo estruturalismo ainda pouco criticado pela linguística. Nessa época, a AD se apoia sobre o político e para Pêcheux "é impossível a Análise do Discurso sem sua ancoragem em uma teoria do sujeito, tema que também deve ser visto como um lugar problemático, que deve ser constituído." (GADET, 2014, p. 9).

É nesse cenário conturbado da época, o qual se reflete no trabalho de Pêcheux, que ele constrói sua teoria, que, no decorrer do tempo, sofre modificações. Desse modo, alguns conceitos e características iniciais foram repensados, como é próprio daquele que trabalha com o discurso, já que esse está sempre em movimento, ou seja, um trabalho que se (des)faz e (re)faz sempre que necessário, pontos que não cessam.

Para Pêcheux (1998a [1984], p. 58), "a análise de discurso não pretende instituir-se especialista da interpretação, dominando 'o' sentido dos textos, mas somente construir procedimentos que exponham o olhar-leitor em *níveis opacos na ação estratégica de um sujeito*." Destaca que ela é determinada "pelos espaços discursivos não estabilizados logicamente, dependendo dos domínios filosóficos, sociohistórico, político e/ou estético, e, portanto, dos múltiplos registros do cotidiano não estabilizado." Nesse sentido, o desafio que se coloca é o de "*construir interpretações* sem jamais neutralizá-las, nem no 'qualquer coisa' de um discurso sobre o discurso, nem em um espaço lógico estabilizado com pretensão universal." Isto é, a AD propõe os procedimentos de análise, mas cabe ao sujeito expor seu olhar atento sobre a materialidade de análise e dela sempre desconfiar, visto que os sentidos estão nela engendrados.

Com esse perfil, entendo que Michel Pêcheux (1938-1983) se coloca como um desbravador de seu tempo e do atual, já que suas ideias continuam ecoando e mobilizando tantos a segui-lo, mesmo tendo passado tanto tempo. Os caminhos são incertos, porém norteadores e,

talvez, seja justamente isso que atrai, uma teoria que não se coloca como pronta, com um objeto só definido, mas que tem nela presente a interdisciplinaridade, as materialidades e temáticas distintas e um fio teórico consistente capaz de perpassar por entre outras, agregar e conduzir os sentidos em direções diversas.

No Brasil, Eni Orlandi foi incentivadora da teoria pecheutiana, trouxe a teoria, e com ela outros analistas de discurso foram se integrando ao grupo. Ao falar sobre Pêcheux, Orlandi (2015, p. 11) menciona que o político[3] é constitutivo em Pêcheux e é uma das qualidades marcantes nas suas obras, mas não só, pois, a partir dele, "temos um método para pensar a língua, as línguas, as linguagens, os sentidos, os sujeitos, o mundo. Por mais que os positivistas queiram diminuir o tamanho dessa autoria, ela resiste." Tanto resiste que se faz presente. Ainda, segundo a autora, com Pêcheux:

> Mudou o pensamento sobre a linguagem. Fez deslocar-se o quadro das ciências humanas e sociais em sua relação com a linguagem, com o sujeito, com os sentidos. Incômodo. Difícil. Sempre ainda a ser relido. Inacabado. [...] Alarga-se o escopo da reflexão inaugurada pela linguística. Põe-se o acento sobre o processo de significação [...] seus efeitos se espraiaram para as ciências em geral. A partir dele *sabe-se* que nada, nenhum campo de conhecimento, é indiferente à linguagem. (ORLANDI, 2015, p. 12).

Ou seja, um homem para além de seu tempo e eu diria que também do atual. Ao longo de suas obras, reflete, discute, critica, propõe, aceita contribuições e revisa suas teorias. Não tem medo da mudança. O sujeito, a história, a língua, a linguagem e o discurso são algumas das temáticas principais nas suas discussões. Um corajoso e entusiasta que não mediu esforços para expor suas inquietações e que se faz presente por meio da teoria, do legado e de cada analista de discurso que como ele luta e resiste pela linguagem, pelos sentidos em suspensão.

Seus escritos contribuem com os estudos que hoje realizo e de tantos outros, desta forma, trago algumas das obras dele para que se tenha uma dimensão de sua trajetória. Ressalto que são breves sínteses do que ele propunha em cada um dos trabalhos, logo não dão conta, em profundidade, da dimensão de cada uma delas.

A primeira publicação de Pêcheux se deu em 1966, quando, sob o pseudônimo de Thomas Herbert, publica nos *Cabiers pour I'Analyse*, revista do Cercle d' Épistémologie de I' École Normale Supérieure, o texto *Reflexions sur la situation théorique des sciences sociales,*

---

[3] Entendemos político também como Orlandi (2019, p. 26): "[...]como a divisão necessária de sujeitos e sentidos, na sua determinação histórico-social, sujeitos que pensamos na conjuntura capitalista. O político aí se significa por relações simbolizadas de poder que se organizam em termos de significação, pelas relações entre formações discursivas. Não separamos o político das formações ideológicas. [...] o político é da instância da *ordem* do discurso."

spécilement de la psychologie sociale[4]. (HENRY, 2014). Nesse texto, Pêcheux se propõe a articular linguística, materialismo histórico e psicanálise, além de repensar o campo das ciências sociais, voltando a linguagem às práticas históricas e sociais. A subjetivação do sujeito, ideologia e a luta de classe passam a ocupar lugares importantes. Faz uma análise sobre o que é um instrumento científico e, posteriormente, sobre essa base, desenvolve a análise automática do discurso.

Em 1968, sob o mesmo pseudônimo, outro texto era publicado: *Remarques pour une théorie générale des idéologies*, traduzido por Carolina Rodrígues, Eni Orlandi e José Horta Nunes sob o título de *Observações para uma teoria geral das ideologias*. Herbert postula duas observações importantes: as condições em que uma ciência estabelece seu objeto e o processo de "reprodução metódica" de seu objeto, ou seja, momento em que a ciência verifica a necessidade e a consistência do seu discurso.

Enquanto no primeiro texto Herbert critica a concepção da prática científica como continuidade das "práticas técnicas", no segundo, concebe a ideologia como um processo de "dupla face": processo de produção e relações sociais de produção.

Os dois trabalhos publicados sob o pseudônimo de Thomas Herbert contribuíram para instaurar o território da AD: referências explícitas à psicanálise e ao materialismo; noção de discurso que difere dos estruturalistas, pois se introduz a noção de funcionamento (estrutura e acontecimento); e noção de ideologia, relacionada à linguagem, vista não como desvio, mas como o cerne do processo de produção de sentidos. Para Henry (2014, p. 23), "estes dois textos delineiam uma análise sobre as raízes históricas da epistemologia e da filosofia do conhecimento empirista."

O período de 1969 – 1975 foi o tempo das grandes contribuições/ construções. Em 1969, Pêcheux publica *Analyse autmatique du discours*, tese universitária defendida em 1968. A primeira tradução é de 1990 e nova publicação com partes que não estavam na primeira em 2019, feitas por Eni Puccinelli Orlandi e Greciely Costa. Para Santos (2013, p. 215), alguns consideram esta obra um manifesto metodológico, já que prenunciava o que seria a análise de discurso francesa. A Análise Automática do Discurso foi considerada uma máquina discursiva, uma máquina de guerra, ou, usando a metáfora de Henry (2014, p. 38), um "Cavalo de Tróia destinado a ser introduzido nas ciências sociais para provocar uma reviravolta."

A Análise Automática do Discurso foi o polo original, um protótipo remodelado, criticado, mas o esboço de uma teoria do discurso, de um laboratório discursivo que apresentava

[4] Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e especialmente da psicologia social.

a teoria de um objeto novo (o discurso) e dos meios para discerni-lo. Os instrumentos científicos, na ótica de Pêcheux, não são concebidos para dar respostas, todavia para questionar. Assim, o que ele esperava do seu dispositivo era "que ele fosse uma experimentação efetiva". (HENRY, 2014, p. 38). E foi.

De 1971, destaco a publicação de *Langue, 'langage', discours* que faz parte, também, do texto sobre a Semântica e o Corte Saussuriano. Pêcheux critica o que denominou de uma *aplicação metafórica da linguística* a outros domínios, visto que muitas discussões linguísticas surgiram à época, querendo dar conta de "um empreendimento 'de análise geral do inteligível humano'" (PÊCHEUX, 2015c [1971], p. 127) e que o autor vai trabalhar por meio de um outro modo, considerando a língua como base por onde os processos discursivos se constroem, em relação a ela mesma e as relações sociais postas em jogo. Nesse sentido, as outras "linguagens", também têm seu espaço, bastando mudar de terreno e "*se desvencilhar da problemática subjetivista centrada no indivíduo"* (PÊCHEUX, 2015c [1971], p. 127) e concebendo o sujeito em práticas. Logo após essa publicação, mais especificamente dois meses, Pêcheux, em conjunto com Claudine Haroche e Paul Henry, publica o artigo *A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso.* Nesse artigo, há uma intervenção no campo da linguística em torno de Saussure e da Semântica praticada naquele momento e a necessidade da mudança de perspectiva, é reforçada. Nele conceitos importantes para a AD são abordados, como o de formação ideológica (FI) e discursiva (FD) e, deste modo, a mudança de sentido das palavras ao mudarem de FD. Assim, não se precisava mais de uma semântica gramatical ou lexical como até então se propunha, mas uma semântica discursiva, entendida pelos autores como "a análise científica dos processos característicos de uma formação discursiva, [...] que leva em consideração o elo que liga esses processos às condições nas quais o discurso é produzido" (HAROCHE; PÊCHEUX; HENRY, 2007 [1971], p. 27).

Em 1975, Pêcheux publica uma de suas obras mais importantes: *Les vérités de la Palice* que na versão brasileira, traduzida por Orlandi *et al*., recebeu o nome de *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Nessa obra, Pêcheux questiona a relação entre filosofia, semântica e discurso, assim, volta a vários teóricos da época para manifestar seu posicionamento, entre eles, Frege, Saussure, Chomsky, Lacan, Althusser e outros, autores abordados no primeiro capítulo desta tese. A partir dos estudos realizados por eles, sob uma outra perspectiva, não logicista e nem sociologista, propõe a sua teoria do discurso. Leva em conta o processo discursivo e a relação que se estabelece com a ideologia. Vê a língua sob uma nova perspectiva, não fechada em si mesma, mas sujeita a falhas e aos deslizamentos de sentidos, portanto, uma língua incompleta, suscetível a falta que lhe constitui. Uma língua em

que os sentidos são fluídos e dispersos, não fixos, podendo ser sempre outros e que não seguem a uma lógica pré-estabelecida, porém que se dá nas relações, conforme as posições ideológicas em que os sujeitos assumem. Falha que, para ele, mostra justamente a possibilidade da língua, a sua heterogeneidade. Para mim, essa é a sua obra mais importante, embora represente apenas uma parte da reflexão do autor (1975). Mostra um percurso onde Pêcheux "se defrontou com questionamentos, limites e reavaliações que o levaram, com seus escritos posteriores, a precisar certos conceitos, aprofundar alguns e abandonar, provisoriamente, outros." (ORLANDI, 2014, p. 7). Entendo como um movimento natural, já que ele, igualmente, propunha uma teoria que não se colocava como rígida, pronta e acabada, mas em construção e, sobretudo, questionadora. Nesse sentido, compreendo que a obra sedimenta a teoria materialista do discurso e representa o grande legado de Pêcheux, pois a partir dela, tanto a Análise de Discurso quanto outros estudos linguísticos puderam ser (re)pensados.

Em 1977, ganha destaque a publicação realizada junto com Gadet, *Y-a-t-il une voie pour la linguistique hors du logicisme et du sociologisme?*, a qual foi traduzida por Orlandi e se intitula *Há uma via para a lingüística fora do logicismo e do sociologismo*? Nesse texto, Pêcheux e Gadet tentam responder à pergunta que se faz presente no título, já que suas posições apontam para um trabalho materialista em relação à língua, os fenômenos da linguagem e às práticas linguísticas e, para eles, não é pelo logicismo e nem pelo sociologismo que o que propõem se realiza, muito pelo contrário, "conduzem [...] a Linguística a uma situação de crise, a uma espécie de impasse." (PÊCHEUX; GADET, 2015 [1977], p. 296). Ou seja, a teoria materialista do discurso questiona o estruturalismo e o sociologismo da época, causando um descompasso com o que se propunha até então e incomodando os que pensavam diferente. Segundo os autores, a teoria do discurso, por meio das noções de discurso e formação discursiva, constitui uma via possível para desencadear o processo de desubjetivação da teoria da linguagem, mesmo que de forma embrionária, já que permite "pensar a relação de intricação entre língua e formações ideológicas, através da qual, práticas linguísticas tendencialmente antagonistas vêm se desenvolver sobre uma mesma base linguística". (PÊCHEUX; GADET, 2015 [1977], p. 308). Assim sendo, a língua é "a base comum de processos discursivos diferenciados" (PÊCHEUX; GADET, 2015 [1977], p. 309) e o processo discursivo é nomeado como "o sistema das relações de substituição, paráfrases, sinonímias etc. funcionando entre elementos linguísticos – 'significantes' – em uma formação discursiva dada." (PÊCHEUX; GADET, 2015 [1977], p. 309). A língua é o que se tem de mais precioso, não é um acessório e é por ela que os processos discursivos se desenvolvem e significam conforme as formações discursivas onde se inserem.

Em 1978, outros textos são publicados, entre eles *Il n'y a de cause que de ce qui cloche* ou *Só há causa daquilo que falha* que, posteriormente, vai ser o anexo III de Semântica e discurso, texto bastante emblemático e que mostra um Pêcheux convicto da sua teoria, mas, ao mesmo tempo, reconhecedor dos seus limites.

Em *Só há causa daquilo que falha*, Pêcheux inicia o texto falando acerca da questão problemática que envolvia e, ainda, envolve a Tríplice Aliança - Marx, Freud e Saussure. Neste contexto, Pêcheux afirma que toma partido do fogo e achava, naquele momento, que, por essa via da Tríplice Aliança, algo novo poderia nascer, mesmo que para isso precisasse descontruir e fazer ruir o que até então tinha sido construído. Então, segundo ele, é necessário discernir as posições, algumas devem ser abandonadas, enquanto que outras precisam ser defendidas e fortalecidas, porém sob um outro olhar, mas aí reconhece que houve enganos, falhas e brechas nas teorias, dele e de outros, que precisavam ser revisitadas, porque, segundo Pêcheux (2014a [1975], p. 275), "não se deixa jamais um erro dormir impunemente em paz, pois esse será um meio para que ele perdure; é preciso discernir o que falha não por pretender com isso se amparar definitivamente no verdadeiro (!), mas para tentar avançar tanto quanto se possa em direção à justiça." Assim, ao longo do texto, revela algumas inconsistências em relação ao que formulou em sua teoria.

Em relação ao sentido, à língua e à metáfora, noções essenciais desta tese, considera a língua essa estrutura sujeita a falhas, porque está inscrita na história, assim, o sentido é visto como um processo, não uno, admitindo sempre a possibilidade de ser outro e não fechado em si mesmo. Os rituais a que a linguagem se submete estão constantemente expostos ao equívoco, à contradição da língua, visto que esta é opaca, não transparente, logo, os sentidos também não são e é nesse espaço do que desliza, do que rompe que a metáfora se instaura, não só como uma palavra por outra, mas no ritual que se rompe, ou, ao modo de Pêcheux, no ritual que se estilhaça e que está sempre prestes a se estilhaçar, nesse lugar do não lugar, do que não é fixo, mas errante. Ao mesmo tempo, faz pensar nessa força que a língua tem, pela capacidade de desestruturar e reestruturar as redes de sentido num fluxo incessante, portanto, uma *língua inatingível* e sob a qual não se fecham os sentidos e nem se tem controle sobre eles.

Ao final, conclui que não há dominação sem resistência e que ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja. Naquele inverno político europeu, Pêcheux retoma a questão inconciliável do sujeito de cada uma das três concepções - Marxismo, Linguística e Psicanálise – para trazer questionamentos para um campo bastante explorado, porém, ao mesmo tempo, muito questionado: as relações entre ideologia e inconsciente. Visualizo nesse texto um repensar teórico nos conceitos de análise do discurso à luz de elementos que constituem o ritual:

falha, ideologia, assujeitamento e resistência. A partir deles, aborda a não homogeneidade enunciativa e das formações discursivas - FDs, a concomitância da reprodução/ transformação, como o sentido é pensado na sua relação com a metáfora, entre outros.

No ano de 1981 ganham destaque os Anais do *Colloque Matérialités discursives;* a obra *La Langue introuvable;* e o artigo *Effets discursifs lies au fonctionnement des relatives en francais.* A primeira tem parceria de Conein, Courtine, Gadet e Marandin e a segunda de Gadet. A segunda obra, no Brasil, traduzida por Bethania Mariani e Maria Elizabeth C. de Mello, recebeu o nome de *A língua inatingível: o discurso na história da linguística*. Essa "aborda a relação entre história, ideologia e discursividade, bem como a questão da *língua*, da maneira como ela é considerada pelos linguistas profissionais." (PÊCHEUX; GADET, 2015 [1981], p. 93). Retomam autores importantes da linguística que estão no entorno da AD para, na maioria das vezes, questionar parte da teoria, como o fazem com Saussure e Chomsky, grande parte do livro dedicado ao que esses propuseram e a nova visão que, agora, Pêcheux e Gadet almejavam. Ou, ainda, nas palavras de Gadet,

> [...] buscamos questionar a posição estratégica do mestre da língua que busca controlar um mundo de enunciados por meio de um processo de enunciação. Contra o narcisismo da comunicação bem-sucedida, tentamos afirmar o valor poético e histórico da falha. (PÊCHEUX; GADET, 2015 [1981], p. 105).

Conforme já dito, uma língua sob um outro prisma ou, usando as palavras do título do livro, uma língua inatingível, com furos e falhas, uma língua que é equívoca e como tal (des)regula os sentidos. Nesse sentido, posicionam-se pela *lalíngua*, porque tudo ela não pode dizer, nem o todo do sentido pode abarcar, pois a língua é concebida no seu real, no impossível, visto que está sempre a escapar.

Em 1983, Ideology: fortress or paradoxical space, Ideologie – Festung oder paradoxer Raum? e Rôle de la mémoire, este apresentado num colóquio, são os textos publicados, sendo o último traduzido no Brasil por José Horta Nunes sob o título de *Papel da memória.*

No primeiro texto, *Ideologia – aprisionamento ou campo paradoxal?*, Pêcheux se propõe a pensar como "o 'socialismo existente' inscreve sua relação na história do desenvolvimento do capitalismo". (PÊCHEUX, 2015c [1983], p. 107). O que observa é como o sujeito se submete às formas ideológicas e às contradições presentes no discurso político. Ainda, diferencia "reprodução" de "reprodução do mesmo", para dizer que os processos de reprodução ideológicos também sejam abordados como um lugar de *resistência múltipla*, ou seja, local do "imprevisível contínuo, porque cada ritual ideológico continuamente se depara

com rejeições e atos falhos de todos os tipos, que interrompem a perpetuação das reproduções" (PÊCHEUX, 2015c [1983], p. 115).

Pêcheux argumenta sobre a necessidade de se assumir riscos e de se questionar sobre as verdades, e menciona: "vale a pena refletir sobre esses processos ideologicamente heterogêneos, contraditórios, assimétricos e deslocadores, considerando-os relacionados a transformações práticas," e que se fazem presentes "nas formas sócio-históricas da subjetividade, nos métodos organizacionais das lutas, na percepção dos acontecimentos e nos registros da discursividade" (PÊCHEUX, 2015c [1983], p. 118), ou seja, em todos os processos discursivos. E termina dizendo que "Não existe um 'Jogo de todos os jogos'." (PÊCHEUX, 2015c [1983], p. 119). Ou seja, a cada jogo há novas jogadas, imprevisíveis, pois a língua é heterogênea e como tal se submete aos processos que estão em curso, também, heterogêneos e revestidos de suas implicações.

Em *Papel da memória,* texto apresentado no Colóquio sobre História e Linguística, realizado em Paris, em abril de 1983, Pêcheux discute como o papel da memória permitiu "abordar as condições [...] nas quais um acontecimento histórico [...] é suscetível de vir a se inscrever na continuidade interna, no espaço potencial de coerência próprio de uma memória" (PÊCHEUX, 2015a [1983], p. 43). Logo, a memória não deve ser entendida como "'memória individual', mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador", ou seja, não é condição meramente cognitiva das funções cerebrais, todavia efeito da discursividade, do simbólico, do mítico e da significação, memória que pode se atualizar.

Sur les contexts épistémologiques de l'analyse de discourse foi publicado em março de 1984 na Revista *Mots*. Nas traduções brasileiras de Eni Puccinelli e, também, Ana Maria Dischinger e Heloisa Monteiro Rosário recebeu o nome de *Sobre os contextos epistemológicos da Análise de Discurso*. Nesse texto, Pêcheux trata das pretensões da AD e diz que ela não quer acabar com os conflitos que permeiam a linguagem, pois já bastam os problemas que cercam a própria AD. Também, não há como acabar, visto que a língua da AD trabalha com o que lhe é real e esse é mesmo o impossível, o que não cessa. Contudo fala da necessidade de se construir interpretações sem neutralizá-las e nem considerar os espaços lógicos estabilizados, mas as outras possibilidades. Aborda os efeitos da noção de discurso na sua relação com a história e, ainda, a noção de sujeito.

Sua última obra foi *Le discours: structure ou événément?*, texto originalmente apresentado em 1983 na conferência "Marxismo e Interpretação da Cultura: Limites, Fronteiras, Restrições, na Universidade De Illinois Urbana – Champaign de 08 a 12 de julho de 1983. Após

sua morte, foi traduzido por Orlandi sob o título de *O discurso: estrutura ou acontecimento.* Nessa obra, o autor aborda a discursividade, como estrutura ou acontecimento e a tensão entre descrição e interpretação na AD. Traz, igualmente, a relação entre os universos logicamente estabilizados e o das formulações equívocas. Reflete a respeito da história, do marxismo, sobre a materialidade da linguagem e questiona o "mundo semanticamente normal" (ORLANDI, 2015, p. 9).

Em relação à discursividade como estrutura ou acontecimento, Pêcheux diz que "o gesto que consiste em inscrever tal discurso dado em tal série, a incorporá-lo a um "*corpus*", corre sempre o risco de absorver o acontecimento desse discurso na estrutura da série", pois "tende a funcionar como transcendental histórico, grade de leitura ou memória antecipadora do discurso em questão." (PÊCHEUX, 2015b [1983], p. 55). Menciona, ainda, que a noção de formação discursiva, algumas vezes, tomou um caminho equivocado e faz uma autocrítica, porque, segundo ele, "derivou [...] para a ideia de uma máquina discursiva de assujeitamento dotada de uma estrutura semiótica interna e por isso mesmo voltada à repetição", assim, "esta concepção estrutural da discursividade desembocaria em um apagamento do acontecimento, através de sua absorção em uma sobreinterpretação antecipadora". (PÊCHEUX, 2015b [1983], p. 55). E isso não era o objetivo, longe de uma máquina discursiva e do apagamento do acontecimento, Pêcheux revelou um sujeito assujeitado, não origem, mas, ao mesmo tempo, uma língua sujeita a uma estrutura suscetível e capaz de promover o acontecimento, logo, o discurso é estrutura e acontecimento.

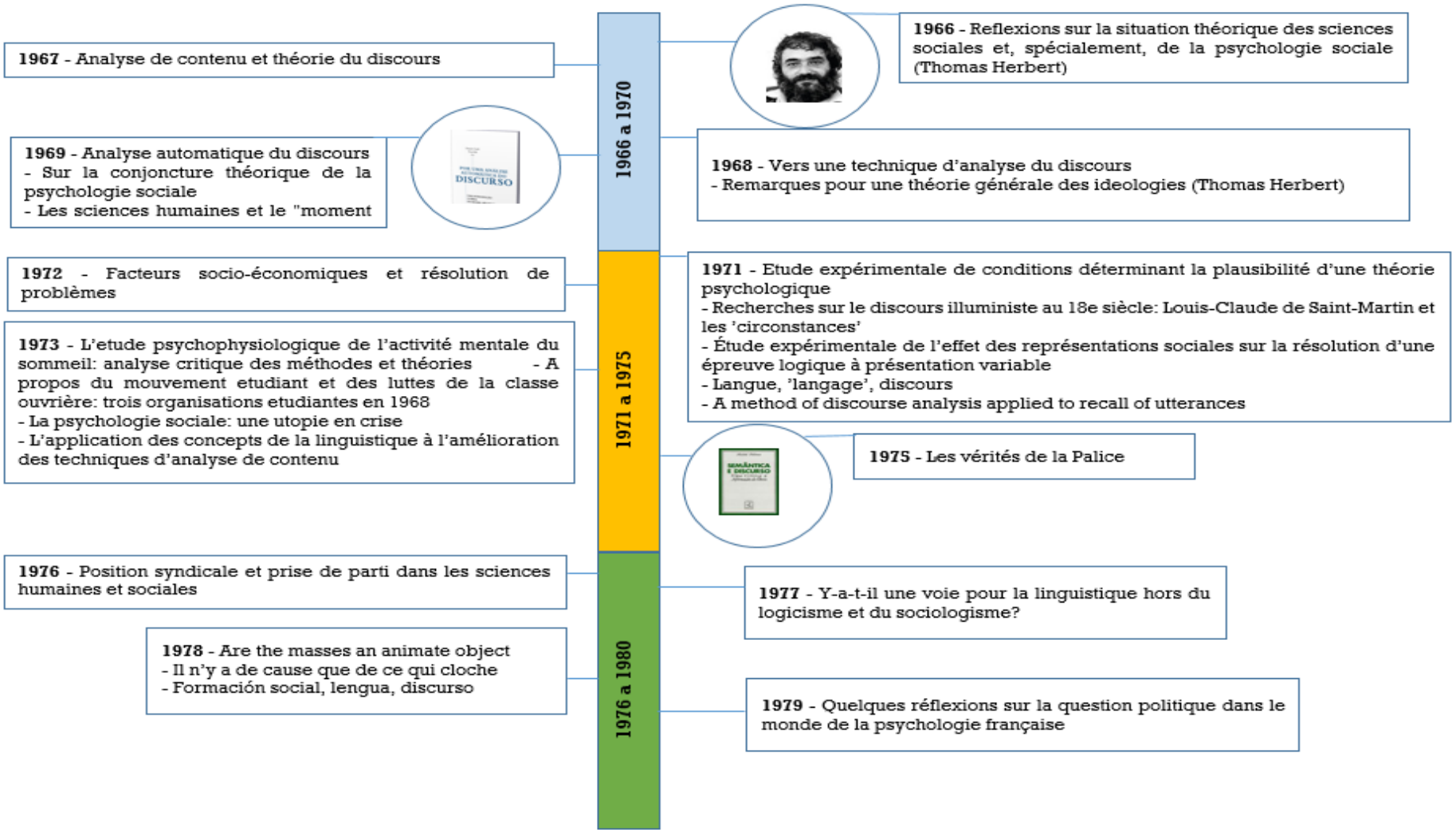
Ao pensar essa língua equívoca, Pêcheux propõe que *há um real da língua* e que este é o ponto nodal de todo aquele que trabalha com a análise de discurso. Nesse sentido, cabe dizer que é o real da/na língua sob o qual não se tem controle, porque não cessa, mas que insiste em se manifestar, um real que, segundo Pêcheux (2015b [1983], p. 43) é "(...) constitutivamente estranho à univocidade lógica, e um saber que não se transmite, não se aprende, não se ensina, e que, no entanto, existe produzindo efeitos." Ou seja, um real que está fazendo furo na língua e que é preciso, a todo analista, suportar, já que o todo dela não se pode ter, mas justamente o contrário, o não todo, a opacidade, um real que é inominável, no entanto faz efeitos. É este real da língua que interessa ao analista de discurso, a língua falha, a língua que não se fecha a um sentido, mas se abre para as possibilidades, porque há ali um real operando. Real equívoco, sempre, porém real da língua que propicia pontos de deriva, isto é, o sentido se abre para efeitos de sentidos possíveis podendo serem outros. Pontos de derivas que se oferecem ao analista no gesto de interpretar e que, portanto, precisa estar com olhar vigilante, com os ouvidos atentos. O real da/ na língua é o que importa, sentidos não presos à estrutura de uma dada materialidade

linguística, mas sentidos fluidos, dispersos, em curso, no movimento que a própria língua conduz. Igualmente, no batimento entre estrutura e acontecimento, entre descrição e interpretação, práticas que se constituem mutuamente, indissociáveis e, então, sentidos que vão e vem, em deriva, nunca o todo.

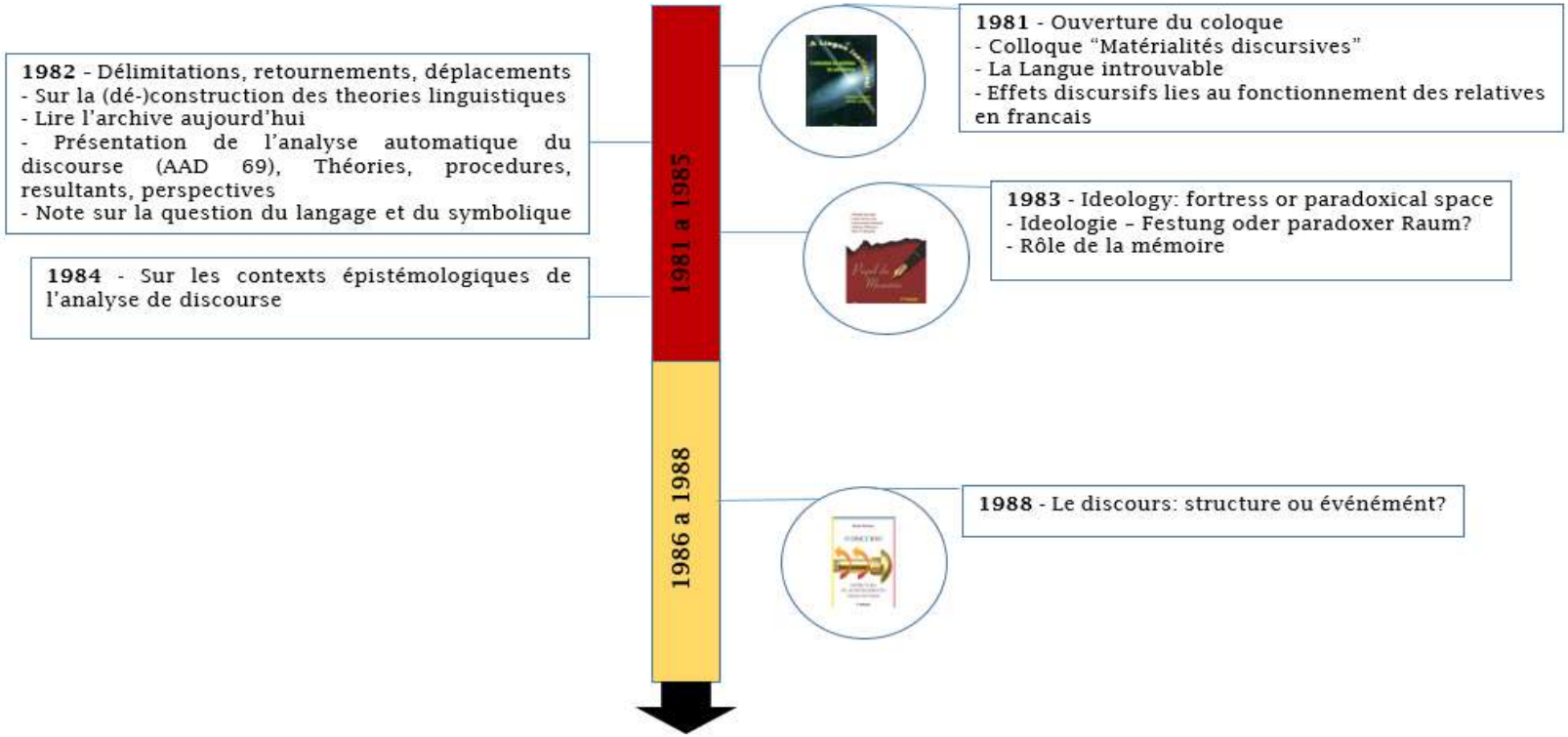
Diante da análise da materialidade linguística, para terminar, Pêcheux (2015b [1983]) toca na questão da responsabilidade ética e política, implicadas numa prática, numa posição assumida frente ao trabalho da interpretação. Responsabilidade que entendo essencial num trabalho de leitura e análise. Importante mencionar que há limites, que tudo não se pode abarcar, pois a própria língua admite esse impossível, assim, "há 'coisas a saber' (conhecimentos a gerir e a transmitir), isto é, descrições de situações, de sintomas e de atos (a efetuar ou evitar) associados às ameaças multiformes de um real do qual 'ninguém pode ignorar a lei' — porque esse real é impiedoso". (PÊCHEUX, 2015b [1983], p. 34). Para acrescentar, eu diria, muito impiedoso, mas que, contraditoriamente, ao expor a materialidade da língua, faz com que ela mesma se abra para o não fechamento dos sentidos.

A fim de ilustrar, didaticamente, o percurso de Pêcheux, apresento, na sequência, as obras do autor aqui citadas, entre outras, contudo a imagem não tem a pretensão de segmentá-las, já que elas se constituem, para mim, analista de discurso, obras para todo o tempo.

Figura 6 - Linha do tempo das obras de Pêcheux



Continua



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.[5]

[5] Pêcheux morreu em 1983. Após a sua morte, outras obras foram publicadas, entre elas: "Sur les contexts épistémologiques de I'analyse de discourse" e "Le discours: structure ou événémént?" A primeira em 1984 e a segunda em 1988, esta foi apresentada na "Conferência 'Marxismo e Interpretação da Cultura: Limites, Fronteiras, Restrições' na Universidade de Illinois Urbana-Champaign, de 8 a 12 de julho de 1983." (PÊCHEUX, 2015b [1983], p. 11).

A obras de Pêcheux refletem as fases pelas quais passou a AD na França. Em *A análise de discurso: três épocas (1983),* Pêcheux denomina a primeira fase da AD como aquela dedicada à "exploração metodológica da noção de maquinaria discursivo-estrutural." Assim sendo, a posição teórica assumida, neste momento, é de que "um processo de **produção discursiva** é concebido como uma **máquina autodeterminada** e **fechada** sobre si mesma"[6], o sujeito é um "**sujeito-estrutura**", o qual "determina os sujeitos como produtores de seus discursos: os sujeitos acreditam que "utilizam" seus discursos quando na verdade são seus "servos" assujeitados, seus "suportes." Ainda nessa perspectiva, a **língua** é **natural** e "constitui a base invariante sobre a qual se desdobra uma multiplicidade heterogênea de processos discursivos justapostos." (PÊCHEUX, 2014b [1969], p. 307, grifo nosso).

Assim, na primeira fase ou AD1, Pêcheux considera o procedimento discursivo como uma máquina discursiva, os discursos eram homogêneos e o sujeito servo, origem do dizer, resultado da percepção estruturalista da época. Nessa fase, o foco principal é o discurso político. O que pretendia Pêcheux era criar um dispositivo informático capaz de realizar a "análise automática do discurso", ou seja, por meio de mecanismos automáticos seria possível depreender elementos discursivos e estruturais em suas análises, tomava-se como base a palavra e, depois, a sintaxe da língua (SANTOS, 2013).

Nas palavras de Pêcheux, o que a AD1 supunha, eram dois gestos:

> - Reunir um conjunto de traços discursivos empíricos (*corpus* de sequências discursivas") fazendo a hipótese de que a produção desses traços foi, efetivamente, dominada por uma, e apenas uma, máquina discursiva (por exemplo, um mito, uma ideologia, uma episteme).
> - Construir a partir desse conjunto de traços e através de procedimentos linguisticamente regulados, o espaço da distribuição combinatória das variações empíricas desses traços: a construção efetiva desse espaço constitui um gesto epistemológico de "ascensão" em direção à estrutura da máquina discursiva que supostamente as engendrou. (PÊCHEUX, 2014b [1969], p. 308).

Então, o que se pretendia era mesmo uma máquina, capaz de reunir traços, características do objeto de análise, que esses se aplicassem a outros e que, no final, fossem capazes de dar uma resposta, uma "interpretação".

Desde o início, lá na Análise Automática do Discurso – AAD 69 (PÊCHEUX, 2014b [1969]), sua obra tem influência do materialismo histórico e passa a criticar a noção de língua concebida por Saussure, ou seja, uma língua entendida de forma convencional, fixa e homogênea, que separa língua e fala, exclui a exterioridade. Assim, seu desejo era rearticular

[6] Presença da metáfora na obra de Pêcheux, não só como noção teórica, mas também como modo de dizer a própria Análise do Discurso.

o que o “corte saussuriano” havia separado e excluído, desembaraçadas de suas implicações subjetivas. Então, dedica-se aos estudos das noções da linguística e dos processos discursivos, tentando mostrar as singularidades da língua e do discurso a partir de sua teoria materialista, concebida por meio dos aspectos linguístico, histórico e ideológico. Desta forma, na AD 69, Pêcheux busca em Saussure aquilo que precisava ser repensado em relação à língua e inclui o que lhe fora deixado de fora. Para Pêcheux, “ao invés de negar a estrutura da língua, deve-se reconhecer a importância do *corte saussuriano* (a tomada de posição epistemológica que funda a *língua [langue]* como objeto da linguística).” (BARBOSA FILHO, 2017, p. 159). E isso é fundamental para se diferenciar as teorias que pensam a linguagem sob o viés do social e do que será proposto por Pêcheux.

Para Pêcheux, uma teoria do discurso é postulada, enquanto teoria geral da produção dos efeitos de sentidos, pensada a partir das práticas discursivas, que não será nem o substituto de uma teoria da ideologia, ao modo de Althusser, nem o de uma teoria do inconsciente, conforme Lacan, mas poderá interferir nesses campos. Os postulados de Althusser sobre a ideologia e de Lacan sobre o inconsciente são fundamentais, porém não é apenas um ou outro e nem as substituirá. Pêcheux mostra a relação entre ideologia e inconsciente e as contribuições que esses conceitos trarão para a análise do discurso e vice-versa. Pêcheux se vale dos conceitos postulados pelos autores, todavia, em relação à ideologia, trabalha os efeitos de sentido que ela exerce sobre o sujeito e, consequentemente, sobre a produção dos enunciados. Nesse sentido, o sujeito, interpelado ideologicamente de modo inconsciente, é assujeitado à ideologia. O discurso, para ele, não se confunde com o discurso empírico, sustentado por um sujeito, visto que considera as condições de produção onde a materialidade linguística se dá e se manifesta a ideologia, logo efeitos de sentidos diversos, conforme a formação discursiva em que o sujeito se insere. Mais tarde, quando Althusser revê sua tese e passa a entender que a interpelação dos indivíduos em sujeito se dá pelas formações ideológicas, inseridas na história, na luta de classes e com a resistência dos indivíduos, Pêcheux, também, passa a considerar os efeitos da luta de classes nas práticas discursivas e que o inconsciente é um elemento dessa resistência.

Em 1975, Pêcheux articula linguística, materialismo histórico e psicanálise e “busca estabelecer uma ligação entre ideologia, discurso e subjetividade”, assim, passa a compreender “o indivíduo como sujeito “capturado”, ou seja, sujeito de uma formação social que se reconhece como sujeito por práticas no interior de formações ideológicas, referendadas por meio de formações discursivas.” (SANTOS, 2013, p. 218). Para a autora, incorporam-se os

conceitos de formação discursiva e interdiscurso na AD, conceitos que serão abordados ainda neste capítulo, e as máquinas discursivas passam a ser foco dos estudos.

Contudo, Pêcheux (2014b [1969], p. 308, grifos meus) vai salientar que os procedimentos utilizados nessa primeira fase tiveram consequências:

> - O **ponto de partida** de uma AD-1 é um ***corpus* fechado** de sequências discursivas, selecionadas [...] num espaço discursivo supostamente dominado por ***condições de produção* estáveis e homogêneas.** [...]
> - A análise linguística de cada sequência é um *pré-requisito* indispensável para a análise discursiva do *corpus*: a **análise linguística** é considerada como uma **operação autônoma**, efetuável exaustivamente e de uma vez por todas. Ela supõe a **neutralidade** e a **independência discursiva da sintaxe**; ela é **opaca** em relação à enunciação e às restrições subjacentes ao fio do discurso [...]
> - A **análise linguística** do *corpus* consiste principalmente em detectar e em **construir sítios de identidades parafrásticas intersequenciais** [...] tais identidades parafrásticas formam o lugar de inscrição de *proposições de base* [...]
> - "A **interpretação**" consiste em reinscrever o resultado desta análise no espaço discursivo inicial, como **"resposta"** às questões que tematizam esse espaço [...]

Embora todo o esforço de Pêcheux, a "AD-1 é um procedimento por etapa, com ordem fixa, restrita teórica e metodologicamente a um começo e um fim predeterminados, [...]as 'máquinas' discursivas constituem unidades justapostas." Igualmente, "a existência do *outro* está pois subordinada ao primado do *mesmo*." (PÊCHEUX, 2014b [1969], p. 309). De qualquer modo, mesmo que com restrições, a AD1 se pôs como algo bem diferente das teorias linguísticas até então e, à medida que avançou, seus postulados foram se reconfigurando, visto que Pêcheux também nunca a colocou como algo acabado e pronto, e não é até hoje.

A segunda fase da AD ou a fase "da justaposição dos processos discursivos à tematização de seu entrelaçamento desigual", as relações entre as "máquinas" discursivas estruturais são consideradas "relações de força desiguais entre os processos discursivos, estruturando o conjunto por "dispositivos" com influência desigual uns sobre os outros." (PÊCHEUX, 2014b [1969], p. 310). Deste modo, "a noção de *formação discursiva*, começa a fazer explodir a noção de máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu 'exterior'."

Então, a AD2 é caracterizada, sobretudo, pelas formações discursivas, conceito central para Pêcheux e que, posteriormente, vai passar por reformulações a partir da articulação entre memória, história e FD. Por meio do conceito de formação discursiva e da sua reconfiguração, Pêcheux trabalha a regularidade e a instabilidade dos sentidos do discurso. Aqui, diferentemente da fase anterior, começa-se a perceber que as FDs são construídas por outras formações e que há outros conceitos a serem considerados como, por exemplo, o interdiscurso. Assim, "a noção de *interdiscurso* é introduzida para designar "o exterior específico" de uma FD enquanto este

irrompe nesta FD para construí-la em lugar de evidência discursiva, submetida à lei da repetição estrutural fechada [...]" (PÊCHEUX, 2014b [1969], p. 310).

O conceito de sujeito, embora ainda disperso, assujeitado, não tem um caráter livre, mas submetido a uma formação ideológica, logo, traz consigo as posições a qual se filia.

O que se observa, como diz Pêcheux, é que a

> [...] AD2 obriga a descobrir os pontos de confronto polêmico nas fronteiras internas da FD, as zonas atravessadas por toda uma série de efeitos discursivos, tematizados como efeitos de ambiguidade ideológica, de divisão, de resposta pronta e de réplica "estratégicas"; no horizonte desta problemática aparece a ideia de uma espécie de vacilação discursiva que afeta dentro de uma FD as sequências situadas em suas fronteiras, até o ponto em que se torna impossível determinar por qual FD elas são engendradas. (PÊCHEUX, 2014b [1969], p. 310).

Neste momento da AD, a noção de maquinaria discursiva é posta em xeque e, com ela, a de formação discursiva, visto que se percebe outras possibilidades de análise linguística, mecanismos mais dinâmicos e porque se compreende que o discurso não pode ser visto sob a perspectiva de uma maquinaria, sob uma estrutura lógica, estável e homogênea. O discurso é movimento, assim, é chegado o momento de se pensar em novos procedimentos para a AD, fase da AD3, da desconstrução da maquinaria discursiva e, sobretudo, de muitos pontos de interrogação. (PÊCHEUX, 2014b [1969]).

Alguns pontos são fundamentais nessa fase:

1) "O primado teórico do *outro* sobre o *mesmo* se acentua" e põe em jogo/ crise a máquina discursiva estrutural, assim, é hora "de novos algoritmos enquanto 'máquinas paradoxais'". (PÊCHEUX, 2014 b [1969], p. 311).
2) Os procedimentos adotados até então, com fixidez e seguindo a uma ordem pré-estabelecida, não mais cabem. Há "desestabilização das garantias sócio-históricas que se supunha assegurar *a priori* a pertinência teórica e de procedimentos de uma construção empírica do *corpus* refletindo essas garantias." E, também, percebe-se "interação cumulativa conjugando a alternância de momentos de *análise linguística* [...] e de momentos de *análise discursiva*". Essa interação pressupõe "a incessante desestabilização discursiva do "corpo" das regras sintáticas e das formas 'evidentes' de sequencialidade". Assim sendo, "supõe a *reinscrição dos traços destas análises parciais no próprio interior do campo discursivo analisado enquanto corpus*," o que leva a uma "reconfiguração deste campo, [...] a uma nova fase de análise linguístico-discursiva". (PÊCHEUX, 2014b [1969], p. 311-312).

3) As pesquisas a respeito de "encadeamentos intradiscursivos – "interfrásticos" - permite à AD3 abordar o estudo da *construção* dos objetos discursivos e dos acontecimentos, e também dos "pontos de vista" e lugares enunciativos no fio intradiscursivo". Além disso, "a questão da heterogeneidade enunciativa conduzem [...] a tematizar [...] as formas linguístico-discursivas do *discurso-outro*".

A terceira fase da AD é da desconstrução da maquinaria discursiva e novas configurações são almejadas. O sujeito é considerado heterogêneo, clivado e dividido. É caracterizada pelo interdiscurso, e Pêcheux vai considerar que o sentido existe em relação metafórica, de transferência, uma vez que o sentido da palavra não está ligado à sua literalidade, mas se estabelece nas formações discursivas, e o interdiscurso está articulado ao complexo das formações ideológicas.

Nessa fase, Pêcheux vai dizer que a FD não é uma máquina estrutural fechada, pois constantemente é invadida por saberes de outros lugares, por isso que dizemos hoje que ela possui fronteiras porosas. Já sobre o pré-construído é considerado o ponto de apreensão do interdiscurso e o intradiscurso é o fio do discurso do sujeito falante, ou seja, um efeito do interdiscurso sobre si mesmo, uma interioridade, conceitos esses que serão abordados de forma detalhada no item 2.2 quando trato dos caminhos da metáfora e os conceitos imbricados a ela.

Ainda nessa fase, Pêcheux passa a refletir sobre os aparelhos ideológicos, que tanto podem se prestar à reprodução quanto à transformação das relações de produção. A figura a seguir retrata as fases da AD e suas principais caraterísticas.

Figura 7 - Fases da AD

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

E hoje, no Brasil, que AD se tem? Em que fase se está? Diria que a AD vivenciada pelos analistas de discurso reflete todo o percurso do nosso desbravador, mas não só, pois outros desbravadores foram sendo incorporados nesse caminho iniciado por Pêcheux e que fizeram e fazem toda a diferença. Desbravadores que não só reproduziram as ideias do mestre, mas as transformaram, dialogaram com outras áreas do conhecimento e que fizeram suas análises nos mais distintos tipos de materialidades, discursos de todos os tipos e em permanente movimento. Embora todas as questões teóricas que trago tenham sido postas por Pêcheux, é uma AD que se (re)configura no diálogo com as distintas materialidades e com teóricos do campo discursivo e, igualmente, de outras áreas, uma AD preocupada com o discurso de si, com o discurso-outro e com o discurso-Outro; com um sujeito cada vez mais heterogêneo, clivado, dividido, barrado, desejante, um sujeito e-feito; com um corpus aberto e incompleto a outras visões e posicionamentos; uma análise que se faz a cada discurso, logo sempre pode assumir um viés outro, dinâmica, inacabada; com conceitos que surgem e outros que se atualizam e sofrem ressignificações; portanto, uma AD em (des)construção permanente, construída a muitas mãos. No Seminário de Estudos em Análise do Discurso (SEAD), 2021, um pouco dessa AD nova pôde ser visualizada. Novas temáticas e discussões são inseridas a cada edição, como, por exemplo, raça, gênero, campo, floresta, cidade, tecnologias. O que observo é uma AD em movimento incessante com objetos discursivos cada vez mais paradoxais. Então:

Figura 8 - AD hoje

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Após discorrer sobre o percurso trilhado por Pêcheux, na sequência, abordo as suas contribuições para as questões sobre a metáfora, conceito-chave desta tese.

2.1.2 Michel Pêcheux e o percurso da metáfora

> As dificuldades tinham começado com a confusão entre parafuso, rosca e porca. Todos sabem, entretanto, que o sistema de base genérico-sexual da tecnologia elementar implica, como princípio estrutural, que as roscas e porcas se casam.
> (PÊCHEUX, 2015b [1983], p. 15).

Até aqui, acrescentei, pouco a pouco, pontos ao trabalho, ora mais simples e ora mais complexos, cada um guardando em si a espessura do fio que carregava. Mas agora é diferente, o ponto mais complexo precisa ser feito: o da metáfora, o ponto que dá sentido, aliás, ele é o próprio sentido. Assim, construo o percurso deste conceito em Pêcheux que já nos primeiros textos deu à metáfora um lugar especial. Naquele momento, a metáfora já era considerada o cerne do processo de produção de sentidos e não um desvio. Ao longo da trajetória teórica de Pêcheux, ela ganhou ainda mais força. As noções de metáfora e metonímia são ressignificadas por meio do trabalho do efeito metafórico, e a história e a ideologia também ganham importância.

Em *Observações para uma teoria geral das ideologias*, Pêcheux, sob o pseudônimo de Thomas Herbert, aborda a questão da semântica e da sintaxe para tratar das ideologias empíricas e especulativas, sendo a primeira uma ideologia com dominância metafórica semântica e a segunda, ideologia com dominância metonímica sintática. Então, para Pêcheux/Herbert (1995 [1968], p. 71),

> [...] a *forma empírica* concerne a relação de uma significação e de uma realidade, enquanto que a *forma especulativa* concerne a articulação de significações entre si, sob a forma do discurso. [...] a forma empírica da ideologia coloca em jogo uma *função semântica* – a coincidência do significante com o significado -, enquanto que sua forma especulativa coloca em jogo uma *função sintática* – a conexão de significantes entre si.

Em Pêcheux, uma das utilidades de postular a existência de uma oposição entre essas ideologias – ideologia de forma metafórica semântica e de forma metonímica sintática – é que ela pode levar a compreender a diferença entre "comportamento ideológico" e "discurso ideológico". Nesse sentido, inicia essa distinção partindo de Althusser, o qual diferencia formas práticas e teoria das ideologias em que essa leva em conta a história das formações sociais, logo, os modos de produção que aí se estabelecem bem como as lutas de classes que se desenvolvem

dentro delas e aquelas às formas práticas como a ideologia, que possui existência material, se materializa em um aparelho (ALTHUSSER, 1985 [1918], p. 82 -89). No entanto Pêcheux vai além do que propõe Althusser, abordando a ideologia pelo viés da linguagem e permitindo entender que essa sistematização teórica consiste em uma dominância sintático-metonímica. A partir da distinção entre essas ideologias, Herbert (1995 [1968], p. 76) resume o seu pensamento por meio de um quadro:

Quadro 8 - Resumo do pensamento de Herbert

Forma da ideologia	*Forma empírica "A"*	*Forma especulativa "B"*
conceitos ideológicos nos quais a ideologia se reflete	"função do real" "relação de objeto"	"função de reconhecimento" "comunicação-controle social"
processo específico	processo metafórico de substituição do significado pelo significante	processo metonímico de conexão do significante ao significante
dominância do efeito	efeito com dominância semântica	efeito com dominância sintática
indicação dos conceitos teóricos destinados a um papel determinante	prova da realidade	identificação

Fonte: Herbert, 1995 [1968], p. 76.

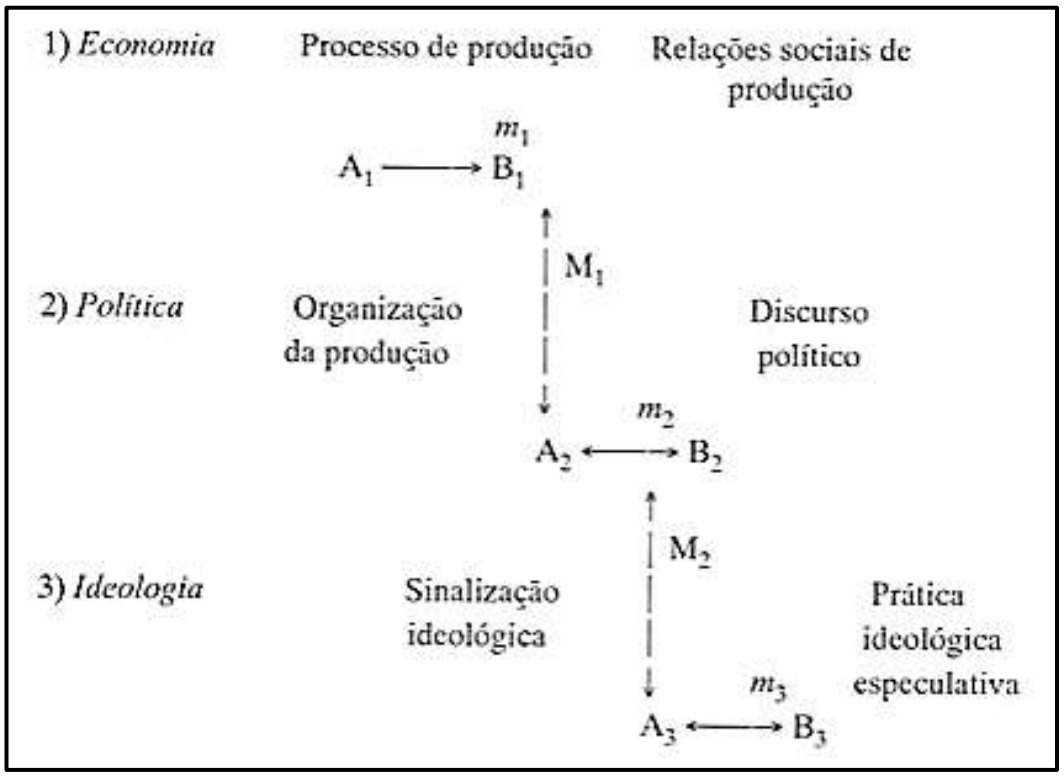
E, a partir do que postula, enuncia dois princípios: dualidade e desigualdade. No princípio da dualidade, a ideologia funciona de acordo com duas modalidades: dominância metafórica semântica e dominância metonímica sintática e que, para o autor, "só uma é dominante no interior de uma forma ideológica dada". (HERBERT, 1995 [1968], p. 76). Assim, os gestos-falas se referem à ideologia de forma metafórico-semântica e as instituições-discursos à ideologia de forma metonímico-sintática. Segundo ele, essa oposição permite diferenciar comportamento ideológico e discurso ideológico (HERBERT, 1995 [1968], p. 79) e que podem ser pensados em níveis: semântico, sintático e retórico. Assim,

> a. Nível semântico fornecendo o recorte fundamental da "realidade" em elementos sintagmáticos mínimos separáveis.
> b. Nível sintático contendo as leis de combinação dos elementos sintagmáticos, sob a forma de um repertório de operadores suscetíveis de produzir combinações.

> c. Nível retórico suscetível de produzir efeitos de conhecimento ideológico de forma “A” e “B”, por meio da metáfora e da metonímia. A combinação variada dessas diferentes instâncias permite dar conta da diferença e da relação existente entre o comportamento religioso ritual e o discurso religioso (ou teologia), entre o comportamento moral prático e a teoria moral etc.

Ao tratar desses níveis, sobretudo no retórico, Pêcheux propõe a ideologia em dois eixos: horizontal e vertical. No primeiro, tem-se a metonímia e no segundo a metáfora, os quais “dão conta dos deslocamentos da ideologia”. Diz que “os comportamentos econômicos, políticos, morais, religiosos etc. se metaforizam entre si (isto é, se emprestam elementos uns aos outros), enquanto que o discurso teórico metonimiza as formas especulativas da política, da moral e da teologia”. (HERBERT, 1995 [1968], p. 79). A fim de explicar essa relação, Pêcheux propõe um esquema, onde M1, M2 e M3 representam o deslocamento metafórico; m1, m2 e m3 o efeito metonímico; e A1, A2, A3, B1, B2 e B3 correspondem aos semantemas, que se relacionam entre si.

Figura 9 - Esquema dos processos metonímicos e deslocamentos metafóricos



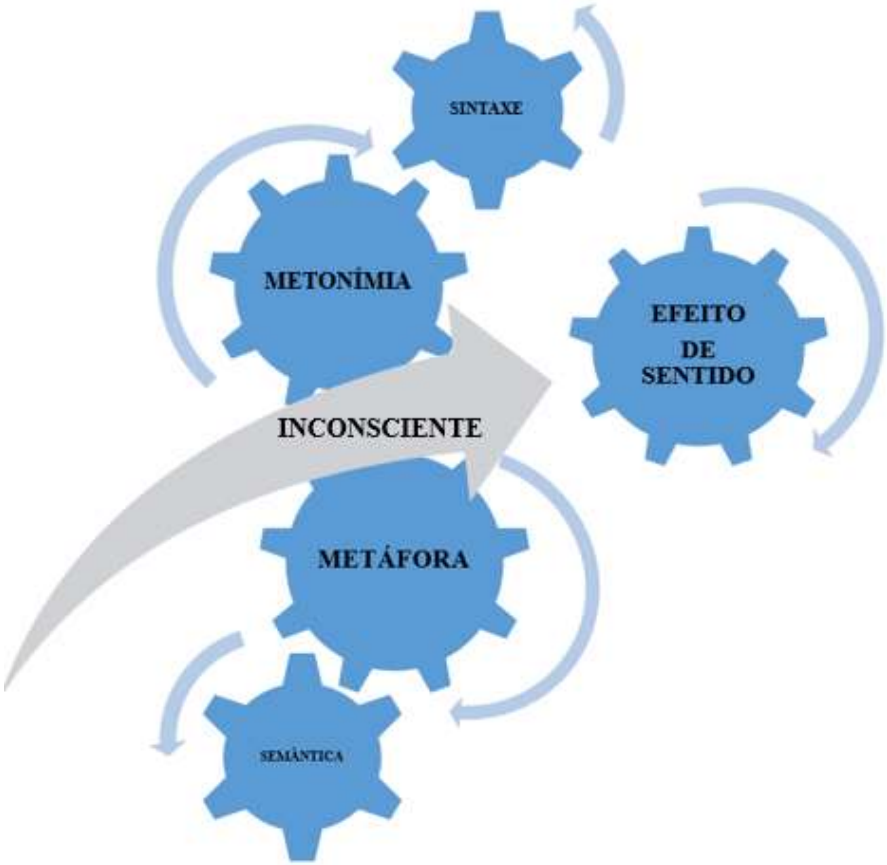
Fonte: Herbert, 1995[1968], p. 80.

Esse esquema serve para ilustrar como se dá a relação entre o efeito metonímico e o metafórico, ou seja, à medida que os semantemas são colocados e se relacionam entre si, pois os elementos semânticos não se dão de forma isolada, conforme a formação social onde se

inserem, metaforizam-se, deslocam-se e, igualmente, o efeito metonímico se altera. Isso porque, segundo Pêcheux/ Herbert (1995 [1968], p. 83), "o processo ideológico deve ser compreendido como a combinação do efeito metafórico com o metonímico." Para ele, "o efeito metafórico consiste em um deslocamento de significações que desempenham um papel no 'sistema de base'", isto é, "o efeito metafórico produz significações deslocando-as." Já em relação ao efeito metonímico, "enquanto articulação horizontal dos elementos ideológicos segundo uma estrutura sintática, produz uma racionalização-automatização de cada nível estrutural considerado, que aparece então como dotado de 'coerência interna'." (HERBERT, 1995 [1968], p. 83).

Ao valer-se dessa relação, Pêcheux diz que isso é um *efeito*. O sujeito *é produzido como origem*, sendo esse o efeito ideológico elementar ou, como ele mesmo denomina, a "ilusão subjetiva", enfim, "função essencial do reconhecimento-desconhecimento do processo ideológico". (HERBERT, 1995 [1968], p. 83). Esse esquema mostra, também, que o efeito metafórico e o metonímico estariam no nível do inconsciente, assim, ao lado das regras pré-conscientes (B2 e B3), aquelas que os sujeitos conhecem, enunciam e praticam (aquelas formuladas pelos discursos ideológicos com os quais entram em contado desde crianças), há outras regras, inconscientes, que determinam, em última instância, seu comportamento diário, que eles não conhecem. Essas regras inconscientes ou "Lei inconsciente" constituem o processo ideológico: a articulação dos processos metafóricos e metonímicos que têm por resultado não só o recalcamento das dissimetrias das sociedades de classe em prol da tese da igualdade, mas, igualmente, a determinação do lugar dos sujeitos no interior dessas classes. Assim, proponho pensar esse processo como quatro engrenagens que se movem permanentemente, uma atrelada a outra, atravessadas pelo inconsciente e que a partir delas os efeitos de sentido surgem, podendo serem sempre outros.

Figura 10 - Processo metafórico e metonímico



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Metáfora e metonímia se engendram na língua, porém são de ordens distintas, enquanto a metáfora leva a outros sentidos, a deslocamentos e ressignificações, a metonímia articula internamente os significantes entre si, conforme a realidade que se apresenta, ou seja, de acordo com os novos efeitos de sentido. Metáfora e metonímia se enlaçam na língua e produzem sentidos, a primeira perturba, desestabiliza e a segunda organiza, contém os sentidos.

E, então, se são engrenagens que se movem e se relacionam e que conforme a formação ideológica onde se inserem os efeitos de sentido se alteram, não há como pensar uma língua estável, submissa a regras fixas, ligadas ao problema da organização sintática e, igualmente, o significado colado ao seu significante, remetendo à questão do valor e da significação. Desta forma, Pêcheux distingue aquilo que pertence à língua e o que se relaciona ao discurso. Embora ele critique as tentativas de modalização e matematização, numa lógica que não caberia à língua, reconhece a importância da sintaxe, já que é no interior dela que o sentido surge, pois ela é, também, lugar daquilo que escapa, da falha, da ambiguidade, de um sentido outro (PÊCHEUX, 1997 [1982]).

Nas palavras de Indursky (2007, p. 17), “equivale dizer que certos sentidos que são constituídos a partir de uma determinada interpelação/ identificação, a partir de um certo momento, podem ser questionados e um sentido pode tornar-se um outro”, logo, uma língua instável e heterogênea, sujeita a falhas, as quais desfazem “a regularidade do sistema naquilo que é dado como o seu centro: o nó da consistência /completude.” (GADET; PÊCHEUX, 2004 [1981], p. 149). Uma língua afetada pelo exterior, portanto, os sentidos sempre podem escapar uma vez que o sujeito não tem controle sobre eles. Entendo que nem só um nem só outro, mas o equilíbrio entre o que pressupõe a sintaxe e sua lógica e o olhar atento diante da leitura do arquivo de análise.

Em *Analyse automatique du discours*, a metáfora é considerada uma substituição simétrica, ou seja, os elementos de uma sequência são substituídos por outros com características comuns, o que resulta em uma comparação “idêntica”, nesse entendimento, “A é contextualmente sinônimo de B, ou então, é uma sua metáfora adequada (e reciprocamente para B em relação a)” (PÊCHEUX; FUCHS, 2014 [1975], p. 219), contudo, mais a frente, verão que não é bem assim que se dá o processo discursivo, mas, nesse momento inicial, a metáfora se aproxima das relações parafrásticas e chega-se ao efeito metafórico que, segundo Pêcheux (2014b [1969], p. 96), é:

> [...] o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, para lembrar que esse “deslizamento de sentido” entre x e y é constitutivo do “sentido” designado por x e y; esse efeito é característico dos sistemas linguísticos ‘naturais”, por oposição aos códigos e às línguas artificiais”, em que o sentido é fixado em relação a uma metalíngua “natural”: em outros termos, um sistema “natural” não comporta uma metalíngua a partir da qual seus termos poderiam se definir: ele é por si mesmo sua própria metalíngua.

Embora trate a metáfora como uma substituição, Pêcheux a desloca da linguística, visto que põe em funcionamento a materialidade linguístico-histórica, ou seja, uma palavra por outra, mas inserida em outra condição de produção, deslizando o sentido. Para Amaral (2013, p. 44), desta época da AD, para se pensar a metáfora, são importantes “os conceitos de “condição de produção”; “efeito-metafórico” como sintoma do processo metafórico alocado na estrutura profunda.” Além disso, a língua precisa ser “compreendida como uma liberdade combinatória de uma ordem interna (signos) e de uma ordem externa (elementos histórico-sociais).” Deste modo, Pêcheux retoma as teorias de Chomsky e Saussure e tece seus comentários em relação àquilo que se apresentava contraditório e que sua teoria do discurso poderia fazer avançar, mas sempre sem pretensões de que com ela todos os problemas da linguística fossem resolvidos.

O conceito de metáfora é revisto por Pêcheux e Fuchs (2014 [1975], p. 219) quando, por exemplo, distinguem as substituições "simétricas" das "orientadas". Nas primeiras, um elemento A, substituído por B, é igual a B e vice-versa, isto é, o percurso encaminha para uma equivalência do sentido, do tipo dicionário ou um efeito contextual equivalente. Nesse caso, quando A corresponde a B ou o contrário, isto é, são sinônimos, haveria uma metáfora adequada. Já quando o sentido de A não leva a B e o de B não corresponde a, tem-se as substituições orientadas. Nesse caso, os termos trocados não são equivalentes, todavia se admite a passagem de um a outro ou se deduzir um do outro. Desta forma, enquanto nas substituições simétricas se estaria no nível da metáfora, nas orientadas no nível da metonímia.

Posteriormente, Pêcheux e Fuchs (2014 [1975], p. 236) passam a dizer que "nada garante *a priori* que as substituições e as transformações não mudem o sentido." A metáfora, então, passa de uma comparação de elementos simétricos para um

> [...] processo sócio-histórico que serve como fundamento da 'apresentação' (donation) de objetos para sujeitos, e não como uma simples forma de falar que viria secundariamente a se desenvolver com base em um sentido primeiro, não metafórico, para o qual o objeto seria um dado 'natural', literalmente pré-social e pré-histórico. (PÊCHEUX, 2014a [1975], p. 123).

Dentre outros, considerar a metáfora como processo sócio-histórico é o grande deslocamento na concepção dessa noção, é vê-la sob a perspectiva de funcionamento da língua, todavia só ele não é suficiente para que o processo metafórico opere. É necessário compreender a teoria não subjetivista, o lugar da alteridade, do inconsciente e da ideologia no interior do que Pêcheux denominou de processo do significante na interpelação e na identificação dos sujeitos. Desloca, ainda, a questão de um sentido primeiro (denotativo) em relação a um sentido não literal (conotativo), trazendo-a para o centro do processo de produção do sentido, logo o cerne do processo discursivo.

Em 1975, com a publicação de *Les vérités de la Palice,* Pêcheux (2014a [1975], p. 148) afirma que "a formação discursiva" é o lugar da constituição do sentido (sua 'matriz') [...]". E, assim sendo, não é o sistema da língua que determinam os sentidos, mas a FD na qual o sujeito se insere em determinada região de saberes. Ressalto que, em 1971, no texto sobre *A Semântica e o Corte Saussuriano: Língua, Linguagem, Discurso,* Haroche, Pêcheux e Henry já falam sobre a mudança de sentido das palavras e que muda de acordo com as posições de quem as utiliza. Então, agora, reafirma Pêcheux (2014a [1975], p. 146), "*as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam*, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições" e que mudam quando

passam de uma FD a outra. E por ela possuir fronteiras porosas, adentram nela elementos externos que, em seu interior, serão postos em relação de substituição, de paráfrases, de sinonímias. Igualmente, o sentido não depende apenas da formação discursiva, mas também do interdiscurso, onde estão todos os dizeres possíveis, todos os já-ditos das FDs e que contribuem para a produção dos sentidos.

No dizer de Pêcheux (2014a [1975], p. 240), "o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora [...] das quais certas formações discursivas vêm a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório". Nesse ínterim, a metáfora seria determinada por uma região do interdiscurso e o processo metafórico se daria no interior da formação discursiva. Assim, para pensar o processo metafórico, Pêcheux busca em Lacan esta noção de metáfora, mas sem esquecer da história. Então, "'uma palavra por outra, essa é a fórmula da metáfora' e acrescentando a seguinte nota, excepcionalmente esclarecedora para nosso propósito: 'A metáfora se localiza no ponto preciso em que o sentido se produz no *non-sens* '". (PÊCHEUX, 2014a [1975], p. 239). Exatamente assim, mas não necessariamente deste modo, ou seja, uma palavra por outra, mas não simplesmente uma troca aleatória, um significante por outro, preso a sua literalidade, a um sentido pré-estabelecido, fixo, lógico e que os mecanismos da língua, quais sejam a morfologia, a sintaxe, léxico ou outro qualquer, dariam conta dos sentidos possíveis e desfariam qualquer ambiguidade. Uma palavra por outra, entretanto revestida pelas relações que estabelecem com as formações discursivas e que o sujeito, constituído histórica e ideologicamente, filia seu dizer temporariamente. É nesse lugar não fixo, da palavra, do *non-se*ns que o sentido se constitui e que habita provisoriamente. Para Pêcheux, (2014a [1975], p. 240),

> [...] a metáfora, constitutiva do sentido, é sempre determinada pelo interdiscurso, isto é, por *uma região* do interdiscurso. [...] o que torna possível a metáfora é o caráter local e determinado do que cai no domínio do inconsciente, enquanto lugar do Outro (*Autre*), onde diz J. Lacan, "se situa a cadeia do significante que comanda tudo o que vai poder se presentificar do sujeito"... e do sentido, acrescentaríamos.

Pêcheux soube aproveitar as contribuições que vieram de outras áreas em seus estudos. Assim, por exemplo, não fica ausente diante dos estudos de Lacan, seja em relação à metonímia ou à metáfora, embora esta ganhe uma atenção especial. Assim, a metonímia aparece quando ele fala sobre a forma-sujeito do discurso. Ele relaciona a metonímia ao discurso transverso: "o funcionamento do "discurso- transverso" remete àquilo que, classicamente, é designado por metonímia, enquanto relação da parte com o todo, da causa com o efeito, do sintoma com o que

ele designa, etc.” (PÊCHEUX, 2014a [1975], p.153). Nesse mesmo texto, em outra ocorrência, menciona:

> É esse vínculo entre as duas representações verbais em causa que é estabelecido na discursividade, na medida em que ambas podem ser unidas à mesma formação discursiva (podendo, então, uma remeter à outra por reformulação parafrástica ou por metonímia. Esse vínculo entre as duas representações procede da identificação simbólica e, como tal, é representado através das “leis da língua” (lógica e gramática), de modo que, também aí, fica claro que todo discurso é ocultação do inconsciente. (PÊCHEUX, 2014a [1975], p. 163).

Verifico em Pêcheux uma sintonia ao que propõe Lacan sobre a metonímia, todavia, assim como na metáfora, Pêcheux concebe o sentido em relação às formações discursivas, as quais possuem fronteiras instáveis. Deste modo, a metáfora funcionaria no deslizamento entre formações discursivas e esse efeito, metafórico, ocasionaria uma deriva nos sentidos.

Pêcheux (2012 [1984], p. 160) faz uma distinção importante entre os dois conceitos, assim, para ele, a metáfora é “uma *perturbação* que pode tomar a forma do lapso, do ato falho, do efeito poético, do Witz ou do enigma”, enquanto a metonímia seria “uma tentativa de “tratar” esta perturbação, de *reconstruir* suas condições de aparecimento.” É aqui que está o ponto fundamental, porque é nessa perturbação que a língua causa, que os sentidos se desestabilizam e podem tornar-se outros. O lapso, o ato falho, o efeito poético, o Witz e o enigma fazem toda a diferença, pois é justamente naquilo que parece falhar que leva à evolução da língua e a mantém sempre em movimento, a não fixidez dos sentidos que é marca dela mesma, mas que metonimicamente se tenta contê-la e manter a regularidade. A falha, não é falha. Não se trata apenas de um lapso e nem de um efeito poético, mas do que é capaz de propiciar novos sentidos à língua. Assim, pode parecer mesmo uma perturbação, visto que rompe com o que é estável e linear, porém, discursivamente, revela a polissemia da língua e a sua condição de existência. Vale ressaltar que parte desta leitura, conforme se visualiza no Anexo III, Pêcheux fez de Lacan.

Interessante observar como Lagazzi (2014), a partir dos postulados de Pêcheux e Lacan, aborda essa relação entre metáfora e metonímia, ou melhor, este imbrincamento sempre necessário. Para ela:

> Sendo metáfora e metonímia definidas em função da cadeia significante, os dois conceitos nos fazem pensar a alteridade: a alteridade pela deriva na metáfora e a alteridade no encadeamento, pela metonímia. Na força desse entrelaçamento, vemos que a metáfora - irrupção, numa cadeia significante dada, de um significante vindo de uma outra cadeia - tem sua possibilidade sustentada pela metonímia, que nos diz que a falta constitui a cadeia significante. Da mesma forma, a metonímia se sustenta na metáfora: sendo o recalque constitutivo do sentido, a falta é função essencial no interior da cadeia significante. (LAGAZZI, 2014, p. 106).

Ou seja, um processo que se dá concomitantemente e um dependendo do outro. Portanto, esse jogo da língua se dá na tensão, entre a perturbação e o reconstruir, no jogo entre o mesmo e o diferente, entre a manutenção dos sentidos e o deslize, o equívoco, entre repetir, retomar, regularizar e os outros sentidos à deriva. Logo, o equívoco é essencial para a constituição dos sentidos, visto que é por ele, no irrealizado, que outros sentidos irrompem, fazem fissura na língua. Pela equivocidade da língua, os sentidos escapam, rompe com a univocidade do sentido e com os espaços logicamente estabilizados. Igualmente, a língua não é o tempo todo falha, há pontos que permanecem, repetem-se e contêm a deriva de sentidos, trabalho da metonímia, no entanto é com a metáfora que ela avança, nos dizeres outros que se mantem por meio do efeito metafórico, por exemplo, mas, principalmente, nos que surgem, ultrapassam a barra da significação, na torção e, ao modo de Pêcheux (2012 [1984], p. 159), no "curto-circuito" que produz.

Pêcheux, ao falar de equívoco em *Semântica e Discurso,* traz a primeira ocorrência de metáfora na obra. É no lugar do equívoco que ela se constitui, visto que rompe com a univocidade dos sentidos e se visualiza a contradição histórica inscrita na língua. Assim, é considerando a língua em sua equivocidade, na materialidade histórica que a AD é sustentada. Em "Articulação de enunciados, implicação de propriedades, efeito de sustentação" Pêcheux fala sobre essa relação do equívoco e a metáfora:

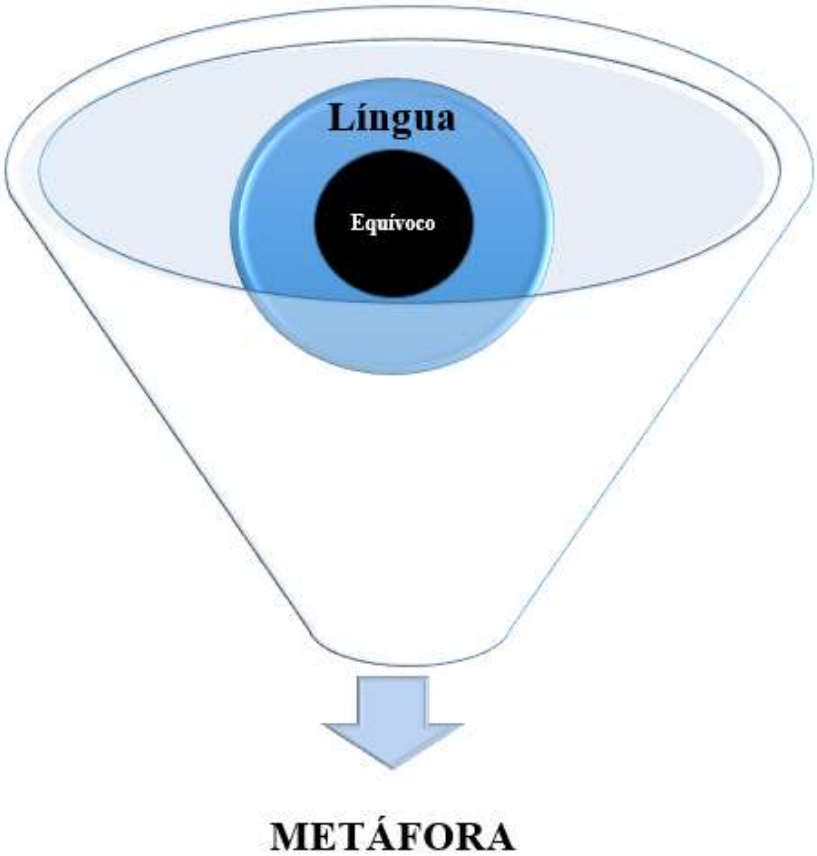
> Podemos propor, então, uma hipótese em relação à origem do "equívoco" positivista, que leva inelutavelmente a raciocinar "fora da questão", a partir do momento em que, de uma maneira ou de outra a política entra em cena: tudo se passa, nesse caso, como se a desconfiança "antimetafísica" se convertesse em cegueira com respeito à **seriedade das metáforas e de sua eficácia;** [...] Em outros termos, o equívoco impede aqui de ver a função constitutiva e não-derivada, inferida ou **constituída da metáfora** (e da metonímia= a França/ o rei da França/ os franceses) e, correlativamente, leva a ignorar a *eficácia material do imaginário*. O imaginário é colocado, então, como o equivalente do irreal e reduzido a um efeito psicológico individual, de natureza "poética". (PÊCHEUX, 2014a [1975], p. 109, grifos meus).

Essa citação de Pêcheux alude a pensar na íntima relação entre ideologia e metáfora e o problema da eficácia material do imaginário em Althusser. O autor propõe que um dado objeto seria representado sob a forma imaginária da ideologia, logo, uma ilusão a ele, ou seja, não corresponderia à realidade, mas, ao mesmo tempo, em sua materialidade, já que a ideologia tem uma existência material. Pela ótica althusseriana, o sujeito do imaginário não falha, é um eu pleno e que recobre o funcionamento da ideologia, logo, o lugar do equívoco se dá nesse assujeitamento perfeito. O sujeito desconhece as determinações a que ele e os sentidos estão expostos. Nessa relação aí pressuposta, conforme mencionado acima por Pêcheux, a metáfora

seria vista como algo também pertencente a este imaginário do sujeito, regulada por rituais, pelos aparelhos ideológicos e, deste modo, não se veria a potência e a seriedade dela. Nesse caso, o equívoco estaria em não se enxergar o que se vê, ou seja, não ao objeto em si, mas a como se vê esse objeto, crítica que Pêcheux faz também a Frege sobre a oposição entre nomes próprios, nomes comuns, apontando para o equívoco idealista.

Pensar deste modo é reduzir demais o que a metáfora representa, pois embora esteja associada aos rituais (que podem falhar), vinculada à ideologia, aos laços que o sujeito estabelece, o olhar, também, pode ser outro. Não se trata de conceber o equívoco como um "erro" ou uma forma de ver determinada realidade, mas vê-lo como uma torção da linguagem que pode se manifestar de múltiplas formas, portanto, o que transgride à língua são pontos de deriva, lugar do impossível e que vem afetar o real da história. Sinteticamente, se a metáfora é da ordem da língua, se a língua é da ordem do equívoco, logo, a metáfora também é. Desta forma, não se pode pensar a metáfora fora dessa equivocidade, visto que ela é o lugar da constituição da metáfora. O equívoco em relação à metáfora estaria associado ao que ela produz e o que dela se faz ver, o visível e o invisível. Então:

Figura 11 - Relação inextricável entre equívoco e metáfora



Fonte: Elaboração da autora, 2022.

Reafirmo que o equívoco e a metáfora ocupam lugares distintos, entre eles existe uma relação inextricável, e não existe metáfora sem equívoco. Ele é o furo da língua, conforme se visualiza na figura.

Em Pêcheux, o sentido está *sempre já* ligado ao sujeito, e são inseparáveis. Aqui toca a questão da interpelação ideológica e seu funcionamento na produção do sentido e do sujeito, aspectos que a teoria althusseriana contribuiu.

Ao longo do livro, outras ocorrências da metáfora são encontradas, contudo, para mim, é na última menção a ela, no anexo três, que se estabelece o conceito mais preciso nessa obra. Pêcheux trata a metáfora como substituição, mas também como um ritual que se estilhaça, um processo sempre pronto para esfacelar-se, que pode se transformar a cada discurso, num fluxo contínuo ou, ainda, um ritual que não segue uma lógica pré-estabelecida, inflexível, ou seja, uma noção teórica movente.

Já que não é um processo dado e os sentidos estão em movimento, sempre que os novos surgem, são postos em jogo, afetando a memória do dizer e rompendo com a rede da repetibilidade. Promovem, então, um (des)/ (re)arranjo na cadeia, visto que outros sentidos se formam. É aí que a metáfora atua, no que desregula, na quebra do processo de significação e no que desloca levando a novas possibilidades de articulação discursiva.

O conceito de metáfora evidencia este estado de deriva da língua. Uma língua inatingível, visto que nunca se alcança, não se tem controle sobre ela. É o movimento dos sentidos em jogo, estranhamento, produção de sentidos outros e, então, os sentidos deslizam e deixam marcas e "esse *deslizamento não desaparece sem deixar traços* no sujeito-ego da forma–sujeito ideológica, identificada com a evidência de um sentido" (PÊCHEUX, 2014a [1975], p. 277). Assim, por mais que o *sujeito-centro-sentido* se empenhe para manter o "sentido evidente", o *non-sens* não cessa, retorna, pressiona e é aí, nesse espaço discursivo em que o sentido se produz no *non-sens*, que se dá a constituição da metáfora.

Após a discussão empreendida até aqui, compreendo a metáfora ao modo de Lacan, como *substituição significante*, substituição que liberta o significante para que novos sentidos possam surgir e, ainda, ao modo de Pêcheux, como uma *perturbação*, porque desarticula, desencaixa os sentidos para que possam se encaixar em outros lugares, os quais podem ser sempre distintos. Isso torna a língua dinâmica, sempre aberta para a significação, por isso que a metáfora é a condição de existência dos sentidos.

Para trabalhar a metáfora e todo o percurso trilhado por Pêcheux em relação a ela, é fundamental que a língua seja entendida como constituída por um real, uma língua pensada a

partir de sua materialidade histórica, da contradição e do equívoco. Para Gadet e Pêcheux (2004 [1981], p. 55):

> [...] o real da língua não é costurado nas suas margens como uma língua lógica; ele é cortado por falhas, atestadas pela existência do lapso, do Wits e das séries associativas que o desestratificam sem apagá-lo. O não idêntico que aí se manifesta pressupõe a *alíngua* enquanto lugar em que se realiza o retorno do idêntico sob outras formas; a repetição do significante na *alíngua* não coincide com o espaço do repetível na língua, mas ela o fundamenta e, com ele, o equívoco que afeta esse espaço, o que faz com que em toda língua um segmento possa ser ao mesmo tempo ele mesmo e um outro através [...] da metáfora, do lapso, dos deslizamentos e do bom funcionamento entre os efeitos discursivos.

Desta forma, ao considerar a língua como constituída do não todo, que contém o impossível, entendo-a como um sistema significante material, ou seja, trabalhando com o real da língua, que se inscreve na história. Logo, a língua significa por meio da repetição, que inscreve o dizer na ordem do repetível como saber que se sustenta no já-dito, mas, ao mesmo tempo, sujeita à falha e ponto de formulação dos discursos. Por esse viés, por haver a possibilidade da falha, da fratura, é que o sentido deriva, por isso o conceito de metáfora proposto por Pêcheux aponta este estado de deriva da língua. Segundo ele (2014a [1975], p. 277), "'uma palavra por outra' é a definição da metáfora, mas é também o ponto em que o ritual se estilhaça no lapso (e o mínimo que se pode dizer é que os exemplos são abundantes, seja na cerimônia religiosa, no processo jurídico, na lição pedagógica ou no discurso político)." Neste entendimento, os sentidos sempre podem ser outros, visto que são determinados ideologicamente, contudo podem deslizar e significar de diferentes maneiras isso graças a metáfora, já que ele existe nessa relação, um está imbricado no outro, não se distinguem ou se somam, entretanto se implicam, numa *relação de nunca acabar*. Logo, a metáfora é vista como possibilidade inerente a todos os sentidos, porque esses estão inscritos na instabilidade dos dizeres possíveis, numa relação permanente de estabilização/ desestabilização na língua.

Entendo que, por meio de materialidades distintas, por meio da metáfora, pode-se empreender, a partir da Análise do Discurso, uma forma de conceber o ensino. Posso dizer que as *coisas-a-saber* (PÊCHEUX, 2015b [1983], p. 34) da Análise do Discurso, também podem ser de outra forma, ou melhor, devem ser de outra forma. Não é salutar que ela (AD) que opera com a heterogeneidade da língua, caia nas armadilhas que combate. Portanto, os sentidos atribuídos ao ensino da AD não podem estar presos a uma visão tradicional.

A metáfora é da ordem da língua, condição de existência dos sentidos e, então, está em discussão uma concepção de língua sujeita ao equívoco, a falhas, ao deslizamento significante, uma língua passível de jogo, de rupturas, deslocamentos, transgressões e rearranjos. A metáfora

move as engrenagens dos sentidos, faz com que eles deslizem e possam ser outros... Ela é, ao modo de Pêcheux, a perturbadora.

Em 1981, com *La Langue introuvable*, livro escrito por Pêcheux e Gadet, a metáfora ganha um capítulo: *A metáfora também merece que se lute por ela.* A língua inatingível é um livro denso, complexo, com idas e vindas, paradas e retomadas, enfim, uma leitura mesmo inatingível, pois tudo não se pode compreender. Ao longo do texto, Gadet e Pêcheux abordam a necessidade de se trabalhar nos *universos discursivos não-logicamente estabilizados (ULE's),* lugar do equívoco, do político e do sócio-histórico, uma língua que comporta deslizamentos, metáforas.

Gadet e Pêcheux (2004 [1981]) não concebem uma língua estanque, que não admita falhas, equívocos, mas uma língua plural e que se abra para outras possibilidades, para polissemia dos sentidos e, claro, para a metáfora como condição mesma de existência dos sentidos. Criticam a metaforização feita à língua como "um 'tesouro de signos' que, do mesmo modo que os signos monetários, só têm valor com a condição de circularem na comunicação, de trocarem (por coisa ou por outros signos)." (GADET; PÊCHEUX, 2004 [1981], p. 56). A língua não se presta somente a isso, não tem valor somente a partir dessas condições, não é a troca de um signo por outro como se o significado ali permanecesse inalterado, unívoco.

A língua, na perspectiva de Gadet e Pêcheux, está para muito além dessa concepção restritiva e não comporta o todo. Vão dizer que "O espaço do valor é o de um sistêmico capaz de subversão em que, no máximo, qualquer coisa pode ser representada por qualquer coisa." (GADET; PÊCHEUX, 2004 [1981], p. 59). Assim, ao mencionarem o conceito de valor em Saussure, revelam-nos o equívoco de leituras que levam em conta a arbitrariedade interna do signo, as relações de valor entre eles, submetidos a uma estrutura que desconsidera a fala. Nessa perspectiva, a mudança dos sentidos estaria no espaço da poesia, daquilo que transgride o valor do sistema assim pensado, do que deveria ser estabilizado e submisso a esse sistema, fechado, não comportando outras possibilidades. Mas Gadet e Pêcheux fazem justamente o contrário e se valem do próprio Saussure para dizer que o poético é inerente da linguagem, pois "o trabalho de Saussure [...] faz do poético um deslizamento inerente a toda linguagem: o que Saussure estabeleceu não é uma propriedade do verso saturnino, nem mesmo da poesia, mas uma propriedade da própria língua." E mais: "O poeta seria aquele que consegue levar essa propriedade da linguagem a seus últimos limites; ele é [...] um 'acelerador de partículas da linguagem'." Ou, ainda, buscando "no espírito do comentário de Lacan sobre a fórmula 'não há pequenas economias': 'não há linguagem poética'". (GADET; PÊCHEUX, 2004 [1981], p.

58). Portanto, não há distinção entre uma linguagem poética e outras linguagens, toda linguagem é, por natureza, poética, é intrínseco dela.

Para Gadet e Pêcheux (2004 [1981], p. 59), "a língua domina o pensamento, impondo-lhe a ordem do negativo, do absurdo e da metáfora. É aí que a ciência da linguagem relaciona-se com o registro do inconsciente", logo, o sujeito não tem controle sobre ela e, assim sendo, comporta o deslizamento, a deriva dos sentidos, próprio da metáfora, ou seja, nessa perspectiva, a metáfora não é uma categoria específica dos estudos linguísticos, isto é, figura de linguagem, contudo condição de existência do discurso, pois o sentido é visto sempre em movimento, um processo incessante, o qual se institui no interior de uma formação discursiva, sofrendo a interpelação ideológica que se coloca à língua.

A metáfora não estaria relacionada apenas ao discurso poético e nem a escolhas conscientes dos sujeitos. Ela é, para mim, a bússola dos sentidos, visto que os conduz, mas por direções nunca certas, pois sempre há possibilidade do deslize, de migrarem para outras direções, de irromper um sentido outro, já que somos afetados pelo inconsciente. Assim, "Liberar o *nonsense* e suportar sua irrupção no pensamento, não é ceder a uma reinvindicação em favor dos 'direitos da poesia', é responder a uma profunda necessidade política" e para "A língua de ferro, de madeira, ou de vento... façamos ouvido de surdo." (GADET; PÊCHEUX, 2004 [1981], p. 117). Mas, infelizmente, há muitos que ainda a ouvem, contudo, conforme o próprio Pêcheux ensina, não deixemos de lutar pela metáfora e, logo, por uma língua menos presa, capaz de promover torções e desestabilizações dos sentidos.

Em *Le discours: structure ou événément?* ou, na versão brasileira, *O discurso: estrutura ou acontecimento*, última obra de Pêcheux, 1988, encontro poucas ocorrências com o termo metáfora, porém, Pêcheux, ao longo do livro, utiliza-se de metáforas para fazer suas reflexões. Nesse entendimento, cito a associação que faz entre parafuso, rosca e porca para explicar o início das discussões sobre o discurso e os teóricos da época, citação utilizada, também aqui, no início deste capítulo.

A única ocorrência do termo metáfora de forma explícita se dá quando Pêcheux (2015b [1983], p. 2, grifo meu) fala acerca de "On a Gagné":

> O fato de que o esporte tenha aparecido assim pela primeira vez em maio de 1981, com esta limpidez, como a **metáfora** popular adequada ao campo político francês, convida a aprofundar a crítica das relações entre o funcionamento da mídia e aquele da "classe política", sobretudo depois dos anos 70.

Na sequência, aparece, o termo jogo metafórico: “[...] o que podemos dizer é que este **jogo metafórico** em torno do enunciado “On a gagné” [“Ganhamos”] veio sobredeterminar o acontecimento, sublinhando sua equivocidade: no domínio esportivo [...] (PÊCHEUX, 2015b [1983], p. 21). E, novamente, sem usar a palavra metáfora, Pêcheux vale-se dela para explicar o discurso. Então:

> **Não se trata de pretender aqui que todo discurso seria como um aerólito miraculoso**, independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe, mas de sublinhar que, só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um feito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço: não há identificação plenamente bem sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma “infelicidade” no sentido performativo do termo - isto é, no caso, por um “erro de pessoa”, isto é, sobre o *outro*, objeto da identificação. (PÊCHEUX, 2015b [1983], p. 56, grifo nosso).

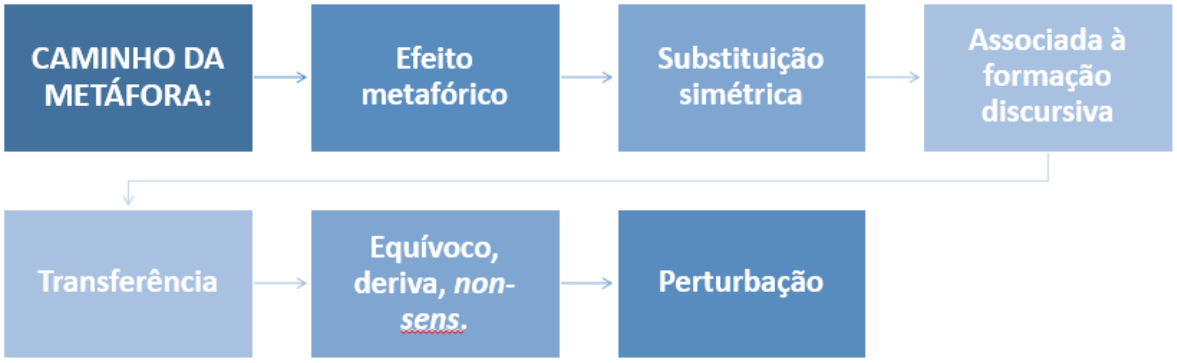
Pelo que observo, a metáfora, constituidora dos sentidos, fez parte da trajetória de Pêcheux, explorou-a como noção teórica e como modo de dizer a análise do discurso, assim, acredito que ela possa, igualmente, fazer parte da minha, seja nas análises que empreendo ou no caminho que proponho para o ensino da AD.

Em síntese a este capítulo, apresento o percurso da metáfora em Pêcheux proposto por Peifffer e Grantham e que, para mim, delineia bem as interfaces que Pêcheux manteve com outras áreas assim como o desenvolvimento da noção ao longo do tempo. Para as autoras:

> Um ponto importante dessa trajetória [...] e que permite a Pêcheux (1969) construir a metáfora n(d)este lugar, é sua reflexão no jogo da relação entre a teoria do valor de Saussure e a relação metáfora/ metonímia trabalhada por Jakobson, elaborando o **efeito metafórico enquanto um fenômeno semântico de substituição contextual**, e, mais adiante, como possibilidade de **substituição simétrica.** Indo e vindo em suas formulações, em um contínuo batimento entre teoria e análise, e levando à consequência sua tomada materialista da linguagem e dos estudos sobre a linguagem, Pêcheux (1975) aliará **a metáfora à construção do conceito de formação discursiva** e, portanto, à configuração do sujeito do discurso. Indo mais além, Pêcheux (op.cit.), relacionando-se com os textos lacanianos, formula **a metáfora enquanto transferência**, pensando-a como **procedimento heurístico**. Vê-se aí a articulação produtiva entre o materialismo, a linguística e a psicanálise, que permitirá a Pêcheux formular **a metáfora como lugar de equívoco e deriva, em que esta se localiza no ponto preciso de produção do sentido a partir do *non-sens*.** Em seus últimos trabalhos, sobretudo com Gadet, pensando sobre o real da língua e o real da história, Pêcheux (1981) formula **a metáfora como perturbação ligada ao lapso, ao ato falho, ao poético, ao Witz e ao enigma.** (PEIFFER; GRANTHAM, 2016, p. 284, grifos meus).

Ao abordarem o caminho da metáfora em Pêcheux, o desenvolvimento da noção é contemplado em todas as suas fases, reforçando a posição assumida. De forma sintética e ilustrativa, tem-se:

Figura 12 - Caminho da metáfora em Pêcheux segundo Pfeiffer e Grantham (2016)



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Tomo de Cortes (2019) um outro modo de apresentar este percurso em Pêcheux, agora seguindo as fases em que a AD passou:

> [...] o **efeito metafórico** é abordado por Pêcheux **na primeira fase da AD** (AAD69), (PÊCHEUX ([1969] 2010, p. 96) como "**o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual**, para lembrar que esse '**deslizamento de sentido'** entre x e y é constitutivo do sentido designado por x e y" [...]. As reflexões sobre a metáfora, na AAD69, envolvem relações com o conceito de condições de produção.
> Em momento posterior, **na segunda fase da AD**, a **metáfor**a é pensada pelo autor como o viés pelo qual se opera o **deslocamento dos sentidos na relação com as formações discursivas (FDs)**, ou seja, "o sentido existe exclusivamente nas relações de metáforas (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases e formações de sinônimos), das quais certas formações discursivas vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório" (PÊCHEUX [1975] 2009, p. 240). O autor declara, assim, o primado da metáfora sobre o sentido. Os efeitos de sentidos são produzidos no discurso mediante as relações de metáfora. Já, na **terceira fase, a metáfora é pensada a partir do interdiscurso** como princípio da interdiscursividade. Nota-se, pois, que o conceito de metáfora discursiva adquire crescente relevância ao longo do empreendimento teórico da AD de Pêcheux. (CORTES, 2019, p. 138, grifos meus).

Estes foram alguns dos fios iniciais tecidos para/ sobre a metáfora, mas, com certeza, muitos outros precisam se ligar a esses para que se tornem firmes o suficiente e possam dar sustentação a todo um trabalho que se almeja construir a partir dela. Trouxe aqui as principais referências à metáfora na obra do mestre pecheutiano, porém não todas, visto que sua obra é bastante ampla. Non-sen, equívoco, deriva, perturbação são lugares de metáfora e é aí que pretendo operar, frente a um objeto em permanente construção.

E como fio último deste diálogo inacabado:

> Se não houvesse a falta, se o sujeito fosse pleno, se a língua fosse estável e fechada, se o discurso fosse homogêneo e completo, não haveria espaço por onde o sentido transbordar, deslizar, desviar, ficar à deriva. (LEANDRO-FERREIRA, 2010, p. 24).

2.2 O CAMINHO PARA OS SENTIDOS: A METÁFORA[7]

O caminho que se apresenta agora é o da metáfora, que é constitutiva da língua e, consequentemente, dos sentidos. Sentidos que, como sabemos, no jogo da língua, sempre podem ser outros, pois, conforme Pêcheux (2014a [1975], p. 53),

> [...] todo enunciado é intrinsicamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro [...]. Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série [...] de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação.

Deste modo, ao trabalhar com o discurso, interessa-me como se dá a constituição dos sentidos, os quais quero compreender por meio da metáfora, noção esta que ocupa um lugar importante na Análise do Discurso Pecheutiana e que rompe com a regularidade, com a estabilidade e promove um desconcerto dos sentidos do discurso. Desconcerto que pretendo promover no ensino de AD, visto que a metáfora é o *cerne* da produção do sentido. Sentidos esses que estão impregnados de opacidade, não são transparentes e nem óbvios, têm espessura semântica e densidade histórico-social, logo, promovem efeitos de relações interdiscursivas mais complexas.

Falar em sentido é concebê-lo na relação que estabelece com a língua e outras materialidades, a história, o sujeito e com as outras noções da Análise do Discurso que não se dão de forma isolada, mas uma está na outra, constituindo e se constituindo. Assim sendo, na sequência, trago algumas dessas noções, pontos a serem tecidos, que, no meu entendimento, permitirão trilhar e chegar ao caminho da metáfora e da constituição dos sentidos.

2.2.1 Na língua, a metáfora

> A conseqüência é que a língua domina o pensamento,
> impondo-lhe a ordem do negativo, do absurdo, da metáfora.
> (GADET; PÊCHEUX, 2004 [1981], p. 59).

---

[7] De modo lúdico, no capítulo quarto desta tese, por meio da metáfora da casa da AD, construída com peças de montar, apresento, a exemplo do que faço aqui descritivamente e adotando outras metáforas, algumas das noções da AD e as articulações que mantêm entre si.

O primeiro ponto a ser tecido neste caminho da metáfora é o ponto da língua, contraditório, do direito e do avesso, língua a sempre ser tecida, porque não cessa, não se alcança ou, conforme Gadet e Pêcheux (2004 [1981]), *langue introuvable*. Língua das possibilidades, da metáfora, do que não é provável, dos deslocamentos, da falta e que falha. Língua que não se importa com "regras categóricas – no sentido de que uma regra deve ou não ser aplicada", mas que "devem ser vistas como intrinsicamente possibilitadoras dos jogos ideológicos e das latitudes discursivas." (PÊCHEUX; GADET, 2015 [1981], p. 102), ou seja, não é o que é rígido que mais importa, mas o movimento que ela possibilita, os escapes, o que foge à regularidade. Essa é a língua concebida sob o ponto de vista discursivo, uma língua que funciona nas falhas e nas lacunas, também nas suas imposições, naquilo que ela oferece, uma língua sujeita ao jogo. Assim, nesse jogo da língua, é necessário avançar e recuar nas casas, movimentar as peças, embaralhar as cartas e explorar as regras, duvidando delas, propondo novas alternativas e outros sentidos ao jogo da língua, porque a língua é metáfora, é plural. É a língua que vai e volta, que se faz presença e ausência, que se marca no discurso incondicionalmente com a evidência da completude, mas também daquilo que a ela falta. Para Leandro-Ferreira (2000, p. 14), "o sistema da língua guarda em si tanto a possibilidade do jogo quanto a necessidade do ordenamento, acompanhando a tensão constante entre a liberdade e a coação que lhe é constitutiva", por isso que se avança nas casas, mas também se recua. Assim, uma língua ambivalente, que leva em conta as contradições a que se expõe. Uma língua que não leva em conta a ambiguidade e a pluralidade de sentidos, é uma língua denegada, ilusória. A língua da Análise do Discurso é a que tem em sua constituição o deslize, a falha, é aquela em que o sentido está em relação à, podendo sempre escapar. É a língua que nos ludibria, engana, dribla, joga com as regras, facilmente trapaceia e ela mesma encobre o ""jogo", quer dizer o impulso metafórico interno da discursividade, pelo qual a língua se inscreve na história." (PÊCHEUX, 1997 [1982], p. 62). Ou seja, tenta encobrir a falha, inscrita nela mesma e condição de sua própria existência, todavia, por mais que se tente, não se tem controle sobre ela e está sempre a perturbar, mexer nos sentidos estabilizados.

Nessa perspectiva de pensar que a língua se coloca na tensão entre o que regula e o que desestabiliza, Pêcheux (1998b [1982], p. 53-54) se propõe a falar sobre o *jogo nas regras* e *sobre as regras* e expõe:

> Pensar a língua como simples *jogo nas regras* arrisca sempre recobrir o próprio espaço daquilo que regra o real da língua, substituindo-lhes regras (bio-)lógicas de engendramento das arborescências sintáticas, restringidas pela semântica de "sistemas de conhecimentos" (discursivamente estabilizados em relações temáticas e em formas lógicas), ou das *regras de jogos de linguagem translingüísticas* a partir das quais o

> registro social do programático e do enunciativo escaparia presumidamente ao "próprio da língua", desmascarando assim o estatuto fictício desse último.
> Tentar pensar a língua como espaço de regras intrinsicamente capazes de jogo, como jogo sobre as regras, é supor na língua uma ordem de regra que não é nem lógica nem social: é levantar a hipótese de que a sintaxe como espaço especificamente lingüístico não é nem uma máquina lógica (um sistema formal autônomo exterior ao lexical, ao semântico, ao pragmático e ao enunciativo) nem uma construção fictícia de natureza metalinguística (redutível a efeito de poder inscritos em um domínio que supostamente governa o discurso escrito).
> Nessa perspectiva, a sintaxe seria, ao contrário, aquilo que atinge melhor ao próprio da língua enquanto ordem simbólica, na condição de dissimetrizar o corpo das regras sintáticas ao construir aí os efeitos discursivos de que o atravessam, os jogos internos desses "espelhamentos" léxico-sintáticos através dos quais toda construção sintática é capaz de deixar aparecer uma outra, no momento mesmo em que uma palavra se introduz sob uma outra.

A questão está em como se joga o jogo da língua. *Nas regras* e/ou *sobre as regras*? Não se trata apenas de se expor ao jogo e as suas regras, pois aí se estaria reduzindo demais a língua a uma estrutura, a uma máquina pré-determinada, mas pensá-la enquanto estrutura e acontecimento, isto é, uma língua pensada na prática, regras suscetíveis de mudanças e que são concebidas na sua materialidade significante e levando em conta sim os aspectos sintáticos, mas enquanto efeitos discursivos que a constitui.

Pêcheux (1997 [1982], p. 63-64) diz que é justamente "esta relação entre língua como sistema sintático intrinsicamente passível de jogo, e a discursividade como inscrição de efeitos linguísticos materiais na história, que constitui o nó central de um trabalho de leitura de arquivo", ou seja, nem só um nem só outro, mas práticas distintas com a textualidade e sob perspectivas ideológicas e culturais também diversas. Nesse sentido, é necessário jogar com o arquivo textual, expô-lo ao jogo que a própria língua o coloca, atravessado pela história, ideologia e o inconsciente.

Destarte, importante trazer o real da língua que na concepção de Pêcheux (1998b [1982], p. 54) "Ao invés de celebrar ou chorar a volatização do real da língua, tratar-se-ia então de pensá-la como um corpo atravessado por falhas, ou seja, submetido à irrupção interna da falta." Nesse sentido, o real da língua, no sentido estrito, não existe, visto que ela sempre pode tornar-se outra, é o impossível, o equívoco e essa é sua condição, uma noção sempre em falta, incompleta. Assim, pensar um percurso homogêneo no espaço teórico da gramática da língua não é possível, já que, segundo Pêcheux (2016 [1980], p. 230), "as regras e as coerções parecem sempre deixar escapar parcialmente seu objeto" e deixam, logo, o espaço da gramática é ilusório, aparente, parece dar conta, mas não dá, visto que, um enunciado pode esconder outro, pode se conjugar, encaixar, articular, ligar, mas também desfazer tudo isso, porque, no jogo da língua, há muitas possibilidades e a metáfora se coloca como uma dessas, tanto que Pêcheux

(2016 [1980], p. 227) argumenta: “Eu não acredito estar forçando a coerência da metáfora: ela indica que é urgente colocarmos o que bem poderia constituir uma espécie de análogo linguístico-discursivo da sexualidade genital realizada e frutífera!” Ou seja, um caminho frutífero para se conceber a língua e a relação que essa mantém com os efeitos de sentido que estão na sua materialidade discursiva.

Ainda em relação à língua, Pêcheux tem o cuidado de trilhar todo um percurso da história da linguística, pensada por diferentes teóricos, contudo o faz pela ótica da teoria materialista do discurso, ou seja, não deixa de lado o sujeito, o político, a ideologia e a história e concebe essas noções de uma outra maneira, visto que a concepção de língua que adota também é outra. Aproveita as contribuições de outros estudiosos, no entanto as questiona e propõe avanços, considerando a materialidade da língua, as condições de produção. Pêcheux sustenta a história da linguística “pela discussão do real da história em sua relação com o real da língua, pelo absurdo, pelo impossível, pelo equívoco, pela contradição e não pela oposição formalismo/sociologismo [...]” (ORLANDI, 2004b, p. 8), uma língua que admite a falha, que é viva e se transforma. Falha e equívocos constitutivos da língua e do funcionamento do sujeito e do sentido.

De Lacan, por exemplo, apropria-se do que ele fala sobre a metáfora e passa a pensá-la como a revolução a ser operada na língua, já que a metáfora mexe nos sentidos, rompe com o mundo logicamente estabilizado e, a partir desse lugar “anormal” aos olhos da época e, talvez, hoje, para muitos ainda o seja, conta a história da linguística do ponto de vista discursivo, opondo-se a concepções biologizantes e a-históricas. Um homem que se opõe ao seu tempo e as teorias ora constituídas. Nesse sentido, percebe que sua proposta não era modismo, não se trata do que se refere apenas ao poético, mas do que é político, uma necessidade da língua. A metáfora não é o *domingo do pensamento*, longe disso, ela é o que garante a própria língua. Nessa perspectiva, liberar o *nonsense* é ceder lugar para o sentido que irrompe, para o sentido que surge, é ceder lugar para a metáfora, para a condição mesma da língua significar, lugar do absurdo, da falha. É nesse lugar, no *nonsense*, que a metáfora tem seu lugar, é aí que ela se constitui, no não-lugar que é lugar, pura contradição.

Desta forma, luta contra uma perspectiva de língua que não considera a incompletude, a falha, o equívoco. Não tem espaço na teoria discursiva uma língua que não se faz enxergar, uma língua dura, inflexível e que não leva em conta a sua própria materialidade. Assim, Pêcheux (2015c [1971], p. 127) propõe uma mudança de terreno[8], que

[8] No capítulo quarto desta tese, na metáfora da casa da AD, ludicamente, mostro o terreno onde Pêcheux construiu a teoria materialista do discurso e os vizinhos de que dispunha.

> [...] *consiste em se desvencilhar da problemática subjetivista centrada no indivíduo* [...] e compreender que o tipo de concreto com que lidamos e em relação ao qual é preciso pensar, é precisamente o que o materialismo histórico designa pela expressão *relações sociais*, que resulta de relações de classe características de uma formação social dada [...]

E diante dessa mudança de terreno, é necessária "uma tomada de posição contra a visão higienista do neopositivismo que tende a construir [...] uma semântica universal não-ambígua, língua 'ideal' suscetível de regular a produção e a interpretação dos enunciados." (PÊCHEUX, 2015c [1981], p. 131). A limpeza que precisa ser efetuada é justamente na língua vista sob a perspectiva da logicidade, da completude, do sentido unívoco. E nesse sentido, muitos foram os analistas de discurso que tomaram essa posição, tanto no Brasil quanto fora dele. No Brasil, trago, por exemplo, as contribuições de Leandro-Ferreira que também me ajudou a pensar a língua e, consequentemente, a metáfora na perspectiva discursiva. Para ela, a língua deve ser

> [...] tomada em sua forma material enquanto ordem significante capaz de equívoco, de deslize, de falha, ou seja, enquanto sistema sintático intrinsecamente passível de jogo que comporta a inscrição dos efeitos lingüísticos materiais na história para produzir sentidos. (LEANDRO-FERREIRA, 2003, p. 196).

Essa perspectiva desconfia da univocidade dos sentidos, da homogeneidade, da naturalização que a ideologia trabalha. Faz pensar numa língua sujeita ao equívoco, com autonomia relativa, com exterioridade constitutiva, logo, propícia ao deslocamento de sentidos, uma língua que escapa e leva em conta a deriva, não uma *língua de madeira*, engessada, dura, autoritária, fóbica e que não comporta a contradição. A concepção de língua que Leandro-Ferreira (2000, p. 23) traz é aquela "que não seja trespassada por um olhar e que bloqueie a passagem direta entre 'o ver e compreender'", contudo "intervenha a sistematicidade e também a historicidade, e por aí o imaginário e a opacidade. Uma língua, enfim, que não seja translúcida, mas cuja espessura e densidade façam resistência." Em outros termos, uma língua que admite fissuras, brechas, deslizamentos, não-fechada, uma língua incompleta, da falta como constituinte. Portanto, a língua ideal, transparente, não existe, como alguns, ao longo do percurso da linguística almejaram, visto que esse ideal "entra em rota de colisão com os problemas de ambigüidade", por exemplo, e, nessa "ótica 'purificadora', é preciso apagar os pontos inatingíveis, as zonas de indeterminação, em que há obscuridade e o olhar se perde" (LEANDRO-FERREIRA, 2000, p. 25), ou seja, uma língua que, cada vez mais, silencia, apaga sua constituição, deixa de fora tudo o que excede aos seus limites, tudo o que ela não dá conta, como se não existissem, como se fosse possível uma língua onde o ritual não falhasse, perfeita, mas "não há ritual sem falhas; enfraquecimento e brechas" (PÊCHEUX, 2014a [1975], p. 277).

A língua na perspectiva discursiva "é concebida como corporalidade, como materialidade, que é de natureza lingüística e histórica simultaneamente". (LEANDRO-FERREIRA, 2000, p. 29). Assim, entendê-la, é perceber tanto a sua interioridade quanto a exterioridade, o dentro e o fora, o avesso e o direito, pois um está no outro. É admitir as transgressões, as derivas, os deslocamentos, os espaços discursivos não-estabilizados, a dobra. Aqui, os fatos "avessos" à língua são os que mais se aproximam dela e funcionam "como modos de resistência que passam a significar na sua inter-relação com a história." (LEANDRO-FERREIRA, 2000, p. 32). Então, é "no espaço mesmo daquilo que começa a falhar, no espaço do não entendimento, no espaço do silêncio, no espaço em que os sujeitos percebem que, embora falem a mesma língua, o sentido de um não é o de todos" (DALTOÉ, 2011, p. 184) que a língua mais significa, mais desafia a pensar sobre e com ela. É no espaço do "não-lugar" que é lugar, ou seja, é no lugar daquilo que menos poderia importar que importa, é no espaço da contradição. Espaço que luta contra o aprisionamento da língua e dos sujeitos, que luta contra o sentido uno e uma maneira única de ensinar a língua, espaço que é resistência...

A língua[9] é, então, para mim, esse fio espesso que está a ruçar o dedo, corta-o, mas, ao mesmo tempo, permite que a agulha o toque e produza um trabalho sempre (in)certo e nunca acabado.

2.2.2 No tabuleiro de xadrez: o discurso

Começo o jogo![10] Tão complexo quanto um jogo de xadrez e as peças que o constitui, é o jogo do discurso. Assim como no jogo de xadrez, em que as peças se movem estrategicamente, no discurso, também, há marcas ideológicas, como aquelas vindas do inconsciente, que envolvem o sujeito e o enlaçam de tal forma que, a qualquer momento, ele pode receber e/ou dar o xeque mate. Uma peça está atrelada a outra, assim como no discurso, formando uma

[9] Na casa da AD, de um outro modo, a língua constituiu um dos pilares.

[10] Neste tópico, adoto a metáfora do jogo de xadrez para explicar algumas noções da AD. Vale ressaltar que essa metáfora foi utilizada por João de Barros já em 1540 ao tratar dos elementos de sua gramática: "E como pera o jogo de enxedrez se requerem dous reies, um de ũa cor e outro de outra, e que cada um deles tenha suas peças postas em casas próprias e ordenadas, com leies do que cada ũa deve fazer — segundo o ofício que lhe foi dado — , assi toda las linguagens têm dous reis, diferentes em gênero, e concordes em ofício : a um chamam nome , e ao outro, verbo" e, também, por Ferdinand de Saussure (2006, p. 128) ao tratar do sistema da língua: "Uma nova comparação com o jogo de xadrez no-lo fará compreender. Tomemos um cavalo; será por si só um elemento do jogo? Certamente que não, pois na sua materialidade pura, fora de sua casa e das outras condições do jogo, não representa nada para o jogador e não se torna elemento real e concreto senão quando revestido de seu valor e fazendo corpo com ele. [...]" Embora a metáfora seja a mesma, a posição teórica assumida por mim, é outra. E, mesmo assumindo uma posição materialista do discurso, não é nada fácil pensar o entorno e os limites do tabuleiro de xadrez. Desta forma, trago, aqui, uma proposição, todavia, outras são sempre bem-vindas.

relação intrínseca entre elas. A jogada de uma interfere na posição da outra, assim como com as noções discursivas.

Então, posiciono as peças, representando algumas noções da Análise do Discurso (AD), quais sejam as condições de produção, história, ideologia, inconsciente, formação discursiva (FD) e sujeito, que vem ocupar, metaforicamente, as peças da torre, do bispo, do cavalo, dos peões, da rainha e do rei, respectivamente. Coloco os peões à frente para, ilusoriamente, protegê-las. Aqui, falarei de apenas um peão – o inconsciente, contudo no jogo há outros, atravessando o discurso. Talvez essa nem seja a melhor nomeação para essa noção, expondo o próprio jogo à falha. Também, não posso deixar de mencionar que, em se tratando do inconsciente, pouco protege, tem seu caráter irruptivo, perturbador, imprevisível mesmo, funcionando como a caixa preta. Movo o primeiro peão para que possa avançar com as demais peças.

Ponho em jogo a peça d**as condições de produção** e dela falo a partir de Pêcheux (2014b [1969], p. 76), entendendo-a como o local de onde o discurso parte e é sempre pronunciado e, neste caso, envolto por relações de força e de sentido. Isso porque, ao falar, o sujeito traz consigo as condições de produção dadas, aquelas vivenciadas por ele e às quais se filia, pondo em jogo forças antagônicas e sentidos outros que não só os que ele veicula. Para Pêcheux e Fuchs (2014 [1975], p. 182), as "condições de produção de um discurso [...] pode apresentar certas ambiguidades: [...] seja as *determinações que caracterizam um processo discursivo, seja as características múltiplas de uma 'situação concreta' [...]"* Portanto, "todo discurso 'concreto' é, de fato, um *complexo* de processos que remetem a diferentes condições", ou seja, um mesmo discurso pode implicar condições de produção distintas, pois isso depende do sujeito e dos sentidos que ele assume. (PÊCHEUX; FUCHS, 2014 [1975], p. 183).

Quando Pêcheux (2014b [1969], p. 307) faz um balanço das três épocas da AD, verifico como essa noção se reconfigura, de estáveis e homogêneas na AD1 passa para instáveis e heterogêneas ao longo do seu percurso histórico.

Nessa perspectiva, entendo que as condições de produção são necessárias para se compreender por que determinado enunciado, por exemplo, significa de um jeito e não de outro. Por que ensinar de um jeito leva a um efeito de sentido e não outro, o que, para mim, por meio da metáfora seria mais efetivo, mais significativo para o estudante, uma vez que faria uma relação entre determinado conhecimento e uma metáfora conhecida dele, assim, conteúdos mais abstratos e complexos poderiam tornar-se mais compreensíveis. Melhor ainda, em minha concepção, se essa metáfora puder ser materializada, como também o faço e trago no último

capítulo desta tese. E, ainda, por que alguns sentidos, no ato de ensinar, ficam silenciados em detrimento de outros?

Nesse sentido, avanço mais uma casa e coloco no jogo a história. A significação só pode se dar na história, no modo como os sentidos são produzidos e circulam. Ela é constitutiva da língua, interior e exterior, imbricados, tal como a fita de Moebius, não qualquer uma, mas aquela de um texto outro[11], impregnada de sentidos. Nessas condições, o texto é a própria materialidade histórica e a relação entre sujeito/ sentido se dá aí, ou seja, é nele que os sentidos são produzidos, logo, toda historicidade tem uma materialidade no discurso.

Orlandi (2004a, p. 55) nos diz que a historicidade são "os meandros do texto, o seu acontecimento como discurso [...] o trabalho dos sentidos." Portanto, a historicidade vai perpassar todo texto, visto que é dele, enquanto materialidade histórica, que os sentidos emanam e vão ajudar a compreender sentidos outros. Ainda, Orlandi (2005a, p. 69) menciona que cabe ao analista perceber "como o texto organiza a relação da língua com a história no trabalho significante do sujeito em sua relação com o mundo".

A materialidade simbólica está impregnada de historicidade e faz com que ele signifique, ao modo de cada um, por isso o sentido sempre pode ser outro. Assim, há efeitos de sentidos diversos. Há sentidos à deriva, sentidos que se fecham e há aqueles que se abrem para a pluralidade, para as possibilidades múltiplas, porque os sentidos e os sujeitos engendram-se e estão em disputa e enfrentamento. Sentidos que, no jogo da língua, estão em deriva e, então, mais uma peça é movida. O jogo avança para que esses sentidos possam significar distintivamente. Levo à frente a noção de **ideologia**, visto que não há como conceber sentido sem relacioná-lo com ela. Para pensar esse conceito, inicialmente, trago algumas considerações feitas por Althusser e Pêcheux.

Ao tratar sobre ideologia, Althusser trabalha com um dos tripés essenciais para se pensar o discurso na AD, que se enlaça à língua, ao inconsciente e, claro, ao sujeito, já que não existe discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia, logo, esse é o lugar da sua constituição. Nesse sentido, ao trazê-la, insere-a na história das formações sociais e, assim, nos modos de produção e nas lutas de classes, sempre desiguais. Ademais, diferencia ideologia em geral de ideologias particulares, àquelas não tem história e essas uma história que se constitui no interior da própria luta de classe. Dizer ideologias particulares ou as ideologias não significa que cada uma delas tenha a sua própria ideologia e uma vez vivenciada a sua luta de classe, uma tenha sido

[11] Referência a um texto construído por mim na disciplina de Teoria da Análise do Discurso, ministrada pela professora Maria Cristina Leandro Ferreira, e intitulado "A banda de Moebius tecida no crochê e a Análise do Discurso".

“selecionada”, isso não existe, a luta de classe é intrínseca da ideologia e é a luta vivenciada no interior de cada classe que constitui a sua história. Quando Althusser diz que a ideologia em geral não tem história, circunscreve os sentidos do que é imutável, uma vez que se dão de forma contínua entre estrutura e funcionamento, ou, em outros termos, “*a ideologia é eterna.*” (ALTHUSSER, 1985 [1918], p. 85). Isso significa que a ideologia transcende o tempo marcado cronologicamente e move as relações de produção que se estabelecem entre as classes, então, o que as move é justamente a luta que há nelas e que marca a história de cada uma delas.

A partir dessas teorizações, sobretudo da relação que brota entre ideologia e inconsciente, Pêcheux se propõe a trabalhar essas *evidências subjetivas* (PÊCHEUX, 2014a [1975], p. 139), as quais constituem o sujeito. Assim, parte das premissas de Althusser para mostrar a necessidade de uma teoria materialista do discurso, pois, para Pêcheux, essa evidência espontânea do sujeito (como origem ou causa de si) não se vincula a outra evidência: a do sentido, conforme sugerida pelo althusseriano. A essas evidências e também da própria linguagem, Althusser (1985 [1918]) diz que não é um problema, mas um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar, ou seja, impõem “(sem parecer fazê-lo, uma vez que se tratam de ‘evidências’) as evidências como evidências, que não podemos deixar de *reconhecer*” (ALTHUSSER, 1985 [1918], p. 94).

Para tratar da estrutura e do funcionamento da ideologia, Althusser propõe duas teses:

1) “A ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência.” (ALTHUSSER, 1985 [1918], p. 85).
2) “A ideologia tem uma existência material.” (ALTHUSSER, 1985 [1918], p. 88).

Na primeira tese, a ideologia corresponderia a uma ilusão/ alusão da realidade, ou seja, uma relação imaginária que o indivíduo estabelece/ forja com a realidade em que está inserido, contudo Althusser alerta que há várias interpretações para essa tese. No segundo caso, a ideologia se dá sempre em um aparelho, logo, em sua prática, por isso que tem uma existência material, assim, não se dá de forma igual, mas constituída nas relações que estabelece com esse lugar, na sua materialidade e reguladas pelos rituais dos aparelhos onde estão. Deste modo, o indivíduo, ou melhor, o sujeito, age conscientemente segundo as práticas reguladas pelos rituais desses aparelhos ideológicos. Posteriormente, a partir dessas duas teses, Althusser (1985 [1918], p. 93) irá formular mais duas:

1) só há prática através de e sob uma ideologia
2) só há ideologia pelo sujeito e para o sujeito

Assim, Pêcheux discursiviza seu ponto de vista e acrescenta ao já dito por Althusser, o funcionamento das ideologias, bem como a interpelação dos indivíduos como sujeitos, que,

segundo ele, dá-se pelo discurso. Nesse entendimento, mostra que nem o sujeito e muito menos os sentidos são evidentes, mas que a ideologia faz trabalhar aí essa produção de evidência dos sentidos no movimento contraditório entre reprodução/ transformação das condições materiais de produção.

Dessa relação pressuposta da ideologia, é interessante verificar como os autores pensam sobre reprodução/ transformação nas relações de produção. Althusser baseia-se na divisão de classes, cujo princípio é a luta de classes e Pêcheux reforça que a ideologia não é o único elemento onde se efetuaria a reprodução/transformação das relações de produção de uma formação social, logo, essa relação pode se manifestar em outras instâncias, como, por exemplo, na econômica. Pêcheux, ao tocar em reprodução/ transformação, revela em seu modo de dizer o caráter contraditório aí presente, visto que em todo modo de produção, baseado na divisão de classes, elas estão. Afirma ainda que não se pode dizer o que contribui de um lado para a reprodução e o que contribui para a transformação visto que a luta de classe atravessa essas relações (PÊCHEUX, 2014a [1975]). Pêcheux reforça que as ideologias são práticas e não ideias, então, não se dá de forma homogênea, do mesmo modo, não se pode atribuir a cada classe sua ideologia como se preexistisse à luta de classes. Ademais, os aparelhos ideológicos de Estado são o lugar e meio de realização da ideologia, mas não estão a serviço apenas da reprodução das relações de produção existente, mas se efetuam, contraditoriamente, também, o lugar das condições ideológicas de transformação dessas relações. (PÊCHEUX, 2014a [1975]).

Para Althusser, os Aparelhos Ideológicos de Estado têm a função de reproduzir e perpetuar as condições de produção, mas dizer isso não significa que os AIEs são meros instrumentos da classe dominante, simples máquinas ideológicas que reproduzem as relações de produção existentes. Os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) promovem a reprodução das relações de produção, mas, igualmente, podem servir para o embate entre a classe dominante e a dominada, uma vez que esta resiste. Embora admita essa possibilidade, frisa que a ideologia está a serviço da classe dominante. Assim, os Aparelhos Ideológicos de Estado constituem também o lugar e as condições ideológicas da transformação das relações de produção, isto é, da revolução, no sentido marxista-leninista. Daí a expressão reprodução/ transformação empregada por Pêcheux. (PÊCHEUX, 2014a [1975]). Pêcheux (2014a [1975], p. 131) acrescenta: “[...] essas condições contraditórias são constituídas, em um momento histórico dado, e para uma formação social dada, pelo *conjunto complexo dos aparelhos ideológicos de Estado* que essa formação social comporta.” Ou seja, não se dá de forma aleatória, isolada, contudo, inserida em determinada prática, num dado momento e na formação social que esses aparelhos se inserem, não todos. Ainda, Pêcheux alerta que essas relações são de *contradição-*

desigualdade-subordinação, isso porque não acontecem de forma igual e linearmente e, nesse sentido, sendo desigual, visualiza-se aí *a cena da luta ideológica de classe* de que fala Pêcheux.

Esse ponto é muito importante no que toca à metáfora, porque ela trabalha com a transformação, é o lugar do escape, do furo, da resistência, assim, aqui se tem a principal diferença em pensá-la sob o ponto de vista da AD, partindo do Materialismo Histórico, e da Linguística. Nesse sentido, no embate das classes, na materialidade da língua, a metáfora opera levando os sentidos para dimensões sempre oscilantes, visto que eles se filiam às posições assumidas por seus sujeitos.

Alhusser não chegou a abordar propriamente a Linguística ao estudar os aparelhos de Estado e a Ideologia, mas Pêcheux reconhece a necessidade de articulação da Linguística com a teoria histórica dos processos ideológicos e científicos e que o sistema da língua é o mesmo para qualquer um, seja ele materialista ou idealista, revolucionário ou reacionário, dotado ou não de um conhecimento dado, contudo a diferença se dá no modo como cada um opera com esse sistema. Pêcheux (2014a [1975], p. 81) ressalta que "a língua se apresenta, assim, como a base comum de processos discursivos diferenciados, que estão compreendidos nela na medida em que [...] os processos ideológicos simulam os processos científicos." Na língua, os processos discursivos acontecem e neles tanto a reprodução quanto a transformação, o mesmo ou o sentido outro. Independente da filiação, os processos ideológicos se mantêm e com eles sentidos contraditórios e que resistem na materialidade da língua. Acrescenta que "´a língua não é uma superestrutura' e ela não se divide segundo as estruturas das classes em 'línguas de classes', com suas próprias 'gramáticas de classes'[...] (PÊCHEUX, 2014a [1975], p. 82), isso porque, os mecanismos ideológicos que operam na língua independem de classe, vão continuar existindo e resistindo na superfície da língua. Então,

> [...] as contradições ideológicas que se desenvolvem através da unidade da língua são constituídas pelas relações contraditórias que mantém, necessariamente, entre si os 'processos discursivos', na medida em que se inscrevem em relações ideológicas de classes. (PÊCHEUX, 2014a [1975], p. 83).

E nas relações ideológicas que se estabelecem, sentidos em disputa e é aí que a metáfora pode fazer romper, transformar, quebrando com os processos ideológico para que outros possam se estabelecer, sentidos outros, em deriva.

Para Althusser, toda formação social é resultado de um modo de produção dominante e, para existir, ao mesmo tempo em que produz, deve reproduzir as condições de sua produção, ou seja, ela precisa reproduzir as forças produtivas e as relações de produção existentes. Assim, é a qualificação do trabalho que se constitui em condição necessária à reprodução das forças

produtivas, logo, as relações de produção são relações de exploração, isto é, relações entre classes antagônicas. O indivíduo é produto das relações sociais e a ideologia é dada a ele nessas relações em que cada classe possui sua ideologia (a classe burguesa, o proletariado etc.). A luta de classes é, segundo Althusser, o motor da história. Então:

> A história é certamente um 'processo sem Sujeito nem Fim (s)', cujas circunstância dadas, nas quais 'os homens' agem como sujeitos sob a determinação de *relações* sociais, são o produto da *luta de classes*. Portanto, a história não tem, no sentido-filosófico do termo, um Sujeito, mas um *motor*: a luta de classes. (ALTHUSSER, 1978, p. 70).

Na concepção pecheutiana (2014a [1975], p. 130), "é impossível atribuir a cada classe sua ideologia, como se cada uma delas vivesse 'previamente à luta de classes', em seu próprio campo, com suas próprias condições de existência e suas instituições específicas". Pêcheux complementa explicando que a história é a história da luta de classes. Diz, ainda, citando Althusser, "os aparelhos ideológicos de Estado não são a expressão da dominação da ideologia dominante, isto é, da dominação da classe dominante [...], mas sim que eles são seu lugar e meio de realização." (PÊCHEUX, 2014a [1975], p. 131).

Althusser (1985 [1918], p. 85) considera-se autorizado "a propor uma teoria da ideologia em geral, no mesmo sentido em que Freud apresentou uma teoria do inconsciente em geral" e o faz ao seu modo. Sobre a questão do inconsciente, afirma haver entre ideologia e inconsciente uma relação análoga.

> [...] a ideologia é, antes de tudo, um sistema de representações: mas essas representações nada têm a ver com a "consciência": elas são na maior parte das vezes imagens, às vezes conceitos, mas é antes de tudo como estruturas que elas se impõem à imensa maioria dos homens, sem passar para a sua consciência. São objetos culturais percebidos-aceitos-suportados, e que agem funcionalmente sobre os homens por um **processo que lhes escapa**. (ALTHUSSER, 1967, p. 206, grifos meus).

E é justamente sobre o processo que escapa que se permite pensar, mais tarde, no sujeito atravessado pela ideologia e pelo inconsciente, na teoria da interpelação ideológica e no que, então, seria a ideologia, não um "'véu', 'um engano' ou 'mito', mas uma relação específica entre o sujeito e as relações sociais" (BARBOSA FILHO, 2015, p. 60). Então, nesse lugar que o sentido escapa e que a ideologia "falha", a metáfora faz fissura, no que não só reproduz, mas também transforma, lembrando que essas relações são sempre assimétricas.

Pêcheux diz que a reprodução, bem como a transformação das relações de produção é um processo objetivo, não se opõem simplesmente, assim, é necessário desvendar suas especificidades. Deste modo, retoma a tese de Althusser de que *A ideologia interpela os*

indivíduos em sujeitos, porque, segundo Pêcheux, ela "desvenda". Em seu argumento, Althusser usou diversos termos em suas discussões, tais como aparelhos ideológicos de Estado, formação ideológica, ideologia dominante, contudo apenas agora aborda ideologia (singular) e sujeito, isso porque para explicar as teses que vai anunciar, quais sejam: Só há prática através de e sob *uma* ideologia; e Só há ideologia pelo sujeito e para sujeitos; precisou mudar os termos para poder assegurá-las. (PÊCHEUX, 2014a [1975], p. 135). Em síntese, o artigo *uma* leva ao efeito de sentido de que toda instância ideológica comporta uma ideologia e de que o termo ideologia constitui o sujeito, logo, "a categoria de sujeito...é a categoria constitutiva de toda ideologia, (PÊCHEUX, 2014a [1975], p. 135), ou seja, fundem-se, um está no outro.

Trago, também, estudos mais recentes sobre a ideologia na voz de analistas de discurso brasileiras. Leandro-Ferreira (2003, p. 191), ao se posicionar sobre o conceito de ideologia, argumenta:

> Discursivamente, a ideologia, como prática significante, aparece como efeito da relação necessária da língua com a história, no processo de constituição dos sujeitos e dos sentidos. Por um mecanismo ideológico, aquilo que é constitutivo aparece como já-lá, como já-dito; o efeito é, então, o da evidência do sentido e a impressão do sujeito como origem do que diz. [...] A ideologia vai ainda apontar para uma interpretação de sentido em certa direção, determinada pela relação da língua com a história.

Neste entendimento, a ideologia é uma estrutura que perpassa a história, é mediadora da relação entre os sujeitos e a história e não é uma falsa evidência. Embora seja assim, isso não é natural para o sujeito, pois a ideologia mascara a multiplicidade de sentidos.

Segundo Orlandi (2005a, p. 95), é pela ideologia que "o sujeito se constitui e o mundo significa", ou seja, é ela que conduz os sentidos possíveis de serem ditos, desta forma, "não a tratamos como visão de mundo, nem como ocultamento da realidade, mas como mecanismo estruturante do processo de significação" e que leva a significar de um modo e não de outro. E, assim, "se liga inextricavelmente à interpretação enquanto fato fundamental que atesta a relação da história com a língua, na medida em que esta significa. A conjunção língua/ história também só pode se dar pelo funcionamento da ideologia" (ORLANDI, 2005a, p. 96), inserida em prática.

Para Schons e Mittmann (2009, p. 301) "a ideologia é, em AD, o modo particular com que cada sujeito se relaciona com a linguagem e produz, para ele, o seu lugar no interior do complexo de formações ideológicas". Por meio da ideologia, os sujeitos dizem e significam os dizeres de uma forma e não de outra, porque o sentido de uma palavra está condicionado às posições ideológicas onde estão, ou, nas palavras de Pêcheux (2014a [1975], p. 146):

> [...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe 'em si mesmo' (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas).

No jogo proposto pela ideologia, o sujeito pensa ter domínio do jogo e crê que é ele que o conduz, porque a ideologia faz parecer evidente aquele dizer. Contribuindo com essa discussão, Romão (2011, p. 158) afirma que:

> No movimento basculante de lembrar e esquecer (e de dizer e calar) dá-se o jogo da ideologia, que faz parecer evidente ao sujeito um único dizer, sinalizando certas tramas da memória como naturais e soterrando outros sentidos tidos como indesejáveis. A captura ideológica corre solta à revelia do que o sujeito julga dominar, instalando a não-garantia de que o sentido esperado se concretize e também de que controle da língua se absoluto; é ainda movediço o modo como a língua captura, afeta e fisga o próprio sujeito.

Nesse terreno movediço, o sujeito se constitui pela ideologia e pelo inconsciente e é assim porque, conforme Orlandi (2005a, p. 49), "é materialmente dividido desde sua constituição: ele é sujeito de e sujeito à", logo, para que os sentidos sejam constituídos e o próprio sujeito se constitua, é preciso se submeter à língua e à história, caso contrário, "não fala, não produz sentidos". Assim, é chegada a hora de avançar e levar mais um peão a uma outra casa. Ela é uma peça frágil, todavia essencial no nosso jogo discursivo. O **inconsciente** mostra que o sentido pode escapar, falhar, ser outro, visto ser a ideologia um ritual com falhas. É necessário cuidado ao movê-la, mas, ao mesmo tempo, é graças à falha que o jogo torna-se outro. Então, "o inconsciente mostra-se na fratura, na falha, no momento em que o real, ao explodir a cadeia do simbólico, desarranja o imaginário e desvanece o sujeito, que é um efeito". Ele é, portanto, "um saber que pelo equívoco se manifesta" (BARBAI, 2011, p. 379).

Baldini e Mariani (2013, p. 110), ao falarem sobre o funcionamento do inconsciente, mencionam que:

> Um dos modos de funcionamento do inconsciente é justamente o de emergir provocando cortes no *discurso efetivo*, provocando falhas, esvaziando o que se diz com lapsos e chistes, mas também com repetições e articulações significantes que produzem furos nos sentidos e escapam aos ouvidos de quem fala.

E mais, para eles, o sujeito do inconsciente é descontinuidade, surpreende, nunca está onde se supõe, comparece como um piscar de olhos, é efêmero, não sabe o que diz e nem mesmo sabe que vai falar, contudo comparece desfazendo os sentidos (BALDINI; MARIANI, 2013, p. 110).

Pensar a relação entre ideologia e inconsciente não significa que um está no outro ou que haja uma diluição deles, contudo, essa articulação, para Barbai (2011, p. 379), "indica o desequilíbrio das certezas. Ela permite se olhar para a linguagem, para aquilo que se inscreve materialmente como falha, como equívoco, como lugar do evanescente do sujeito e do sentido no mundo". Nas palavras de Pêcheux (2014a [1975], p. 278), "a ordem do inconsciente não coincide com a da ideologia, o recalque não se identifica nem com o assujeitamento nem com a repressão, mas isso não significa que a ideologia deva ser pensada sem referência ao registro do inconsciente." Assim, há pontos que se tocam, mas igualmente outros que se distanciam.

E, por tudo isso, trago mais uma peça ao jogo, a rainha, **a formação discursiva**, talvez a peça mais poderosa do jogo, embora, ao longo de sua trajetória, tenha sido tão revisitada e questionada, inclusive pelo próprio Pêcheux (INDURSKY, 2007). Para ele, lá em *A análise de discurso: três épocas(1983),*

> [...] a noção de formação discursiva, tomada de empréstimo a Michel Foucault, começa a fazer explodir a noção de máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu "exterior": uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente "invadida" por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais [...] (PÊCHEUX, 2014b [1983], p. 310).

Os questionamentos sobre essa noção se fazem presentes em suas obras. Neste momento, põe em dúvida a regularidade das FDs proposta por Foucault, já que para este, a FD é regida por regularidades, logo, fechada, homogênea. Mesmo pensando em transformação, Foucault a submete à regra da regularidade (INDURSKY, 2007).

Ainda nessa mesma obra, Pêcheux fala sobre a introdução da noção de interdiscurso "para designar 'o exterior específico' de uma FD" e de como esse conceito se submete às leis da repetição, mas menciona que "o fechamento da maquinaria discursiva é pois conservado, ao mesmo tempo em que é concebido então como o resultado paradoxal da irrupção de um 'além' exterior e anterior." (PÊCHEUX, 2014b [1983], p. 310). Traz a relação desigual de uma FD e "obriga a descobrir os pontos de confronto polêmico nas fronteiras internas da FD, as zonas atravessadas por toda uma série de efeitos discursivos, tematizados como efeitos de ambiguidade ideológica" (PÊCHEUX, 2014b [1983], p. 310), ou seja, que fronteiras são essas? Como as FDs são determinadas e engendradas? Como limitar? Conforme Indursky (2007, p. 170), "a FD é dotada de fronteiras bastante porosas que permitem a entrada de saberes que lhe eram alheios em um determinado momento." Portanto, fronteiras instáveis.

Em *Semântica e Discurso*, o conceito de FD trazido por Pêcheux (2014a [1975], p. 147, grifos do autor) diz que a FD é "aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito*...", ou seja, é esse conceito que, articulando língua, ideologia e sujeito, permite a produção de sentidos. Logo, não é o sistema da língua que determina os sentidos, mas a formação discursiva na qual o sujeito se insere em determinada região de saberes. Segundo Pêcheux (2014a [1975], p. 147), "as palavras, expressões, proposições etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas", ou seja, "os indivíduos são 'interpelados' em sujeitos – falantes (em sujeitos de *seu* discurso) pelas formações ideológicas que lhes são correspondentes" e que mudam quando passam de uma FD a outra.

Em *A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectiva (1975)*, Pêcheux e Fuchs (2014 [1975], p. 165) mencionam que "uma formação discursiva existe historicamente no interior de determinadas relações de classes;" deste modo, "pode fornecer elementos que se integram em novas formações discursivas, constituindo-se no interior de novas relações ideológicas que colocam em jogo novas formações ideológicas." Logo, há um engendramento entre elas, impossível concebê-la de forma fechada, todavia como algo que se abre e se fecha ao mesmo tempo. Fecha-se agora, mas se abre a partir da filiação do sujeito a novas formações ideológica e, em consequência, novas FDs. Para Gregolin (2007, p. 176), em 1977, com o primado da *heterogeneidade*, a FD "não remete mais a lugares enunciativos pensados como um exterior ideológico e passa a ser buscada na **dispersão**."

Contribuindo com este estudo, para Indursky (2007) não há como pensar e conceber a noção de formação discursiva desvinculada da de sujeito, assim como a de ideologia, logo, entrelaçadas, constituindo-se. Da mesma forma como não se pode entendê-la desarticulada de outros conceitos da AD.

Assim, para Indursky (2007, p. 171), "a FD merece que lutemos por ela", contudo:

> [...] é preciso que se entenda que, a um só tempo, ela está submetida ao princípio organizador que é a ideologia, e que esta é uma unidade dividida em relação a si própria; portanto, não é possível cristalizar a FD; desde que a FD não se converta em um colete rígido que impeça a fragmentação da forma-sujeito; desde que lembremos constantemente que não há ritual sem falhas e que esta falha permite que novos saberes podem inscrever-se obedecendo ao princípio da transformação; desde que saibamos que esta falha no ritual conduz o sujeito do discurso a apropriar-se de saberes alheios e inseri-los no âmbito de uma FD. Penso que é difícil ligar com a diferença, mas é ela que mostra que a FD, e não apenas o discurso, é lugar de tensão e não apenas de segurança. [...] Para continuar trabalhando com a noção de FD é preciso suportar e expor-se à diferença.

Entendo que ela é, ainda hoje, um conceito movente e a sua fronteira é tênue, mas também concordo que ela merece a nossa luta. Essa noção ocupa um lugar valioso nesse jogo, lugar contraditório, às vezes, uma vez que ela o determina. As jogadas vão numa direção e não noutra, conforme as posições assumidas pelo sujeito. E nessa relação, apresento a peça do rei, aqui representada pelo **sujeito**. Como apresentei nas discussões anteriores, ele está ligado a todas as outras noções, é o fio condutor do processo discursivo, logo, essencial para se compreender os sentidos, pois é pelo sujeito que os processos discursivos se desenvolvem, no entanto não é a origem do dizer, embora tenha essa ilusão. O sujeito da AD, segundo Indursky (2008, p. 11), "é um *sujeito histórico, ideológico*, mas ignora que o é, pois é igualmente afetado, em sua constituição, pelo inconsciente". Esse sujeito funciona discursivamente por meio da formação discursiva que, como sabemos, regula "o que pode e deve ser dito", (PÊCHEUX, 2014a [1975], p. 147), ou melhor, "os indivíduos são 'interpelados' em sujeitos de seu discurso, pelas formações discursivas que representam 'na linguagem'as formações ideológicas que lhes são correspondentes" (PÊCHEUX, 2014a [1975], p. 147). E, também, "a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina, isto é, na qual ele é constituído como sujeito" (PÊCHEUX, 2014a [1975], p. 150).

Ele se distancia da ideia de sujeito como unidade plena, que tem controle sobre a língua e os sentidos, ele está inscrito na história, em determinados lugares discursivos, submetido à ordem da língua, porém, ao mesmo tempo em que ele se constitui, ele a constitui. Além disso, dependendo da formação discursiva à que se filia e da posição que ocupa, a ideologia o interpela diferentemente. Desta forma, produz seu dizer segundo essa posição, porém pode se deslocar para outras regiões de sentido.

O sujeito da AD é o sujeito do inconsciente e da ideologia, revestido pela linguagem e como tal sofre a dupla determinação, da ordem da interioridade, pelo inconsciente, e da exterioridade, pela ideologia. Ao abordar o sujeito do discurso, Leandro-Ferreira (2005b, p. 14) nos diz que ele "vai, então, colocar-se estratégica e perigosamente entre o sujeito da ideologia (pela noção de assujeitamento) e o sujeito da psicanálise (pela noção do inconsciente), ambos constituídos e revestidos materialmente pela linguagem." Como se observa, sujeito e ideologia se imbricam, um está no outro e se constituem.

O sujeito da AD é um sujeito discursivo, inscrito na linguagem, deste modo, sua voz se dá a partir do lugar ocupado por ele, em determinadas condições. Sujeito que não tem lugar fixo, que migra, é errante, está em permanente movimento. O sujeito do nosso jogo discursivo é o sujeito da contradição, tudo pode, mas nada pode. É o sujeito que dá o xeque mate, contudo

outro sujeito pode fazer a jogada antes e surpreendê-lo, então, xeque mate para ele. Assim, no jogo da língua, vence aquele que usa as melhores estratégias discursivas. E viva o rei! Pura ilusão...

Figura 13 - No tabuleiro de xadrez: o discurso

Fonte: Adaptado pela autora, 2022. Disponível em: https://www.livrariascuritiba.com.br/jogo-de-xadrez-50x50cm-c--32pcs-madeira-104-botticelli-pr008380/p. Acesso em: 10 jan. 2021.

Mesmo que cada peça ocupe um lugar no jogo e represente uma noção, elas não se constituem de forma isolada, mas estão em relação umas com as outras, visto que o jogo não se concretiza somente com uma peça, mas com o todo. Igualmente acontece no discurso, todos os elementos que o compõem estão em sintonia e em imbricamento para que ele gere um efeito de sentido e não outro, todavia, no jogo da língua, assim como no xadrez, a alteração de uma peça pode alterar completamente o sentido. O jogo torna-se outro, outros sentidos... No inesperado da língua e da linguagem, as regras do xadrez se expõem, assim como nas regras da língua, mostram a sua equivocidade constitutiva, o furo.

Para mim, essas são algumas noções que mantêm íntima relação com a pesquisa a que me propus. Trouxe as considerações mais relevantes sobre elas, mas à medida que as necessidades forem surgindo, trarei as especificidades. Nesse sentido, o objetivo é fazer um apanhado sobre as principais noções que me acompanharão durante o texto. Também, didaticamente, separei as noções em títulos distintos, valendo-se de metáforas para explicá-las, entretanto vale ressaltar que todas fazem parte de um só jogo: o discurso e, aqui, todas poderiam

fazer parte do tabuleiro de xadrez, mas por uma escolha, separei. Outrossim, se é de metáfora que se fala, é ela que uso, também, como argumento deste texto. Nesse jogo, de sentidos em movimento, quem manda é a rainha, a metáfora! Ela é que dá o xeque mate! Que venha a próxima metáfora...

2.2.3 Na língua: pontos de ancoragem e deriva

Sopra o vento, sopra o vento,
Sopra alto o vento lá fora;
Mas também meu pensamento
Tem um vento que o devora.
Há uma íntima intenção
Que tumultua em meu ser
E faz do meu coração
O que um vento quer varrer [...]
Fernando Pessoa
(1990, p. 133).

Inicio este tópico lembrando ventos: brisa, ventos diversos, ciclone e furacão. Imagino um barco navegando e levado por esses ventos. Com certeza, a navegação não é a mesma já que os ventos também não o são. Nesse sentido, reflito sobre algumas noções do discurso que, a meu ver, atuam como no balanço do vento e que, em algum momento, ancoram os sentidos, ou seja, estabilizam-se, e, em outros, levam-nos à deriva, promovendo uma remexida e até outros sentidos. Deste modo, metaforicamente, associo pré-construído, interdiscurso, intradiscurso, memória e acontecimento discursivo aos tipos de vento. Ressalto que aqui fiz escolhas e associações a cada um deles, mas que poderiam ser outras, pois os conceitos são instáveis.

Apresento a primeira menção ao vento, aquele que, independentemente da intensidade, sopra, o **pré-construído**, os sentidos fixados ou, conforme Pêcheux (2014a [1975], p. 151), "ao 'sempre-já-aí' da interpelação ideológica que fornece-impõe a 'realidade' e seu 'sentido' sob a forma da universalidade ('o mundo das coisas')". Para o autor, o pré-construído remete "'àquilo que todo mundo sabe', isto é, aos conteúdos de pensamento do 'sujeito universal' suporte da identificação e àquilo que todo mundo, em uma 'situação' dada, pode ser e entender, sob a forma das evidências do 'contexto situacional'" (PÊCHEUX, 2014a [1975], p. 159). No meu caso, no ensino, os sentidos também estão aprisionados aos pré-construídos, ou seja, precisa ser daquela forma, conforme determina o sistema educacional, de acordo com a ideologia imposta por aqueles que regem a educação, como se só aquela maneira fosse a adequada, única possível e não de outro jeito. Recorrendo a Pêcheux (2014b [1969], p. 309), nessa concepção de ensino,

a “existência do *outro* está pois subordinada ao primado do *mesmo*.” O que noto é que, embora a língua possa soprar outros sentidos, também está onde os sentidos estão fixados, presos, contudo entendo que esse percurso também é necessário, mas é preciso que outros sejam encorajados, arriscados e, assim, no jogo da língua, outros sentidos possam se fazer *e-feitos.* A língua se constitui como o vento, percorre seu caminho, porém é necessário que outros movimentos sejam efetivados, novas paisagens sejam visualizadas e que o mesmo ceda espaço para o diferente, ou seja, trazendo para o discurso sentidos outros. A língua da AD, que é a que proponho, é a do furo, da não transparência, do equívoco, da não regularidade, da não univocidade, é a língua da incompletude, da língua onde os sentidos deslizam e até se deslocam. É aquela em que o vento não sopra na mesma intensidade e na mesma direção, mas aquela em que se faz ora brisa, ora furacão. E é justamente por aí que percorro, numa proposta diferenciada para o ensino, num ensino que rompa com os pré-construídos estabelecidos e promova outros, mas, claro, de outro modo, afinal a ideologia está sempre a nos constituir.

A incompletude da língua abre espaço para sentidos outros, dá a chance da mudança, do deslize, de que os sentidos estejam em movimento e possam se filiar a outras redes de sentidos. Para Orlandi (2005a, p. 37), “a incompletude é a condição da linguagem: nem os sujeitos nem os sentidos, logo, nem o discurso já estão prontos e acabados. Eles estão sempre se fazendo, havendo um trabalho contínuo, um movimento constante do simbólico e da história.” E, assim, por mais que se tente completar a língua, ela não se fecha, visto que é dinâmica.

Ainda que se compreenda a importância do movimento, a língua vai lá aonde está o “‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas” (PÊCHEUX, 2014a [1975], p. 148), **o interdiscurso**, o irrepresentável, mas talvez possa ousar dizer os ventos que podem soprar em várias direções, ora numa, ora noutra e, também, com intensidades distintas. O interdiscurso seria, então, o lugar em que os sentidos emanam, conforme as formações discursivas a que se filiam e os dizeres disponibilizados “afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2005a, p. 31). Lá onde estão todas as formulações já feitas e já esquecidas, que envolvem as formações discursivas e contribuem para a produção dos sentidos, onde o “algo fala antes, em outro lugar, independentemente” (ORLANDI, 2001, p. 59). No espaço que trabalha a radicalidade do fato de que o não-afirmado domina e precede o afirmado e é por isso que ele caracteriza o interdiscurso como um “todo complexo”, mas não só: um todo complexo já-dado estruturado com dominante.

Em Pêcheux (2014b [1969], p. 310), esta noção surge na AD2 para “designar ‘o exterior específico’ de uma FD, logo, relacionado a ela , ou seja, determina-a, “contém os dizeres que não podem ser ditos no âmbito de uma dada FD.” (INDURSKY, 2007, p. 168).

Em *Metáfora e interdiscurso*, Pêcheux (2012 [1984], p. 158) menciona que o interdiscurso:

> [...] longe de ser efeito integrador da discursividade torna-se desde então seu princípio de funcionamento: é *porque* os elementos da sequência textual, funcionando em uma formação discursiva dada, podem ser importados (meta-forizados) de uma sequência pertencente a *uma outra* formação discursiva que as referências discursivas podem se construir e se deslocar historicamente.

E por poderem se construir e se deslocar, pelo fio do discurso, recortes do interdiscurso são trazidos pelo **intradiscurso**, ventos atualizados. Segundo Orlandi (2005a, p. 33), "só podemos dizer (formular) se nos colocarmos na perspectiva do dizível (interdiscurso)". Nesse entendimento, conforme Courtine (2009), o dizer se encontra entre dois eixos: o da constituição (interdiscurso) e o da atualidade (intradiscurso). O interdiscurso, como mencionado, funciona a partir dos já-ditos, já o intradiscurso coloca o funcionamento do discurso em relação a ele mesmo, é um efeito do interdiscurso sobre si mesmo, uma interioridade determinada como tal do "exterior", ou, conforme Pêcheux (2014a [1975], p. 153), representa "(o que eu digo agora, com relação ao que eu disse *antes* e ao que eu direi *depois*; portanto, o conjunto dos fenômenos de 'co-referência' que garantem aquilo que se pode chamar o 'fio do discurso', enquanto discurso de um sujeito". O intradiscurso é o que se está dizendo naquele momento, em determinadas condições. Percebe-se, então, a relação que há entre interdiscurso e intradiscurso, ou entre o já-dito e que se está dizendo, entre a contituição e a formulação do sentido (ORLANDI, 2005a). Courtine (2009) representa o interdiscurso como o eixo vertical e o intradiscurso como o eixo horizontal.

Pela relação que se estabelece entre pré-construído, interdiscurso, intradiscurso e **memória discursiva**, apresentamos um vento mais forte, talvez pudéssemos pensar num ciclone para representá-la. Ela carrega as memórias presentes, passadas e futuras, as memórias lembradas e as esquecidas, memórias não individuais, contudo memória mítica, memória social inscrita em práticas, memória construída do historiador, (PÊCHEUX, 2015a [1983]), ou, segundo Indursky (1999, p. 174), memória que promove "o encontro de *práticas passadas com uma prática presente*". Memória que recupera lá do interdiscurso os sentidos, todavia, não são fixos, movimentam-se e, assim, sentidos outros podem se infiltrar e, portanto, ressignificar e, também, serem esquecidos. Interdiscurso que, por meio da memória discursiva, intradiscursivamente, jorra sentidos sobre um texto. Sentidos que nunca são os mesmos, pois conforme a formação discursiva a que o sujeito se filia, os sentidos se distinguem.

O que se fala sobre um texto, a interpretação que se faz, ou melhor, como esse texto produz sentidos, é fruto do que está no interdiscurso, que se filia a redes de sentidos, relacionando língua e história, sob o efeito da ideologia e do inconsciente e isso é assim porque, em algum momento, foi visto, dicursivizado, tornando a língua ou os sentidos históricos. Para Orlandi (2001, p. 59), "para que nossas palavras façam sentido é preciso que já tenham sentido".

Em relação à memória, Pêcheux (2015a [1983], p. 46) diz que é uma materialidade discursiva complexa, de repetição e regularização. Logo,

> [...] seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem reestabelecer os "implícitos" (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

Considera, ainda, que na memória haverá sempre um jogo de forças entre o repetível, a estabilização, e o novo, o acontecimento discursivo que vem perturbar a memória, assim "não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório" (PÊCHEUX, 2015a [1983], p. 50). A memória é um espaço de deslocamentos, de desdobramentos, de conflitos, do já significado que ressignifica, do esquecido e silenciado que é lembrado, espaço móvel e propício para outros dizeres, espaço onde a metáfora vai atuar.

O sujeito discursivo, determinado sócio historicamente e interpelado pela ideologia, acredita que o dizer é seu, todavia é fruto do já-dito, do interdiscurso. Portanto, é assim que a memória é constituída pelo esquecimento e isso possibilita a ruptura, a falha, o diferente, a polissemia. Pelo discurso, lembra-se ou se esquece, de acordo com a ideologia da formação discursiva onde se insere. De outro modo, vale ressaltar que a memória discursiva é esburacada, esgarça-se, acolhe outros discursos e traz outros sentidos. Ela

> [...] atua num movimento contínuo entre o eixo interdiscursivo e o eixo intradiscursivo, o da atualidade do dizer, ou seja, a memória não é apenas passado, é também presente e futuro, uma vez que aponta sempre a possibilidade de retorno de um já dito. É por meio deste trabalho da memória, portanto, que o sujeito dá sustentação significativa ao que diz, uma vez que é preciso filiar o dito a uma rede de sentidos anteriormente produzidos, já "memorizados", para que esse dizer "faça sentido". (FERNANDES, 2008, p. 51).

Nesse entendimento, a memória não é estática, ela é elástica, flexível, lacunar, mas, igualmente, saturada. Quando essa rede de repetibilidade é rompida, ocorre o que Pêcheux denominou de **acontecimento discursivo**, ou seja, um furacão, uma remexida drástica nos sentidos, já que novos sentidos são veiculados, outros arranjos se formam, os sentidos se

reconfiguram, deslocam-se, é por isso que ele diz que o acontecimento ocorre “no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 2015b [1983], p.16). Para Leandro-Ferreira (2013, p. 141), “o acontecimento discursivo também se manifesta [...] como a torção de um fato da atualidade abrindo brecha para um espaço da memória.” Esse acontecimento exigirá um outro cenário para a língua e, consequentemente, modo diferente de enunciar. Assim, outras formas de subjetivação dos sujeitos, abrindo brechas na língua dura de madeira e exigindo que os sentidos sejam reorganizados e ressignificados. A instauração de um acontecimento discursivo faz com que os sentidos sejam transformados, o que antes era uma utopia, por exemplo, esteja agora em “outro sítio de significância, fazendo soar novos sentidos, os quais fazem ressoar os sentidos já-postos” (INDURSKY, 2003, p. 115).

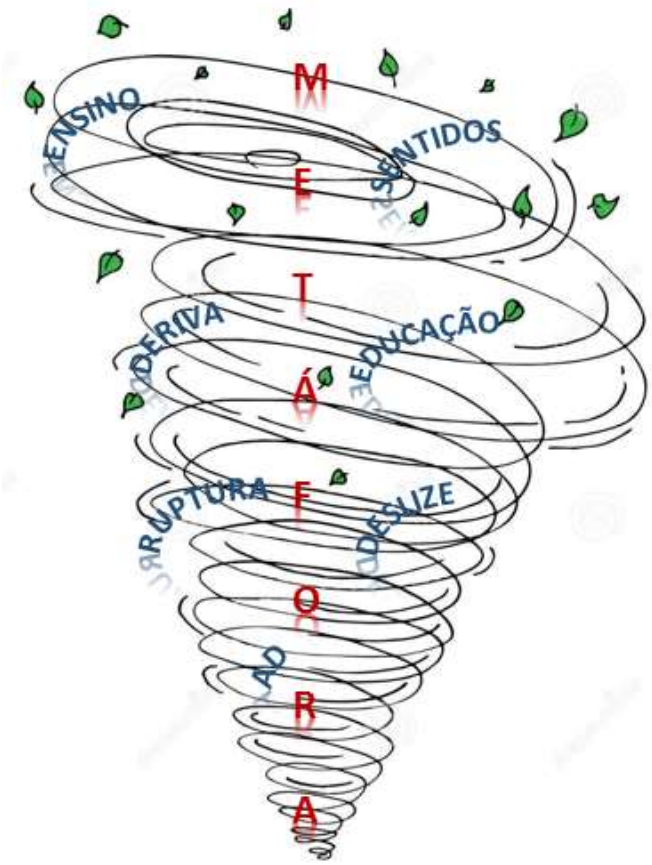
O acontecimento discursivo permite a ruptura do mesmo, instaurando o novo, em torno do qual outros dizeres irão se inscrever, exigindo, então, que os sentidos sejam interpretados, ressignificados e discursivizados.

No discurso, há caminhos que levam a muitos lugares, mas a conclusão a que chego é de que por mais que os trilhamos, mais falta. A falta que a gente acha que está lá, “depois daquele moinho, que a gente pensa que vê, e das horas, que a gente não vê que não são” (ROSA, 1992), que a gente só acha, porque, na verdade, não está, sempre falta. E é justamente essa falta, esse espaço movente, que a torna dinâmica e fascinante.

E, na reviravolta que pretendo propiciar, o vento nem sempre sopra na mesma direção e na mesma intensidade, todavia constitui-se e se (des)faz a cada discurso, a cada percurso. No entanto “no contraponto das diferenças materiais que compõem as várias linguagens em convergência num mesmo funcionamento discursivo é que deve estar a ancoragem do olhar analítico [...]” (LAGAZZI, 2019, p. 179) e, então, é nessa ancoragem que me apoio.

O vento propicia novos arranjos, outros ventos, sopra leve, apenas uma brisa e, também, forte, como um furacão, porque a língua da AD é a da irregularidade, da heterogeneidade constitutiva, do movimento, do vento que leva o barco a ancorar em terras firmes, mas também o deixa à deriva, assim como acontece com os sentidos da e na língua. Compreendo que a calmaria é importante, contudo é preciso que um furacão de sentidos varra o ensino, o que, para mim, pode se dar por meio da metáfora.

Figura 14 - Furacão de sentidos



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Com certeza, falta muito a ser dito ainda, muitos ventos precisam ser soprados, mas pelo que temos observado, as noções trazidas aqui são essenciais para a compreensão dos sentidos e, consequentemente, da metáfora, tanto do ponto de visto teórico quanto analítico. Lagazzi (2019, p. 191), diz que se deve "pensar a incompletude da linguagem pela ordem do significante, como condição e possibilidade, na história, para novas escutas que capturem o sujeito nos rituais falhos da interpelação." E, ainda, que essas "novas escutas, escutas imprevistas" se deem "como novos e imprevistos pontos de ancoragem", ou seja, mesmo aquilo que poderia parecer certo, não o é, pois pressupõe o olhar do sujeito, interpelado pela ideologia.

Espero que essas, como outras noções já discutidas ou, ainda, as que virão, possam conduzir-me pelo caminho daquela que é a noção principal deste trabalho: a metáfora. É essencial "deixar que o incômodo se abra em escuta na diferença, deixar-se afetar na imprevisibilidade de um efeito de ressonância, ser tomado na transgressão das fronteiras dos sentidos." (LAGAZZI, 2019, 191). Que o vento sopre forte, pois a mudança pode fazer a diferença!

3. MAIS FIOS PARA TECER O DISCURSO: OS PONTOS DA METÁFORA NO SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO – SEAD

De posse dos novelos, de sentidos heterogêneos, cabe a mim, agora, (des)enrolar os fios e tecê-los. Percebo a diversidade de cores, constituindo-se nas diversas materialidades significantes e temáticas que compõem o discurso do analista de discurso aqui no Brasil, e vozes que vêm de muitos lugares, visto ser um evento que abriga analistas de todo o Brasil e, também, fora dele, mas em todos o fio discursivo é a Análise de Discurso Pecheutiana. Desse modo, neste capítulo, dedico-me à análise do Seminário de Estudos em Análise do Discurso. Por meio dele, falo da história do SEAD, da importância para a AD, das publicações e analiso como a metáfora se fez presente nas produções: anais, livros e artes do evento. E, então, pego o fio do novelo...

3.1 A HISTÓRIA DO SEAD E DE SUAS PUBLICAÇÕES

Neste primeiro novelo discursivo, trago um pouco sobre a história do Seminário de Estudos em Análise do Discurso e as suas publicações ao longo das nove edições do evento. O SEAD é o principal evento da Análise de Discurso Pecheutiana realizado no Brasil e acontece bianualmente. Seu principal objetivo é discutir trabalhos, pesquisas e aspectos teóricos e metodológicos e o público-alvo do evento são pesquisadores, professores, estudantes de Graduação e Pós-Graduação dos Cursos de Letras e áreas afins

A proposta de um seminário surgiu em 2002, em Porto Alegre, da inquietação vinda da professora Maria Cristina Leandro Ferreira e de um grupo de mestrandos e doutorandos do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. De acordo com Leandro-Ferreira (2019), a conversa surgiu despretensiosa, entretanto ganhou adeptos rapidamente e corpo e forma. Desta forma, convidou Freda Indursky para que juntas com os estudantes pudessem organizar o primeiro evento, o I SEAD. Em 2003 se completariam 20 anos do desaparecimento de Pêcheux, assim, pensou-se na organização de um seminário que pudesse congregar estudiosos da área de Análise do Discurso, tanto fundadores franceses quanto pesquisadores brasileiros (INDURSKY, 2005, p. 7). O seminário seguiu dois eixos: o primeiro reuniu conferencistas que trabalharam com Michel Pêcheux, dentre eles: Jean-Jacques Courtine, Michel Plon, Françoise Gadet e, também, Eni Orlandi, quem iniciou a Análise do Discurso nos estudos linguísticos no Brasil; o segundo eixo se constituiu por discussões e análises de dezoito textos de Pêcheux. O objetivo do evento era homenagear Pêcheux e mostrar

o quanto a sua teoria está presente entre nós e se mostra fecunda, consistente e atual. Nessa primeira edição, o tema foi *Análise de Discurso e Michel Pêcheux: uma relação de nunca acabar,* para Leandro-Ferreira (2019, p. 33), "pareceu um testemunho". Os convites foram aceitos e eram estímulos e motivação para a equipe que estava à frente da organização. Leandro-Ferreira (2019, p. 33) menciona: "Destaco com carinho os grupos de Santa Catarina e Campinas, que aqui chegaram de carro e ônibus fretado, em grande número." A partir daí, o evento cresceu, congregou analistas de discurso de todo o Brasil e se tornou o mais importante encontro da área.

Em 2005, aconteceu a segunda edição do evento e passa a integrar a comissão organizadora a professora Solange Mittmann (LEANDRO-FERREIRA, 2019). O tema desenvolvido foi *O campo da análise de discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites.* Nesse, discutiram-se os entrelaçamentos da AD com outras áreas, sobretudo com a História, Filosofia e Psicanálise e foram realizados debates sobre noções teóricas e aspectos metodológicos da AD.

A terceira edição, em 2007, trouxe como tema *O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras,* dando "maior visibilidade aos vínculos e filiações, evidenciando a cumplicidade com as demandas contemporâneas do discurso, novamente considerando a questão das fronteiras, mas não somente no aspecto territorial [...] mas também no aspecto material, em sua dimensão metodológica" (Anais do III SEAD, 2007).

O IV SEAD apresenta como tema*1969 - 2009: Memória e história na/da Análise do Discurso.* Este ano marca os 40 anos da publicação do artigo "Análise automática do discurso", de Michel Pêcheux, o que é considerado um marco de início da AD na França. Desse modo, os analistas de discurso procuraram trabalhar duas noções fundamentais: história e memória, tanto no que diz respeito à Análise de Discurso quanto às especificidades e implicações delas enquanto constituintes do dispositivo teórico. Outras noções, assim como novas demandas contemporâneas foram retomadas e/ou incluídas nas discussões.

Em 2011, com a temática *O acontecimento do discurso: filiações e rupturas,* o seminário teve como objetivo principal "discutir os desdobramentos dos conceitos-chaves da teoria do discurso, preconizada por Michel Pêcheux, bem como travar uma interlocução com as principais áreas que constituem o imbricamento teórico-epistemológico da AD, tais como Arte, Psicanálise, História, Literatura e Jornalismo" (Anais do V SEAD, 2011). Noções teóricas como formações discursivas e ideológicas, sujeito, acontecimento e real fizeram parte do debate.

O VI SEAD surge com a temática *1983 – 2013 – Michel Pêcheux: 30 anos de uma presença*. Temas e noções teóricas, por meio de simpósios, mesas-redondas e painéis foram discutidos e analisados. Neste evento, analistas de discurso de todo o Brasil puderam mostrar que os fundamentos da teoria Pecheutiana se mantêm, mas nem por isso ficou estagnada, muito pelo contrário, já que o caráter multidisciplinar com outras áreas e, também, a diversidade de materialidades significantes que fazem parte do discurso do analista não deixam que isso ocorra, aliás ela nasceu da articulação entre a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise, ou seja, áreas diferentes. É essa dinamicidade que está nela que atrai cada vez mais pesquisadores e estudiosos não só da linguagem, mas que por ela se sentem atraídos e eu diria mesmo enlaçados.

O SEAD começou no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, e lá ficou até 2013, sob a organização das professoras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Maria Cristina Leandro Ferreira, Freda Indursky e Solange Mittmann

Em 2015, o evento foi para o nordeste brasileiro, Pernambuco – Universidade Federal de Pernambuco - UFPE e passa a ser organizado pelas professoras do Programa de Pós-Graduação, Evandra Grigoletto e Fabiele Stockmans De Nardi, egressas do PPG-Letras da UFRGS e ex-orientandas da professora Maria Cristina Leandro Ferreira. Segundo relato de Leandro-Ferreira, a mudança ocorreu porque o SEAD cresceu muito e demandava um trabalho bastante intenso para uma comissão pequena. Posteriormente, também, a professora Freda se aposentou e ficou ainda mais difícil de mantê-lo, já que a cada ano o evento tornava-se maior e necessitavam, assim, de mais pessoas para pensá-lo. Desta forma, resolveram que era momento de convidar outro grupo para organizá-lo. Escolheram a Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, porque lá estavam Evandra Grigoletto e Fabiele De Nardi, ambas com formação feita integralmente (mestrado e doutorado) na UFRGS. Assim, de acordo com a professora Maria Cristina Leandro Ferreira, “foi uma forma do SEAD sair de Porto Alegre, mas não sair da UFRGS.” O lugar é outro, contudo se mantém a estrutura, a dinâmica e o funcionamento do SEAD.

Nessas condições, sob nova organização, o seminário de 2015 teve como temática *A Análise do Discurso e sua história: avanços e perspectivas*. O evento se propôs a fazer um mapeamento das principais pesquisas que foram e vêm sendo desenvolvidas desde a fundação da AD em 1969. Igualmente, discutiram-se os avanços da teoria, principalmente no Brasil, e as perspectivas para a área (GRIGOLETTO, 2015).

Além do caráter político sempre presente nos trabalhos, outros, pouco a pouco, foram sendo inseridos nas apresentações como, por exemplo, a arte e a cultura; o espaço digital; o

corpo; e materialidades simples do cotidiano, mas não menos complexas, como o bordado, a costura e tantas outras que reclamam sentidos de toda a ordem. A teoria, também, não ficou estanque, pois à medida que as pesquisas foram acontecendo, conceitos foram sendo inseridos e outros revisitados por meio dos analistas de discurso, isso porque a AD permite críticas, atualizações e interfaces com outras áreas do conhecimento, é uma teoria em movimento e é, por natureza, uma disciplina crítica.

Em 2017, aconteceu o oitavo SEAD, intitulado *O político na Análise do Discurso: contradição, silenciamento, resistência.* Nesse ano, o político, assim como nos demais seminários, esteve presente nas conferências, simpósios, mesas e pôsteres, mas aqui ganhou um status diferenciado, não só por ser o objeto do seminário, mas, sobretudo, por ser a noção teórica elemento fundante dos movimentos da língua e dos sujeitos no espaço discursivo e que fez parte dos textos de Pêcheux desde o início.

Em 2019 ocorreu a nona edição do SEAD: *A Análise do Discurso e suas condições de produção: 1969-2019*. O evento marca a comemoração de 50 anos da teoria, que se deu com a publicação do artigo *Analyse Automatique du Discours*, de Michel Pêcheux, em 1969, na França. O objetivo proposto foi não só revisitar os textos fundadores da área, mas mostrar o legado de Pêcheux, sua atualidade e seu papel na consolidação da Análise do Discurso no Brasil (DE NARDI, 2019).

Em 2021 ocorreu o X SEAD de forma virtual, contudo, meu recorte teórico fica delimitado entre 2003 e 2019. O evento aconteceu virtualmente tendo em vista que o mundo sofria com a pandemia da Covid-19. Em todas as edições, um pouco de tudo aquilo que acontecia pelo mundo, sobretudo no Brasil, pôde ser visualizado por meio das análises das distintas materialidades.

A cada edição o evento se torna cada vez maior e congrega ainda mais analistas de discurso, tanto aqueles mais experientes quanto os iniciantes, conforme se observa no quadro abaixo, elaborado a partir das informações constantes no site dos Anais do SEAD e de relatórios das edições do evento, portanto, comporta um valor aproximado do número de participantes, podendo ser superior ao registrado já que para algumas atividades não encontramos o número de participantes, mas em conversa com os idealizadores, informaram ter havido um número maior, como, por exemplo, pessoas que só participaram como ouvintes ou, ainda, aquelas que não se inscreveram, no entanto participaram das atividades. Pude observar, por meio dos dados coletados, que as participações com trabalhos do primeiro (2003) para o nono SEAD (2019), tiveram um aumento significativo, mais que triplicaram.

Quadro 9 - Número aproximado de participantes do SEAD

Número de participantes do SEAD					
SEAD	Conferências	Mesas-redondas	Simpósios	Pôsteres/ Painéis	Total aproximado de participantes (apresentadores e ouvintes)
I SEAD - 2003	4		68		200
II SEAD - 2005	2	6	84		250
III SEAD - 2007	1	6	65	48	250
IV SEAD - 2009	1	6	64	88	250
V SEAD - 2011	1	9	80	96	250
VI SEAD - 2013	2	9	15	132	250
VII SEAD - 2015	2	4	81	114	250
VIII SEAD - 2017	-	-	88	112	250
IX SEAD - 2019	4	8	84	128	270

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Conforme mencionado, a grande maioria dos textos apresentados podem ser encontrados no site dos Anais do SEAD (https://www.discursosead.com.br/historico). Na seção a seguir, abordo as artes do SEAD.

3.2 PONTOS-FANTASIA[12] PARA A METÁFORA NAS ARTES DO SEAD

Um fiozinho outro a ser desenrolado do meu novelo discursivo e, agora, a metáfora se apresenta nele de uma maneira particular, em ponto-fantasia, na imagem, a qual vem contribuir também para essa tessitura dos fios e enredar o discurso do SEAD na materialidade que ora analiso. Nesse sentido, apresento as artes do SEAD utilizadas nas nove edições do evento (2003-2019).

[12] Pontos-fantasia, no crochê, são combinações entre pontos que já existem no crochê e que, em conjunto, formam desenhos. Como as imagens estão presentes nas artes do SEAD, estou tratando-as como pontos-fantasia para a metáfora.

Figura 15 - Artes que compuseram as nove edições do SEAD

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

As artes colocam-se como uma materialidade significante, pois dizem muito sobre o que constitui o SEAD, o que se propunha em cada edição e a própria teoria da Análise de Discurso. Foram pensadas em conjunto pelas organizadoras do evento e elaboradas até 2013, em Porto Alegre, pelo designer gráfico Renato de Oliveira e, a partir de 2015, em Recife, pela publicitária e professora Carolina Leal Pires.

Para a elaboração desta seção, consultei as organizadoras do evento[13] e Carolina Leal Pires, que relataram que há uma conversa inicial sobre o tema da edição, o momento histórico e o que a arte pode apontar. Segundo Carolina Leal Pires, a busca se dá em torno de "alguma imagem que possa ser metáfora do tema ou de algum elemento do tema daquela edição, mantendo a ideia da cor vermelha e do 'AD' em destaque integrado à logo [...], que fazem parte da identidade do evento desde o início." Após esse primeiro encontro, os responsáveis pela arte organizam as ideias e montam sugestões, as quais são apresentadas, rediscutidas, reelaboradas e, então, é selecionada aquela mais adequada à proposta.

[13] Agradecimento especial e repleto de afeto às professoras Maria Cristina Leandro Ferreira, Solange Mittmann, Freda Indursky, Evandra Grigoletto e Fabiele Stockmans De Nardi pelo carinho, disponibilidade e generosidade em responder meus questionamentos em relação ao SEAD e me fornecer as informações necessárias para a produção deste texto.

Ao analisar as imagens, percebo que embora o evento tenha mudado de lugar, a posição-sujeito assumida nas identidades visuais se manteve, com o destaque para a sigla AD, as cores e as metáforas que ali se constituem. As imagens apresentam os fios, a rede, a trama, os nós, a banda de Moebius e Pêcheux, metáforas que retomam sentidos já conhecidos dos analistas de discurso. A presença da cor vermelha como forma material significante, presente em todas as artes, expressa o posicionamento militante. São perceptíveis, também, o movimento ambivalente, o avesso e direito, o claro e escuro, o dentro e fora, a falha, enfim, elementos que desestabilizam os dizeres e, sutilmente, promovem dispersão nos sentidos.

Em relação à arte da primeira edição do SEAD, Maria Cristina Leandro Ferreira conta que o objetivo era mostrar a imagem de Pêcheux, a qual era desconhecida naquele momento. Assim, a partir de um xerox de uma revista francesa que a idealizadora do evento possuía, um bolsista da época, Luís Felipe, recuperou-a, já que a imagem estava meio apagada. Ele pintou cuidadosamente a barba e procurou realçar o contraste, relata Leandro-Ferreira. Após, vieram os outros elementos, os círculos, o destaque para a AD e as cores. Os círculos nos levam a efeitos de sentido do movimento e, aqui, do entrelaçamento entre eles, um está no outro, remetendo ao título dessa primeira edição *Análise de Discurso e Michel Pêcheux: uma relação de nunca acabar.* O vermelho está presente nos dois círculos, ora como contorno, ora como preenchimento. O círculo, igualmente, faz-se presente em outras duas edições do SEAD, na mesma cor e com as letras da AD em branco. A imagem de Pêcheux, meio apagada, recupera, por meio da memória, a história e, embora distante, está presente. Fragmentos de uma memória que se atualiza.

Leandro-Ferreira comenta que para as demais edições, ocorridas em Porto Alegre, o livro do artista holandês Maurits Cornelis Escher serviu de inspiração para Renato de Oliveira. Assim, estabelece-se um jogo sempre (in)certo do que se vê e do que a imagem remete, levando a efeitos de sentidos diversos.

A fita de Moebius está presente nas artes do III e do V SEADs. O direito e o avesso constituem-se um ao outro, pois não há como identificá-los, como na relação do sujeito com o inconsciente. O avesso poderia representar o inconsciente, mas que pode aparecer no direito, no consciente e vice-versa. O interior está contido no exterior e o contrário também acontece, ou seja, direito/avesso, consciente/inconsciente, exterior/interior constituem-se, estão imbricados um ao outro. Na fita do V SEAD, as peças que a compõem são postas de forma irregular, remetendo à irregularidade da língua.

A rede tramada, na arte do II SEAD, tudo não pode abarcar, pois algo escapa. Alguns efeitos de sentidos escoam por entre os furos e outros ficam, estão mais em evidência (mas não

evidentes), sobretudo aqueles que estão nas formações discursivas dominantes, enquanto outros, ainda, são silenciados; uns ficam presos a essa rede da memória, outros passam por entre os buracos, no entanto é justamente o que não fica na rede, que interessa a AD. Solange Mittmann relata que a discussão da comissão organizadora levou à concepção de uma rede esgarçada, com falhas. O furo, a não transparência, o equívoco, a não regularidade, a não univocidade, a incompletude constituem a linguagem e é por esse viés, por esse fio que a AD percorre seu trajeto. Nessa rede, os fios têm tanta importância quanto os nós e os furos. Nela há o que fica, segura, e, principalmente, o que escorre, solta, rompe.

Nas fitas e/ou fios, presentes nas artes do IV e do VI SEADs, há o movimento, a trama, o que rasga e se sobrepõe. Solange Mittmann lembra que foram destacados os desfiados, no primeiro, e os enviesados e os desconexos no segundo. Em ambas, há o jogo do claro/escuro. Ainda, na arte do IV SEAD há o corte nas letras da AD, a falha e, ao mesmo tempo, o que (des)enrola, esvoaça os sentidos, aliás, o que parece sempre inconstante.

No VII SEAD, a arte apresenta um tronco de árvore cortado, o cerne, metáfora menos comum, contudo também presente na teoria da Análise do Discurso. Nela, a marca, a história, o contorno irregular, a rachadura, a fenda, abrindo-se para a multiplicidade de sentidos. Nos anéis marcados no cerne, a memória de uma história construída e cultivada e, à medida que os anos passam, os anéis se tornam mais intensos cada um guardando a sua particularidade, a própria identidade da Análise do Discurso que assim como o cerne, resiste, um corpo em que se inscreve a memória.

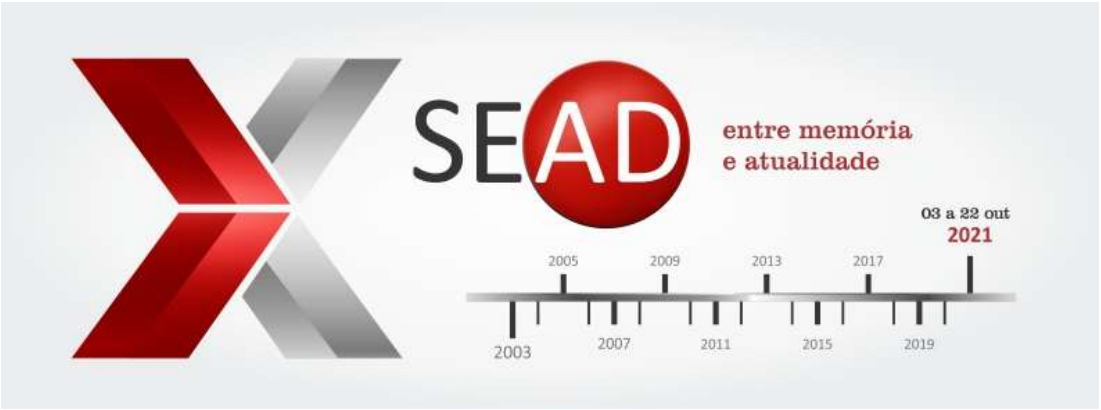
Na imagem do muro, no VIII SEAD, a pichação, tinta espirrada, levando a efeitos de sentido da revolta. O claro do muro e a regularidade dos tijolos contrastam com o vermelho da tinta, dando ideia da violência, da intervenção no espaço urbano, sempre muito ligada a protestos políticos e expressão da resistência. Neste ano, 2017, discutiu-se *O político na Análise do Discurso: contradição, silenciamento, resistência*, assim, buscava-se, por meio da arte, igualmente, mostrar esse contraste. Os pingos que sobram na pichação respingam sentidos da falta e o tracejado, embaixo de silenciamento, que começa fino e engrossa, ganha corpo, sinaliza o que não deve calar.

Na edição de 2019, conforme relato das organizadoras, o desejo era marcar a presença de Pêcheux, fazendo isso pela recuperação da imagem. O evento trabalhou *A Análise do Discurso e suas condições de produção: 1969-2019* e a logo seguiu o tema de homenagem a Pêcheux, por ser uma data comemorativa pelos 50 anos da publicação de Análise Automática do Discurso, obra fundadora da AD. A foto de Pêcheux leva a efeitos de uma pintura

fragmentada, porém bem mais intensa que a primeira, o que revela a presença ainda mais marcante no Brasil.

Embora meu recorte de análise esteja compreendido entre 2003 e 2019, não poderia deixar de trazer aqui a arte do décimo SEAD, 2021. Penso que ela ressoa como um efeito-fecho dessa análise das artes e marca o percurso das dez edições do SEAD.

Figura 16 - Arte do X SEAD



Fonte: Disponível em: https://www.discursosead.com.br/xsead. Acesso em: 30 jan. 2022.

A régua marca a trajetória e rememora o próprio título do evento: X SEAD: entre memória e atualidade. Memória que recupera os eventos anteriores e se atualiza no presente, quer seja pelas pessoas que participaram ao longo das edições quer pelas pesquisas que propõem objetos conhecidos e outros tantos novos, abrangendo diferentes perspectivas e repercutindo a realidade.

Como aquele que tece o crochê, o analista tece o seu gesto de interpretação diante do objeto, e assim teci meu gesto diante do que observei nas artes, habitadas pela metáfora. Disse tão pouco de tudo aquilo que elas podem suscitar, contudo foi importante buscar esses fios do evento e encontrar neles e nas pessoas que me ajudaram a tecê-los, as memórias, as quais não só contribuíram para recordar os tempos passados, perceber a metáfora sempre ali intrincada, mas também reavivar um sujeito cada vez mais ávido e desejante por esta noção.

3.3 PONTO ALTO, SQUARE[14], AUMENTOS: A METÁFORA NOS LIVROS E NOS ANAIS DO SEAD

O SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso, conforme já mencionado, é o maior evento da área da Análise de Discurso Pecheutiana no Brasil, assim, como parte do que se discute nesse evento, as organizadoras reúnem os textos completos dos pesquisadores em um livro, publicados sempre no SEAD subsequente. Em 2019, com o grande número de participante e trabalhos apresentados em 2017, houve a publicação de dois livros, o que demonstra cada vez mais o interesse por pesquisas nessa área. Na figura a seguir, trago a ilustração das capas dos livros, os quais serão objetos de análise desta pesquisa.

Figura 17 - Livros do SEAD

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Os livros publicados revestem-se de extrema importância para os pesquisadores, seja pela publicação, cada vez mais exigida pelas instituições e, principalmente, pelo conhecimento

[14] Squares são um tipo de desenho no crochê que são popularmente chamados de "quadradinhos". Com um formato (quase sempre) quadrado, eles são como telas de pintura, um quadro, e neles você pode fazer os desenhos que quiser. Geralmente, são bem coloridos e formam padrões que se parecem com flores.
Disponível em: https://www.circulo.com.br/croche-para-iniciantes/#:~:text=Entre%20os%20pontos%20b%C3%A1sicos%20do,criar%20quase%20tudo%20no%20croch%C3%AA. Acesso em: 28 jan. 2021.

gerado, visto que, nesse caso, os maiores pesquisadores da área compartilham suas pesquisas. Os trabalhos contribuem para o aprofundamento de noções teóricas, bem como para a divulgação de novas pesquisas que vêm sendo desenvolvidas pelos analistas de discurso no Brasil. Além dos textos dos livros, os demais, sejam aqueles apresentados em simpósios, mesas, conferências, pôsteres, são publicados nos anais eletrônicos do evento e, também, ficam à disposição para pesquisa. Deste modo, o SEAD, com suas publicações, é um arquivo de exposição e debate de aspectos teóricos e metodológicos da AD no Brasil e um espaço do registro e consulta do trabalho teórico sobre a noção de metáfora bem como de outras.

Nos dois primeiros capítulos desta tese, abordei a noção teórica da metáfora, num primeiro momento, por estudiosos que se dedicaram aos estudos da linguagem, nem sempre linguistas, mas também filósofos, matemáticos, psicanalistas e que fizeram discussões fundamentais, as quais serviram para os estudos que vieram posteriormente. No segundo capítulo, trouxe a noção teórica da metáfora sob o ponto de vista discursivo, em Pêcheux e, por meio do caminho percorrido por ele, mostrei o percurso dessa e o imbricamento com outras noções da AD. Assim, nos tópicos seguintes faço um batimento entre a teoria e o objeto que se coloca para análise: os livros do SEAD e os Anais e neles verifico a noção teórica da metáfora bem como os modos de dizer metafóricos a AD.

3.3.1 Metáfora: noção teórica no SEAD – eu busco por ela!

> A existência de uma escrita brasileira de AD marca a passagem do *gesto fundacional*, representado pela disciplinarização e institucionalização da AD no Brasil, ao *gesto autoral* que não apaga a filiação, **mas que tampouco congela a teoria da AD no tempo**. E não poderia ser diferente, pois desde seu surgimento, em 1969, ela recusou a zona de conforto, apresentando-se sempre pronta a questionar e desacomodar certezas. (INDURSKY, 2013, p. 13, grifos meus).

Um "cesto" com dez novelos[15] de linha se apresenta para mim e diante da diversidade de fios, confesso que, de início, fico meio sem saber o que fazer, por qual fio começar, qual novelo pegar, mas, aos poucos, ao me envolver com eles, tocando-os, sentindo o fio, puxando-os dos novelos, enleando-me neles, organizo-os. Pego o primeiro novelo, tecido em 2003[16], com uma espessura teórica vasta. Procuro a ponta do fio, a fim de iniciar o trabalho, contudo verifico que não há necessidade de encontrá-la. Não preciso da ponta, apenas do fio. E, assim,

[15] Os dez novelos, aqui, denomino como sendo os dez livros que constituem o *corpus* de análise desta pesquisa, quais sejam os livros das edições dos nove SEADs (2003 a 2019).
[16] O livro com os textos apresentados no I SEAD foi lançado em 2005, durante o II SEAD. As publicações dos livros têm ocorrido, em geral, na edição seguinte de cada evento.

de novelo em novelo, vou pegando o fio, cortando, amarrando a outro e mais outro. Às vezes, é necessário desamarrar o fio que fora amarrado. Em alguns novelos, o fio do que busco é muito diferente do que já tenho e preciso ir ao encontro de outros que a ele se juntem. No caminho, percebo que não posso tecer a todos, embora esse fosse o desejo. Da seleção, alguns me acompanharão, mas outros tantos ficarão para um outro momento, porque agora é necessário fazer algumas escolhas, selecionar os fios e começar a tecer. Então, imersa no emaranhado de fios, aventuro-me pelo *entremeio*, laçando na agulha o fio e o primeiro ponto da análise. Um começo desafiador!

Proponho-me a examinar os livros do SEAD (além de três textos dos Anais do SEAD que não constam em livro, todavia se mostraram importantes nesta pesquisa), principal evento de Análise do Discurso de linha pecheutiana no Brasil e que reúne pesquisadores desta área para verificar se esta tese se confirma. Deste modo, trago algumas sequências sobre como a noção teórica foi sendo apresentada e desenvolvida pelos analistas de discurso nos SEADs.

Buscando um começo, não necessariamente a linearidade, parto do efeito metafórico proposto por Pêcheux (2014b [1969], p. 96, grifos meus) e como os analistas foram se apropriando desse conceito e, ao mesmo tempo, impregnando o seu gesto teórico-analítico a ela. Ou seja, verifico como o efeito metafórico e outros conceitos ligados a ele, ao longo das edições do SEAD, foram trabalhados.

> [...] o **fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual**, para lembrar que esse "**deslizamento de sentido**" entre x e y é constitutivo do "sentido" designado por x e y; esse efeito é característico dos sistemas linguísticos 'naturais", por oposição aos códigos e às línguas artificiais", em que o sentido é fixado em relação a uma metalíngua "natural": em outros termos, um sistema "natural" não comporta uma metalíngua a partir da qual seus termos poderiam se definir: ele é por si mesmo sua própria metalíngua. (PÊCHEUX, 2014b [1969], p. 96, grifos meus).

Começo com o texto de Orlandi, que, logo no primeiro SEAD, ao trazer à discussão um pouco da história da Análise de Discurso e como ela se constituiu e se faz, apresenta os conceitos de paráfrase e metáfora como sendo o que estrutura o processo analítico do analista de discurso, isto é, sua base, o seu alicerce, o que é capaz de segurar todo o resto da estrutura da língua. Além da paráfrase e da metáfora, traz o conceito de efeito metafórico, conforme se observa na sequência:

> **SD 1**
>
> O analista de discurso, para trabalhar a forma material, traz para dentro de sua prática o trabalho com a **paráfrase e a metáfora**, **com o "equívoco" (o efeito da falha da língua inscrevendo-se na história).**

> **Paráfrase e metáfora, são os suportes analíticos de base**. No entanto, a paráfrase é definida na Análise de Discurso de modo diferente ao da Lingüística assim como a metáfora é definida de outra maneira que a dos Estudos Literários. Tendo insistido em que, na análise de discurso, a paráfrase (ORLANDI, 1983) é, ao mesmo tempo, fato de linguagem e **procedimento heurístico**. É a **paráfrase** (**pensada em relação à configuração das formações discursivas**) que **está na base da noção de deriva** que, por sua vez, **se liga ao** que é definido como **efeito metafórico (PÊCHEUX, 1969): fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, produzindo um deslizamento de sentido.** (ORLANDI, 2005b, p. 77)[17].

A sequência destaca a importância dessas duas noções para a AD e mostra uma forma de concebê-las distinta de outras teorias. Além disso, uma vez constituindo a base, é por elas que os processos discursivos se dão e as demais noções se ligam. Orlandi posiciona-se teoricamente sobre elas e, posteriormente, apresenta o conceito de efeito metafórico de Pêcheux, essencial dentro do percurso da metáfora. Noto que aqui reproduz o conceito do autor, considera como um fenômeno semântico e associa ao deslizamento de sentido. Ademais, menciona que é a paráfrase que se liga ao efeito metafórico e que está na base da deriva que leva ao efeito metafórico. Contudo, destaco que, no texto de 1969, Pêcheux ainda não fala de deriva e nem da metáfora trabalhada com o equívoco, isso só virá em textos posteriores. Igualmente, a relação com as formações discursivas só é pensada mais tarde, numa outra fase. O procedimento heurístico é tocado, trazendo a paráfrase e a metáfora como suportes para a análise do analista.

Buscando estabelecer um diálogo entre essas considerações de Orlandi e outras analistas, trago Grantham e Petri (2019) que em *Meu coração é um coração partido: o político como espaço de produção de sentidos*, tendo por base as noções de político, memória discursiva, paráfrase e polissemia, analisam o enunciado “Meu partido é um coração partido”, slogan presente em uma campanha produzida pelos familiares dos sobreviventes do incêndio da boate Kiss, ocorrido em Santa Maria (RS) em 2013. Dessa análise, recorto uma sequência que conversa com o que Orlandi (2005b) trata a respeito da relação entre paráfrase e metáfora. Assim,

> **SD 2**
>
> De imediato, constatamos que o enunciado “Meu partido é um coração partido” **constitui-se em uma metáfora**. Lembramos então das palavras de Pêcheux, na obra “Semântica e Discurso”, quando o autor **relaciona paráfrase e metáfora**, **afirmando que “a produção de sentido é estritamente indissociável da relação de paráfrase”** (PÊCHEUX, 1988, p. 263) **e dizendo que o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora** (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases) **das quais certa formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório.** Na perspectiva de Pêcheux, as palavras, expressões e proposições recebem seus sentidos da formação discursiva à qual pertencem. Neste sentido, para

[17] Em todas as SDs, os grifos em negrito são meus. Ao reproduzir os grifos dos autores, usei itálico.

> o autor, "**a metáfora, constitutiva do sentido**, é sempre determinada pelo interdiscurso, isto é, por uma região do interdiscurso" (PÊCHEUX, op, cit, p. 263). (GRANTHAM; PETRI, 2019, p. 149).

Como se observa, não é a noção teórica da metáfora que embasa a discussão sobre o enunciado que constitui o objeto das autoras, mas é ela que vem em primeiro plano no gesto analítico proposto, reforçando minha tese da importância da metáfora e da costura que faz com todas as demais noções. Também, reforça-se a sua relevância nas citações de Pêcheux.

Após essa menção à metáfora e aos conceitos que ela carrega, o enunciado, considerado uma metáfora, é trabalhado discursivamente, tanto em relação às formações discursivas que se inserem como os limites entre o mesmo e o diferente, entre o que se repete e o que deriva, isto é, a relação entre paráfrase e polissemia, sem esquecer o gesto político aí implicado, o que se observa também na sequência discursiva vinda de Orlandi (2005b). Aqui, assim como em Orlandi (2005b), a metáfora, pelas substituições e/ou paráfrases, liga-se às formações discursivas e à história, contudo não estão relacionando ao efeito metafórico, conforme a SD 1. Ao trazer o efeito metafórico, conceito da primeira fase da AD, Orlandi marca o início das discussões em Pêcheux sobre a metáfora, mas, ao mesmo tempo, traz elementos de outras fases, já em Grantham e Petri (2019) não há esse registro a primeira fase, mas a outras, mais à frente da que Orlandi apresentou.

Antes de passarem propriamente ao gesto analítico do enunciado, impregnando seus olhares interpretativos sobre a materialidade significante, Grantham e Petri (2019, p. 150), novamente, retomam a noção de metáfora, falando acerca do seu funcionamento.

> **SD 3**
>
> **A metáfora, portanto, pode ser concebida como produção de sentido, como trabalho do leitor, como prática de leitura**. Na verdade, funciona como uma **pista discursiva, que orienta a produção dos sentidos.** Por isso, **uma metáfora pode significar diferentemente para diferentes leitores**, ou seja, uma mesma metáfora pode dar origem a leituras diversas, o que vai significar o surgimento de novos textos, novos discursos.
> É, na verdade, o que verificamos neste trabalho: **uma metáfora revelando a prática da leitura, sendo (re)significada, fazendo os sentidos serem diferentes em discursos distintos.** Constataremos que, na campanha produzida pelos familiares dos sobreviventes, o slogan "Meu partido é um coração partido" retoma e atualiza outros enunciados, que abrangem campos diversos, como o artístico, o cultural e o político. (GRANTHAM; PETRI, 2019, p. 150).

O conceito de metáfora se junta ao modo metafórico de se dizer o discurso, revelando que tanto um quanto o outro são essenciais no processo discursivo. Ratifica-se, ao modo de Orlandi, que elas são "suportes analíticos de base" e "procedimentos heurísticos", (ORLANDI, 2005b, p. 77), ou seja, são a sustentação da língua e da análise que nela se empreende, já que,

conforme Grantham e Petri (2019, p. 150), uma metáfora pode revelar uma prática de leitura, ser (re)significada e, ainda, tornar os sentidos distintos em discursos diferentes, logo, levar um gesto de interpretação e não outro, aproximando do que Orlandi traz. Assim, essa SD 3 vem dialogar com o que diz Orlandi na sequência seguinte e posicionamentos serão delineados em relação à paráfrase, metáfora e efeito metafórico:

> **SD 4**
>
> De minha parte, trago a noção de **efeito metafórico – pontos de deriva –** para o campo dos procedimentos analíticos aproximando-a da noção de **gesto de interpretação** – **o que intervém no real do sentido**. Realço assim o fato de que o analista trabalha a possibilidade de descrever/interpretar um funcionamento discursivo "lidando/ operando" com a paráfrase e a metáfora. **A paráfrase e a metáfora explicitam-se, pois, enquanto procedimento de análise.** Esta é, para mim, uma **marca da especificidade da análise de discurso**: ela introduz uma noção não linguística de paráfrase e uma noção de metáfora que não deriva da retórica, ou dos estudos literários, assim, como uma noção de "memória" que tem suas determinações que não são psicológicas, cronológicas etc. A relação entre essas noções e o modo de procedimento da análise de discurso, ligando o que é **estabilizado** e o que é sujeito **a equívoco**, no movimento da descrição e da interpretação vai marcar profundamente os estudos da linguagem. (ORLANDI, 2005b, p. 78).

Orlandi considera a metáfora "uma marca da especificidade da Análise do discurso", algo intrínseco a ela e que vai marcar os estudos da linguagem, aliás como a autora disse na sequência anterior (SD 1), é a base. Destaco que o efeito metafórico é definido como "pontos de deriva" e aproximado de "gesto de interpretação". A autora aproxima o efeito metafórico da AAD (1969) de pontos de deriva (1983), logo, pontos de deriva funciona como aposto de efeito metafórico, ou seja, explica o que ele é, marcado na língua pelo uso dos travessões. Assim, a paráfrase é o que estabiliza, e a metáfora, o que leva à desestabilização, ao equívoco. Como já mencionado, a metáfora como equívoco vai aparecer em Pêcheux depois de um longo período, mas aqui aparece como algo bem próximo, do mesmo modo a deriva em relação ao efeito metafórico. O que observo é que há um salto histórico nas referências a Pêcheux e, ainda, vários períodos dos conceitos se misturam, não demonstrando o desenvolvimento que a noção percorreu na trajetória pecheutiana.

A aproximação entre efeito metafórico e gesto de interpretação traz o papel que a metáfora e a paráfrase desempenham na análise de uma materialidade. O gesto de interpretação é "o que intervém no real do sentido" (ORLANDI, 2005b, p. 78), e o sentido sempre pode ser outro. Assim, na aproximação com o efeito metafórico, pelas substituições significantes, pela deriva, o sentido é um e não outro, incessantemente, o que leva ao efeito de sentido de que o gesto de interpretação se liga ao efeito metafórico, seja no que repete (paráfrase), seja no que rompe com os sentidos cristalizados (polissemia), a própria metáfora.

Recuperando Grantham e Petri (2019, p. 150), na SD 3, “A metáfora, portanto, pode ser concebida como produção de sentido, como trabalho do leitor, como prática de leitura. [...] uma metáfora pode significar diferentemente para diferentes leitores”, é possível afirmar que, pelo efeito metafórico, pode haver gestos de interpretação distintos.

Observo que a falha, o equívoco, o deslize estiveram presentes no próprio texto de Grantham e Petri: “É em Ideologia que encontramos o ‘mesmo’ enunciado que vem ser repetido na campanha do Movimento de Santa Maria: ‘Meu **coração** é um coração partido’”. (GRANTHAM; PETRI, 2019, p. 156). Realmente é o “mesmo” da música e do slogan, mas aqui na reprodução do enunciado, o significante partido foi trocado pelo coração, já que o enunciado de Santa Maria é “Meu **partido** é um coração partido” (GRANTHAM; PETRI, 2019, p. 151, grifo meu). Estaria diante de uma falha? Um lapso? O equívoco constitui a metáfora, o *non sens* que não cessa e habita o desejo dos sujeitos, visto que esse enunciado se constituiu em parte do título do texto. A metáfora está impregnada no próprio sujeito que dela se vale para discursivizar e nas tramas se envolve, prende-se, por hora, em seus fios.

Em outra edição do SEAD, Orlandi retoma o efeito metafórico como deriva e apresenta a formulação “deriva metafórica”.

> **SD 5**
>
> Se volto ao que diz Castoriadis, “enfrentar o abismo em pé”, e se procedo discursivamente, podemos produzir aí um **efeito metafórico, uma deriva, deslocando de uma formação discursiva para outra**, o que é dito relativamente à humilhação. Desse modo, o menino do tráfico, quando afirma “eu estou do lado certo na vida errada” está afirmando que não está ao alcance da humilhação. Ele está fora das relações sociais que se apresentam como dominantes na formação social capitalista, e a humilhação só é possível nelas (assim como o pichador está fora do alcance da escola porque não escreve com letras do alfabeto). Se estivessem no interior dessas relações seriam humilhados. Eles se negam a isso. Estão no lado certo (“em pé”). Da vida errada (“enfrentando o abismo”). Eis o efeito de sentido produzido por este deslizamento, por esta **deriva metafórica**. (ORLANDI, 2009, p. 26).

O efeito metafórico, novamente, é posto como deriva, e o aposto se repete, agora marcado por vírgulas, mas aqui não está na mesma condição que a sequência anterior proposta pela autora – SD 4, visto que acresce o deslocamento que pode ocorrer entre uma formação discursiva e outra, isto é, em FDs diferentes, os sentidos podem (não necessariamente) ser outros, conforme visualizou na análise da materialidade analisada. Nessa sequência, o efeito metafórico é uma deriva enquanto na SD 4 é pontos de deriva, ou seja, aos poucos, pelas beiradas, Orlandi vai inserindo diferentes aspectos ao efeito metafórico. Na SD 1, a formação discursiva vinha associada à paráfrase, diferente daqui que se liga ao efeito metafórico, à deriva.

Articulando as duas noções, a autora formula “deriva metafórica”, mas não a aborda como uma noção.

Para mim, tanto o efeito metafórico como deriva metafórica são entendidos na materialidade da língua, o primeiro como sendo a deriva do sentido, o que leva a um sentido outro, que se desloca de uma FD para outra, mas que também poderia pertencer a mesma, porém, neste caso, teria um outro efeito. O efeito, nas condições de produção apresentadas, é contrário ao que se discursiviza sobre humilhação, está numa outra rede de sentidos. A deriva metafórica é o próprio deslizamento de sentido, o sentido outro que se constituiu. Dito de outro modo, conforme as condições de produção e a FD em que se dá a metaforização de um espaço, de um movimento, de um discurso, seja ele qual for, produz um efeito metafórico que pode levar a um sentido de repetição (paráfrase) ou de desregularização (polissemia). A deriva metafórica é o resultado, o próprio efeito. No texto em análise não houve outras referências à metáfora explicitamente, contudo, ao tocar na questão da significação, dos sentidos, sabe-se que há uma rede metafórica que aí opera, já que os sentidos, conforme Pêcheux, dão-se nas relações de metáfora.

Em Orlandi, verifico uma não linearidade ao apresentar as noções e as definições relacionadas à metáfora. A linha do tempo pecheutiana é rompida e as noções são arremessadas para um tempo não marcado.

Mariani, em *Silêncio e metáfora, algo para se pensar* (2007), também, aborda o efeito metafórico, mas antes de trazê-lo, realiza um estudo sobre a metáfora em Jakobson, Lacan e Pêcheux. Num segundo momento, articula os conceitos de metáfora e silêncio aos postulados por Pêcheux e Orlandi. O texto, além de trazer o trajeto da metáfora, principalmente, sob o viés desses três autores, articula esses conceitos à música *Terceira margem do rio*, de Caetano Veloso.

Já na epígrafe, Mariani traz uma citação de Pêcheux, todavia seguindo um caminho diferente daquele percorrido por Orlandi (2005b, 2009) e Grantham e Petri (2019) nas sequências anteriores.

SD 6

A consequência é que **a língua domina o pensamento, impondo-lhe a ordem do negativo, do absurdo, da metáfora**. É aí que a ciência da linguagem relaciona-se com o registro do inconsciente. M. PÊCHEUX (*A língua inatingível*, 2004). (MARIANI, 2007, p. 213).

Para mostrar o caminho delineado, Mariani, antes de trabalhar a noção discursivamente ao modo de Pêcheux, faz referência a outros autores. Nas SD 7 e SD 8, a metáfora é vista sob

os posicionamentos de Dor, seguindo a linha da psicanálise, e de Orlandi, na perspectiva da Análise do Discurso:

> **SD 7**
>
> "a metáfora é tradicionalmente repertoriada nos tropos do discurso como uma figura de estilo fundada em *relações de similaridade, de substituição*. (...) é um processo que consiste em designar alguma coisa por meio do nome de uma outra coisa" (DOR, V.1, p. 43). (MARIANI, 2007, p. 215).
>
> **SD 8**
>
> "O sentido é sempre uma palavra, uma proposição por outra: os sentidos só existem nas relações de metáfora dos quais certa formação discursiva vem a ser o lugar mais ou menos provisório." (ORLANDI, 1996, p. 21). (MARIANI, 2007, p. 224).

Além dessas duas sequências, no texto, posicionamentos de outros teóricos foram inseridos, tanto da AD quanto fora dela. Assim, ao abordar as concepções de Jakobson, apresenta os procedimentos metafórico e metonímico, quando esse explica a linguagem dos afásicos, relacionados aos distúrbios de similaridade e contiguidade, respectivamente. O que se observa aqui é que há um desarranjo, a língua falha e não dá conta, isso porque, no distúrbio de similaridade, há deficiência na seleção e substituição e no distúrbio de contiguidade há uma desordem na combinação de palavras, logo, frases desordenadas. (MARIANI, 2007, p. 218).

De Lacan, Mariani apresenta a concepção sobre o significante e que, conforme já abordado no capítulo primeiro, é o significante que comanda a cadeia da língua, já que o que há no processo metafórico é uma substituição significante, logo, "A metáfora, nessa acepção, como elemento produtor do sentido, é o que permite o surgimento do novo sentido". (MARIANI, 2007, p. 221). Traz, novamente, Lacan: "o importante não é que similaridade seja sustentada pelo significado é que a transferência do significado não é possível senão em virtude da própria estrutura da linguagem." (LACAN, 1985, p. 258 *apud* MARIANI, 2007, p. 221). Ademais, mostra a importância da metonímia nesse processo e sintetiza as fórmulas propostas por Lacan sobre as duas noções: "na metáfora, onde há condensação, substituição, relação de similaridade, produz-se um sentido outro para um significante; na metonímia, onde se dá deslocamento, transposição, combinação, há um novo significante para um mesmo sentido." (MARIANI, 2007, p. 222). Ressalta que esses dois processos são essenciais para a compreensão do inconsciente estruturado como linguagem e que essa acepção se distancia da linguística. Há uma tendência ao mesmo, contenção que a metonímia tenta fazer, porém o remetimento a um outro significante já dá indícios de que o sentido é outro. Parece-me que já há um deslizamento, um lugar para a irrupção.

Após trazer as considerações sobre teóricos fora da AD, mas que de algum modo foram importantes para a teoria discursiva, volta-se a Pêcheux e dele recupera conceitos importantes sobre a metáfora, como o efeito metafórico, proposto na Análise Automática do Discurso em 1969. Assim:

SD 9

"chamaremos **efeito metafórico o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual** para lembrar que esse **deslizamento de sentido** entre x e y é constitutivo do 'sentido' designado por x e y; esse efeito é característico dos sistemas linguísticos naturais, por ocasião aos códigos e as línguas artificiais, em que o sentido é fixado de antemão." (Pêcheux, 1990b, p. 96). (MARIANI, 2007, p. 224).

Mariani não traz detalhadamente todo o percurso dessa noção em Pêcheux, no entanto toca nas articulações que esse manteve com Lacan e Althusser. Igualmente, aborda o conceito de metáfora associado às FDs e ao interdiscurso.

Ao definir sentido, traz Orlandi: "O sentido é sempre uma palavra, uma proposição por outra: **os sentidos só existem nas relações de metáfora** dos quais certa formação discursiva vem a ser o lugar mais ou menos provisório." (ORLANDI, 1996, p. 21 *apud* MARIANI, 2007, p. 224, grifos meus). Ou seja, o efeito metafórico leva os sentidos numa outra direção, o lugar que ocupam é provisório, fluido, visto que novas configurações podem se fazer e, então, mexer nas fileiras do sentido.

A autora, também, faz um retorno a Saussure, trazendo dele o que a língua não dá conta, a falha, os deslizamentos, o furo, para mostrar que é justamente no equívoco, no que lhe é estranho, absurdo, que se dá a metáfora. E, então, explica o processo metafórico, considerando-o como as possibilidades de deslocamento dos sentidos da língua. Portanto, "Falar sobre metáfora, então, é falar sobre deslocamento e sobre sentido. Os sentidos existem nas relações de metáfora." (MARIANI, 2007, p. 226). Na sequência seguinte, Mariani apresenta as considerações a que chega sobre o efeito metafórico em Pêcheux e a relação que a noção de metáfora mantém com as outras áreas:

SD 10

Em Pêcheux, os **efeitos metafóricos enquanto deslizamentos dos sentidos**, esse é o movimento da língua que cabe ao analista de discurso analisar, escapando assim de análises conteudísticas. Apesar das diferenças nas abordagens, um aspecto une s três autores. Em todos, discutir a metáfora é discutir algo que diz respeito à ordem da língua, ou seja, está em jogo uma concepção de língua sujeita à falha e a deslizamentos significantes. (MARIANI, 2007, p. 227).

A autora traz conceitos importantes para pensar a metáfora, não só discursivamente, mas também da imbricação com outras áreas. Conceitos que não ficam à margem, para retomar uma metáfora utilizada no texto de Mariani, entretanto fazem parte da terceira margem, aquela que desloca o sentido para uma direção outra.

Tanto em Orlandi quanto em Mariani, o efeito metafórico é pensado como o fenômeno semântico produzido por uma substituição, relacionado ao deslizamento de sentido. Pfeiffer e Grantham (2016) e Cortes (2019) também trazem essa citação em suas discussões sobre a metáfora, conforme apresento mais abaixo.

Pfeiffer e Grantham em *Sentidos em redes imagéticas: um gesto de análise na saúde pública* (2016) apresentam como a noção teórica da metáfora se constituiu e, como Orlandi, trabalham a relação da metáfora com a paráfrase e a polissemia, embora em Orlandi (2005b e 2009) essa última noção não tenha aparecido explicitamente.

No texto de Pfeiffer e Grantham, a metáfora ganha um lugar especial não só do ponto de vista teórico como no modo de dizer a AD. E, ao modo de Pêcheux, considera a AD construída *sob andaimes suspensos no ar* e com ela a noção teórica da metáfora, visto que o conceito foi sendo reconfigurado à medida que a teoria se desenvolvia. Logo de início, revela a importância que essa noção ocupa na teoria do discurso e apresenta outros conceitos ligados a ela: impulso metafórico e efeito metafórico, trazidos de Orlandi.

SD 11

> […] **a noção de metáfora sempre foi muito importante**, de modo a Pêcheux ([1982] 1994, p.62) afirmar que, na relação entre língua e discurso, é necessário trabalhar com o "**impulso metafórico** interno à discursividade pelo qual a língua se inscreve na história". O que é retomado por Orlandi (2002), quando afirma que no trabalho com a forma material, necessariamente, levamos em consideração **a metáfora e o equívoco,** o efeito da falha da língua inscrevendo-se na história, ou, dito de outro modo, ainda por Orlandi (2001), o **efeito metafórico** é **um deslizamento de sentido em que a língua e história se ligam no equívoco, materialmente determinado.** (PEIFFER; GRANTHAM, 2016, p. 283-284).

O impulso metafórico é a falha a que toda língua se submete na história e por meio do qual o sentido se inscreve e pode ser outro. Já o efeito metafórico é o deslizamento de sentido, concebido de Orlandi. Assim, onde a língua tropeça, escapa, a metáfora se dá.

As autoras, assim como em Mariani (2007), buscam aporte, também, em Saussure, Jakobson e Lacan. Interessante observar no texto que em um parágrafo as autoras não só trazem a relação que Pêcheux estabeleceu com outros teóricos sobre a noção como apresentam o percurso da metáfora trilhado por ele. Reproduzo:

SD 12

Um ponto importante dessa trajetória [...] e que permite a Pêcheux (1969) construir a metáfora n(d)este lugar, é sua reflexão no jogo da relação entre a teoria do valor de Saussure e a relação metáfora/ metonímia trabalhada por Jakobson, elaborando o **efeito metafórico enquanto um fenômeno semântico de substituição contextual**, e, mais adiante, como possibilidade de **substituição simétrica.** Indo e vindo em suas formulações, em um contínuo batimento entre teoria e análise, e levando à consequência sua tomada materialista da linguagem e dos estudos sobre a linguagem, Pêcheux (1975) aliará **a metáfora à construção do conceito de formação discursiva** e, portanto, à configuração do sujeito do discurso. Indo mais além, Pêcheux (op.cit.), relacionando-se com os textos lacanianos, formula **a metáfora enquanto transferência**, pensando-a como **procedimento heurístico**. Vê-se aí a articulação produtiva entre o materialismo, a linguística e a psicanálise, que permitirá a Pêcheux formular **a metáfora como lugar de equívoco e deriva, em que esta se localiza no ponto preciso de produção do sentido a partir do *non-sens*.** Em seus últimos trabalhos, sobretudo com Gadet, pensando sobre o real da língua e o real da história, Pêcheux (1981) formula **a metáfora como perturbação ligada ao lapso, ao ato falho, ao poético, ao Witz e ao enigma.** (PEIFFER; GRANTHAM, 2016, p. 284).

Mesmo que tanto Pfeiffer e Grantham (2016) quanto Mariani (2007) tenham seguido um caminho semelhante, aqui o que se toma de Saussure é o valor do signo e lá a cadeia paradigmática. Ainda, em relação a Jakobson, não é explicado o processo da metáfora e da metonímia proposto por esse ao analisar a linguagem dos afásicos, distúrbios da similaridade (metáfora) e contiguidade (metonímia). Em Lacan, buscam apoio em textos que auxiliem a pensar a metáfora como transferência, no entanto não os citam.

Ao abordarem o caminho da metáfora em Pêcheux, o desenvolvimento da noção é contemplado em todas as suas fases, reforçando a posição assumida.

Além desse percurso da metáfora, outras citações de Pêcheux sobre a metáfora, são apresentadas como aquela em que “o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora [...]” (PÊCHEUX, [1975] 1988, p. 263 *apud* PEIFFER; GRANTHAM, 2016, p. 285) ou, ainda, “[...] o sentido é sempre uma palavra por outra, uma expressão ou uma proposição por uma outra palavra [..] (PÊCHEUX, [1969] 1990, p. 96 *apud* PEIFFER; GRANTHAM, 2016, p. 289), citações bastante presentes nos trabalhos que utilizam a noção teórica da metáfora. O conceito de efeito metafórico, proposto por Pêcheux em 69, também está presente, não só na sequência acima (SD 12) como em outra passagem do texto em que cita Orlandi, reforçando a importância dessa noção. Há, ainda, um retorno a Orlandi para pensar a paráfrase e a metáfora como base e como procedimento heurístico, conforme se observa na SD 13:

SD 13

No entremeio a estes percursos, e pensando com Pêcheux, Orlandi foi construindo possibilidades de formulações em torno do fato de que **as noções de paráfrase e de metáfora**, **enquanto transferência** (Pêcheux, 1975), **são os suportes analíticos de base da Análise de Discurso**. Segundo a autora, **a paráfrase é** ao mesmo tempo fato de linguagem e **procedimento heurístico** (Orlandi, 1983). **É a paráfrase (pensada em relação à configuração das formações discursivas) que está na base da noção de deriva** que, por sua vez, se liga ao que é definido,

> por Pêcheux (1969), como **efeito metafórico: fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, produzindo um deslizamento de sentido**. Ou seja, Orlandi remarca que o "mesmo" também é produto da historicidade, é parte do efeito metafórico: "a historicidade aí está justamente representada pelos deslizamentos (nas relações de paráfrase) que instalam o dizer no jogo das diferentes formações discursivas, presença de uma ausência necessária, relação incontornável com a alteridade" (ORLANDI, 2001, p.24). (PEIFFER; GRANTHAM, 2016, p. 284-285).

O efeito metafórico é citado novamente, assim como a noção de deriva na base da paráfrase, mas aqui, diferente da SD 1 de Orlandi (2005b), Peiffer e Grantham complementam que o que se repete faz parte da historicidade e, nesse sentido, constitui, também, o efeito metafórico.

Na discussão empreendida, tocam sobre o equívoco associativo da metáfora, promovido pelo confronto. Quando algo se desfaz, rompe-se uma possibilidade outra, a metáfora. A partir das formulações de Pêcheux, destaco a das autoras em relação ao efeito metafórico, o que demonstra não só filiação aos dizeres pecheutianos como novas incorporações e uma forma particular de pensar o conceito:

> **SD 14**
>
> [...] É, pois, sujeito à falha e ao acaso, mas também à regra e à necessidade, que o sujeito (se) significa, e se **os sentidos podem ser os mesmos**, também podem **escorregar**, **derivar** para outros sentidos, **para outras posições**. O **efeito metafórico**, nesta medida – e conforme pudemos compreender nos discursos em torno da saúde pública – **é a deriva, o deslize, a transferência, a palavra que fala com outra.** (PEIFFER; GRANTHAM, 2016, p. 295).

Nesse conceito condensa o percurso da metáfora e tudo o que ela (des)engendra. Entendo que ao formulá-lo aos seus modos e em conjunto com a análise, eles vão se aproximando mais desse tempo, sem perder de vista a essência. Deste modo, o batimento entre a teoria e a prática ficam mais presentes, vivem entre nós, é uma forma de não deixar a teoria envelhecer. Tocar nessas noções, reavivá-las é, também, uma forma de evolução da teoria.

Estabelecendo um diálogo com as discussões realizadas até este momento, trago o texto de Gerenice Ribeiro de O. Cortes, *O gigante das diretas está na direção certa? Memória e metáfora no discurso virtual sobre o Brasil* (2019) que apresenta um funcionamento aproximado ao que observei nas sequências trazidas anteriormente.

Cortes, tomando como *corpus* de análise fotos e cartazes publicados na internet sobre o movimento "Diretas já", postagens do blog "Direitas já: o Brasil na direção certa" e, ainda, outras materialidades que retomam o enunciado "O Brasil está na direção certa", mobiliza noções de memória discursiva e efeito metafórico. O efeito metafórico, ao lado da memória discursiva, é colocado como noção principal no desenvolvimento do trabalho de Cortes.

Levando em conta as materialidades explicitadas e as noções teóricas mencionadas, Cortes trata da constituição do sujeito e dos sentidos no processo discursivo e da movimentação que aí pode acontecer, a partir, ainda, da relação com outras noções da AD, como interdiscurso, formação discursiva e inconsciente, por exemplo. Nesse sentido, considerando que a língua é constituída de falhas e equívocos e que, assim sendo, permite o deslizamento, a deriva dos sentidos, busca em Pêcheux o aporte teórico da metáfora, já que é nela que o sentido se constitui. Dele, recupera as três fases da AD e como a metáfora foi concebida em cada uma delas, conforme se observa:

SD 15

[...] o **efeito metafórico** é abordado por Pêcheux **na primeira fase da AD** (AAD69), (PÊCHEUX ([1969] 2010, p. 96) como "**o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual**, para lembrar que esse '**deslizamento de sentido'** entre x e y é constitutivo do sentido designado por x e y" [...]. As reflexões sobre a metáfora, na AAD69, envolvem relações com o conceito de condições de produção.
Em momento posterior, **na segunda fase da AD**, a **metáfor**a é pensada pelo autor como o viés pelo qual se opera o **deslocamento dos sentidos na relação com as formações discursivas (FDs)**, ou seja, "o sentido existe exclusivamente nas relações de metáforas (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases e formações de sinônimos), das quais certas formações discursivas vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório" (PÊCHEUX [1975] 2009, p. 240). O autor declara, assim, o primado da metáfora sobre o sentido. Os efeitos de sentidos são produzidos no discurso mediante as relações de metáfora. Já, na **terceira fase, a metáfora é pensada a partir do interdiscurso** como princípio da interdiscursividade. Nota-se, pois, que o conceito de metáfora discursiva adquire crescente relevância ao longo do empreendimento teórico da AD de Pêcheux. (CORTES, 2019, p. 138).

No contexto dessas noções e de memória discursiva, analisa os efeitos metafóricos e os deslizamentos de sentidos nas materialidades selecionadas. O que se observa é que Cortes, de forma bastante sintética, mas esclarecedora, traz o percurso da metáfora na AAD 69. Ainda, nessa sequência, estão presentes citações fundamentais de Pêcheux na sua relação com a metáfora, às quais se enlaça a voz de Cortes. Essa sequência de Cortes (2019) segue um percurso parecido com o de Peiffer e Grantham (2016), visto que também resume o percurso da metáfora em Pêcheux, mas aqui seguindo as fases da AD como Pêcheux fez na AAD 69.

Além dos conceitos teóricos que expus acima, Cortes traz a relação metafórica, ou seja, a relação que um termo mantém com outro, de acordo com o que se observa na sequência.

SD 16

[...] o enunciado *"DIREITAS JÁ: o Brasil na direção certa"*, ao estabelecer uma *relação metafórica* com o dito *DIRETAS JÁ*, ao mesmo tempo em que se apropria da força popular desse movimento, tenta apagar os sentidos históricos que ele institui. (CORTES, 2019, p. 147).

Embora a relação seja mantida, nem sempre há os mesmos sentidos, conforme já trouxe em outras passagens e consta na abordagem da autora, logo, tanto podem se manter como

deslizar. Sob o efeito da ideologia, silenciam-se alguns sentidos para que outros sejam postos em evidência e aceitos, instituindo um efeito de verdade. Também nessa relação, Cortes traz uma outra análise que seu material suscita:

> **SD 17**
>
> Segundo esse discurso ufanista, o Brasil da época da ditadura estava indo muito bem, *para frente!* No entanto, a história mostra outra realidade, constituída de opressão, autoritarismo, miséria e repressão. Este é, pois, outro *efeito metafórico* instituído na relação desses enunciados: *"Este é um país que vai para frente"* - FD da ditatura militar; / *"O Brasil está na direção certa"* – FD da Direita política brasileira. (CORTES, 2019, p. 148).

O efeito metafórico aí instituído leva a um efeito de sentido outro, que não aquele proposto pelos movimentos populares, contudo, postos nessa relação metafórica parecem, só parecem, trabalhar um efeito do mesmo, da regularização, buscando assinalar um efeito de liberdade, de um Brasil que vai para frente, no entanto, pode-se perguntar: Vai para a frente para quem? Direção certa de que? Sentidos em tensão, na contradição da língua.

Cortes, ao retomar o efeito metafórico proposto por Pêcheux, atualiza a noção, pois no encontro de uma memória e uma atualidade, as noções se ressignificam na materialidade da língua.

Dos Anais do SEAD, trago o texto de Cyrre (2015), em que a autora toma como objeto de análise cartuns sobre a campanha e o horário eleitoral político brasileiro no ano de 2012. Cyrre busca em Pêcheux o aporte teórico da noção de metáfora e apresenta no texto as definições que o autor desenvolveu. Ademais, na Psicanálise Lacaniana, também, busca contribuições, mostrando a relação que a AD manteve com essa área. Desta forma, relacionando ao seu *corpus* de análise, apresenta o efeito metafórico e a transferência metafórica.

> **SD 18**
>
> Vejo as imagens e os ditos relacionados ao espetacular como uma paráfrase que desliza os sentidos e vem a constituir um **efeito metafórico** que trabalha e instaura novos sentidos para *a campanha e o horário eleitoral*. Como escrito por **Pêcheux ([1969] 1993, p. 96), "o *efeito metafórico* é um *efeito semântico* que se produz numa substituição contextual"**, o que acontece então é um deslizamento de sentido entre *x* e *y*. A distância é constitutiva tanto do sentido que é produzido por *x* como por *y*. Desta forma, **a metáfora funciona como transferência que se produz num processo intermitente entre deslizamentos de sentidos.** Uma palavra por outra, no caso do Eixo verbal (Ev). E ouso dizer, uma imagem por outra, no caso do Eixo imagético (Ei). Um objeto discursivo por outro: *a campanha e o horário eleitoral* por um grande espetáculo: de circo.
> **Essa transferência metafórica significa e é significada pela possibilidade de abertura e de deslizamentos de sentido: "daquilo que representa o sujeito para um outro significante". (LACAN *apud* PÊCHEUX, [1975] 1988, p. 156).** Então, pensar o processo eleitoral com a campanha e o horário político na TV como espetáculo ou espetáculo circense, enquanto efeito metafórico, é estudar o sujeito do discurso e o ponto em que o sentido se produz pela repetição, pela paráfrase e pelo deslizamento. (CYRRE, 2015, p. 1).

Cyrre, à medida que faz a análise, vai trazendo o percurso que a metáfora seguiu, sem necessariamente mencionar a evolução pela qual ela foi passando, da ADD 69 como efeito metafórico, em uma substituição contextual, até chegar à deriva e ao *non-sens*. E tangencia as noções que a ela se imbricam, como, por exemplo, condições de produção, formação discursiva, interdiscurso e memória.

> **SD 19**
>
> **"Na verdade, a metáfora, constitutiva do sentido, é sempre determinada pelo interdiscurso, isto é, por uma região do interdiscurso."** (PÊCHEUX, [1975] 1988, p. 263). Por isso, ao espetáculo podem ser atribuídos inúmeros efeitos de sentido, porque, assim como as palavras e as expressões não têm um sentido que lhes sejam próprios, também as imagens não representam literalmente a realidade: **"a metáfora se localiza no ponto preciso em que o sentido se produz no *non-sens.*"** (PÊCHEUX, [1975] 1988, p. 262), conforme a reprodução da fórmula lacaniana por Pêcheux. Assim, **as imagens e as palavras se revestem de sentidos que são determinados de acordo com as CP, a identificação com determinada Formação Ideológica e com a memória que é trabalhada em cada FD: o exato ponto onde se produz no *non-sens* o sentido como um efeito metafórico que ressoa do interdiscurso.** Então, **interpretar** *a campanha e o horário eleitoral* **passa pelo trabalho das determinações históricas e ideológicas** que são constitutivas de todo espetáculo e de seus personagens- sujeitos. (CYRRE, 2015, p. 2).

Assim, à luz do que propõe Pêcheux, Cyrre constrói sua análise, coloca em jogo os efeitos de sentido que ressoam nesses textos e, por meio deles, questiona a evidência dos sentidos imputada aos sujeitos nessa cena do espetáculo político. Sentidos que tanto podem reproduzir o discurso político dominante e, nessa perspectiva, identificar-se com ele, quanto aqueles que deslizam para uma outra esfera, porque a formação discursiva à qual o sujeito se filia é outra e, nesse caso, deslizar, chegando até a considerar algo sério, como deveria ser considerada a política, como uma brincadeira, ou, conforme os cartuns analisados pela autora, uma palhaçada, um espetáculo circense.

O percurso que se observa em Cyrre (2015) é bem semelhante a outros já citados, como os de Peiffer e Grantham (2016) e Cortes (2019), ou seja, um caminho que leva em conta o conceito de metáfora de Pêcheux desde sua fase inicial até os últimos textos em que este a abordou. E como Mariani (2007), traz a interface com áreas vizinhas, aqui a Psicanálise.

Destaco que o conceito de metáfora como transferência está bem presente e mostra o diálogo da teoria discursiva com o que Lacan mencionava sobre ela. Para a autora, "a metáfora funciona como transferência que se produz num processo intermitente entre deslizamentos de sentidos", CYRRE, 2015, p. 1), ou seja, um processo que se dá entre o que fixa e move os sentidos, ininterrupto. Esse conceito de metáfora como transferência, igualmente, visualizei em

Mariani (2007, p. 221), quando recorre a Lacan para dizer que a transferência de um significado por outro só é possível graças à estrutura da linguagem.

Também encontrei a questão da transferência em Daltoé (nos Anais do SEAD de 2013), *As metáforas de Lula e o deslizamento dos sentidos na língua política: um ritual que falha*, em que a metáfora é discutida tanto do ponto de vista teórico quanto analítico. As metáforas de Lula formam o material de análise e por meio delas a autora estabelece a noção de metáfora discursiva, visto que o há nelas é um deslocamento no tratamento dado à metáfora. Assim, a partir do que observa nas metáforas de Lula:

> **SD 20**
>
> [...] verificamos que, nesta **relação de transferência (metaphora),** os elementos significantes das ML não se organizam por analogia, ou similitudes**, mas passam a se confrontar, não podendo, por este motivo, ser predeterminados por propriedades da língua** (1988, p. 263) unicamente, mas pelos efeitos de sentidos que colocam em jogo nas relações metafóricas. Ou seja, estamos entendendo as ML como uma prática discursiva que não se reduz a comparar uma palavra com outra, substituindo elementos lexicais, como crise por diarreia, economia por roda gigante, etc., mas uma prática em que um sentido estável, neste caso os do imaginário de língua política, é investido de sentidos diferentes e estranhos, que vêm pela memória, carregando consigo sentidos da vida simples do homem simples. (DALTOÉ, 2013, p. 5).

Ou seja, o que a autora verifica é um outro funcionamento, mexendo na língua e rachando sua estrutura. Neste caso, as metáforas de Lula (re)mexem os sentidos, promovendo outros. Em Daltoé (2011), a metáfora é transferência, mas não a substituição de um pelo outro, simplesmente, e sim um outro que desestabiliza as relações de sentido da língua política.

Então, vou a Pêcheux (2014a [1975], p. 239, grifos meus) e verifico como aborda a metáfora enquanto transferência:

> [...] o sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição *por* uma outra palavra, uma outra expressão ou proposição; **e esse relacionamento, essa superposição, essa transferência (*meta-phora*)**, pela qual **elementos significantes passam a se confrontar, de modo que "se revestem de um sentido", não poderia ser predeterminada por propriedades da língua** (por exemplo, ligações "linguísticas" entre sintaxe e léxico); isso seria justamente admitir que os elementos significantes já estão, enquanto tais, dotados de sentido, que têm primeiramente *sentido* ou *sentidos*, antes de ter *um* sentido. De fato, **o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora** (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, formações de sinônimos), **das quais certa formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório: as palavras, expressões e proposições recebem seus sentidos da formação discursiva à qual pertencem.** (PÊCHEUX, 2014a [1975], p. 239, grifos meus).

O que observo, a partir das citações e das discussões das autoras, é a reafirmação dos postulados de Pêcheux, mesmo que de outro modo. Daltoé (2013) retoma de Pêcheux o

confronto entre os significantes, já Azevedo (2015) opta por chamar de recalque, a falta ou, ainda, uma disrupção. Em Peiffer e Grantham (2016) não há essa menção ao confronto dos sentidos, mas ao aliar as formações discursivas à metáfora, mencionam que o sentido pode oscilar. Peiffer e Grantham (2016) pensam a metáfora apoiadas em Pêcheux e na transferência com aporte nas FDs. Mariani (2007) aborda a transferência a partir de Lacan, e do próprio Pêcheux, sem esquecer das FDs.

Em Amaral (nos Anais do SEAD de 2013), *Mar de sentidos: a metáfora no entrelaçamento entre a subjetividade e o imaginário na construção do significante "mar"*, a noção teórica se apresenta junto da análise que faz do significante mar. Vale-se tanto da Análise do Discurso Pecheutiana quanto da Psicanálise Lacaniana e, nesse entrelaçamento, (des/re)constrói os sentidos para o significante mar. A partir de Lacan, a autora afirma que "sempre o dito vai além do querer dizer, sempre há um descontrole" e considera "ser a metáfora um dos processos de adequação que irrompem no discurso a partir desse 'não controle'' (AMARAL, 2013, p. 2). Após suas análises, conclui:

> **SD 21**
>
> [...] parece-nos que no final – ou melhor, **em algum ponto na dispersão** – nossas articulações apontaram-nos **o mar como um estranho-familiar** que se constitui sempre no **esvaecimento do Outro, na falta**. Há um **marulho constante no sujeit**o, há **um devir que se configura na ausência e que se expõem na materialidade da língua fazendo funcionar no familiar do mar o estranho.** (AMARAL, 2013, p. 6).

Na metáfora do marulho do mar, os sentidos se agitam permanentemente, vão e voltam como as ondas do mar, às vezes, serenas, leves, outras, altas e devastadoras, lavando tudo pela sua frente e mostrando a potência da metáfora, tanto no que é aparente, brando, quanto no que é avassalador. Embora o termo *metáfora* não esteja presente explicitamente na SD acima, considerei-a importante por apresentar expressões como "algum ponto na dispersão", no "estranho-familiar", no "esvaecimento do Outro", na "falta", "um devir", na "ausência", no "absurdo", enfim, no inconstante, ao modo de Pêcheux, mas também de Lacan, o que se aproxima das reflexões já citadas de Mariani.

No entremeio com as teorias de Althusser, Pêcheux e Lacan, Aline Fernandes de Azevedo, em *Medicalização e escrita: metáforas da sutura e da cicatriz* (2013), propõe-se a pensar o conceito de tecnologia corporal articulando-o ao movimento de sutura e cicatriz, entendido "como a forma pela qual ideologia e inconsciente se marcam em um corpo concebido em relação ao real, ao simbólico, ao imaginário". (AZEVEDO, 2015, p. 97). Assim, para conceber essa relação, traz à discussão outros conceitos como, por exemplo, sintoma, falta,

equívoco, visível e invisível, reconhecimento e desconhecimento, metáfora e metonímia. A primeira menção à metáfora vem da Psicanálise quando trata sobre o visível e o invisível:

> **SD 22**
>
> Lembrando que, para Lacan, o recalque vai além da repressão/opressão. No jogo da "cadeia significante", **a metáfora (como transferência), ao proceder pela substituição, necessariamente recalca algo**. **Esse invisível se furta então na qualidade de lapso, ausência, falta ou sintoma.** (AZEVEDO, 2015, p. 100).

O invisível é compreendido como aquilo que a metáfora recalca, mas que está ali fazendo furo, resistindo para não ser mostrado. O significante é colocado como parte primordial nessa cadeia, que comporta a metáfora e que provoca a perturbação nos sentidos, a ausência na presença, o excesso na falta. Azevedo busca em Lacan o que Pêcheux traz para a teoria do discurso e incorpora a sua noção de metáfora – a transferência, a falta que lhe é constitutiva. Assim, compreender a metáfora sob a ótica discursiva é também pensá-la nessa relação com a Psicanálise.

Ao tratar sobre o reconhecimento e desconhecimento do sujeito, os efeitos metafóricos e metonímicos, são postos em evidência. Althusser é mencionado explicitamente nessa relação com a metáfora e com os efeitos metafóricos.

> **SD 23**
>
> Reconhecer-se como 'eu', **para a teoria da ideologia althusseriana**, faz parte de um processo de desconhecimento imaginário, desconhecimento de suas certezas e da alteridade fundante que o constitui como sujeito, desconhecimento daquilo que lhe é estranhamente familiar, do inconsciente, e dos efeitos de sentido que a condição de ser sujeito da fala lhe impõe, no simbólico, em uma rede significante que combina **efeitos metafóricos e metonímicos.** (AZEVEDO, 2015, p. 101).

Ou seja, esse reconhecimento/ desconhecimento do sujeito passa necessariamente por essa rede de significante em que a metáfora e a metonímia estão imbrincadas e fazendo "sentidos". Logo, para compreender essa relação entre sutura e cicatriz, à luz das tecnologias do corpo, é fundamental entender essa relação da metáfora e metonímia, visto que é por elas que a língua significa. Neste sentido, outros conceitos da metáfora são postos para discussão:

> **SD 24**
>
> **A metáfora** é situada, desta forma, **em relação ao discurso do inconsciente**, introduzindo o paradoxo de um discurso duplo e uno, inconsciente e verbal, que só pode dar-se no campo da cadeia significante, no qual Lacan localiza a **condensação como uma metáfora e o deslocamento como uma metonímia**. A condensação se produz num nível de substituição, constituindo **a metáfora**, que para efetuar essa substituição sempre **recalca algo**: "é na relação

> de substituição que reside o recurso criador, a força criadora, a força do engendramento, caberia dizer, da metáfora" (Lacan 1957-1958 [1999, p.35]).
> Enquanto a metáfora diz para o sujeito o sentido recalcado, é na **metonímia** que ele **marca o desejo**, que é sempre desejo daquilo que falta [...]. (AZEVEDO, 2015, p. 102).

Novamente me deparo com o conceito lacaniano na interface com a AD e a imbricação entre as noções de metáfora e metonímia sempre presentes nas teorias, conforme já sinalizei em outras passagens deste texto, sobretudo, no percurso seguido por Mariani (2007).

Em outra passagem, Azevedo busca em Pêcheux o conceito de metáfora, mantendo o entremeio com as áreas vizinhas, de modo parecido ao caminho percorrido por Mariani (2007) e Pfeiffer e Grantham (2016). Mas a autora traz mais um fio a ser entrelaçado, que é Althusser.

> **SD 25**
>
> Assim, se **Althusser coloca, apoiando-se em Lacan, a metáfora como aquilo que abala a rede de significantes**, **Pêcheux** (1975 [2009]), por sua vez, ampara-se em suas ideias para falar de **transferência de sentidos em relação com as formações discursivas**, que não obstante possuem fronteiras fluidas e permeáveis: para ele, **a metáfora funciona no deslizamento entre formações discursivas**. É **o efeito metafórico como deslizamento de sentido, produzindo uma deriva** que, segundo **Orlandi, deve ser pensada em relação com sua historicidad**e. Esta forma de pensar a metáfora estabelece que **não há sentido sem metáforas**, já que o sentido é sempre uma palavra por outra. Ou para usar termos lacaniano, "**não existe sentido senão metafórico**, só surgindo o sentido da substituição de um significante por outro significante na cadeia simbólica" (Lacan 1957-1958 [1999, p. 16]). (AZEVEDO, 2015, p. 103).

A noção de metáfora vem associada a Althusser, Lacan, Pêcheux e, também, Orlandi. Em Azevedo (2015), o conceito de metáfora não é retomado seguindo todo o percurso de Pêcheux, como vi em Pfeiffer e Grantham (2016) e Cortes (2019), mas apenas o que toca a articulação que Pêcheux manteve, principalmente, com Lacan, ou seja, a transferência metafórica. Igualmente, o conceito de efeito metafórico já foi apresentado como deriva, conforme visualizei nas sequências discursivas de Orlandi (2005b e 2009), articulado à história.

Numa leitura comparativa, observo em Orlandi (2005b e 2009) "produzindo um deslizamento de sentido", "pontos de deriva", "uma deriva", já em Azevedo (2015) encontro "efeito metafórico como deslizamento de sentido, produzindo uma deriva". O que se observa é que a troca de uma formulação por outra produziu um efeito distinto: nos textos de Orlandi, o efeito promovido é o próprio deslizamento, e no texto de Azevedo o deslizamento de sentido é produzido pelo efeito metafórico

A presença de Althusser e Lacan se mantém na análise da materialidade que Azevedo escolhe, assim, em uma fotografia postada no Facebook que discursiviza a festa rave, essas noções expostas anteriormente vêm complementar o gesto analítico proposto pela autora. O

corpo constitui o objeto de análise e na inscrição que nele se (ex)põe faz mexer a cadeia significante, fazendo com que signifique de um modo e não de outro. Portanto,

> **SD 26**
>
> [...] na fotografia, o sujeito autoriza-se a enunciar que possui um corpo, pela operação na qual deixa sua marca sobre a pele. Munido da certeza sobre sua necessidade – ou da convicção e publicização de uma necessidade, **ele expõe seu corpo ao olhar do outro, produzindo, pelo significante inscrito na superfície corporal, uma deriva, uma metáfora** que viria a substituir uma necessidade biológica qualquer (alimento, água, sono etc.), por uma necessidade que se diz na nomeação de objeto metonímico, objeto a, causa do desejo, embora esta declaração mascare justamente a condição evanescente do desejo, seu limite. (AZEVEDO, 2015, p. 104).

No corpo se manifesta o que falta, o desejo, assim, vê nele uma forma de significar-se e de significá-lo, expondo-se aos olhares de uma sociedade que o significa de um outro modo. E, para Azevedo, a escrita na pele é um sintoma, porque

> **SD 27**
>
> [...] rompe com uma suposta "normalidade" do corpo, marcando-o não apenas como *corpo que fala*, mas como corpo falado pela ideologia e pelo inconsciente. **Ela o transforma em um lugar de metaforização** precisamente porque permite o aparecimento, na cadeia significante, de um significante de uma outra cadeia, **uma transferência cuja disrupção perturba a rede de sentidos**. Ainda, escrever é endereçar ao outro, inscrever uma alteridade incontornável, o que dá margem para pensar a escrita como tecnologia que coloca em relação ao desejo, uma vez que desejo é falta, já que **a substituição só é possível porque algo "falta"**. (AZEVEDO, 2015, p. 105).

Como um sujeito faltoso, tenta suprir o que lhe carece, marcando na própria pele e promovendo um desarranjo dos sentidos institucionalizados, ou, conforme a autora, "a metáfora recalca a medicalização como questão social, histórica e política, apaga a anestesia social que ela produz [...]" (AZEVEDO, 2015, p. 105). Importante lembrar que ao visível se associa a paráfrase, o que se repete, a regularização e que, nesse caso, tenta estabilizar os sentidos em relação ao corpo. De outro lado, tem-se o invisível, onde se dá a constituição dos sentidos, no interdiscurso e que, por meio da memória, inserido em determinada FD significa o corpo de um modo e não de outro. Nesse sentido, o que Azevedo propõe é que para além do visível há um invisível que não cessa, ou seja, a cicatriz comporta mais que a paráfrase. Na metáfora da sutura/cicatriz, Azevedo toca não só na noção de metáfora e metonímia, mas também como a ideologia e inconsciente aí intervêm.

A SD 27 faz pensar também nesse "lugar de metaforização", que é onde o novo sentido se instala, e na transferência que aí se estabelece e que rompe com a rede de sentidos, por isso perturba, desacomoda os sentidos. Essa transferência e perturbação são conceitos ligados à

metáfora que constituíram a terceira fase da AD, conforme propõe Pêcheux e visualizei, por exemplo, em Cortes (2019) e Pfeiffer e Grantham (2016). Azevedo foca suas discussões sobre metáfora, principalmente, na interface com a Psicanálise Lacaniana.

Também com o olhar voltado para a Psicanálise, para auxiliar nos processos discursivos, Luciene Jung de Campos (2013), *Olhar e imagem: construções basculantes do sujeito na cultura*, por meio de muitas metáforas evoca sentidos ao seu texto que lança o olhar para o sujeito. Dela trago o recorte abaixo a fim de discutir o conceito de poder metafórico.

> **SD 28**
>
> Para a psicanálise, o sujeito é instituído não pelo domínio do que pensa, mas pelo que diz. É a palavra que dispõe do poder criador de transgredir o código e de deixar transparecer significações inéditas. Quando o sujeito silencia a palavra, não assume o **poder metafórico** da palavra, ele é induzido ao sintoma. Na arte, o poeta e o artista convidam a subverter o que a palavra faz ver de insensato, fazendo ver pelo poema, pela pintura e pela fotografia o que havia de intangível e que parecia ausente. Na Análise do Discurso, o analista do discurso faz reconhecer o sujeito que se presta a ser olhado, assujeitado a uma palavra constituída por uma sociedade do espetáculo na qual ele é tratado como espetacular, ou seja, não como sujeito, mas reduzido a uma imagem especular. Porém, caso o sujeito não se ofereça como espetáculo, ele é reduzido à posição-sujeito-espectador que contempla a cena da qual está excluído da posição-sujeito-autor. (CAMPOS, 2013, p. 158).

A noção de *poder metafórico* chama-me a atenção e compreendo-o com o olhar basculante que Campos menciona em seu texto e, nessa relação de entremeio, discursivamente, entendo-o como poder sempre necessário à constituição dos sentidos na língua e aí enredado. Esse poder, a Psicanálise atribui à palavra, visto que esta pode infringir o código e trazer à língua outras significações, que não só aquelas estabelecidas por essa mesma língua. O poder metafórico torna a língua viva e assim como o que é bascular, permite aberturas e fechamentos, às vezes mais, outras vezes menos, o direito no avesso, o dentro no fora, o furo, interior e exterior e vice-versa, enfim, garante a repetibilidade, mas também a ruptura.

Ao modo de Azevedo (2015), apoiada, também, na Psicanálise, Leda Verdiani Tfouni (2011), em *A escrita como processo terapêutico – relação entre inconsciente e ideologia*, analisa um texto produzido coletivamente por pacientes de um hospital psiquiátrico, mostrando deslizamentos aí presentes. Assim, embora as noções mobilizadas prioritariamente sejam inconsciente e ideologia, a metáfora aí se encontra, porque os conceitos estão enredados, um se faz no outro.

Além dos outros conceitos abordados, recorto do texto de Tfouni (2011, p. 193):

SD 29

Atribuir um sentido é trabalho do imaginário, da ideologia: **fazer laço**, estabelecer relações, ordenar, classificar, comparar, **transformar este novo que perturba em algo sempre-já-lá**: domesticar a instabilidade da *lalíngua* através da língua, fixando, assim, por **metáforas e metonímias**, **uma nova unidade transitória, que logo também se dissolverá sob o assédio incessante do real, do retorno do recalcado, daquilo que é impossível de se dizer enquanto tal.**

O conceito de metáfora está no que perturba, no sentido que surge, mas que é provisório, pois está sempre fazendo laço, sendo assediado pelo real, por outros sentidos em dispersão. Enlaça e assedia e depois se dissolve para que novos enlaçamentos aconteçam e/ou se desfaça. Do mesmo modo, a metonímia é apresentada na relação com a metáfora, constituindo-se um par indissolúvel, conforme se observou em Mariani (2007). Em sequência, Tfouni menciona:

SD 30

Na tentativa de refinar estas colocações, e seguindo os procedimentos da AD e da psicanálise, prosseguirei este raciocínio fazendo a análise de um corpus precioso que – acredito – se prestará para ilustrar como as **formações metafóricas, que concretizam a deriva (origem do acontecimento), inserem-se também na história particular.** (TFOUNI, 2011, p. 194).

É nas *formações metafóricas*, termo empregado por Tfouni, que se dá a deriva dos sentidos, ou seja, naquilo que precede o acontecimento, ou a própria metáfora, processo que antecede o rompimento de um sentido para que outro possa se manifestar. A partir da história particular e social, o sujeito aloca-se em *sítios de significação* e dele faz uso para apoiar seu discurso que ali fica provisoriamente. Dito de outro modo, firma-se no sentido já naturalizado, mas que não cessa e que a qualquer momento pode subverter-se e derivar. Esse jogo se dá sempre entre a tensão e a contenção, isto é, na tentativa de fechamento e abertura dos sentidos (TFOUNI, 2011, p. 194-195). Toca, portanto, na "contradição - entre os eixos paradigmáticos (metafórico) e sintagmático (metonímico)", isto é, aquilo que dispersa, perturba e o que tenta manter a contenção dos sentidos. (TFOUNI, 2011, p. 196).

Na análise de sua materialidade, percebe os efeitos metafóricos, as substituições, que tanto podem levar a um mesmo sentido quanto a um sentido outro, neste último caso, ocasionando o deslizamento.

SD 31

Cada uma dessas entradas no eixo horizontal é precedida por um buraco de significação, um momento de deriva possível, que antecede a entrada da palavra seguinte. Essas associações constituem o efeito metafórico do texto. Na verdade, **esse efeito só é bem sucedido quando a deriva é contida e algum elemento preenche o necessário de sentido que ela instala. O resultado dessa série de metáforas é um deslizamento de sentido**, que desemboca

> em *(A fazenda) é longe*, que se situa em uma região semântica diferente daquela das associações que vinham ocorrendo até então. (TFOUNI, 2011, p. 196).

Na verdade, esse buraco que se abre na significação, a possibilidade da deriva é, no texto em análise de Tfouni, o que pode ajudar no processo de cura dos pacientes internados no hospital psiquiátrico, pois, por meio da escrita, o sujeito traz o seu modo de se significar na língua e, igualmente, numa série de metáforas, rememora as marcas, passado, presente e futuro se presentificam. Nesse sentido, a escrita funciona, como já dito pela autora no título do texto, como um processo terapêutico, onde a metáfora está a trabalhar. Assim, ao modo de Campos (2013), a palavra, mas não só, estaria aí exercendo seu poder metafórico que, nesse caso, poderia levar à cura. Retomando Lacan, o inconsciente se estrutura em linguagem e a metáfora é atravessada por ele, conforme discuti no primeiro capítulo desta tese.

Interessante constatar que, diferente de outros analistas, Tfouni não apresenta o conceito de efeito metafórico de Pêcheux e o explica no uso da sua materialidade de análise. Outro aspecto que chama a atenção é que em Orlandi (2005b, 2009) e Azevedo (2015), por exemplo, o efeito metafórico é/ ou produz deriva, e em Tfouni "esse efeito só é bem sucedido quando a deriva é contida e algum elemento preenche o necessário de sentido que ela instala", ou seja, para ser efeito metafórico, o sentido pode deslizar, trazer outros sentidos, mas não derivar a ponto de romper a rede de significações regularizadas, parafrásticas.

Tfouni (2011, p. 199) traz uma citação de Zanello (2007) que, de certa forma, contribui para o que expus anteriormente em outras sequências discursivas:

> **SD 32**
>
> A "cura" seria a passagem do tempo sem tempo da "doença" para um tempo vivo, fluido e móvel. Neste sentido, podemos compreender a "doença" como a impossibilidade do fluir no vir-a-ser das **metáforas de base**, cristalização em determinadas metáforas eternamente repetidas (protótipos infantis), e desconsiderando de um modo geral, o contexto. (TFOUNI, 2011, p. 199).

Trazendo o termo *metáforas de base*, rememoro o gesto do analista de discurso diante da materialidade de análise. O que está na base do processo analítico é a paráfrase e a metáfora. A paráfrase, na sua relação com as formações discursivas, está na base da deriva e, consequentemente, do efeito metafórico. Mesmo que na voz de Zanello, Tfouni, como outros analistas expostos anteriormente, coloca a metáfora nessa base que estrutura a língua. No gesto da escrita, os sujeitos se metaforizam, e se ressignificam, podendo (re)escrever suas histórias.

E, então, nessa tessitura da metáfora, Orlandi (2013), em *Análise de discurso, ciência e atualidade*, ao iniciar sua discussão, apresenta dois questionamentos:

> 1. Como a teoria e análise de discurso está constituída hoje **(a que metáforas recorre)**?
> 2. Como o discurso é conceituado na contemporaneidade? (Condições de existência na conjuntura histórica). (ORLANDI, 2013, p. 17, grifos meus).

A que metáforas recorre a Análise de Discurso? Eu diria que a muitas, "pluralidade sem origem assinalável" (ORLANDI, 2013, p. 29), tanto que a própria autora se vale dela ao longo do texto para também fazer sua análise: *ruídos periféricos, caminho, virada, cerne, coração, nó, entremeio,* isso apenas para citar algumas. O objetivo aqui não é analisar a metáfora como modo de dizer o discurso, contudo chama minha atenção que para trazer os conceitos teóricos, variados, a autora vale-se dela, é o que dá norte. Assim, a metáfora se coloca como essencial à prática teórica e analítica do analista de discurso, conforme visualizei em sequências anteriores e que, para Orlandi, seria a virada, contudo

> [...] precisamos apreender as metáforas que a ciência usa para se compreender. [...] As metáforas diferem e isso tem consequências fortes para suas distintas formulações. E, em consequência para os processos discursivos com os quais a ciência se debate e debate. (ORLANDI, 2013, p. 22).

Portanto, não é qualquer formulação de metáfora e, além disso, para compreendê-las, exige-se um sujeito perspicaz, atento aos meandros do discurso, visto que ela está sempre a desestabilizar, por isso chama a atenção para se "apreender as metáforas que a ciência usa".

Ao abordar um dos conceitos chave de metáfora, recupera-o na voz de Pêcheux, assim como o clássico exemplo dele fazendo alusão ao incêndio, considerado sob um posicionamento metáfora e sob outro, metonímia. Leva em conta a formação discursiva, por isso, pode levar a efeitos de sentidos distintos, pode ser metaforizado. Então:

> **SD 33**
>
> Pêcheux ainda diz que **a metáfora** (no caso que analisou) **aparece fundamentalmente como uma perturbação que pode tomar a forma do lapso, do ato falho, do efeito poético, do Witz, do enigm**a. A metonímia apareceria ao mesmo tempo como uma tentativa de tratar esta perturbação, de reconstruir suas condições de aparecimento (como o biólogo reconstrói conceptualmente o processo de uma doença para intervir sobre ela). Este caso, do discurso marxista que metomimizou a metáfora de incêndio para revolução, reduziu a perturbação e teve enormes repercussões históricas. (ORLANDI, 2013, p. 27).

Importante mencionar que Orlandi (2013) reproduz aqui a fala de Pêcheux e que esse conceito encerra as últimas discussões do autor sobre a metáfora. Logo, a metáfora é o que perturba, uma vez que os sentidos saem do eixo habitual e passam a habitar um outro eixo que, também, pode passar a ser outro.

Ao longo dos textos dos analistas, vários foram os conceitos de metáfora buscados em Pêcheux e/ou em outros autores ou analistas de discursos, os quais foram aparecendo à medida que as análises suscitavam. Esse conceito da metáfora como perturbação apareceu em Pfeiffer e Grantham (2016), Azevedo (2015), Tfouni (2011), sendo que as duas últimas trouxeram ao seu modo, não reproduzindo a fala de Pêcheux.

Observo que, neste texto de Orlandi (2013), outros conceitos relacionados à metáfora aparecem, mas sem serem explicados pela autora, pressupondo que o leitor já os reconheça. Nesse sentido:

> **SD 34**
>
> Como diz Pêcheux, a primeira dificuldade reside no fato que as teorias científicas não se desenvolvem nunca no espaço puro do discurso lógico, mas se estabelecem sempre sobre uma **rede metafórica** que lhe serve de apoio. A constituição dos objetos, a saber, não é dissociável dos **efeitos metafóricos** que não podemos restringir ao espaço *subjetivo* do vivido cotidiano ou da poesia (Pêcheux, 2011). [...] Se, na conjuntura política, estamos atentos aos fundamentalismos, ao neo-capitalismo (ou política de mercado, mundialização), na conjuntura teórica, estamos atentos aos funcionalismos, aos modelos da semiologia, do cognitivo, que hoje pretendem tomar o lugar da psicanálise, da linguística, do marxismo como **empréstimos metafóricos** para se compreender e fazer compreender a análise de discurso. E são estes que a análise de discurso deve interrogar. (ORLANDI, 2013, p. 25).

A rede metafórica em que se apoia é a base, as relações de paráfrase a que todo discurso está submetido e, ao mesmo tempo, os efeitos metafóricos a que essa rede leva os significantes que dela fazem parte, podendo tanto levar a um mesmo efeito de sentido quanto a outro e, nesse caso, deslocando-o, conforme se viu em outras sequências apresentadas anteriormente da autora. E, ainda, pode romper a rede, promovendo uma fissura na língua, atualizando a memória e novos sentidos se formando. Os empréstimos metafóricos são tidos como o que se busca em outros lugares para se compreender a Análise de Discurso, empréstimos que nem sempre estão em acordo com o que a AD postula.

Apresentando um funcionamento diferente, o efeito metafórico, bem como outros termos relacionados à metáfora são encontrados em Indursky (2011), *A memória na cena do discurso*. A partir da carta de Caminha e da tela Primeira Missa no Brasil, de Victor Meirelles, assim como de uma marchinha de carnaval, composta por Lamartine Babo, e um cartum, produzido por Uberti, Indursky discute a memória, mostrando como a repetibilidade pode levar tanto a uma regularização como a uma atualização dos sentidos. O conceito de metáfora e outros associados a ela constam no texto de Indursky, porém, de forma diferente de outros analistas de discurso. O posicionamento assumido pela autora, também, é pecheutiano e isso se visualiza em algumas passagens no texto ao marcá-lo em itálico, conforme se observa:

SD 35

> Tais formulações podem trazer o mesmo sentido e, nesse caso, produzem uma *relação de metáfora* em que *uma palavra é tomada pela outra, mas produzindo o mesmo sentido*, tal como ocorre em uma *família parafrástica* que funciona como uma *matriz de sentido.* (INDURSKY, 2011, p. 76).

Da sequência acima, Indursky aborda *relação de metáfora*, que acontece quando há uma substituição de uma palavra por outra, ou um texto por outro, independente da natureza, verbal ou não verbal, em que se ampliam as formulações e atualizam as redes de memória, contudo o sentido permanece. Indursky verificou a *relação de metáfora* ao analisar o discurso verbal de Caminha e a tela de Meirelles. A essa substituição em que os efeitos de sentidos se mantêm, Indursky (2011, p. 78) nomeia de "construção metafórica simples". Nessa análise, Indursky observou que os textos pertenciam à mesma FD e, também, assumiam a mesma posição-sujeito, mas há situações em que a FD é a mesma, mas a posição-sujeito não, levando a um outro efeito de sentido. Sobre essa mudança de sentido, Indursky (2011, p. 78) diz:

SD 36

> [...] ainda estamos diante de um **efeito metafórico**. Mas, nesse caso, a **metáfora** se produz pelo deslizamento de *descobriu o Brasil* para *inventou o Brasil*, indicando que o **processo metafórico** deslocou-se de uma posição de sujeito para outra, embora ambas ainda se inscrevam no interior da mesma FD, a do Descobrimento.

Segundo o que postula Indursky, nesse caso, o que há é um efeito de sentido por outro, indicando que os sentidos foram em outra direção, deslizaram, então, arrisco-me a dizer que se teria uma construção metafórica complexa, pois mesmo que a FD se mantenha, a posição-sujeito não, contraidentificando-se com a FD. Nesse caso, a FD é questionada e novos sentidos são reivindicados, ocupando um outro lugar na memória. Logo:

SD 37

> Esse funcionamento discursivo dos lugares de memória permite avaliar a diferença que se estabelece entre o *processo metafórico*, que ocorre no âmbito de uma matriz de sentido, e o *efeito metafórico* que se instaura pelo deslizamento entre saberes produzidos a partir de diferentes posições-sujeito, inscritas numa mesma FD. (INDURSKY, 2011, p. 79).

É importante destacar a forma como Indursky trabalhou conceitos tão importantes ligados à metáfora: relação metafórica, construção metafórica simples, processo metafórico e efeito metafórico. Sem trazer citações complexas vindas de outros autores, mas por meio de análises, tanto os conceitos aqui referidos quanto outros presentes no texto, foram elucidados e trabalhados num batimento entre teoria e prática discursiva.

Depois de tantos pontos tecidos, ao longo das nove edições do SEAD, o resultado se concretiza em trabalhos consistentes, com fios de espessuras diversas que se ataram a outros para firmar o ponto. Os conceitos ligados à metáfora estiveram presentes de modos diferentes, na voz de Pêcheux e de autores não ligados ao campo discursivo, como Frege, Saussure, Jakobson, Barthes, Lacan, Chomsky, Althusser e Milner. Também, na voz dos analistas de discursos brasileiros que deram a eles o seu tom, trazendo acréscimos, novas definições e noções ou reafirmando Pêcheux, tornando a noção da metáfora presente e ainda mais viva, assim como os conceitos que circulam em torno dela.

Em Pêcheux, pude observar o desenvolvimento dessa noção, desde os primeiros textos, inclusive aqueles publicados sobre o pseudônimo de Herbert. Ela era o *cerne do processo de produção do sentido* e, ao longo de sua trajetória teórica, essa importância se ampliou. Percebeu a relação necessária com a metonímia, uma atrelada a outra, como duas engrenagens que movem o processo discursivo, considerou a metáfora uma *substituição simétrica* e chegou ao *efeito metafórico* (AD 69). Vai concebê-la como um *processo sócio-histórico* e que é na *formação discursiva* que o sentido se constitui, todavia há outras noções que estão aí imbrincadas como, por exemplo, a de interdiscurso, também responsável pela produção do sentido. Na sua relação com os textos de Lacan, Pêcheux vai pensar a metáfora enquanto *transferência*, concebendo-a como um *procedimento heurístico*. E da relação entre materialismo, linguística e psicanálise, Pêcheux concebe a metáfora como *lugar do equívoco* e da *deriva*, no *non-sens*. E ao final de sua vida, em seus últimos trabalhos, entende-a como uma *perturbação*, como um ritual sempre prestes a esfacelar-se.

Na sua relação com os autores do entorno da linguagem, apresentados no primeiro capítulo desta tese, Pêcheux soube aproveitar de cada um deles o que interessava à teoria do discurso, conforme abordei no capítulo referido. Igualmente, de cada um deles, trouxe apenas o que contribui para o estudo e para Pêcheux.

Dos analistas de discurso, em Orlandi (2005b), verifico a não linearidade histórica na abordagem de algumas noções, trazendo-as associadas a conceitos que Pêcheux trouxe só mais tarde na teoria do discurso. Nesse sentido, por exemplo, a autora, ao abordar o efeito metafórico (AD 69), coloca a paráfrase na base da deriva do efeito metafórico, a metáfora articulada ao equívoco e, ainda, traz a relação com as FDs. Para a autora, efeito metafórico é *pontos de deriva* e aproxima-o de *gesto de interpretação* (2005b, p. 78). Ainda em Orlandi (2009, p. 26), observo a formulação de *deriva metafórica*, contudo a autora não aborda como noção, assim, aproveito para dizer que é o próprio deslizamento de sentido, o resultado, o efeito. Nas teorizações de

Orlandi (2013), no entorno da metáfora, estão presentes os conceitos de *relação metafórica* e *empréstimos metafóricos*.

Em Mariani (2007), os conceitos ligados à metáfora são reafirmados e pensados a partir de outros teóricos, como fizeram, por exemplo, Peiffer e Grantham (2016), Cyrre (2015), Azevedo (2015) e Campos (2013).

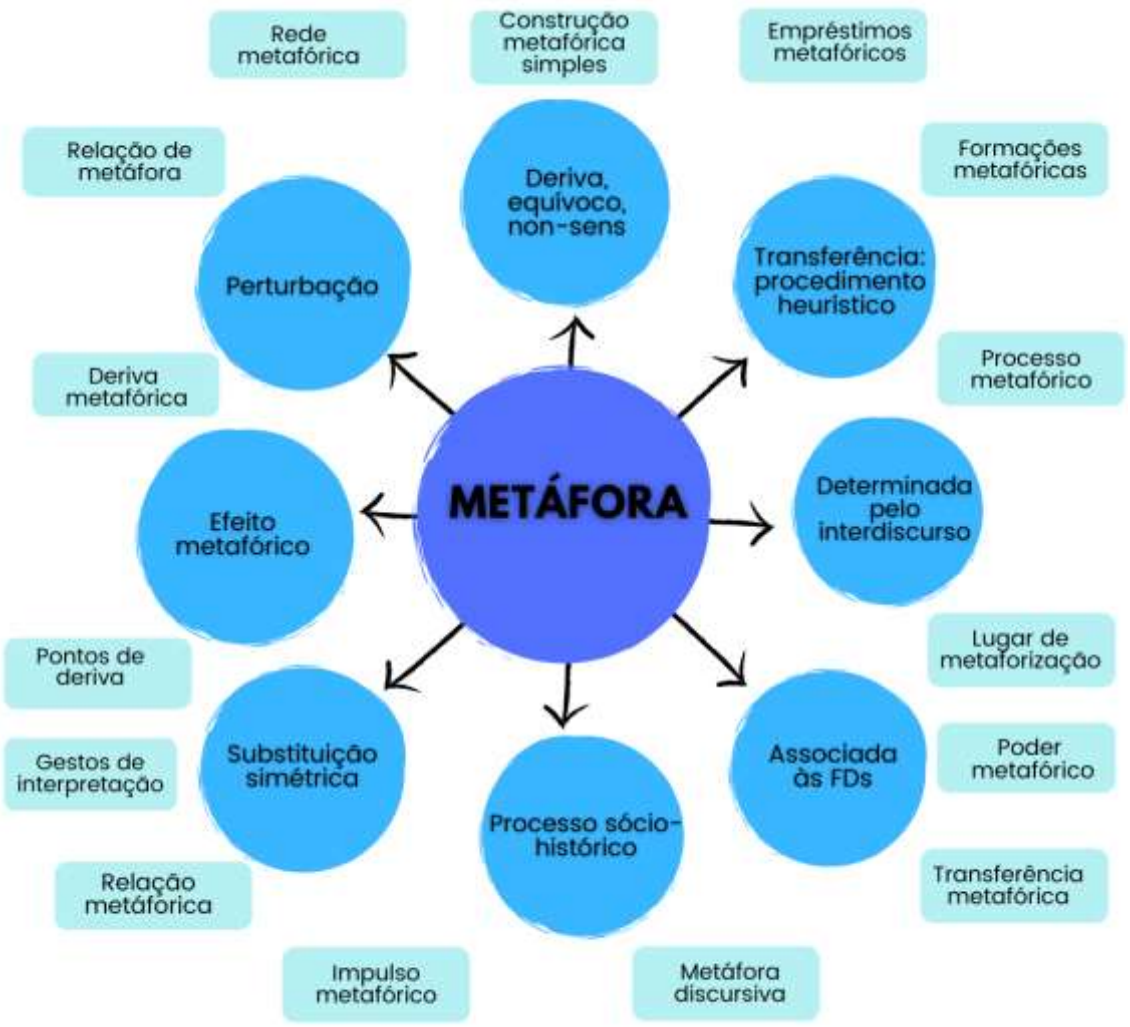
Destaco que Peiffer e Grantham (2016) reafirmam os conceitos ligados à metáfora de maneira muito didática, reconstituindo todo o percurso teórico dela em Pêcheux. Além disso, ao trazerem o efeito metafórico, formulam, aos seus modos: "O efeito metafórico [...] é a deriva, o deslize, a transferência, a palavra que fala com outra." (2016, p. 295). Trazem de Orlandi o conceito de *impulso metafórico*, a falha na língua.

De modo semelhante à Peiffer e Grantham (2016), Cortes (2019), apresenta a noção teórica da metáfora a partir das três fases da AD e aborda o conceito de *relação metafórica*. Cyrre (2015) possibilitou pensar, além do *efeito metafórico*, a *transferência metafórica*, esta também abordada em Daltoé (2011) e Azevedo (2015). De Daltoé (2011), importante destacar a noção de *metáfora discursiva*. Em Azevedo (2015), chama atenção o *lugar de metaforização* e, em Campos (2013), o *poder metafórico*. Tfouni (2011) menciona *formações metafóricas*.

Em Indursky (2011), verifico um modo muito particular de apresentar os conceitos. De maneira simples, mas não menos importante, traz *relação de metáfora*, *construção metafórica simples* e *processo metafórico*. E, pretensiosamente, a partir do conceito de *construção metafórica simples*, proposto pela autora, ousei formular *construção metafórica complexa.*

Então, conforme o que apresentei até este momento, vários são os conceitos que gravitam em torno da metáfora, quais sejam aqueles propostos por Pêcheux e, também, dos analistas de discurso brasileiros. A figura 18 ilustra os principais conceitos ligados a ela.

Figura 18 - Conceitos/noções no entorno da metáfora



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

A base é Pêcheux, e as noções não ficaram estanques, foram/vão sendo reafirmadas e ressignificadas de um outro modo, isso porque cada analista impregna seu gesto de análise sobre a materialidade significante, um olhar sobre ela que a individualiza e permite perceber sempre outros sentidos, tanto sob o percurso teórico quanto analítico.

Neste caminho até aqui, verifiquei que a noção da metáfora nunca esteve sozinha, sempre esteve articulada as demais noções da AD. Em *Na língua, a metáfora*, abordei como a língua se mostra nessa relação da metáfora e nela se materializa e, ainda, como é entendida pela AD. *No tabuleiro de xadrez: o discurso*, por meio da metáfora do jogo de xadrez, apresentei a articulação necessária de algumas noções da AD (condições de produção, história, ideologia, inconsciente formação discursiva e sujeito) na sua relação com o discurso e, consequentemente,

com a metáfora, peça mais importante do jogo, visto que é ela, conforme nomeei, a rainha, dá o xeque mate. Fui percebendo aí como cada uma das noções ia interferindo na produção de sentidos. No tópico intitulado *Na língua: pontos de ancoragem e deriva*, mostrei, na metáfora do vento, como as noções de pré-construído, interdiscurso, intradiscurso, memória e acontecimento discursivo interferem, diferentemente, na produção dos sentidos. Ao trazer esses tópicos, busquei relacioná-los com a análise que faço sobre a noção teórica da metáfora e os modos metafóricos de dizer a AD nos livros do SEAD. Levando em conta a dinamicidade da língua, as metáforas propostas para as noções foram um gesto particular meu de concebê-las, não algo fixo, nesse sentido, outras podem ser propostas como as próprias metáforas já utilizadas podem servir para outras noções, pois essas também são flexíveis. Além disso, essas noções e o modo como as concebo se relacionam, ainda, com o que trarei no último capítulo desta tese: proposta de um caminho teórico-analítico pautado na metáfora para o ensino da AD.

Nessa trajetória, notei que o ponto que faltava em um trabalho foi complementado no outro, que a falha se fez presente, que o ponto escapou e, às vezes, até o fio. Os pontos cheios e fechados constituíram o trabalho, mas na mesma proporção os abertos e os buracos ajudaram a tecer a própria Análise do Discurso.

No próximo tópico, abordo a metáfora como modo de dizer o discurso nos textos do SEAD e, desta forma, assim como a noção teórica, espero encontrá-las, porque *A metáfora também merece que se* busque *por ela*, e, eu, com certeza, buscarei! E, na busca, o desenvolvimento da própria noção.

3.3.2 Metáfora: modos de dizer a AD no SEAD

Minha agulha puxou fios discursivos do SEAD e com eles fez muitos pontos, os quais, à medida que foram sendo feitos, deixaram à mostra os desenhos que formaram que ora estavam nos meios ora iam bordejando as margens: rede, caminho, trilhas, laço, teia, costura, andaimes, nó, todos guardando um grande tesouro: a metáfora.

Quantas metáforas nos textos! Metáforas que serviram para o analista dizer, lançaram sentidos nunca estabilizados, e que provocaram desencaixes e deslocamentos nos dizeres. Algumas dessas metáforas vieram de Pêcheux e de outros teóricos mencionados ao longo da tese, mas boa parte delas surgiram das/nas próprias materialidades analisadas por cada pesquisador(a). A metáfora é potencializadora de modos de dizer a teoria e a metodologia da Análise do Discurso. Por isso, ela é o mote para nossa proposta de ensino de AD. O SEAD, por ser espaço de apresentação e debate de pesquisas em AD, oferece um lugar de observação das

metáforas apresentadas por pesquisadores da área. Deste modo, selecionei algumas metáforas utilizadas pelos analistas de discurso ao longo dos textos nas nove edições do SEAD para apresentar. Começo pelos títulos que deram nome aos capítulos dos livros e, depois, dos trabalhos apresentados nos anais.

3.3.2.1 A metáfora nos títulos dos textos do SEAD

Metáfora, quanto de ti há nos textos? Pelo que tenho observado, muito. Nesse sentido, começo por aquele que dá nome ao texto, o título, e nele verifico o uso da metáfora como modo de dizer. Assim, apresento a seguir um quadro de títulos de capítulos de livros do SEAD. Esses títulos trazem metáforas como modos de dizer a/em Análise do Discurso. Em seguida, trago um quadro de títulos de trabalhos publicados nos Anais do SEAD.

Figura 19 - Modos de dizer metafóricos nos títulos de capítulos dos livros do SEAD

Livro	**Título de capítulo/autor(a)**
	O fogo que desengessa e mobiliza: uma entrada na obra de Michel Pêcheux - Cláudia Castellanos Pfeiffer O estranho espelho da análise do discurso – Gesualda Santos Rasia
	(N)as dobraduras do dizer e n(o) não-um do sentido e do sujeito: um efeito da presença do interdiscurso no intradiscurso – Carmem Agustini
	Os andaimes suspensos do discurso nos alicerces do real – Helson Flávio da Silva Sobrinho

	A memória na cena do discurso – Freda Indursky
	Um olhar historiador para o trabalho com as formações discursivas: os palanques enunciativos – Rodrigo Oliveira Fonseca Olhar e imagem: construções basculantes do sujeito na cultura – Luciene Jung de Campos O corpo indígena enredado no corpo da cidade: efeitos no/do discurso – Águeda Aparecida da Cruz Borges
	Na trilha: teoria, autoria, reescrita – Eni Puccinelli Orlandi Medicalização e escrita: metáforas da sutura e da cicatriz – Aline Fernandes de Azevedo O arquivo como gatilho de movimentos de interpretação em torno da palavra “luta” – Solange Mittmann
	Pêcheux, nossa bússola inspiradora – Maria Cristina Leandro Ferreira
	Felizes para sempre?: o estilhaçamento do (sujeito no) social – Renata Marcelle Lara Borda como o lugar do discurso sobre a mulher – Luciane Botelho Martins, Ana Paula Vieira de Andrade Assumpção e Aracy Ernst
	Uma costura pelo esquecimento do nome no testemunho de Derlei Catarina De Luca – Andréia da Silva Daltoé

	Entre raízes e frutos: a potência da Análise do Discurso no Brasil – Evandra Grigoletto, Fabiele Stockmans De Nardi e Helson Flávio da Silva Sobrinho Do legado de Pêcheux ao campo brasileiro da Análise do Discurso: uma aventura teórica nos dois lados do Atlântico – Freda Indursky Desenrolar metonímico e metafórico de um tapete no horizonte político – Solange Mittmann e Marilane Mendes Cascaes da Rosa

Fonte: Elaboração da autora, 2022.

Figura 20 - Modos de dizer metafóricos nos títulos de trabalhos publicados nos Anais do SEAD

SEAD	Título do trabalho/autor(a)
I SEAD – 2003	As margens do discurso – Lucília Maria Sousa Romão Os frios espaços da semântica exalam um sujeito ardente – Mónica G. Zoppi-Fontana
II SEAD – 2005	Língua na rua. Língua na margem – Carolina Fedatto Trilhar caminhos, seguir discursos: aonde isso poderá nos levar? – Helson Flávio da Silva Sobrinho Efeitos da relação interdiscurso-intradiscurso: a costura pelo seu avesso – Vera Regina Martins e Silva
III SEAD – 2007	Nós e fios do discurso eletrônico: tentativa de uma costura – Lucília Romão
IV SEAD – 2009	O brasileiro e a memória do português através do espanhol - Espelho e refração – Maria Teresa Celada Interdiscurso e memória discursiva: veredas sinuosas de intersecção – Rosely Diniz da Silva Machado

V SEAD – 2011	Tramas Discursivas em torno da educação à distância – Gláucia da Silva Henge Entre a colagem e/ou a descolagem do sujeito ao discurso-outro, o efeito de autoria – Mariele Z. Bressan
VI SEAD – 2013	Mar de sentidos: a metáfora no entrelaçamento entre a subjetividade e o imaginário na construção do significante "mar" – Priscila Cavalcante do Amaral Nas teias do sujeito do discurso: movimentos de resistência nos processos de identificação dos brasiguaios com o ser paraguaio – Felipe Augusto Santana do Nascimento No labirinto da Análise de Discurso, Teseu e Minotauro: para pensar em corpo e cultura – Augusto Radde
VII SEAD – 2015	O traço que sustenta o corpo: entre a imagem e o discurso – Mônica Ferreira Cassana Práticas de resistência na tessitura da história/memória em materiais didáticos do MST – Gesualda de Lourdes dos Santos Rasia e Luciana Vedovato Calçadas: tramas que materializam desejos inconscientes e políticos nas cidades – Olimpia Maluf-Souza
VIII SEAD – 2017	O lugar dos sem-lugar: o discurso sobre o ativismo mascarado na rua – Lisiane Schuster Gobatto "A batalha do Impeachment": um sítio bélico de significância no discurso jornalístico *sobre* a política – Rudá da Costa Perini
IX SEAD – 2019	Auscultar vestígios: a especificidade significante do silêncio na divisão do trabalho semântico – Maurício Beck e Iago Moura Melo Esquinas da/na língua: discurso urbano em jornais do século XIX – Edilberto Vinícius Brito A cor da memória: processos de significação do acontecimento político na mídia – Rudá da Costa Perini

Fonte: Elaboração da autora, 2022.

Como o objetivo não é analisar todas as metáforas, mas mostrar que elas têm funcionado como modo de dizer, faço aqui um recorte analítico e detenho-me apenas na primeira metáfora

do primeiro quadro. Em *O fogo que desengessa e mobiliza: uma entrada na obra de Michel Pêcheux,* Cláudia Castellanos Pfeiffer (2005) retoma a metáfora do fogo proposta por Pêcheux em *Só causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação*, alusão a uma teoria que deve incendiar a discussão cientificamente (AD) e, ao mesmo tempo, contra o fogo que só produz fumaça e não produz efeitos transformadores, não tem consistência, referindo-se a outras teorias. Nesse caso, remete ao que é efêmero, logo se desfaz. *O fogo que desengessa e mobiliza* leva a efeitos de sentidos do que pode ser diferente, romper com o que ora fora construído, como fizera Pêcheux com sua própria teoria, e, ainda, que leva a uma outra condição. O prefixo *des-*, posto na frente de *engessa,* remete ao tirar do estado de paralisia em que as teorias se encontravam, romper com o molde, com teorias que trabalham a estabilização.

Em Pêcheux, o fogo veio precedido das preposições *pelo e contra*, isto é, *pelo* fogo, a favor, que destrói, provoca estragos, porque insiste numa teoria que "muito provavelmente, acabará por destruir a cidadela da 'Tríplice Aliança', embora haja, ao mesmo tempo, a possibilidade de que, por essa via, algo novo venha a nascer" (PÊCHEUX, 2014a [1975], p.270), ou seja, o fogo que serve para reconstruir. De outro modo, *contra* o fogo, contrário, porque como ele mesmo diz, "incinerador que só produz fumaça" (PÊCHEUX, 2014a [1975], p.270), a qual sufoca, abafa, não deixa ver. O dentro e o fora do fogo.

Quando Pfeiffer traz a metáfora em seu título, a presença do artigo definido leva ao efeito de que o fogo capaz de promover a ruptura é a AD. Ainda no jogo do artigo, *uma entrada*, uma possibilidade, dentre outras e, ao mesmo tempo, só o começo, assim como Pêcheux, *início*. Assim, também pelo efeito metafórico, Pfeiffer (2005) produz seu dizer, porém não é só uma substituição, algo diferente se observa a partir da mesma metáfora.

Passo agora à análise de funcionamentos de metáforas como modos de dizer a Análise do Discurso. São metáforas encontradas em capítulos de livros e em trabalhos de Anais do SEAD. Nelas, observei diferentes tipos de funcionamentos e, desses, separei alguns, quais sejam: a) metáforas para dizer sobre a Análise do Discurso; b) metáforas para a teoria e para o trabalho do analista de discurso; c) metáforas para o discurso e; d) metáforas para falar sobre algumas das noções da AD. Esse último item abordei cada noção em separado, conforme a metáfora que foi utilizada para denominá-la.

3.3.2.2 Metáforas para explicar a AD e suas noções

3.3.2.2.1 Metáforas para dizer sobre a Análise do Discurso: as interfaces e os conflitos da AD

Ao longo dos capítulos dos livros, pude observar o uso de diferentes metáforas, as quais serviram ao analista de discurso para que as noções da AD fossem, para além de seu conceito científico, mais bem elucidadas, ou seja, mantendo também a cientificidade, buscaram, por meio da veiculação de outros sentidos, aproximar a teoria da prática, do cotidiano, tornando os conceitos mais concretos.

Nessa perspectiva, trago algumas metáforas utilizadas pelos analistas para caracterizar a própria **AD** no espaço em que ela se constituiu. Assim, nessas primeiras SDs, apresento as interfaces e os conflitos da AD.

Leandro-Ferreira (2005a, p. 213) aborda o surgimento da AD numa zona de fronteira, inclusive, nesse texto, vale-se de uma citação de um outro momento para reforçar essa relação e que reproduzo abaixo:

> **SD 38**
>
> [...] a Análise do Discurso nasceu em **zona** já povoada e tumultuada – de um lado, numa **esquina**, ocupando quase todo o **quarteirão** - a linguística; na outra **ponta** espaçoso, o materialismo histórico; e no **meio**, dividindo o **espaço** lado a lado com a psicanálise, a teoria do discurso. Portanto, essa contigüidade, esse **convívio fronteiriço** entre análise do discurso e psicanálise vem de longe, vem desde o início. Tais **vizinhas**, contudo, ainda que bastante próximas, guardam distância e não confundem seus espaços comuns – são íntimas, mas nem tanto, donde a "estranha intimidade". (LEANDRO-FERREIRA, 2004, p. 38 apud LEANDRO-FERREIRA, 2005a, p. 213).

E a autora explica a zona de fronteira:

> **SD 39**
>
> A **zona de fronteira** é, assim, um espaço tenso, instável, contraditório... e fecundo. Quem nela habita, desfruta de uma amplidão de horizontes e de uma maior ilusão de liberdade; liberdade ilusória, porque implica, ao mesmo tempo, e paradoxalmente, um espaço a ser compartilhado com o outro, o **estrangeiro**.
> A análise do discurso se define, desde sua concepção inicial, como uma disciplina que se constitui numa **zona de interface**, na **fronteira** entre o sentido/ e o não-sentido; entre o possível/ e o impossível; entre a completude/ e a incompletude. As **linhas demarcatórias** com suas **vizinhas** assinalam o lugar do fim e também do início; ao mesmo tempo que fecham a fronteira dos respectivos **territórios**, apontam para um começo, para uma continuidade. Desse modo, início e fim de cada lado se confundem, se imbrincam, se enlaçam. (LEANDRO-FERREIRA, 2005a, p. 213-214).

A AD nasce num espaço já ocupado por outros, de turbulência, mas se infiltra e, nesse meio, instala-se, buscando aproximações com aqueles vizinhos que demonstraram afinidades e se afastando daqueles inoportunos. Mesmo com os mais próximos, cada um guarda suas particularidades. O sentido é aqui conduzido de um nível abstrato sobre esse começo da AD para o concreto, materializando-se na metáfora da ocupação ou, ainda, nessa relação da fronteira. Pela memória, recupera do interdiscurso as fronteiras que são (im)postas a cada uma delas, as delimitações e o estrangeiro. Na fronteira, a proximidade, uma zona de múltiplas relações e interações, fluidez em que vários convivem, isto é, sentidos de toda ordem, mas a conjunção adversativa "contudo" vem marcar na língua as contrariedades com "tais vizinhas", as não aproximações, o não sentido, o que as distinguem. As fronteiras se abrem e se fecham, os sentidos circulam, porém são vigiados, nem tudo passa pela aduana, alguns sentidos ficam ali retidos, são silenciados, outros circulam livremente, pois se filiam as formações discursivas dominantes e, então, recebem a liberação da alfândega. Há outros que, impedidos de passar, buscam outras formas de romper e resistem. Há "linhas demarcatórias" e "territórios" distintos que tanto as enlaçam como as separam e as distinguem. Os meios utilizados trazem implicações, e aqueles que conseguem quebrar essa barreira, vislumbram outros horizontes, outros sentidos. É nessa zona de tensão que se constitui a AD, na resistência. Para Leandro-Ferreira (2016), a via de acesso a AD impõe obstáculos, conforme se observa na sequência discursiva a seguir.

SD 40

A **AD** não é uma **via pavimentada** de mão única. Não, é **chão batido**, por vezes com **barreira, buracos, muitos buracos e algumas crateras.** (LEANDRO-FERREIRA, 2016, p. 22-23).

Os significantes utilizados para dizer o que a AD não é e é se completam na constituição da língua. A via não pavimentada leva ao efeito de sentido do acesso difícil que vem reforçada por "chão batido", "com barreiras", "buracos", aliás, esse significante vem repetido e acrescido do advérbio de intensidade muito em "muitos buracos" e "algumas crateras", tornando o acesso bastante complicado. Assim, aqueles que desejam por ela trilhar, precisam estar atentos, até porque, por não ser de mão única, (O)outro(s) pode(m) vir na sua direção, impedir a passagem e/ou até um outro obstáculo colocar. O caminho é dificultoso, mas a mão não é única, levando, ainda, ao efeito de sentido da abertura, da possibilidade de outros caminhos e o vislumbre de outras paisagens, perspectiva diferente de visão que rompe com a regularidade, com o acesso fácil, com o sentido dado. Tanto na sequência anterior quanto nessa, o adverso vem habitar a AD e com ela estabelecer seu território, na contradição.

Em Pfeiffer e Granthan (2016), a metáfora dos andaimes suspensos vem constituir a AD.

SD 41

Isso se dá também porque a **AD** se construiu ***sob andaimes suspensos no ar***, como tão bem nos fala Michel Pêcheux [...] (PFEIFFER; GRANTHAN, 2016, p. 283).

A não regularidade, a mobilidade e a oscilação presentes no andaime fazem parte da AD. Embora se firme em cabos e há uma base, o que dá certa segurança, é a flexibilidade que o domina. Ainda assim, os cabos podem romper e a base rachar, revelando que o andaime, assim como a AD, também enfrenta barreiras, é a via não pavimentada (LEANDRO-FERREIRA, 2016). Por outro viés, os cabos prendem o andaime, limitam o sujeito àquele espaço, impondo-lhe limites, nem tudo pode, remetendo aos efeitos do que pode e deve ser dito, filiando os sentidos a uma formação discursiva e não outra. A mobilidade é ilusória, pois a corda o prende. Assim como o cabo previne de certos riscos, também coloca o sujeito em outros, os quais se está sempre exposto, contudo a ilusão é de liberdade plena, efeito da ideologia. Portanto, a contradição aí se manifesta, entre o que segura e o que rompe, o que sustenta e desestabiliza, logo, o andaime da AD está sujeito à equivocidade da língua. O que arrisco dizer é que em todo lugar há escolhas e não é diferente com a AD, há liberdade, igualmente privações, no entanto não se pode abdicar do direito de vivê-las, sejam as escolhas, seja a AD.

Sentidos se unem nas sequências discursivas aqui recortadas para mostrar que o caminho da AD não foi e não é fácil, nem será, no entanto se abre para a multiplicidade de sentidos. Não se trata de escolher o bebê, a bacia, a água do banho, o que põe ou tira, porém como se olha para todos esses elementos, seu gesto de interpretação, principalmente para o bebê, visto que é ele que importa, a AD, uma teoria ainda nova, que se mostra com vigor, capaz de promover avanços significativos na forma como a linguagem é concebida, na sua relação com a materialidade da língua, constituída por sua historicidade e exterioridade.

Assim, ao longo da história do SEAD, houve metáforas diversas para falar da AD e como fecho desse item, trago uma das últimas metáforas sobre ela que revela um pouco do que é essa teoria para os analistas de discurso no Brasil.

SD 42

Em AAD69, a paixão do pesquisador pelas máquinas se expressa no desejo de uma análise automática do discurso, mas, muito mais do que isso, esse texto traz **sementes** do que viria a ser

> uma **árvore de raízes muito profundas**, com **várias ramificações**, alimentada por uma escrita, por uma prática [...] (GRIGOLETTO; DE NARDI, SILVA SOBRINHO, 2021, p. 7).

E a árvore frondosa e de raízes profundas tem rasgado a terra e buscado fazer revolução (GRIGOLETTO; DE NARDI, SILVA SOBRINHO, 2021). Continua lançando suas sementes e frutificando...

3.3.2.2.2 A teoria e o trabalho do analista: respiração, pontas de lança, aventura, teia, nó, corda bamba, arena, solo fértil, caixa de ferramentas

Por meio dos analistas e de seus objetos, a **teoria** permanece consistente, conforme se observa na sequência discursiva recortada de Orlandi (2015).

> **SD 43**
>
> [...] **as teorizações são a respiração da teoria**, na medida mesma em que o sujeito autor da trilha/narrativa, textualização das teorizações, ao se reescrever, faz mover-se, seguir, deslocar-se a própria posição do autor da teoria. (ORLANDI, 2011, p. 31).

A respiração é o que garante a vida, o ar que a teoria necessita. Na condição de analista, o sujeito se coloca na trilha, tece sua narrativa e se reconstrói ao mesmo tempo em que faz avançar a própria teoria, já que um está no outro, imbrincados, ligados materialmente pela ideologia e pelo inconsciente. A posição-sujeito e o lugar discursivo assumidos pelo sujeito na sequência revela a necessidade das teorizações e que sem elas a teoria morre. Ademais, adverte que nem todos são capazes de garantir essa respiração, pois há muitos ruídos, porém alguns não passam de ruídos periféricos e que nada ou pouco contribuem para a respiração/ avanço da teoria.

> **SD 44**
>
> Mas as múltiplas manifestações da análise de discurso não são homogêneas. **Há as que só são ruídos periféricos**, que diluem o campo da disciplina, mas **há as que se mostram como capazes de desenvolvimentos, de elaborações que acrescentam, que levam à frente**, mostrando a riqueza desse campo disciplinar. (ORLANDI, 2013, p. 18).

De outro lado, há ruídos que se fazem ouvir, promovem a agitação dos sentidos e vem somar à teoria, fazendo avançá-la. Ao dizer “Mas as múltiplas manifestações da análise de discurso não são homogêneas”, o sujeito, por meio da conjunção adversativa “Mas”, deixa-lhe o sentido escapar, levando ao efeito de sentido de que melhor seria se fossem homogêneas, pois, assim, mais contribuiriam para a teoria. O sujeito, num tropeço da língua, cai na própria

armadilha que ele mesmo condena, a homogeneidade dos sentidos e, assim, sem querer dizer, diz. Não são todos que levam a teoria adiante, somente alguns, àqueles que partícipes de uma mesma formação discursiva compactuam os mesmos efeitos de sentido dela. O que observo é que o sujeito, atravessado pelo inconsciente, deixa seu desejo pulsar e a contradição aí se manifesta.

Importa que, assim como Pêcheux, o olhar se mantenha vigilante e se ponha sempre à prova. Em relação à teoria, segundo Leandro-Ferreira (2016, p. 22), Pêcheux fez com ela o que ele mesmo era, mutante, instável, surpreendente, assim, ela também deveria ser, sujeita à mudança.

SD 45

Não, mais do que ninguém, Pêcheux soube **revisar seus conceitos e retificar seus caminhos**. [...] Mas suas convicções, sua militância, seu olhar crítico sobre as teorias linguísticas, **sobre sua própria teoria**, **se mantiveram sempre como pontas de lança** de sua singular trajetória. (LEANDRO-FERREIRA, 2016, p. 30).

A metáfora tomada por Leandro-Ferreira "como pontas de lança" coloca Pêcheux à frente de seu tempo, rompe, rasga o mundo logicamente estabilizado, abrindo caminhos para novas perspectivas da língua. Assume uma posição de combate ao que julga não estar coerente nas outras teorias e na sua e, assim como a lança, fere, atravessa o sujeito, de si e do outro. É o confronto que deve haver entre teoria e prática, servindo para que os conceitos sejam constantemente repensados à luz do que se analisa. A ponta que fere serve para sangrar outros sentidos à teoria, revisitá-la e fazer avançar, mesmo que seja para retroceder, retificar. Ao mesmo tempo, deixa marcas, memória do que foi e do que virá, do que vai e volta, do que fica e do que se dissolve. Nesse sentido, diante do batimento entre teoria e análise, Mittmann (2015) apresenta a metáfora do nó como elemento fundamental.

SD 46

O duplo sentido indica o movimento de ir e vir no **batimento entre teoria e análise.** E esse vai-vem interpretativo, ao atravessar o discurso, **desamarra uma espécie de nó de estofamento**, **puxando os fios** que o constituem. (MITTMANN, 2015, p. 354).

O nó é o que amarra, segura os fios, contudo no batimento entre teoria e análise o que acontece é o rompimento do nó, ele se desfaz, nem tudo a linha segura. Deste modo, por meio da materialidade significante que se coloca para a análise, os fios se soltam e, dispersos, "livres", poderão tramar novos nós, novas junções, outros arranjos significativos se formarão e

que, também, são provisórios, visto que o nó sempre pode se desfazer. Desta forma, o caminho que o **analista** percorre é essencial à teoria, pois

> **SD 47**
>
> **De agulha e linha na mão, o analista faz o caminho de ir e vir entre formulação e enunciado**. Nesta caminhada, o analista vai se perguntando: As formulações são produzidas a partir de uma mesma posição sujeito? De uma mesma Formação Discursiva? De uma mesma Formação Ideológica? Produz-se o mesmo efeito de sentido quando uma formulação é produzida em meio a uma seqüência de outras? Que relações de sentido são aí estabelecidas? Que efeito-sujeito é construído aí? **Vai sendo tecida uma teia** de perguntas que precisam de análise de uma rede intra e interdiscursiva de formulações. **Dão-se os nós** entre o horizontal e o vertical. (MITTMANN, 2007, p. 158).

O analista costura o texto, a agulha e a linha marcam isso na estrutura da língua. A metáfora carrega o desejo do sujeito de que a teia discursiva se construa e os nós sejam feitos. Nós que unem, dão consistência e asseguram a teoria. Então, pergunto: Que formulações são produzidas a partir desta posição sujeito de analista de discurso? A que Formação Discursiva se filiam linha e agulha? Fazem parte de uma mesma Formação Ideológica? Que relações e efeitos de sentido essa formulação metafórica produz? Que sujeito é esse, analista de discurso? "Dão-se os nós entre o horizontal e o vertical" e eu digo, desfazem-se também, não só do discurso, mas do próprio analista. É essa a condição da metáfora, ela ludibria com os sentidos. O sentido pode fazer o próprio analista titubear. Nessa esteira, Tenreiro (2005) coloca como o analista deve se portar.

> **SD 48**
>
> Ao **analista de discurso**, esse **sujeito** que se propõe **enveredar-se pelas tramas discursivas**, cabe **caminhar** por essas **tênues conexões**, num gesto analítico que não exclui o ato interpretativo na medida em que não deixa nunca de ser sujeito. Todavia, nessa **corda bamba** em que o **analista de discurso** tenta se equilibrar cabe-lhe a missão de encarar essa **arena de embates discursivos**, procurando mostrar como os sentidos aí são constituídos. (TENREIRO, 2005, p. 275).

O equilíbrio será exigido, cabendo ao sujeito analista, em seu gesto interpretativo, não cair nas ciladas que a língua lhe apresenta, visto que as conexões são frágeis e, por vezes, contraditórias. Interessante como o sujeito traz os significantes de formações discursivas distintas, quais sejam, tramas, conexões, corda bamba e arena, para elucidar seu discurso, servindo, nesse caso, a um outro propósito – como o analista deve agir diante da materialidade significante. E continua movendo outros significantes...

SD 49

> [...] ao **analista**, esse **sujeito que se envereda por essa via movediça do discurso de relações de nunca acabar**, cabe humildemente **transpassar o imaginário da morte e da inexistência dos sentidos**, mostrando com seu dispositivo analítico que o Outro, ou melhor, os Outros pulsam, **dando a essa via de imaginárias fronteiras uma vida atravessada por fios que se cruzam, irrepresentáveis e materiais, fugazes e contraditórios.** (TENREIRO, 2005, p. 280).

O "enveredar-se" se repete, reforçando a entrada nessa via, "movediça", ou seja, instável, que captura o sujeito por meio de seus processos ideológicos e inconscientes. A ele, analista, cabe romper com o imaginário do que afunda os sentidos, mata-os, sempre latente, e deixar que os sentidos emerjam na superfície da língua e possam cruzar-se a tantos outros.

Portanto,

SD 50

> [...] o trabalho de leitura que realiza o/a analista do discurso precisa buscar a **raiz** do dizer, olhar os **contornos** e os **entornos** que se escondem sob as **cascas das palavras**, (des)entrelaçar o emaranhado contraditório que vai se produzindo pelos **ramos/caminhos** que as palavras vão tomando, **(des)enraizando-se** de/em suas origens e determinações sócio-históricas. Assim, os sentidos se sedimentam em **solo fértil** ou **rasgam a terra**, fixando **raízes fortes** e fazendo brotar **novos frutos**. (GRIGOLETTO; DE NARDI; SILVA SOBRINHO, 2021, p. 8).

O olhar do analista, diante da materialidade da língua, precisa ser atento, vigilante. Olhar de quem consegue enxergar para além do que se mostra e percebe o que está em seu entorno, mas não só. Em "solo fértil ou rasgam a terra" os sentidos frutificam, fixam "raízes fortes", logo, é em solo fértil que o analista precisa jogar suas sementes, apoiar-se na teoria para que possa colher frutos saborosos. Raízes fortes e profundas fortalecem a teoria e sustentam as lutas e enfrentamentos tão necessários na sociedade. Rasgar a terra, fortalecer as raízes e fixar outras devem ser busca constante de uma teoria que deseja fortalecer-se ainda mais e promover a transformação numa sociedade cada vez mais injusta e desigual.

Para que isso aconteça e o sujeito não seja pego em suas tramas discursivas, fundamental que tenha sempre à mão solo fértil, linha e agulha, sua caixa de ferramentas, a teoria que lhe dá sustentação, nesse caso a AD. Leandro-Ferreira (2013) fala acerca da metáfora da caixa de ferramentas que todo analista de discurso deve dispor.

SD 51

> Nessa ocasião foram as noções de real da cultura, formação cultural e ordem da cultura propostas como elementos conceituais a serem incorporados à **"caixa de ferramentas" dos analistas de discurso**. (LEANDRO-FERREIRA, 2013, p. 131).

Na ocasião de seu texto, as ferramentas foram as noções de real da cultura, formação cultural e ordem da cultura, assim, a cada objeto de análise, o analista deve ter sua caixa preparada, com as ferramentas alinhadas, em dia, para, como disse antes, não ser pego desprevenido. Ressalto que a caixa da AD está sempre aberta para que outras ferramentas sejam acrescidas, para que as que lá estão sejam ressignificadas e/ou buscadas. Tão importante quanto buscá-las, é saber utilizar as ferramentas certas, é mantê-las limpas, novas e atualizadas, pois a falta de zelo pode enferrujá-las e já vi muita teoria morrer assim - enferrujada.

3.3.2.2.3 Discurso: rede, nó, ponto de partida, aventura teórica, trama de fios, andaimes suspensos

De posse da minha caixa de ferramentas metafóricas, aproveito-as para falar de **discurso**, que é sempre efeito de sentidos (PÊCHEUX, 2014b [1969]), aliás muitos efeitos, pois muitas são as metáforas utilizadas pelos analistas para nomeá-lo: rede, nó, trama de fios, ponto de partida, "aventura teórica", e, ainda, andaimes suspensos sustentado sob um alicerce com base consistente, visto que ela se apoia no histórico. E começo com Leandro-Ferreira (2005b) que propõe pensar o discurso como uma rede:

> **SD 52**
>
> **A metáfora da rede**
> Já se tornou lugar comum usar a expressão **'tecido discursivo'** ou **'tessitura'** para falar-se de **discurso.** É constante também referirem-se os nós, os fios que se cruzam, se rompem, abrem furos. Por que será que essa preferência por **uma metáfora da rede serve tão bem ao objeto discursivo?**
> Penso que para responder a isso é preciso acionar a noção de sistema. **Uma rede**, e pensemos numa rede mais simples, **como a de pesca**, é composta de **fios, de nós e de furos**. Os fios que se encontram e se sustentam nos nós são tão relevantes para o processo fazer sentido, como os furos, por onde a **falta**, a **falha** se deixam escoar. Se não houvesse furos, estaríamos confrontados com a completude do dizer, não havendo espaço para novos e outros sentidos se formarem. A rede, como um sistema, é um todo organizado, mas não fechado, porque tem **furos**, e **não estável, porque os sentidos podem passar e chegar por essas brechas a cada momento.** Diríamos, então, que **um discurso** seria **uma rede** e como tal representaria o todo; só que esse todo comporta em si o não-todo, esse sistema abre lugar para o não-sistêmico, o não-representável. (LEANDRO-FERREIRA, 2005b, p. 19).

Leandro-Ferreira (2005b) vale-se aqui da metáfora da rede para explicar o discurso e com ela traz à tona a discussão da própria língua, pensada, por alguns teóricos, dentro de um sistema fechado, completa, como trouxe no primeiro capítulo. O que se percebe na AD é exatamente o contrário, a incompletude, a falta, a falha que a constitui. Nessa rede, cada fio é importante, assim como os furos e as falhas possuem seu valor. Os nós estão presentes, trazendo

com eles efeitos de sentidos do que segura, não deixa passar, une os fios e, ainda, daquilo que enoza a língua, ou seja, toca no que ela não dá conta. E continua:

> **SD 53**
>
> É no **discurso**, precisamente, que se concentram, se intrincam e se confundem, como um **verdadeiro nó**, as questões relativas à língua, à história e ao sujeito. [...] O discurso constitui-se, assim, no verdadeiro **ponto de partida** de uma "**aventura teórica**". (LEANDRO-FERREIRA, 2005b, p. 13).

Ou seja, é no discurso que os processos discursivos se desenvolvem, contudo ele é só o princípio. Tenreiro (2005) compactua com Leandro-Ferreira (2005b) os sentidos de fios, de trama que se enreda e significa discursivamente. Igualmente, ao possibilitar a articulação, ratifica a ideia de um ponto de partida e de uma aventura (novidade), já que as conexões podem levar a outros lugares. Assim, para ele,

> **SD 54**
>
> É preciso aqui pensar **o discurso como uma trama de vários fios que vão se articulando, possibilitando um movimento de conexões.** (TENREIRO, 2005, p. 275).

Já Silva Sobrinho (2009), busca uma outra metáfora para o discurso, associada ao campo da construção, assim, em construção está o discurso, vendo-o como processo.

> **SD 55**
>
> Daí **a metáfora dos andaimes suspensos**, pois todo **discurso** tem seu **alicerce**, ou seja, uma **base histórica que o sustenta e que dinamiza sua processualidade.** (SILVA SOBRINHO, 2009, p. 150).

Embora as metáforas sejam distintas, a posição-sujeito assumida em cada uma delas é a mesma e levam a efeitos de sentidos do que não é acabado, que comporta sempre um não todo, embora represente esse todo, todavia é um todo que não é fechado em si mesmo, dá espaço para as brechas, os furos, para outras conexões. Fios que se alinham a outros, rede que segura, mas que também deixa escorrer sentidos por entre os furos, buracos que se abrem para outras perspectivas de sentidos. Nós que servem para (des)atar. O discurso é só o começo, um ponto de partida, para se pensar a língua e tudo que a ela se liga, nesses muitos fios que tecem a rede discursiva. Sendo assim, o discurso não se fecha, mas se abre para as possibilidades. Ao mesmo tempo que pressupõe a flexibilidade, o vai e volta dos sentidos nem sempre os mesmos, como os andaimes suspensos, sujeito ao balanço, há alicerces firmes sobre o qual se apoia, remetendo aos sentidos da segurança. Logo, os andaimes suspensos estão sujeitos ao movimento, mas há

os cabos, a base que o segura e na rede nem tudo escapa. Um discurso que se dá sempre numa zona de tensão entre o que fica e o que vai, um processo dinâmico, sujeito sempre a outras conexões.

3.3.2.2.4 Para e sobre a noção de sujeito: bloco, cadeia, morada da linguagem, dobradura, camisa de grife e de força

A noção de **sujeito**, a maneira de outras, também foi metaforizada pelos analistas de discurso, seja para nomeá-la ou trazer características sobre ela, daquilo que é e do que não é. Nesse sentido,

> **SD 56**
>
> A categoria do **sujeito** funciona semanticamente a exemplo de um **bloco,** de uma **cadeia**, e isso acarreta que **se puxar um fio dessa rede outros venham entrelaçados**. Isso significa, na presente proposta, que falar do sujeito afeta e implica, necessariamente, as concepções de *inconsciente, linguagem e ideologia*. (LEANDRO-FERREIRA, 2007, p. 101).

O que se observa é que enquanto bloco, une-se a outras noções, os fios estão articulados, emaranhados, constituindo-se a si e a outras, conforme mostra a SD em análise. A conjunção condicional "se" leva ao efeito de sentido de que nem sempre se mexe nesses fios que constituem a rede discursiva, isso porque, ao puxar o fio do sujeito, outros com ele vêm, revelando a complexidade dessa noção. O fio do sujeito é um que não se consegue medir com clareza o tamanho, a espessura, um fio que enleia frequentemente, provocando nós.

Na sequência discursiva subsequente, fica mais explícita essa relação enredada que o sujeito estabelece com o inconsciente, a ideologia e a linguagem. Leandro-Ferreira (2007) reforça esse entrelaçamento por meio da metáfora da morada da linguagem.

> **SD 57**
>
> **A morada do sujeito** fica tomada, como se vê, pela inscrição ideológica que se marca no desejo, o qual opera por deslizamento em um plano de contiguidade e remete sempre a uma falta. E o campo comum onde essas relações se travam e onde esses conceitos se forjam é o campo da linguagem. **A morada do sujeito é, então, a morada da linguagem.** (LEANDRO-FERREIRA, 2007, p. 105).

Além da metáfora, observo a personificação atribuída à noção de sujeito e que visualizo, também, nas demais sequências. Assim, em Agustini (2007), o sujeito sutura aquilo que se diz, ou seja, costura o dizer, produzindo dobras.

SD 58

A contraidentificação produz uma necessidade discursiva, referente à textualização do político, de que **o sujeito suture o dizer**, **levando-o a produzir uma dobradura**: uma paráfrase denegativa de um efeito da presença do interdiscurso naquilo que diz e, dessa forma, um sentido que afeta o sujeito, mas que ele não o (re) conhece, acaba por ser (re) afirmado na e pela sutura discursiva que o nega. (AGUSTINI, 2007, p. 311).

As dobras que o sujeito produz são contraditórias, pois embora ele a produza e o afete, não a (re)conhece, sofre o apagamento discursivo que constitui o próprio sujeito, suturando a ele mesmo.

De um outro modo, Fonseca (2013) explica porque ocorre esse jogo e não se trata de brincar de esconde-esconde, segundo menciona, mas a imposição que acontece ao sujeito, ou seja, é obrigado a caber numa camisa que não o comporta.

SD 59

Seria cômico pensar que os rituais falham por alguma condenação divina ou porque Ele, **o Sujeito, gosta de brincar de esconde-esconde**. Os rituais falham porque **os sujeitos não cabemos nas camisas como as de grife e de força que nos solicitam caber**. (FONSECA, 2013, p. 50).

A metáfora das camisas de grife e de força impõem ao sujeito o que ele não é, ou melhor, não queira ser, pois, na prática, de algum modo, ele acaba entrando na camisa, seja na de grife e/ou na de força, efeito da ideologia. Percebo nessas metáforas o efeito da resistência imperando, contudo, por mais que o sujeito lute e resista, uma hora acaba vestindo a camisa, embora a ilusão seja a de que não.

Em Filho e Milanez (2005), noto o quanto o sujeito está preso a essa rede discursiva. Para eles:

SD 60

Depara-se, assim, nesses trabalhos, com um conceito de história que se fundamenta em fatos que se sobrepõem dentro de um período histórico determinado, seguindo os traços que constituíram o sentido e as marcas da posição de um **sujeito preso nas teias de fios que costuram uma rede**, **reproduzindo a recorrência de uma ordem na costura em que uma passada da linha pela agulha já se lança a outro ponto vislumbrado em sucessão**, fazendo-se pensar a história como evolução, dentro de uma tradição historiográfica que foi profundamente marcada pelo marxismo. (FILHO; MILANEZ, 2005, p. 240).

A costura não só tece a rede como liga todos os fios, todas as noções, reforçando as metáforas propostas ao sujeito por Leandro-Ferreira (2007). Linha, agulha, metáforas para costurar, ou usando a metáfora de Augustini, suturar, fazendo dobradura na noção de sujeito. Importante dizer que na costura há buracos, falhas, os pontos podem desmanchar e na rede os

fios soltar, mostrando que, por mais que se tente fazer caber na camisa, por mais bem costurada que a rede esteja, ainda assim há escapes e penso que Coracini (2011) consegue mostrar essa relação.

SD 61

E essa dificuldade de se dizer, de se definir, de se autorreferir aponta para o **vazio do sujeito, preso nas malhas esburacadas da rede significante**, para esse real inatingível, indizível. (CORACINI, 2011, p. 150).

Um sujeito que embora preso, não se sente firme o suficiente, isso porque sempre lhe falta, há buracos que precisam ser preenchidos e outros que precisam ser abertos, mostrando a incompletude dele e o assujeitamento a que se submete. Talvez também faltem metáforas para definir o sujeito e o que o caracteriza, porque o real é inacessível.

3.3.2.2.5 Arquivo: nós, fios, retalhos, novelo, patchwork

A noção de **arquivo** ganha metáforas especiais, a maioria delas ligadas ao campo semântico da costura. Aliás, esse é um campo muito presente nas metáforas, independente da noção metaforizada.

Em Romão (2013), o arquivo se manifesta como vozes, novelo, bricolagem, patchwork, todos heterogêneos, visto que é justamente com o diverso que a língua trabalha. Um arquivo que se (re)constrói à medida que se expõe.

O patchwork, por exemplo, leva ao sentido dos pedaços, cada um guardando a sua particularidade, e, ao mesmo tempo, o todo que, quando unidos, constituem o trabalho. Assim é o gesto do analista, captura pedacinhos de tecidos discursivos e vai fazendo suas escolhas, montando o arquivo. E, então, os pedaços se unem e se misturam.

SD 62

[...] o poder em questão circunscreve **o arquivo como possibilidade de ele misturar vozes heterogêneas esgarçadas nos fios de muitos lugares dispersos**, fundindo-as, desinstalando-as do espaço discursivo onde estavam para confrontá-las e assentá-las em outra ordem. [...] documentos pessoais, manuscritos e anotações flagrantes da vida cotidiana de certas personalidades são engendradas em um **novelo heterogêneo de sentidos**, em que cabe mostrar algo que estaria fora da vida dos livros didáticos ou biográficos.
Estamos na instância de uma **bricolagem de vozes** com depoimentos e dizeres de vários sujeitos justapostos em um **patchwork** de fundura e largueza imensas, fazendo tagarelar ditos tantos advindos de vários outros arquivos. (ROMÃO, 2013, p. 82).

Interessante que, por meio das metáforas utilizadas pela autora, a noção de arquivo alça sentidos outros, muito além daquele preconizado pelo significante arquivo, assim, se fala do arquivo, porém, a meu modo, levando-o a uma dimensão bem maior.

E na construção do arquivo, o trabalho é conduzido. Cada fiozinho que o constrói é percorrido, ora para amarrá-lo a outro, ora para fazer nós, ora para desatar os nós... Nessa travessia, muitos fios, nós, buracos, gestos de interpretação diversos vão se constituindo por meio de arquivo tão complexo. As sequências subsequentes trazem um pouco dessa dimensão do arquivo.

> **SD 63**
>
> Na **construção do corpus**, **localizamos os nós, percorremos seus fios até outros nós, no caminho encontramos buracos dispersos na rede da memória, atamos fios** aparentemente soltos, mas que estão ali, presentes, esperando **o gesto que os ate**. Ou seja, muitas vezes, **os nós que não estão feitos instigam-nos a fazê-los.** No conflito entre interdições e injunções à interpretação, do qual não podemos escapar, é que **atamos os nós**. (MITTMANN, 2007, p. 156).

E a autora continua:

> **SD 64**
>
> E assim, **relacionando formulação e enunciado, recorte e arquivo, vamos costurando os retalhos** de nosso corpus, num **ir e vir da linha**, **retraçando caminhos** feitos, assim, de **retalhos**. (MITTMANN, 2007, p. 158).

À medida que o arquivo é construído, há a necessidade de reconstruí-lo, pois a ele se juntam outros retalhos, outros fios de discurso e com ele novos sentidos, outras posições ideológicas. A costura se faz e se desfaz, os retalhos se juntam e, sempre que necessário, retira-os e, desse modo, o percurso é sempre incerto, de ir e vir, um arquivo que não cessa, suscitando novos retalhos, mas nessa construção, é chegado o momento de fazer escolhas, selecionar os retalhos que interessam, não qualquer um e nem todos e, então, costurá-los, bordando a análise.

3.3.2.2.6 Memória: bem, restos, fragmentos, construções, tecido, camadas de tinta

Memórias que vem e que vão, desfazem-se, outras ficam e tocam de forma especial, são atualizadas e outras, ainda, ficam apagadas, silenciadas. Nesse gesto analítico, recorto de Leandro-Ferreira (2013) uma SD que vem metaforizar a **memória**.

SD 65

> Com esse corpo e essa história carregamos nossa casa, nosso ser, nosso tempo. Penso que se pode considerar a *memória corporal* como um **bem incontornável**, que abre para um **porvir incessante**, preenchida por **vivências afetivas** que cada um de nós possui e que se vai oferecer ao olhar do outro e a nosso próprio olhar. Essa **memória** não é feita de fatos, mas de **restos, de fragmentos, de construções imaginárias vividas e não vividas.** E se **a linguagem é o tecido da memória** (Courtine e Haroche 1994), ela também o é do corpo e de sua história. (LEANDRO-FERREIRA, 2013, p. 132).

Memória como bem, precioso, porque se diz "incontornável", não se pode escapar. Memória que de modos diferentes afeta, provoca vivências, aqui afetivas. Memória como restos, mas não do que sobra, daquilo que se joga fora, justamente do contrário, daquilo que fica, porque significa, toca de forma especial. Fragmentos, construções imaginárias que estão latentes, pulsando. E se a linguagem é tecido da memória, permanentemente se está tecendo a linguagem e, igualmente, a memória, por isso que é "um porvir incessante". Memória não como passado apenas, mas como "construções imaginárias vividas e não vividas".

Em Romão (2007), a metáfora costura o texto de sentidos. Utiliza-se dos fios para (des)enozar o discurso eletrônico e, com ele, ao mesmo tempo, constrói "uma teia de nós e conexões". (ROMÃO, 2007, p. 1). Associa, ainda, à tela, ora do computador, ora aquela utilizada para pintar e, nesse jogo, entre uma e outra, costura o discurso sobre o que discute: memória, arquivo, sujeito, condições de produção e efeitos do gerúndio. Ao abordar a memória, diz:

SD 66

> **Várias camadas de tinta são depositadas em superfícies já coloridas** e, assim, uma **pátina de vozes** se forma, ora deixando ver, por sobre uma cor, os riscados de outra tonalidade; ora com uma cor apagando quase por completo a superfície de tinta em que se fixou. [...] Desse modo, as duas telas – a branca à espera do batismo das tintas e a apagada em escuridão na expectativa de ser ligada – se sustentam apoiadas **na/pela metáfora da janela** e pelo que será visto do lado de lá como paisagem a ser construída pelo sujeito-pintor e/ou navegador. (ROMÃO, 2007, p. 1).

A memória vem como "camadas de tinta [...] depositadas em superfícies já coloridas", rememorando as memórias já construídas, as quais formam uma "pátina de vozes" em que algumas cores ficam em evidência, são lembradas, ora ficam apagadas, silenciadas e, ainda, que ora ressurge uma camada de cor nova, na memória que se atualiza. A metáfora presente na sequência revela o fluxo da memória, no ir e vir, no que é lembrado e no que pode ficar esquecido e/ou até apagado pela paisagem vista da janela- tela. A tela escura leva a efeitos de sentido do que é apagado, silenciado, da paisagem esquecida e a branca ressoa o que é lembrado quando a tinta nela é posta. Os sentidos do claro e escuro fazem eco na tela e nos sentidos

estabilizados pela ideologia dominante. O escuro retoma a memória do que é ruim enquanto o claro traz o que é bom, efeitos de uma ideologia que demarca e marginaliza, não só os sentidos. O que vai ser visto pela janela, a paisagem, depende do sujeito, do seu olhar nas condições de produção em que está inserido e a formação a qual se filia.

E seja como bem, restos, camadas de tintas e tantas outras metáforas possíveis, a memória está ali, rememorando e atualizando. Portanto, usar a metáfora é uma maneira diferente de se conceber a memória e a própria noção de metáfora. Pelo afeto, pelo poético, naquilo que as palavras carregam, as noções são (re)ssignificadas.

3.3.2.2.7 Acontecimento discursivo: olho da travessia, cenas picotadas

O acontecimento discursivo acontece na tensão, no rompimento de uma rede de sentidos, em que a memória é perturbada, mexe na estrutura e o dizer sofre um reordenamento. Em Romão (2013), por meio da análise que realiza de uma das obras da exposição do Museu da Língua Portuguesa, especificamente de Guimarães Rosa sobre o Grande Sertão Veredas, a autora joga com a metáfora para falar do acontecimento discursivo que em seu entendimento ali se manifesta. Importante destacar que o texto, em diversos momentos, não só neste recortado, trabalha com a metáfora e por meio dela alça sentidos nada comuns. Ganha um tom poético e sentidos estabilizados são remexidos e levam os conceitos da AD a serem ressignificados.

> **SD 67**
>
> Nesse sentido, obra literária (a própria obra *Grande Sertão: veredas*) é tomada legenda, o que discursiviza **o acontecimento discursivo**, dialogando com o postulado central da AD na medida em que materializa a condição de **estar no olho da travessia** em que os sentidos migram. No caso, erram na contação de **cenas picotadas do já vivido que são atualizadas no relato no presente** (Anitagrace 2005), estruturando dizeres sem uma cronologia rígida, permitindo que o Riobaldo inscreva o seu contar **desalinhava(n)do fios de errância de suas lembranças no espaço do ser-tão.** Esse divagar está ancorado na permanente tensão entre o lá de outro tempo e o aqui da formulação do relato, possibilitando que as palavras de ontem retornem para serem reorganizadas e assumam, assim, outros significados. (ROMÃO, 2013, p. 85).

Destaco que “estar no olho da travessia”, rememora o sentido do que é o acontecimento discursivo, visto que “os sentidos migram”. O olho da travessia traz sentidos do estar dentro como no olho do furacão, ou seja, sentidos do que se movimentam, nesse caso, os sentidos da própria obra. Sentidos que são arremessados noutra direção. As “cenas picotadas” trazem a memória, o passado e o presente e a atualização dela nos deslimites do tempo, já que os dizeres não seguem “uma cronologia rígida”. As lembranças surgem “desalinhava(n)do”, são “fios de

errância" e no "ser-tão" a polissemia se manifesta. O jogo com a palavra sertão em ser-tão alcança outros sentidos. Na SD em análise, a tensão entre o que se repete - paráfrase - e o novo sentido – polissemia, entre o já conhecido e dito e o que agora se manifesta, entre a memória e o que ela rompe – os sentidos impregnados na obra.

E, assim, nesse "ser-tão" construído pelo sujeito discursivo, o acontecimento se manifesta e se coloca sempre no olho da travessia, nas cenas picotadas da memória.

3.3.2.2.8 Inconsciente: fenda

Uma fenda de dimensões profundas se abre e nela o inconsciente vem habitar. Fenda que mantem relações estreitas com o sujeito e, consequentemente, vai interferir diretamente na constituição dos sentidos. Ele é a cadeia significante, determinada sócio-historicamente.

Desta forma, de Maluf (2005), recorto a metáfora da fenda para mostrar como a noção do inconsciente é irruptiva, ou seja, está sempre prestes a esfacelar-se ou sempre aberta, "uma fenda que não cessa" e que pode se abrir para outras irrupções.

SD 68

Com esse gesto Pêcheux parece reconhecer a inclusão de uma certa subjetividade que Freud já havia descrito como sendo o primado do ser sobre o pensamento, ou seja, o funcionamento do **inconsciente** que promove uma **ruptura**, uma **hiância**, uma **fenda** que não cessa de fazer claudicar o hiato, a falta constitutiva entre os conceitos e a linguagem. (MALUF, 2005, p. 179).

Os substantivos ruptura, hiância e fenda, aqui, caracterizam a noção, aquilo que ela faz. Leva ao efeito do que é incerto, mas essencial a produção dos sentidos, os quais não são evidentes e nem se têm controle.

O inconsciente é, assim, a noção que tece a linguagem, está ali se abrindo para as possibilidades. Enquanto fenda, o lugar da hiância, recupero da memória os sentidos do que também é perigoso, traz consigo suas armadilhas.

Para mim, essa metáfora usada pela autora abriga bem o que representa o inconsciente, noção que funciona como o motor do sujeito, a não-evidência, o não controle dos sentidos, igualmente, a necessidade da falta.

O inconsciente está inscrito na materialidade da língua e imbricado à historicidade e à ideologia. Na metáfora da fenda, observo o impossível de ser simbolizado. Há irregularidades, equívocos, sentidos não fechados, visto que a fenda não cessa. E, na falta, o desejo do sujeito, sempre interpelado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente. É um desejo incompleto,

embora a ilusão seja da completude, contudo a fenda está ali, aberta, suscitando novas aberturas.

3.3.2.2.9 Língua: exposta aos (des)limites

É com a língua que lido e para ela não faltaram metáforas para expressá-la. Para Scherer (2007), a língua é um "território profundo", "jardim sem limites", lugar este que comporta a contradição.

SD 69

Pensar a **língua** como **território profundo**, **jardim sem limites**, é pensar a nossa própria essência [...] (SCHERER, 2007, p. 351).

Nesse território profundo, porque repleto de artimanhas, está o próprio sujeito, o qual se constitui por ela e pelo lugar que ela ocupa, ou seja, sujeito da e na língua. O "território profundo" comporta o que não se dá conta, não está na borda, difícil de se alcançar. É o lugar mesmo do impossível, do inatingível ou, usando a metáfora de Scherer (2007), "jardim sem limites". Ao usar as metáforas território e jardim, os sentidos são também do que é belo, porque é um jardim, mesmo que o território, lugar ocupado por ela, seja profundo, levando a efeitos de sentido do que de bom a língua pode propiciar. Contudo o "sem limites" mostra o que é próprio da língua, uma língua que não se alcança e que ludibria, engana. Para reforçar esse deslimite imposto pela língua, Coracini (2011) menciona:

SD 70

[...] a **língua** é **porosa**, isto é, **faltosa**, **furada**, de modo a permitir que as formações do inconsciente se manifestem como sintomas do Real à revelia da vontade (consciente) do sujeito, sob a forma de atos falhos, lapsos, chistes, sonhos...Assim, mesmo que se tente impedir a disseminação de sentidos, **vedando as brechas da língua no fio de dizer**, sempre e inevitavelmente escaparão sentidos outros – indesejáveis, inadequados ou interditados por e numa dada formação ou prática discursiva – interromperão fragmentos, **fagulhas do Real** que apontam para o não-todo, para o impossível de dizer e para o impossível de não dizer. (CORACINI, 2011, p. 146).

E, então, como superfície porosa, deixa escapar sentidos outros, pois ela é faltosa, furada e por mais que se tente vedar as brechas, os sentidos sempre passam, isso porque não se tem controle sobre ela, mesmo que o sentido seja de contenção.

SD 71

[...] o Real da língua se deixa denunciar na materialidade linguística, através da denegação, da repetição, do riso e de outros indícios capturados no fio do dizer. Afinal, a **língua** funciona como **tamponamento à irrupção do não todo, de sentimentos outros**, como se fosse possível dizer tudo e controlar o sentido do que se diz, trazendo à baila a simplicidade enganosa da **língua** que pressupõe a possibilidade de dominá-la. E ao mesmo tempo funciona como **superfície porosa** por onde escapam, à revelia da vontade – consciente – do sujeito, sentidos interditados, sentidos a silenciar, a não dizer, sintomas que apontam para a emergência fragmentada do não-todo, real que sabe sem que saibamos, que diz de nós mais do que dizemos, que (re)vela o impronunciável, o impossível, o indiscernível, o indomável... (CORACINI, 2011, p. 157).

Deste modo, como dito anteriormente, ela é contradição, tenta conter os sentidos, mas eles podem deslizar. Eu diria que ela está sempre a se fechar e a se abrir, como uma válvula, regulando os sentidos. É marcada pelo que entra e pelo que sai, pelo todo e pelo não-todo, pela heterogeneidade e pela incompletude que a constitui.

Em Leandro-Ferreira (2011), a língua é torção, lugar da dobra, revelando a não linearidade da linguagem, o que se atravessa.

SD 72

A **lingu**a seria, justamente, a **torção da linguagem** que se dá numa cultura determinada e por aí torna-se reveladora dos sujeitos. (LEANDRO-FERREIRA, 2011, p. 63).

A torção leva ao efeito de sentidos do que foge ao controle, da não linearidade, do sentido que dobra, ou seja, nas dobras, as determinações, os sentidos silenciados, interditados e aqueles que emergem, fazem-se sentidos na materialidade da língua. A torção remete ao exterior e ao interior, ao que normatiza, mas, igualmente rompe, desestabiliza. Na língua, a história e o inconsciente habitam e vem produzir sentidos. Logo, a torção vista como o que esconde e, ao mesmo tempo, revela que a língua é o lugar dos (des)limites, da opacidade e da incompletude, condição de existência para os sentidos.

3.3.2.2.10 Efeito-fecho dos modos metafóricos de dizer a AD no SEAD

Tantos nós, fios diversos constituíram as metáforas dos analistas e em cada uma delas, independente do campo semântico a qual pertençam, serviram para dar um toque ainda mais especial à AD. Pontos tão complexos foram feitos e mesmo quando o discurso falava de aspectos ruins, o afeto e a amorosidade pela teoria estiveram presentes. Entendo que esse gesto metafórico de expressar a teoria é muito peculiar, gesto de quem se deixa realmente afetar pelas palavras e com ela joga, envolve-se, lapida o discurso da e sobre a AD.

E se a metáfora serve para falar sobre a AD e suas noções, compreendo que dela pode vir o ensino da própria teoria. Desta forma, no próximo capítulo, proponho pensar a metáfora como caminho teórico-analítico para o ensino da Análise do Discurso.

4. O TRABALHO TECIDO COM A METÁFORA: CAMINHO TEÓRICO-ANALÍTICO PARA O ENSINO DE ANÁLISE DO DISCURSO

Caminante, son tus huellas
el camino y nada más;
Caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace el camino,
y al volver la vista atrás
se vela senda que nunca
se há de volver a pisar,
Caminante, no hay camino
sino estelas en la mar.
Antônio Machado (1999).

4.1 METÁFORAS NO ENSINO DA ANÁLISE DO DISCURSO: JOGO

Neste capítulo, trilho um percurso teórico-analítico para o ensino de Análise de Discurso que toma a metáfora como caminho. Desta forma, apresento algumas metáforas construídas por mim que se constituem por diferentes materialidades significantes, e proponho que por elas se pode abordar alguns conteúdos da AD. Dentre as metáforas estão a casa da AD montada com pecinhas de montar, a colcha discursiva, a caixa da AD com a fita de Moebius tecida no crochê, a aquarela do discurso e o tesouro da Análise de Discurso, que, para mim, constituem práticas lúdicas, metáforas que servirão para que os conteúdos sejam apresentados/ ensinados, seja pelo professor e/ou pelo estudante, pois este não só pode como deve ser protagonista de seu processo de ensino. Elaborei, também, alguns jogos, como o dominó da AD, a mala das formações, os dados da AD e a recarga discursiva. Os jogos são entendidos aqui como atividade intelectual de ensino em que, por meio da brincadeira, estudantes e professor vão ser colocados diante dos pressupostos teóricos da AD. Nos jogos propostos, há regras que estão sempre expostas a falhas e a outras formulações. Não há vencedores ou perdedores, todos ganham, porque o objetivo maior é a aprendizagem.

Entendo que, por meio das metáforas para o ensino e da presença de outras metáforas nos jogos, posso empregar outros sentidos ao ensino da AD e torná-la ainda mais instigante ou atribuir-lhe um valor, o qual não é visto em si mesmo, mas na relação que se estabelece na e com a língua, num jogo que, apesar de apresentar regras, não é controlado, já que é com a imprevisibilidade da língua que lido.

Um jogo sempre sujeito ao equívoco, às possibilidades de outras jogadas, com regras suscetíveis a mudanças. O jogo que proponho é o da metáfora, pensando o ensino no

movimento, na relação a, no não fechamento dos sentidos. Não se trata de apenas mobilizar o conceito de metáfora, mas de observar o movimento vital que ela pressupõe e que dá consistência à teoria. E numa língua fluida, a metáfora que ora constituo também pode ser outra, um lugar que não é estável, apenas momentâneo. Esse gesto de olhar meu é um dentre tantos outros possíveis. Almejo, igualmente, que o caminho contribua para que outros caminhos sejam abertos a partir do que agora apresento. E, então, "O espaço do valor é o de um sistêmico capaz de subversão em que, no máximo, qualquer coisa pode ser representada por qualquer coisa." (GADET; PÊCHEUX, 2004 [1981], p. 59).

Desta forma, a fim de tornar o percurso mais didático, primeiramente, apresento aquelas metáforas que podem explicar os conceitos e propiciam vivenciar a Análise de Discurso e, posteriormente, descrevo os jogos, que evocam e ilustram conceitos já trabalhados. Ressalto que são exemplos de como o ensino da AD poderia acontecer e que os conceitos são apresentados na forma de metáfora, cabendo ao professor trazer a complexidade e o aprofundamento teórico e analítico que cada um deles exige, ou seja, as metáforas propostas servem para iniciar a discussão sobre os conceitos e/ou revisar o que já se trabalhou. Não é intenção reduzir a complexidade de cada um deles, muito pelo contrário, o que se pretende é trabalhá-lo ainda mais, aliando uma forma não convencional. Aqui ofereço a metáfora e como o trabalho poderia ser desenvolvido. Num outra procedimento, interessante, também, seria apresentar apenas a metáfora e pedir que a partir dela os estudantes de AD pensem as relações, bem como o material com que construirão o objeto, colocando-os, assim, ainda mais como protagonistas do estudo.

4.1.1 Metáforas para experienciar a Análise do Discurso

As teorias da educação têm, cada vez mais, colocado a importância de o estudante ser protagonista do seu processo de estudo, cabendo ao professor mediar essa relação. Neste sentido, é fundamental que o conhecimento seja construído pelo estudante. Assim sendo, nesta tese, optei por trazer, inicialmente, algumas das metáforas construídas ao longo da minha trajetória de estudante e onde, também, pude me colocar nessa condição de buscar a compreensão da AD. Posteriormente, trarei uma análise mais detalhada de uma das metáforas construídas: a casa da AD. Ressalto que não é meu objetivo oferecer o material pronto ao estudante ou ao professor, mas que, a partir dos exemplos mostrados aqui, tanto um quanto o outro possam criar outras metáforas e possibilidades de articular os conceitos a serem trabalhados.

Então, percorro um caminho que fez parte da minha trajetória do doutorado e que me ajudou, com a mediação dos professores, sempre a me desafiar, a compreender melhor a AD. A primeira metáfora construída foi numa aula de Teoria da AD com a professora Maria Cristina Leandro Ferreira. Fui desafiada a fazer a fita de Moebius. Além da confecção da fita, era necessário pensar as relações que essa mantinha com a teoria da AD. Deveria elaborar um texto breve de como entendia essa relação.

Naquela ocasião, estava ainda na fase inicial de estudos e vim para casa pensando em como cumpriria tal tarefa, porque fazer a fita parecia fácil, mas relacionar com os conceitos já não era tão simples assim. Na viagem de Porto Alegre a Santa Catarina, vim no ônibus pensando como faria. E foi ali que nasceu minha fitinha e as ideias sobre ela. Não compreendia claramente os conceitos e hoje, ainda, tenho muito a apreender, mas foi justamente a escolha que fiz naquele momento que fez a diferença na minha vida de estudante e me permitiu construir esta tese. Escolhi os materiais: linhas e agulha. Comecei, no crochê, a tecer minha fitinha. Interessante que algumas ideias eu havia previamente planejado, contudo a cada ponto que fazia, um conceito eu visualizava.

Passar por essa experiência do "fazimento" foi essencial. Fazer crochê fez parte da minha história, porém era diferente agora, não era uma encomenda em que eu já sabia o resultado e como o produto ficaria, aliás, só descobri no final - se é que posso dizer que o trabalho finalizou, talvez não. Considero hoje que a escolha foi certeira, embora naquele momento eu não tivesse essa clareza. Falo isso, principalmente, porque o crochê fazia parte da minha vivência, da minha história e isso fez toda a diferença na construção dessa metáfora e nas relações que estabeleci, ou seja, a partir do que eu já dominava, o crochê, busquei o conhecimento da AD.

Os pontos foram surgindo e com eles os conceitos. Tudo naquilo que fazia e no que não fazia, via uma relação com a AD. Os pontos altos, os baixos, os buracos, o fio, a cor dele, o direito e o avesso, as emendas, os nós, tudo estava impregnado da AD. Ao fazer o último ponto e o arremate, lembrei-me da dobra e que difícil foi fazê-la!

Trabalho feito, pus-me a pôr no papel o texto que já estava na cabeça e nas mãos. Esse foi um texto bem inicial[18], porém ele me possibilitou ver que a metáfora estava em mim e eu nela. Abriu-me as possibilidades de enxergar a AD com outros olhos, tanto que queria que meus colegas de turma também a vissem daquele modo e fiz fitinhas a eles para que, de alguma forma, pudessem vivenciar e sentir nas suas mãos aquilo que outrora eu estava vendo - claro que não

[18] O texto completo sobre a fita de Moebius tecida no crochê está no apêndice A.

igualmente, afinal, eles não tinham passado pela experiência do tecer. Hoje, o desejo é que outros desfrutem desta experiência e aprendam com ela.

Após a fita previamente pronta e o texto escrito, coloquei tudo numa pequena caixa e fiz questão de, com fios dourados, amarrar alguns dos conceitos da AD à fita e fixá-los na caixa no intuito de que ficassem firmes o suficiente e não escapassem. Contudo, o fio sempre pode desamarrar e novos conceitos podem ser inseridos à caixa. O título e a reticência que há nele "Na caixa da AD tem..." leva ao efeito de sentido daquilo que tem ali, mas não só. Trata-se de uma caixa que se abre para outras possibilidades, e esse é justamente o objetivo, ou seja, a abertura dos sentidos. Abaixo, uma imagem da caixa da AD e das fitas construídas.

Figura 21 - A caixa da AD e a fita de Moebius tecida no crochê

Fonte: Acervo da autora, 2022.

A partir dessa primeira metáfora, outras surgiram e, para mim, era fácil materializar a teoria em objetos. Ainda no crochê, construí a colcha discursiva para representar a teoria da AD[19].

Figura 22 - Colcha discursiva

Fonte: Acervo da autora, 2022.

A colcha discursiva ilustra o que é a teoria da AD e alguns dos conceitos da AD, assim, cada quadrinho assinala um deles. Estão dispostos lado a lado, construindo a teoria, contudo, na prática, os conceitos se movem e podem formar outros arranjos, outras combinações, ou seja, outras possibilidades de sentidos. É uma colcha em construção, por isso, na imagem, visualiza-se a tira incompleta, suscitando o acréscimo de outros quadrinhos e, também, os quadrinhos começados, mas não concluídos, como é próprio de uma teoria em construção. Na colcha discursiva, sempre haverá a possibilidade de novos quadrinhos de crochê, visto que a teoria se abre a contribuições.

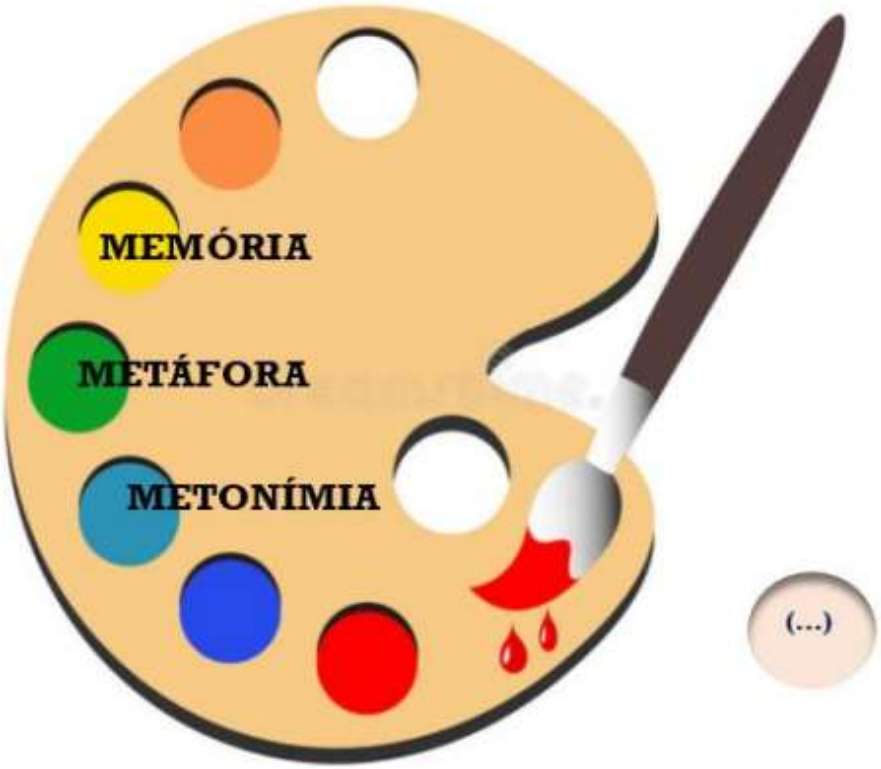
Cada quadrinho conceito se liga a outro e a mais outro. A linha que passa entre os dedos sempre é diferente. O ponto, embora pareça o mesmo, não o é. A cada nó, a cada emenda, há abertura para um sentido. Os quadrinhos, para mim, guardam uma simbologia muito especial,

[19] O texto que usa a colcha como metáfora foi construído na disciplina de Teoria da AD em 2017 e se encontra no apêndice B.

visto serem os que formam a colcha da AD. Estão tramados, emendados, articulados, unidos a muitos fios, cada um guardando sua especificidade. Cada quadrinho representa um pouco desta teoria em desenvolvimento. E a colcha vai se formando, e, quanto mais se tece, mais heterogênea ela fica, mais presente faz a multiplicidade de sentidos. E, deste modo, o intuito é que se teçam muitos quadrinhos conceitos, cada um, a seu modo, trazendo a sua contribuição para a colcha da AD e a constituindo, fazendo avançar a teoria.

Uma outra metáfora proposta foi a paleta com alguns conceitos do discurso: memória, metáfora e metonímia, em que a partir desses conceitos e da música *Aquarela* de Toquinho pude tecer uma análise[20]. A proposta é que se possa pensar os conceitos como constituintes de uma grande paleta de cores em que cada cor guarda sua singularidade, mas é sobretudo a mistura entre elas que promove a inserção de novas cores à paleta, neste caso, novos sentidos ao discurso.

Figura 23 - Paleta de alguns conceitos do discurso

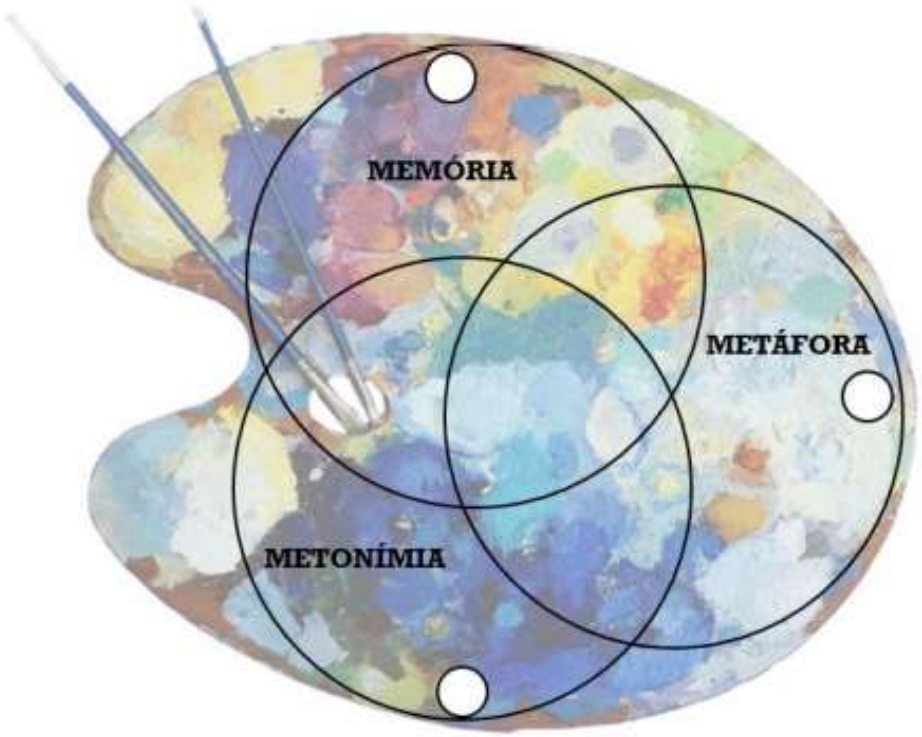


Fonte: Acervo da autora, 2020.

[20] Texto publicado no Cadernos do IL, Estudos Linguísticos, n. 61, set. 2020. Disponível em: https://www.seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/viewFile/103005/58472. Acesso em: 29 dez. 2021.

Em Análise do Discurso os conceitos não são pensados isoladamente, como se cada cor-conceito cumprisse uma função, na aquarela proposta, as cores se misturam, pois os conceitos se articulam entre si, um está no outro, como no nó borromeano. Além disso, cada um dos aros é constituído de um furo.

Figura 24 - Paleta de alguns conceitos do discurso revisitada

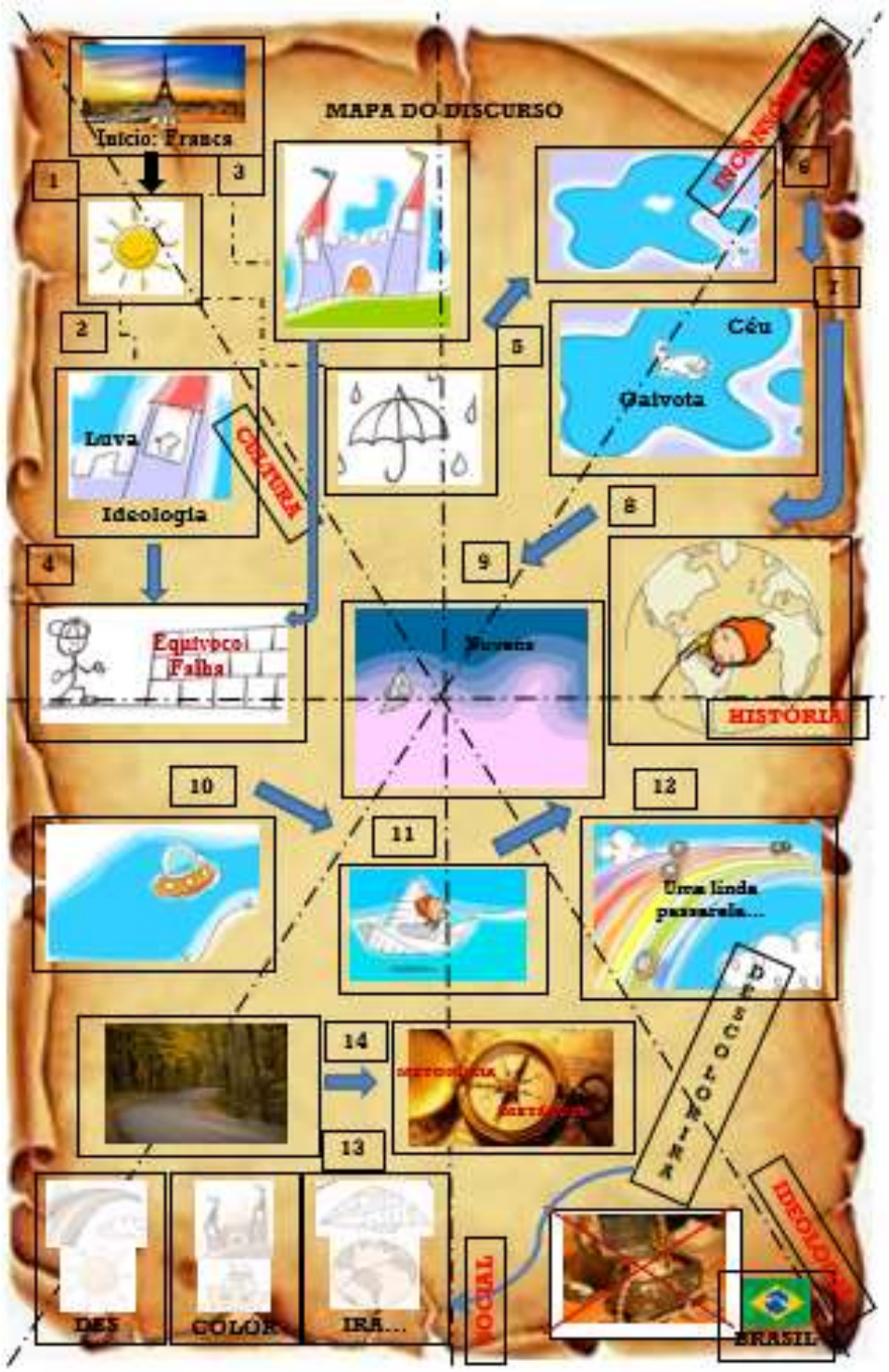


Fonte: Acervo da autora, 2020.

Ainda me valendo do mesmo texto de análise, *Aquarel*a, pensei em desenvolver uma metáfora para trabalhar a própria metáfora. Neste sentido, a metáfora construída foi a da busca por um tesouro, e, assim, criei o mapa, as pistas e, no final, apresentei o tesouro, que é a própria noção de metáfora, que, em meu entendimento, é o grande tesouro da análise do discurso. O mapa e as pistas foram criados a partir da materialidade de análise que eu tinha, o texto *Aquarela*.

Compreendo que essa metáfora possa ser utilizada de outros modos e o mapa construído seguindo uma outra estrutura, conforme a materialidade de análise que se tenha. Ao longo dessa trajetória, sempre considerei relevante que a teoria estivesse aliada ao gesto analítico, por isso, desde o começo, considero que os elementos estejam articulados. Na sequência, a imagem do mapa.

Figura 25 - O mapa



Fonte: Elaboração da autora, 2022[21].

[21] Algumas imagens foram retiradas do site: http://www.espacoeducar.net/2009/02/atividade-com-musica-aquarela-de.html. Este mapa foi elaborado, inicialmente, em 2017 na disciplina de Tópicos em Análise do Discurso: metáfora, metonímia e o movimento dos sentidos, ministrada pela professora Dra. Maria Cristina Leandro Ferreira.

O mapa levou a pistas e com elas os conceitos foram sendo tecidos e levaram a outros e a outras pistas, até que se chegou ao último, o da metáfora, e com ele a descoberta do tesouro. O tesouro era a própria metáfora, simbolicamente materializada dentro de um baú. Nele havia imagens da materialidade analisada, a tinta da aquarela, a chave do baú, o livro, a bússola que norteou o caminho, as dobraduras e, claro, a metáfora, representando o tesouro, moedas de ouro e joias, simbolizando a preciosidade deste conceito para a AD e, de modo, especial, para mim. De posse do baú e de tudo que havia nele, consegui compreender todo o itinerário percorrido.

Figura 26 - Tesouro da análise do discurso

Fonte: Acervo da autora, 2022.

No percurso até aqui, busquei apenas apresentar algumas metáforas construídas e uma possibilidade de caminho, dentre tantos possíveis. A seguir, proponho a metáfora da casa e descrevo uma análise mais detalhada de como as noções poderiam ser trabalhadas a partir da metáfora. A partir dessa proposição, vislumbro que os caminhos se abram para novos sentidos, gestos outros de ensino e, com certeza, o movimento mais produtivo é aquele em que o estudante é o protagonista do seu processo de aprendizagem, assim como eu me senti diante da construção dessas metáforas e do meu conhecimento sobre a AD.

4.1.1.1 A casa da AD

Uma ocasião
meu pai pintou a casa toda
de alaranjado brilhante.
Por muito tempo moramos numa casa,
como ele mesmo dizia,
constantemente amanhecendo.
Adélia Prado
(1993, p. 36).

Para trabalhar a AD de forma mais lúdica, começo com a casa da AD, construída a partir de pecinhas de montar, gesto simples e que, em meu entendimento, pode propiciar grandes conhecimentos, porque se constroem a partir de algo concreto e impregnado de sentidos e eu diria, de muito afeto. Assim sendo, trago como essa relação seria feita. Cada noção mobilizada tem um papel fundamental para que na materialidade concreta possa atender ao propósito que se almeja: o ensino da AD. Nessa metáfora da casa, apresento o início da trajetória de Pêcheux e de como a AD foi constituída, bem como cito suas principais noções.

E, então, parto bem do início: **do projeto**. E a história começa com o sonho da construção da casa, que não é qualquer uma, todavia a casa da Análise do Discurso. O sujeito coloca suas expectativas, seus desejos, suas pretensões e faz o projeto, contudo, ao longo da obra, vão aparecendo equívocos, materiais outros, ideias novas e a casa, da mesma forma que se constrói, desconstrói-se e se reconstrói, e isso é interessante, tal qual o jogo da língua. Abre-se para outras possibilidades e (re)significa, ganha formas outras. Entretanto é preciso algumas definições e, desse modo, penso na escolha dos materiais e como poderia apresentar um pouco dessa teoria tão fascinante aos meus olhos de estudante de Análise de Discurso. E foi das minhas filhas que veio a inspiração. Brincavam com peças de montar. Fiquei a observá-las. Era interessante como juntavam e tiravam, faziam e desfaziam. Escolhiam as cores, os tamanhos, os formatos e, ao juntar as peças, coisas surgiam. A peça que agora formava um objeto, minutos depois servia para outro, entretanto numa outra condição, com outras articulações, outras relações ali se constituíam. E, então, fiquei pensando que isso tinha relação com a AD, com a língua, com a sua fluidez. Nasceu minha casa, na brincadeira, na ingenuidade da criança, no encanto. É nisso que acredito, nessa disciplina de entremeio, capaz de encantar a tantos, como eu, mas também provocar estranhamento a outros. E é justamente no encanto, na possibilidade de torná-la ainda mais atrativa que quero pensá-la a partir da metáfora da casa.

O sentido só existe nas relações de metáfora, logo, apoiar-me-ei nela para construir minha história com a AD e para explicar o que entendo e como me relaciono com essa teoria. Igualmente, como outros poderão se valer dela para construir sua história de ensino da AD,

concebida por outros modos. Proponho-me a fazer a casa da AD, aqui, simbolicamente, construída com peças de montar, e dela falar. Leandro-Ferreira (2004, p. 37) nos diz o quanto é contraditório falar da própria casa, “natural” e, do mesmo modo, “delicado e arriscado”. Isso acontece, porque, segundo ela, “temos a ilusão de conhecer os vãos e os desvãos do nosso espaço, as aberturas e os esconderijos do nosso abrigo, seus pontos fortes e suas bases mais frágeis. Temos, por isso, uma certa segurança de não nos perdermos nos caminhos de nossa morada...”; todavia me arriscarei, pois não tenho a ilusão da completude e do caminho certo, tenho a certeza da contradição, do equívoco, de uma casa construída a muitas mãos. Então, para iniciar a construção, apresento os materiais de que disporei...

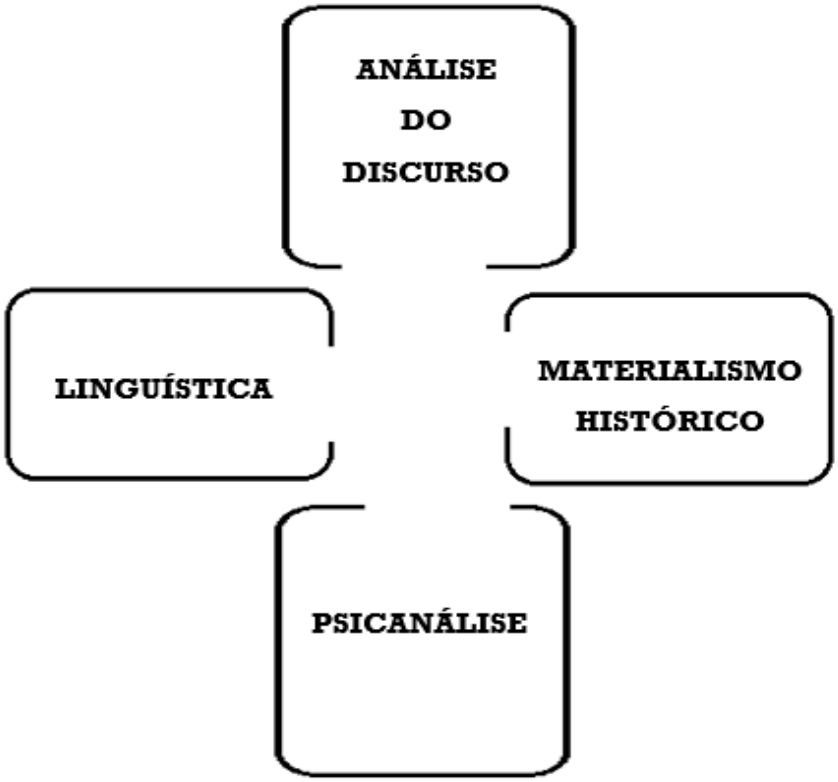
Figura 27 - Os materiais

Fonte: Acervo da autora, 2022.

Para que a casa se erga, é necessário o **terreno**, e esse, para mim, já está certo. Ele foi escolhido por Michel Pêcheux, final da década de 1960, percursor da Análise do Discurso. O lugar escolhido já era habitado por outros **vizinhos**: de um lado, a **linguística**, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação; de outro, o **materialismo histórico**, como uma teoria das formações sociais, incluindo, deste modo, a ideologia. Vale ressaltar que tanto uma quanto o outro ocupavam grande espaço neste cenário e é nesse meio que se inicia a construção da **teoria do discurso**, como determinação histórica dos processos semânticos,

buscando romper com os postulados dessa época e propondo uma outra forma de conceber a linguagem. Ao seu lado, dividindo o espaço, a Análise do Discurso vai ter a **Psicanálise**.

Figura 28 - Os terrenos



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Desde o início, a AD se caracterizou por um viés de ruptura com as teorias da época, quais sejam a Linguística, o Materialismo Histórico, a Psicanálise, mas também de articulação, naquilo que lhe tocava. Nesse terreno, de vizinhança já conhecida, ao modo de Pêcheux, construo a casa. Com alguns vizinhos haverá uma relação mais amistosa, mais próxima, enquanto com outros é longínqua e até distante. Contudo a convivência com eles é importante para que se perceba o que se quer e o que não se quer. De qualquer forma, é fundamental que cada um esteja no seu lugar, que não se confundam e não invadam o espaço do outro. Embora existam muros que os separam, eles não se fecham por completo, e mesmo que os terrenos estejam delimitados, adentra-se no terreno do outro, porém cada um mantém a sua singularidade. Os conceitos que estão lá e aqui, não se confundem, porque recebem sentidos próprios, conforme as casas que habitam. E, nesse entendimento, o terreno é preparado. Arrumo-o de acordo com minhas aspirações, coloco e tiro terra, cavo, plaino. Por mais que o desejo seja ter um terreno plano, há falhas, porque o terreno que escolhi apresenta imperfeições.

Assim, concluída essa parte e na certeza de um terreno com irregularidades, mas firme, inicio o alicerce e as primeiras vigas.

Figura 29 - Os vizinhos na/da casa

Fonte: Acervo da autora, 2022.

Antes de falar sobre o alicerce e as vigas, a pretensão nessa parte inicial foi contar um pouco de como começou a história da AD e de que, assim como eu, Pêcheux também teve seu projeto, fez suas escolhas, aparou arestas, abriu caminhos, refez outros e escolheu as peças em

que iria apoiar suas ideias antes de construir a casa – a AD, ao seu modo. Ao longo da construção, percebeu que havia fragilidades e tentou retificá-las.

O **alicerce** é a base que vai sustentar a casa e, aqui, entendo como sendo as **condições de produção**, deste modo, conforme a base, ergue-se um tipo de casa. Uma determinada base não serve para todos os tipos de casa, então, o mesmo acontece com o discurso.

Em Análise de Discurso, as condições de produção são essenciais, pois não há como pensar o funcionamento linguístico de um discurso sem elas. Nesse entendimento, considerar esse aspecto é "relacioná-lo à exterioridade, à conjuntura histórico-social em que foi produzido, ao lugar social em que seu sujeito está inserido e à rede de formulações já existente" (INDURSKY, 1998, p. 12), o que não acontecia com as teorias anteriores e que Pêcheux propõe romper, transformar.

As condições de produção, ainda, são fundamentais para se compreender por que determinado enunciado, por exemplo, significa de um jeito e não de outro. São onde as palavras adquirem sentido, mediante as relações de força em uma determinada sociedade. Deste modo, é necessário verificar o momento histórico, onde esse discurso está sendo formulado, para quem, os já-ditos que o sustentam e de que forma e em qual meio ele se dá.

Associando à metáfora da casa, tão importante quanto o interior dela e o que está dentro, é o exterior, o que está fora, onde está e em que condição. Para Indursky (2009, p. 118), as condições de produção possibilitam a ultrapassagem das fronteiras e, então, nesta perspectiva o texto "está aberto à exterioridade, ao interdiscurso, à ideologia". Assim, simbolicamente, na construção da casa, os muros não se fecham e as janelas e portas estão abertas para outras possibilidades, porque são igualmente importantes. O dizer de agora, em outras condições, pode diferir.

Ao pensar na **exterioridade**, tive todo um cuidado ao construí-la e imaginá-la, visto ser essa negada por outras teorias, o que não fez Pêcheux. Portanto, o exterior é tão importante quanto o interior da casa, não é um acessório. A casa se constitui dessa relação existente entre o que está fora e o que está dentro, o avesso e o direito, como na fita de Moebius. Cada elemento do exterior foi pensado para compor esse cenário e para que se visualizasse a importância de cada um deles para a casa, para o discurso. Eles são determinantes para a constituição dos sentidos e não apêndice, pois a exterioridade é constitutiva da linguagem, da casa da AD.

Alicerce e exterior como metáforas para condições de produção e exterioridade, conceitos caros à AD, isso porque Pêcheux deu um outro viés a eles.

Figura 30 - Condições de produção e exterioridade

Fonte: Acervo da autora, 2022.

As condições de produção são a base, mas somente elas não são suficientes, o alicerce está ligado a outros elementos igualmente importantes para a constituição da teoria que quero explicar. Deste modo, trago os **primeiros pilares** dessa construção: **língua, história, ideologia**. Embora história e ideologia venham do materialismo histórico, optei por trazê-los separados, visto que cada um dos pilares guarda suas singularidades. São esses três pilares que vão sustentar a casa, contudo, ao longo da história da Análise de Discurso, outras noções, igualmente importantes, foram surgindo e, ainda, que esses pilares primeiros vão perpassar toda a casa, ou seja, vão estar por entre as paredes, nos cômodos, no telhado, no exterior, assim como o cimento que une os tijolos na metáfora do edifício de Marx, quando associa esse material de construção à ideologia. Vale ressaltar que esses pilares estão permeados por uma teoria não subjetiva do sujeito de ordem psicanalítica, uma vez que o sujeito é afetado pelo **inconsciente**, outro pilar da casa.

A ideia é mostrar que esses conceitos constituem os pilares porque formam o quadro teórico da AD. Assim, ao pensá-los a partir dessa metáfora, almeja-se que o estudante compreenda que são eles que seguram a casa, colocam-se como suporte para a teoria. Importa trazer como cada um deles é concebido e como foram abordados em Pêcheux e por estudiosos da linguagem, sobretudo analistas de discurso. No caso da ideologia, as contribuições de

Althusser são bem-vindas, assim como as de Lacan em relação ao inconsciente, teóricos esses que, de algum modo, estiveram no entorno de Pêcheux e, consequentemente, da teoria do discurso. Ao modo do que apresentamos no capítulo primeiro desta tese, outros estudiosos foram fundamentais para que Pêcheux pudesse formular o conceito de língua.

Figura 31 - Pilares: língua, ideologia, história e inconsciente

Fonte: Acervo da autora, 2022.

O que verifico é que para segurar a casa da AD são necessárias vigas firmes e de material qualificado: pedra, areia, ferro e muito cimento. Somente a viga da língua não é suficiente, assim como não basta somente a da ideologia e do inconsciente, mas o imbricamento das diferentes materialidades significantes que compõem a casa da AD, cada peça, cor, elemento que a constitui. Por isso, é necessário o conjunto das vigas, as amarras que precisa haver nelas e entre elas. É preciso o que sustenta cada uma, pois é o conjunto que segura a casa. E a casa começa a ganhar formato, surgirão as paredes, que darão sustentação para as vigas e me ajudarão a formar a casa que quero. Deixarei buracos que, posteriormente, serão as janelas, as portas e por onde entendo que os sentidos poderão entrar e/ou sair, vir à tona ou silenciar... E nesse entusiasmo, começo a levantar as paredes.

A base e as vigas são essenciais na construção de uma casa, todavia só elas não constituem a casa. Logo, é chegado o momento de colocar mais blocos para que as paredes

surjam. Um a um é encaixado, num encaixe nunca perfeito e, pouco a pouco, elas começam a ser levantadas. Paredes que, junto com as vigas, construirão a casa da AD. Paredes que unem e separam, que atravessam os cômodos. Paredes que invadem o espaço do outro, que silenciam. Paredes que promovem o encontro com sentidos múltiplos, com outros sentidos. Portanto, diante de tantas paredes, quero associá-las a outros conceitos da AD. Penso, então, na parede da **formação discursiva**, que determina o cômodo e o constitui de um jeito e não de outro.

Existem paredes de diferentes tipos e elas se constroem segundo outras paredes, por exemplo, da formação ideológica, a qual também se estrutura a partir de uma conjuntura, da luta de classes. Além disso, os sentidos dados a essas paredes, a espessura, o seu efeito de fragilidade ou de resistência, o formato, o acabamento e tantos outros aspectos, vai depender de quem a constrói e da FD em que se insere. É a divisão imposta pela parede que vai dizer que aquela peça da casa é um quarto, um escritório, uma sala, a cozinha, contudo, um outro sujeito, filiado a uma outra FD pode arranjar os cômodos de forma distinta e atribuir-lhe outras funções. Ainda, um outro sujeito, inscrito na mesma FD, também, pode atribuir-lhe sentidos outros. Ou seja, o que quero mostrar é que, conforme a FD em que o sujeito se filia, o sentido é um e não outro.

Ao associar a formação discursiva a paredes, tento explicitar que ela é que limita, diz o que é e o que não é, tal qual no discurso e, a partir dela, o sujeito assume uma posição.

Numa casa, como se sabe, há paredes externas e paredes internas, assim, valendo-se dessa lógica, comparo as paredes mais externas, mais amplas, à **formação social,** ou como a sociedade se organiza e se produz. É a partir dela que se pode prever os efeitos de sentidos, é ela que condiciona as condições de produção e o lugar ocupado pelo sujeito (a partir da posição que ocupa).

Tenho, como igualmente importante, a parede da formação **cultural** que surge como um "espaço a partir do qual se podem prever os efeitos de sentidos a serem produzidos". (LEANDRO-FERREIRA, 2011, p. 61). Aqui, a casa assume um modelo, um formato, uma estrutura, um desejo, que também poderia ser outro. Levo em conta os efeitos de sentidos, a história e as condições de produção discursiva, as quais estão ligadas, também, às formações sociais e ideológicas.

A **formação ideológica**, também, ocuparia uma parede. É a formação ideológica que regula a FD naquilo que pode ou não ser dito. Essas três formações, social, cultural e ideológica representariam paredes mais amplas e que de algum modo abarcariam outras, enquanto a FD estaria mais internamente. Embora a tentativa seja de tornar mais perceptíveis as noções da análise do discurso, elas não são tão simples assim e, algumas vezes, fica difícil definir o que é

uma e outra, visto que o que separa uma parede da outra, ou melhor, uma noção da outra, é tênue.

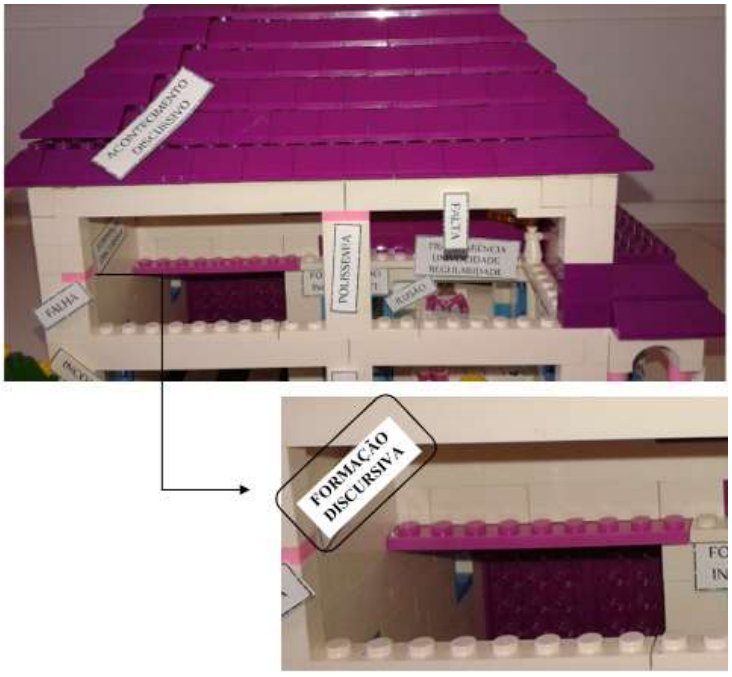
Além dessas, há paredes que constituem o imaginário, como aquelas que representam a **formação imaginária,** ou seja, "presidem todo discurso: a imagem que o sujeito faz dele mesmo, a imagem que ele faz de seu interlocutor, a imagem que ele faz do objeto do discurso." (ORLANDI, 2006, p. 15). Imagem que fiz e construí da casa e até daqueles que com elas vão interagir, talvez uma parede mesmo imaginada, sonhada.

Há aquelas que podem se manifestar pelo inconsciente e aí se tem a **formação do inconsciente**, em que se situam os sonhos, chistes, atos falhos, lapsos... Parede que ocupa um lugar delicado na casa da AD (será?) e da qual ele não tem controle, embora ache que tenha. Parede que faz parte da casa, que o sujeito não tem domínio e desconhece suas entranhas.

Nesse universo das paredes das formações, há contradição e efeitos de sentido diversos, porque nelas há mais do que simplesmente paredes, há discursos e, assim, em cada uma, um mistério, um sentido a ser explorado, a ser (des)construído. E, nessa lógica, os blocos foram acomodados em um lugar, não necessariamento fixo, pois fazem parte de um universo não-estabilizado, porém juntos e encaixados formaram as paredes.

As paredes, que simbolicamente fazem parte da casa, guardam algo muito especial, talvez, porque estou construindo com as minhas mãos, mãos de quem acredita muito nesta teoria e muito quer aprender com ela. E, nesse fascínio, as paredes ficaram prontas, do meu modo.

Figura 32 - Paredes das formações



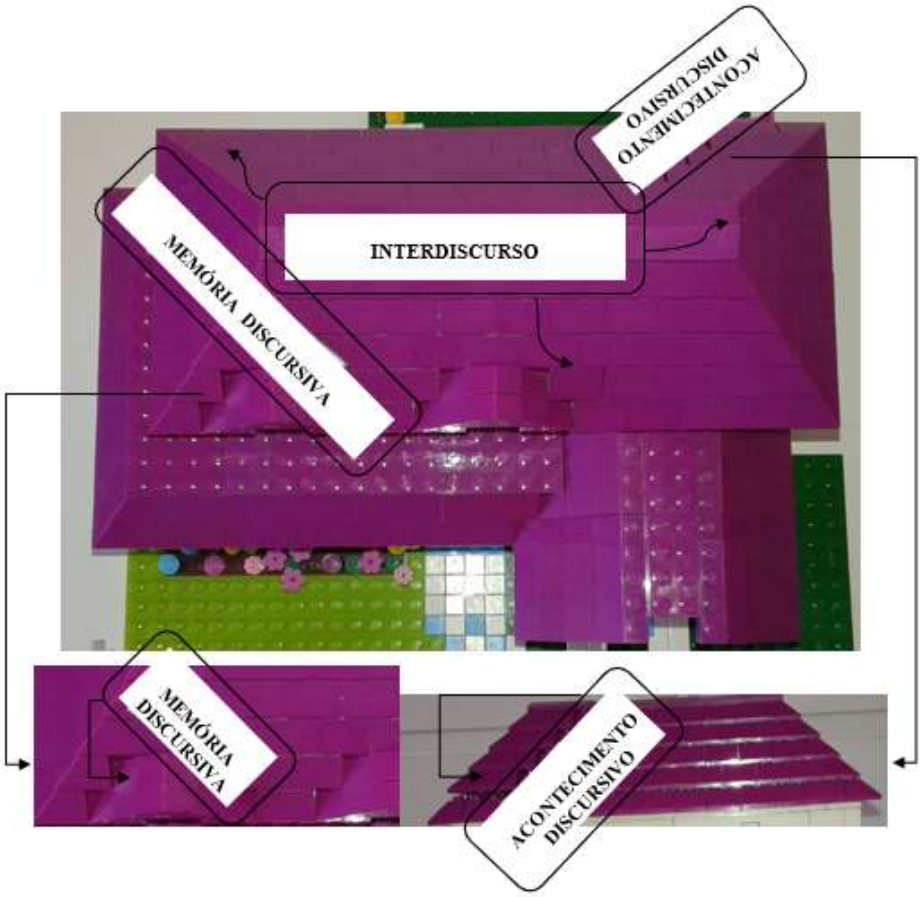
Fonte: Acervo da autora, 2022.

Parto, agora, para o telhado. Colocá-lo não é tarefa fácil, mas é preciso que as telhas estejam encaixadas (pelo menos essa é a ilusão) para que, de alguma forma, possa cobrir de sentidos a casa, sentidos do já-lá. O telhado que ora se constitui é frágil. Embora haja o esforço para o encaixe das telhas, sempre ficam brechas e trincas por onde a chuva e o sol ou, em AD, os sentidos possam se infiltrar.

Quero relacionar o telhado ao **interdiscurso**. É esse telhado que vai interferir diretamente na construção das paredes da nossa casa, visto que as paredes das formações discursivas possuem fronteiras porosas, o que permite que os sentidos possam migrar de uma FD a outra e elas possam relacionar-se entre si, constituindo o interdiscurso. Então, em meu modo de relacionar a construção da casa com a AD, vejo o telhado como o exterior dessa casa,

como o **interdiscurso**, de onde os sentidos emanam, conforme as formações discursivas a que se filiam. Eles se infiltram nas frestas das telhas que nomeio de **memória discursiva**, logo, os sentidos são recuperados por meio dela. No entanto, vale salientar que, enquanto telhado, ele é frágil, as telhas também se quebram, possuem rachaduras e sentidos outros podem se infiltrar e, assim, ressignificar. Há telhas iguais, repetição, paráfrase, outrossim, pode haver uma que não se encaixa, uma que rompe com a regularidade e instala uma outra forma, um outro sentido, polissemia. As telhas podem, ainda, ser subsituída por outras e o telhado ganhará novos sentidos. Nesse entendimento, rompe-se a regularização. Quando essa rede de repetibilidade é rompida, ocorre o que Pêcheux denominou de **acontecimento discursivo**, ou seja, sentidos são veiculados, arranjos se formam, os sentidos se reconfiguram, deslocam-se.

Figura 33 - Telhado: interdiscurso, memória discursiva e acontecimento discursivo



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Percebo que cada elemento desta casa é importante para que ela se concretize como casa, ou seja, ela só é uma casa porque cada um deles se une a outro e mais outro e na junção a construo, como as pecinhas do jogo de montar. O mesmo acontece com o quadro teórico da

AD, cada noção tem sua especificidade e contribui para a teoria de um modo e é justamente a relação que há entre elas que a torna consistente. Embora o telhado tenha sido posto na casa, ela ainda não está pronta (nem sei se ficará), há sempre outras possibilidades, acréscimos, reformas necessárias.

Nas paredes da casa há espaços deixados para as janelas e as portas, as quais se abrem e se fecham para sentidos diversos e que são determinados a partir das paredes das formações discursivas, que são determinadas, também, pelas paredes da formação ideológica. Importante dizer que as janelas e portas se fecham para os sentidos estabilizados. Elas não são fixas, fecham-se, mas sempre há a possibilidade de abri-las, porque os sentidos e os sujeitos engendram-se e estão em disputa e enfrentamento, por isso que anteriormente mencionei que os sentidos se infiltram por entre as frestas, ou seja, sempre há a possibilidade de romper com o sentido cristalizado e um outro surgir, neste caso, as janelas e portas se abrem para acolher novos sentidos e, novamente se fecham, num movimento contínuo entre aberturas e fechamentos. Portanto, na casa da AD, as janelas e portas do discurso se fecham, do mesmo modo, estão sempre abertas para a multiplicidade de sentidos e se oferecem para a interpretação.

Figura 34 - Janelas e portas: efeitos de sentidos

Fonte: Acervo da autora, 2022.

A casa só existe, porque nela há o desejo de alguém habitá-la. É o morador que a constitui enquanto casa e é por meio dele que tudo a sua volta se constrói. É ele que dá sentido a casa, por isso a teoria do discurso vai lhe dar destaque especial e promovê-lo a uma categoria teórica – o **sujeito**. Ele vai ser o morador desta casa, embora não seja dono da sua própria morada. Parece contraditório dizer isso, porém o sujeito da AD, assim como a própria AD, dá-se na contradição, na incompletude, no não fechamento, num espaço de possibilidades, de alteridade e, ao mesmo tempo, de singularidade.

O **sujeito** da AD ocupa posição central na teoria do discurso e na minha casa. O sujeito, na AD, é noção essencial para se compreender os sentidos, pois é por ele que os processos discursivos acontecem. Conforme já trouxe em outras partes desta tese, o sujeito não é origem e não controla o dizer, é afetado pela ideologia e pelo inconsciente, controlado, no entanto tem a ilusão de não ser.

Não é de um sujeito indivíduo que trata a AD e sim de um sujeito discursivo, inscrito na linguagem, logo, sua voz se dá a partir do lugar ocupado por ele, em determinadas condições. Sujeito que está em permanente movimento, por isso, também, que a casa não é dele, pois pode habitar outras.

Parece estranho, mas o sujeito não tem controle sobre si e nem sobre sua casa. Um sujeito que acredita conhecer os cantinhos da sua morada, as paredes que a constituem, os cômodos que há nela, contudo ela guarda mistérios e por entre suas paredes estão múltiplos sentidos, sentidos que entram e saem pelas portas e janelas. Sentidos que, algumas vezes, ficam silenciados por entre os cômodos.

E em cada pecinha colocada nessa casa, o desejo do sujeito de vê-la pronta, todavia, nessa casa da AD, a completude não existe, pois sempre faltarão mais peças para serem (re)postas, tal qual as paredes deixadas por construir, pois a falta constitui a AD e o sujeito. Assim, a casa da AD está sempre em construção, suscitando novas peças, novos encaixes, outras paredes, outros cômodos, outros arranjos...

Figura 35 - Sujeito: o dono da casa?

Fonte: Acervo da autora, 2022.

É chegado o momento do toque final, mas não definitivo. Coloquei as últimas peças nesse trabalho de construção da casinha que, com certeza, não finda aqui. Outras noções foram postas, contudo não detalhei, conforme se visualiza em algumas imagens trazidas ao longo do texto. Compreendo que outras mais poderiam ser pensadas nessa relação.

Após, resolvi entrar nela pelas asas da imaginação, porque, como sujeito desejante que sou, não resisti. Ao percorrer os cômodos, visualizei uma singela mesinha que me lembrou a escrivaninha onde realizei meus primeiros estudos de AD. Pude observar que sobre ela havia um texto – O operário em construção. Naquele momento, pude me sentir como o operário de Vinícius, operária do discurso, em construção... E, então, veio-me o desejo de tecer uma análise, de analista de discurso, pois me senti interpelada pelos vários sentidos que me constituem enquanto sujeito da/ na linguagem e, também, como um ser social e histórico que sou. E foi aí que...[22]

[22] A análise do texto operário em construção foi publicada na Revista Memorare, volume 6, número 1, 2019. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/memorare_grupep/issue/view/316/showToc.

É necessário dar um fecho a minha casa da AD, aqui tão carinhosamente construída. As portas não se fecham, estarão abertas para outras perspectivas, para outros sentidos. Agora, espero que ela encontre outras mãos que, num gesto de interpretação, atribuirão a ela sentidos que, provavelmente, não serão os que outrora se constituíram, visto que os sujeitos são distintos, inscritos em práticas diferentes.

Entrego a casinha, com aperto no peito, porque há muito sentimento envolvido, afeto e valor que transbordam, tanto que o desejo do sujeito é querer guardá-la para si, no entanto o conhecimento é para ser compartilhado e ressignificado, por isso a metáfora da casinha não deve ser minha. Quero que ela siga o seu caminho e possa ser construída por outras mãos, mãos de quem conheça bem a AD, mas, sobretudo, daqueles que a estão descobrindo, e que, assim, ela contribua com o aprendizado. Desejo que se possa acrescentar a ela outros bloquinhos e, talvez, até ressignifique os já postos, pois tenho certeza de que deixará a casa ainda mais bela e fará com que ela continue (re)existindo...

Gostaria de enfatizar que essa foi uma forma minha de compreender a teoria da AD e de articular as noções, contudo arranjos outros podem ser possíveis e novas metáforas podem surgir. A metáfora da casa se abre para as relações e junto com ela se constrói a história da AD. As articulações que se mantém com a casa são também dos conceitos da AD, numa relação que se pode estabelecer de outras maneiras, porque a casa da AD estará sempre em construção, convidando a inserir nela outros tijolos. Acredito que é justamente essa possibilidade que a torna viva, novos materiais são bem-vindos, tanto os teóricos quanto os analíticos, e é assim que a tenho concebido e percebido.

Nesse percurso de construção, eu e minha filha oferecemos outros bloquinhos para que possam ser postos na casa da AD, pois há espaço nela para outras contribuições e, igualmente, bloquinhos outros, vindos de outros lugares e de outras mãos...

Figura 36 - Mãos que oferecem outras peças

Fonte: Acervo da autora, 2022.

E, assim, continuo a buscar outras metáforas e que cada uma delas possa contribuir para o ensino da AD e despertem ainda mais o gosto por essa teoria tão fascinante.

4.1.2 Metáforas para revisar os conceitos da Análise de Discurso: jogos[23]

Tão importante quanto a abordagem do conteúdo de forma prazerosa e significativa é que ele possa ser revisitado e/ou revisado, pois, na minha prática de sala de aula, tenho estudantes distintos e nem todos aprendem do mesmo modo. Pensando nisso e querendo trazer ludicidade ao ensino da AD, proponho que a partir de jogos já existentes se possa dar uma roupagem nova a eles, aliando os conceitos que se deseja abordar. Então, para exemplificar esse percurso, elaborei quatro jogos: o dominó da AD, a mala das formações, os dados da AD e recarga discursiva, os quais passo a explicar.

O jogo dominó da AD é constituído de 28 cartas. Cada carta contém uma noção da AD e um conceito referente a uma outra noção, de forma que, ao elaborar o dominó, o professor precisa ir montando a fim de que todas as noções e os conceitos sobre elas se encaixem, conforme se pode observar no apêndice 3 (jogo completo) e na ilustração abaixo.

[23] Os jogos aqui apresentados encontram-se nos apêndices desta tese.

Figura 37 - Algumas cartas do dominó da AD

IDEOLOGIA	**[...] *histórico, ideológico*, mas ignora que o é, pois é igualmente afetado, em sua constituição, pelo inconsciente. (INDURSKY, 2008, p.11).**
SUJEITO	**Compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação [...] Também compreende o contexto sócio-histórico, ideológico. (ORLANDI, 2015, p. 28).**
CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO	**[...] é aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* ... (PÊCHEUX, 1995, p. 160).**

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Para iniciar o jogo, distribui-se sete cartas para cada participante e inicia o jogo aquele que tem a carta do **discurso**. O jogo é feito para ser jogado por quatro pessoas, de forma que todas as cartas sejam utilizadas, mas caso não se disponha de quatro jogadores, joga-se com menos e as demais cartas ficam para ser compradas quando o jogador que estiver na vez não tenha nenhuma carta que se encaixe na rodada. Quando não se distribuir todas as cartas e nenhum dos jogadores tiver a carta do discurso para iniciar, pode-se começar por outra previamente definida pelo grupo: língua, por exemplo. Vence o jogo o jogador que acabar as cartas primeiro. Mais importante que vencer o jogo é a conversa que se estabelece entre as jogadas e o aprendizado que resulta desse processo, aliás, esse é o objetivo maior. É fundamental a mediação do professor durante o jogo para que possa fazer as intervenções e

perceba os avanços e os aspectos que o grupo ainda precisa compreender em relação ao conteúdo, neste caso, sobre as noções da AD. Quais foram as noções compreendidas melhor? Quais devem ser retomadas?

É um jogo bastante simples, fácil de fazer e exige poucos recursos. Na figura ilustrada na sequência, utilizei folha e tinta para impressão. Como queria um material com maior resistência, já que seria manuseado pelos estudantes, plastifiquei-o, o que facilita, também, o manuseio. As peças são com 8 cm de largura por 18cm de comprimento. Além do jogo, penso que a forma de apresentá-lo é importante, então, pensei numa embalagem. Ela é uma caixa retangular feita de plástico picado e serra de madeira, ou seja, materiais normalmente descartados. Foi produzida por mim e pela professora Dra. Maria Ana Pignatel Marcon Martins[24], no laboratório de Química da instituição onde trabalhamos. Após a montagem das peças da caixa, colamos e a embalagem estava pronta. Na tampa há um botão desses grandes que facilita a abertura e/ou fechamento da mesma.

Figura 38 - Dominó da AD

Fonte: Acervo da autora, 2022.

[24] Meu agradecimento especial a esta grande amiga e parceira por acreditar nas minhas ideias e junto comigo ousar experimentar.

No dominó da AD que montei, optei por algumas noções, mas isso não significa que outras não possam ser inseridas. O professor elabora conforme sua necessidade.

Fazer uma aula atrativa e diferenciada sempre esteve em mim e ao longo da minha trajetória como professora busco praticar esse princípio. Penso que é tarefa minha enquanto docente fazer com que os estudantes se encantem pelo conhecimento. Conhecer é igual a uma viagem, coloco na mala aquilo que será importante e significativo para mim. E falando em viagem, ao longo do doutorado ela esteve presente. Viagens longas e cansativas, mas havia algo maior que me motivava: a mala do conhecimento. Tanto na que ia quanto na que vinha estava repleta de afeto, memórias de um conhecimento significativo e instigante, memórias afetivas. Deste modo, olhando para a minha pequena malinha, elaborei o jogo da **mala das formações**[25]. O objetivo aqui é trabalhar as formações: social, ideológica, cultural, imaginária, discursiva, do inconsciente.

Figura 39 - Jogo: mala das formações

Fonte: Acervo da autora, 2022.

No jogo das formações, o que vale é o conhecimento adquirido e a interação entre os participantes, deste modo, não há vencedores. Estabeleci algumas regras para que o jogo

[25] No apêndice C há um texto e as cartas sobre este jogo.

pudesse iniciar, no entanto elas não são fixas, podem ser alteradas, reinventadas e modificadas a cada nova partida. Assim...

1) apresentar as cartas: constituídas das formações, dos conceitos e de alguns textos[26];
2) separar as cartas em três partes: a das formações, a dos conceitos e a dos textos;
3) cada participante pega três cartas, sendo uma de cada monte;
4) o primeiro participante joga uma carta na mesa. Nesta primeira jogada, sugere-se que seja um texto. A partir dele, o próximo deve jogar outra carta relacionada àquela e falar sobre ela. O próximo jogador pode ser qualquer membro da mesa, não é necessário seguir a ordem. É permitido também que para um mesmo texto se utilizem vários conceitos e/ou formações, desde que seja possível. Caso o próximo não tenha uma carta ou explicação relacionada a esta, pode jogar outra carta na mesa;
5) as discussões, assim como a coerência nas respostas, serão mediadas pelo professor e pelo grupo dos participantes;
6) uma carta de texto já utilizada pode voltar à mesa novamente, caso o jogador entenda que o seu conceito e/ou formação tem relação com ela agora;
7) quando todos os membros jogarem suas cartas, o jogo termina;
8) para jogar com mais cartas, basta duplicar o jogo. Seria interessante fazer outras cartas de textos.

Figura 40 - Algumas cartas do jogo das formações

Fonte: Acervo da autora, 2022.

O desejo é que o jogo possa contribuir para a formação dos estudantes e para o entendimento das diferentes formações!

[26] As cartas dos textos, aqui, foram constituídas por imagens e charges.

Com os **dados da AD**[27] a brincadeira é muito simples. Basta jogar os dados e pronto!

Neste jogo há três dados: um com as noções da AD, outro com imagens e o terceiro com comandos, ou seja, a partir do que sair nos outros dois, o estudante deverá realizar o solicitado. Por exemplo: se a noção for de sujeito e o comando analise, como o estudante analisaria essa noção a partir da imagem selecionada? É preciso sempre estabelecer relações entre noção, comando e imagem de análise. Uma mesma imagem pode ser analisada sob diferentes vieses, dependendo sempre da noção e do comando. Igualmente, uma noção pode ser tomada sob distintas perspectivas. O jogo pode ser feito em pequenos grupos ou em um único grupo e com a participação de todos, dialogando sobre as noções e as imagens em análise. O jogo termina quando o professor julgar que a discussão foi suficiente.

Figura 41 - Os dados da AD

Fonte: Acervo da autora, 2022.

Numa perspectiva de abordar a noção da metáfora e aprofundar os estudos a respeito, elaborei o jogo da **recarga discursiva**[28]. Ele é constituído de dois conjuntos de cartas: recarga conceitual e recarga analítica. No primeiro conjunto, o objetivo é revisar os conceitos teóricos e elucidar as dúvidas sobre o conteúdo e a abordagem dos mesmos pelos autores citados. No segundo conjunto, o intuito é fazer um batimento entre teoria e prática analítica. Embora haja

[27] No apêndice E há os moldes dos dados e as palavras e imagens que fazem parte deles.
[28] O jogo completo encontra-se no apêndice F.

dois conjuntos de cartas, elas devem ser jogadas simultaneamente, tanto as da recarga conceitual quanto analítica.

Figura 42 - Exemplos de cartas da recarga discursiva

RECARGA CONCEITUAL

5) A metáfora não é vista na AD como um sentido segundo, figurado, mas a possibilidade de todos os sentidos. Ela é pensada a partir da estabilização/ desestabilização da língua, por isso que, para Pêcheux (2014, p. 240), "o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora", ou seja, não se excluem ou simplesmente se juntam, todavia se articulam. Então, considerando a sequência discursiva abaixo, retirada de Daltoé (2011, p. 129), como poderíamos verificar essa estabilização/ desestabilização da língua?

SDr 38: A gente tem que parar com essa bobagem de que político é um ser superior. Não posso rir porque sou político, não posso beber porque sou político, não posso falar palavrão porque sou político. Pode sim. (Lula, 16/02/09).

6) Na AD de 69, Pêcheux traz o conceito de **efeito metafórico**. Como ele o definiu?

RECARGA ANALÍTICA

5) A fotografia que se apresenta foi retirada do Livro Sangria, da poeta Luiza Romão. Valendo-se dessa imagem, como poderíamos trabalhar a metáfora? Que efeitos de sentido e que memória evoca? Que sujeito discursivo é esse?

*Fonte: Romão, 2017. Foto: Sérgio Silva. Intervenção: Luiza Romão.

Fonte: Acervo da autora, 2022.

O jogo foi pensado para ser jogado em grupo, assim, um participante pega uma carta do monte, previamente embaralhadas, e faz uma das perguntas a um dos participantes. Caso o escolhido não saiba responder, os demais respondem, visto que o que está em jogo é o aprendizado. Igualmente, é papel do grupo complementar a resposta quando houver outros aspectos importantes a serem mencionados. Outras regras podem ser elaboradas a partir do jogo.

Figura 43 - Recarga discursiva

Fonte: Acervo da autora, 2022.

Trouxe aqui uma pequena mostra de jogos desenvolvidos, agora, basta utilizar a criatividade e o conhecimento da AD para que muitos outros sejam produzidos. Acredito que a partir de um outro jogo, seja ele qual for, é possível fazer as adaptações e proporcionar aos estudantes um ensino diferenciado. Desse diálogo e experimentações, com certeza, vai surgir uma AD ainda mais prazerosa. Então, parafraseando Antônio Machado, caminhante que sou, vou fazendo meu caminho, porque ele se faz ao caminhar... Em cada pegada, uma marca, uma trajetória, um rastro deixado...

ARREMATANDO OS PONTOS, (DES)FAZENDO OS NÓS

Como aquele que faz o crochê, é chegado o momento de arrematar os pontos e (des)fazer os nós, os quais podem ser desfeitos para que outros possam ser ensaiados. Deste modo, esta pesquisa não se fecha, mas se abre para outras possibilidades, para que outros pontos possam ser sempre pensados e tecidos pelos fios do discurso, sobretudo, pela noção da metáfora, que, nesta tese, proponho como uma metodologia para o ensino da Análise do Discurso.

Ao longo deste estudo, os pontos foram crocheteados um a um e, cada qual trouxe consigo sua historicidade e as relações que estabeleciam com os demais. Embora tenha trabalhado com fios distintos e de espessuras diversas, todos se mostraram fundamentais para que esta tese pudesse se estruturar. Os pontos baixos foram tão importantes quanto os altos, os furos estiveram presentes e, muitas vezes, eles fizeram com que os pontos cheios e todos os outros se materializassem. Mesmo que neste momento eu precise cortar a linha e encerrar o trabalho, a certeza que fica é que isso é pura ilusão, um efeito-fecho necessário, porém não definitivo.

Nesse sentido, procurando delinear o caminho percorrido, primeiramente, como objetivo geral, procurei compreender a noção teórica da metáfora para que, a partir dela, eu pudesse propor um caminho teórico-analítico para o ensino da teoria da Análise de Discurso que segue o legado de Michel Pêcheux. Nesse entendimento, a fim de que esse objetivo fosse alcançado, delineei os objetivos específicos, os quais se materializaram por meio dos capítulos que constituem a tese.

No primeiro capítulo, sintetizei a abordagem da metáfora em alguns autores no entorno da linguagem, tais como Frege, Saussure, Jakobson, Lacan, Chomsky, Althusser e Milner, presentes nos estudos de Michel Pêcheux e de outros analistas do discurso que se dedicaram às questões de sentido. Igualmente, abordei outros aspectos da linguagem que se relacionassem com a metáfora e/ou com os postulados de Pêcheux. Pude perceber as contribuições de cada um para os estudos pecheutianos e, também, para o meu. Ao final de cada um deles, fiz um quadro-resumo com os aspectos mais significativos para esta pesquisa. Interessante observar neste estudo que Pêcheux foi buscar neles os pontos que escaparam e, ao seu modo, empenhou o seu gesto teórico-analítico. Em alguns casos, a noção da metáfora não esteve presente, no entanto o modo como conceberam a língua foi essencial para que eu pudesse compreender a metáfora e as relações que Pêcheux estabeleceu com os textos deles.

No segundo capítulo, reconstitui o percurso da metáfora na teoria do discurso, por meio de Pêcheux, já que, para mim, ela é a base, é o que estrutura a língua. Ainda, estabeleci a relação

entre a metáfora e as demais noções da teoria do discurso, visto que os conceitos não se dão isoladamente, eles estão imbrincados, e, em meu entendimento, é a metáfora o fio condutor. Sabedora da importância que a noção da metáfora tem, não deixei de mencionar a relação inextricável que ela mantém com a metonímia, porque sem esta, aquela não existiria. Enquanto a metonímia, em sintaxe, articula, a metáfora, em semântica, faz com que os significantes alcancem outros sentidos, os quais podem se articular novamente e significar de um outro modo, num processo ininterrupto no jogo da língua. Portanto, metáfora e metonímia funcionam imbrincadas para dizer e produzir sentidos. A metáfora perturba, aponta para outros sentidos, com deslocamentos, ressignificações, já a metonímia age na contenção, articulando e contendo os sentidos, estabilizando-os para que, em outras condições, possam, novamente, desestabilizar-se. O que se observa é sempre este jogo metafórico-semântico e metonímico-sintático. Vale ressaltar, ainda, que esse jogo só acontece porque a língua está sujeita à equivocidade. O equívoco é o lugar da metáfora, portanto, as noções estão enredadas uma na outra.

No terceiro capítulo, analisei como a noção teórica da metáfora tem sido abordada por analistas do discurso no Seminário de Estudos em Análise do Discurso – SEAD, nas nove edições realizadas (com suas publicações) até o momento, compreendidas entre 2003 e 2019, visto ser esse o mais importante evento da Análise de Discurso no Brasil e que reúne os principais nomes de estudiosos da área. Vali-me, para esta análise, dos textos publicados em livros e anais do SEAD. Inicialmente, apresentei um pouco da história do SEAD ao longo desse período. Percebi que o evento só cresceu e não só em tamanho, mas, principalmente, em contribuições teóricas e analíticas, vindas tanto de analistas mais experientes quando dos iniciantes. Novos objetos discursivos surgiram, tais como corpo, cultura, gênero. E temáticas distintas aparecem a cada edição.

Num gesto de buscar o fio de cada edição do evento, além da história e dos textos, apresentei uma pequena análise das artes, com sua metáfora latente: fios, rede, trama, nós, banda de Moebius e a imagem de Pêcheux. As cores utilizadas (vermelho, preto, cinza e branco) bem como a posição-sujeito, mantiveram-se ao longo das edições, tanto naquelas ocorridas em Porto Alegre quanto as que agora acontecem em Recife, expressando o posicionamento militante.

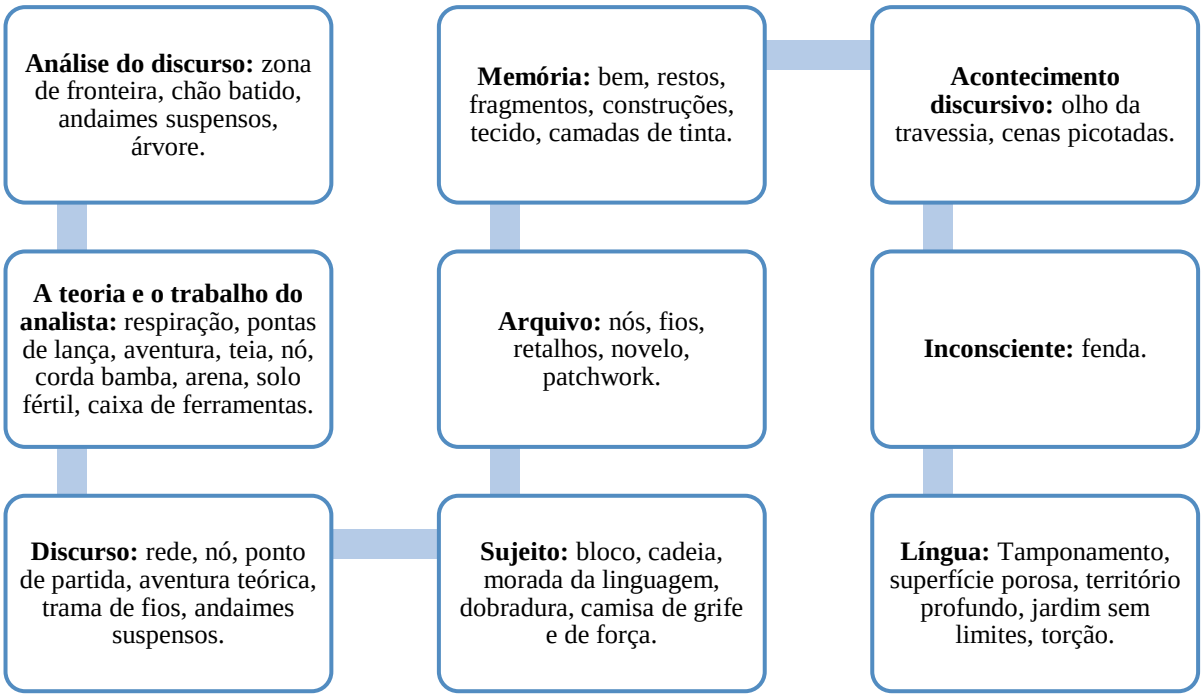
Em relação à metáfora como noção teórica discutida e trabalhada nos textos publicados em livros e anais do SEAD, observei que os analistas seguiram trajetórias distintas: houve aqueles que percorreram todo o percurso da metáfora em Pêcheux; os que seguiram parte da trajetória de Pêcheux, trazendo para seus textos apenas o que seus objetos de análise suscitavam; aqueles que reafirmaram e/ou pensaram os conceitos ligados à metáfora a partir de outros teóricos; e os que, a partir dos postulados de Pêcheux, propuseram outros e/ou ressignificaram

os conceitos. Independentemente do caminho seguido, o conjunto analisado mostra que a noção da metáfora está viva, pulsa entre os analistas de discurso no Brasil.

Do percurso de Pêcheux, como dito anteriormente, diversas definições de metáfora foram trazidas: como cerne do processo de produção do sentido, substituição simétrica, efeito metafórico, processo sócio-histórico, associada à formação discursiva, determinada pelo interdiscurso, transferência; procedimento heurístico, lugar do equívoco e da deriva no *non-sens* e perturbação. Dos analistas de discurso que publicaram no SEAD, destaco: pontos de deriva, gesto de interpretação, deriva metafórica, relação metafórica, empréstimos metafóricos, impulso metafórico, transferência metafórica, metáfora discursiva, lugar de metaforização, poder metafórico, formações metafóricas, relação de metáfora, rede metafórica, construção metafórica simples e processo metafórico.

Além de efetuar esse percurso sobre a noção de metáfora, também observei, nos textos dos anais e dos livros do SEAD, como a metáfora tem funcionado como modo de dizer a própria Análise de Discurso, ou seja, como os modos de dizer metafóricos contribuíram para as reflexões apresentadas pelos analistas do discurso. Assim, abaixo, ilustro um caminho com algumas metáforas presentes nos textos.

Figura 44 - Modos de dizer a AD e suas noções



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

As análises mostraram um gesto peculiar de abordar noções complexas sobre o ponto de vista teórico e que propicia um olhar diferenciado, significativo da noção, mas não redutor, pois o uso da metáfora fez com que cada noção teórica discursivizada alçasse outros sentidos.

Partindo dessa possibilidade, da metáfora como modo de dizer a AD, no quarto capítulo, propus um caminho para o ensino da Análise de Discurso pela metáfora e por distintas materialidades. Assim, vali-me, por exemplo, de pecinhas de montar para fazer a casa da AD. Em cada parte da casa, associei uma noção e expliquei as relações que estabeleciam com noções da AD para ensinar a própria AD. Além da casa da AD, analisada e exemplificada a partir da teoria discursiva, sugeri outras metáforas, tais como a colcha discursiva, a caixa da AD com a fita de Moebius tecida no crochê, a aquarela do discurso e o tesouro da Análise de Discurso. Para essas metáforas, não mostrei a análise de como se deveria fazer, ao modo da casa montada com pecinhas, pois entendo que o estudante de AD precisa ser protagonista do conhecimento, exercer sua autonomia e autoria diante do objeto. Ele mesmo pode estabelecer as relações à medida que o conhecimento vai sendo construído, e essa construção, que não acontece de uma hora para a outra, é fundamental. Assim, ele mesmo tem condições de ir lapidando o conhecimento e, aos poucos, vai formulando suas teorizações e verificando por que, por exemplo, determinada noção cabe na janela, mas não serviria para estar no telhado. Eu mesma, na construção da casa da AD, muitas vezes, coloquei uma noção em determinado lugar e depois a retirei. O legal do jogo é perceber que uma noção que está em determinado lugar agora, em outras condições, pode estar em outro, isso porque os conceitos não são estanques, fechados em si mesmos. Em alguns momentos o professor pode apresentar a metáfora e em outros o próprio estudante traz a metáfora para apresentar as teorizações. Nas minhas pesquisas, sempre propus a metáfora a partir das relações que estabeleci com as minhas vivências, e todas foram materializadas, pois no gesto de fazer, também aprendi. Em notas de rodapé e/ou nos apêndices desta tese, trago referências sobre textos meus publicados ou escritos em aula sobre algumas dessas metáforas.

Além das metáforas para ensinar a Análise do Discurso, elaborei alguns jogos como mais uma possibilidade para o ensino, agora com o objetivo de avaliar o aprendizado e reforçar os conceitos estudados. Assim, trouxe como proposta o dominó da AD, a mala das formações, os dados da AD e a recarga discursiva, todos apresentados integralmente nos apêndices. Ressalto que cada um deles pode ser ressignificado e transformado, conforme a realidade de cada professor e dos estudantes. Entendo que, nessa brincadeira, os estudantes visualizam uma outra forma de estudar, quer seja pelo jogo, forma simbólica de construir o conhecimento, e pelos estudantes, porque se rompe o paradigma de que a aprendizagem se estabelece entre

professor e estudantes, mas também entre os próprios estudantes, pela partilha. Visualizo nesse compartilhamento de conhecimentos um gesto interessante, pois, ao aprender com os colegas, sob a mediação do professor, os estudantes se colocam numa mesma condição, de aprendentes e ensinantes. Ou seja, há aqui uma troca entre todos. O jogo só acontece com a participação do conjunto, pelas discussões, análises e experiências divididas.

Assim, com essa proposta de ensino, considero que, pela metáfora, podem ser tecidos novos fios nas relações que se estabelecem entre quem aprende e quem ensina a AD. Nesse entendimento, arrebento esse fio e apresento o fio da metáfora como metodologia, como caminho, oferecendo pontos de um ensino mais significativo, com outras tramas e encaixes... E, num mundo cada vez mais dinâmico, arremato o ponto, (des)faço o nó e fico com o fio da metáfora-utopia.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Análise crítica da teoria marxista.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1967.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado:** nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985 [1918].

ALTHUSSER, Louis. Observações sobre uma categoria: "Processo sem sujeito nem fim(s)". *In:* **Posições -1**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

ALTHUSSER, Louis. Du "Capital" à la philosoplie de Marx. *In:* ALTHUSSER et al. **Lir ele Capital**. Paris: Presses Universitaires de France, 1996 [1965].

AMARAL, Priscila Cavalcante do. **Mar de sentidos. A metáfora no enlaçamento com a subjetividade e o imaginário na construção do significante "mar".** 2013. 112f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras, Porto Alegre - RS, 2013.

ANAIS DO SEAD: Seminário de Estudos em Análise do Discurso. Disponível em: https://www.discursosead.com.br/historico. Acesso em: 03 jan. 2021.

ANAIS DO III SEAD: Seminário de Estudos em Análise do Discurso. Porto Alegre: UFRGS, 2007. Disponível em: https://www.discursosead.com.br/iii-sead-2007. Acesso em: 04 jan. 2021. ISSN 2237-8146.

ANAIS DO V SEAD: Seminário de Estudos em Análise do Discurso. Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, 2011. Disponível em: https://www.discursosead.com.br/v-sead-2011. Acesso em: 04 jan. 2021. ISSN 2237-8146.

BALDINI, Lauro J. S.; MARIANI, Bethania. O real é o nome que se dá ao inominável. *In:* INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina; MITTMANN, Solange (Orgs.). **O acontecimento do discurso no Brasil.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013.

BARBAI, Marcos Aurélio. "E suas palavras pousam": sujeito, ideologia e inconsciente. *In:* RODRIGUES, E. et al. **Análise de Discurso no Brasil:** uma homenagem a Eni Orlandi. Campinas, RG, 2011.

BARBOSA FILHO, Fábio Ramos. Althusser, Pêcheux e as estruturas do desconhecimento. *In:* INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina; MITTMANN, Solange (Orgs.). **Análise do discurso:** dos fundamentos aos desdobramentos (30 anos de Michel Pêcheux). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015. p. 55-66.

BARBOSA FILHO, Fábio Ramos. Metáfora e Acaso. *In:* BARBOSA FILHO, Fábio Ramos; BALDINI, Lauro José Siqueira (Orgs.). **Análise de discurso e materialismos:** historicidade e conceito. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017. p.141-176.

BARROS, João de. **Grammatica da lingua portuguesa.** Olyssipone: apud Lodovicum Rotorigium, Typographum, 1540. 60 f. 4o (20 cm). Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/cgi-bin/getversion_edictor.pl. Acesso em: 20 jun. 2020.

BARTHES, Roland. **Inéditos, I:** teoria. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CHOMSKY, Noam. **Estruturas sintáticas.** Tradução e comentários de Gabriel de Ávila Othero e Sérgio de Moura Menuzzi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. Título original: *Syntactic structures*, 1957.

CORTES, Gerenice Ribeiro de O. O gigante das diretas está na direção certa? Memória e metáfora no discurso virtual sobre o Brasil. *In:* GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans; SOBRINHO, Helson Flávio da Silva. (Orgs). **Silêncio, memória, resistência:** a política e o político no discurso. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. p. 135-150.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político:** o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdufScar, 2009.

DALTOÉ, Andréia da Silva. **As metáforas de Lula:** a deriva dos sentidos na língua política. 2011. 220f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras, Porto Alegre - RS, 2011.

DE NARDI, Fabiele Stockmans. **Relatório IX SEAD** - Seminário de Estudos em Análise do Discurso. Pernambuco: UFPE, 2019. 33p.

DOR, Joël. **Introdução à leitura de Lacan:** o inconsciente estruturado como linguagem. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

FERNANDES, Carolina. **O imaginário de Veja sobre "Os Lulas Presidenciáveis".** 2008. 171f. Dissertação (Mestrado em Teorias do Texto e do Discurso) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

FIGUEIRA, Luís Fernando Bullhões. **O althusserianismo em linguística:** a teoria do discurso de Michel Pêcheux. 2012.187f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Uberlândia, 2012.

FONTANA, Mónica G. Zoppi. Althusser e Pêcheux: um encontro paradoxal. **Conexão Letras,** Porto Alegre, v.9, n. 12, p.23-35, 2014. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/55118. Acesso em: 13 jul. 2021.

FREGE, Gottlob. Sobre o Sentido e a Referência. *In:* **Lógica e Filosofia da Linguagem.** São Paulo: Cultrix/Edusp, 1982.

FREGE, Gotlob. **Lógica e filosofia da linguagem.** São Paulo: Cultrix, 1978.

FREGE, Friedrich Ludwig Gottob. Vida e obra. *In:* Os PENSADORES. **Peirce e Frege.** 2. ed. São Paulo: Abril Cultura, 1980.

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. **A língua inatingível:** o discurso na história da lingüística. Trad. Bethania Mariani; Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 2004 [1981].

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. A língua inatingível. *In:* **Análise do Discurso:** Michel Pêcheux. Textos selecionados: Eni Pulcinelli Orlandi.4. ed. Campinas: Pontes, 2015. Título original: *La langue introuvable*, 1981.

GADET, Françoise. Prefácio. *In:* GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução Bethania S. Mariani et al. 5ª.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014. p. 7-10.

GADET, Françoise et al. Apresentação da conjuntura em linguística, em psicanálise e em informática aplicada ao estudo dos textos na França, em 1969. *In:* GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução Bethania S. Mariani et al. 5ª.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014. p. 39-58.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Formação discursiva, mídia e identidades. *In:* INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. **Análise do discurso no Brasil:** mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 173-186.

GRIGOLETTO, Evandra. **Relatório VII SEAD** - Seminário de Estudos em Análise do Discurso. Pernambuco: UFPE, 2015. 22p.

GRÜNER, Eduardo. Leituras culpadas: Marx (ismos) e a práxis do conhecimento. *In:* BORON et al.(org.). **A teoria marxista hoje:** problemas e perspectivas. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO, São Paulo: Expressão Popular, 2007. Disponível em: https://core.ac.uk/reader/35171918. Acesso em: 29 jul. 2021.

HAROCHE, Claudine; PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul. A Semântica e o Corte Saussuriano: Língua, Linguagem, Discurso. *In:* BARONAS, Roberto Leiser. **Análise do discurso:** apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. Tradução Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. São Carlos SP: Pedro & João Editores, 2007 [1971].

HENRY, Paul. A história não existe? *In:* ORLANDI, Eni et al. (Org.) **Gestos de Leitura:** da história no discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da "análise automática do discurso" de Michel Pêcheux (1969). *In:* GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução Bethania S. Mariani et al. 5ª.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014. p. 11-38.

HERBERT, Thomas. Observações para uma Teoria Geral das Ideologias. **Rua**, Campinas, p. 63-89, 1995. Título original: Remarques pour une théorie générale des ideologies, 1968.

INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. *In:* MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília Ana (Orgs.). **Práticas discursivas e identitárias:** sujeito e língua. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

INDURSKY, Freda. Apresentação. **Michel Pêcheux e a análise do discurso:** uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005. p. 7-11.

INDURSKY, Freda. Lula lá: estrutura e acontecimento. **Organon**, Rio Grande do Sul, v.17, n.35, p. 101-121, 2003.

INDURSKY, Freda. De ocupação a invasão: efeitos de sentido no discurso do/sobre o MST. *In:* INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Orgs.). **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999. P.

INDURSKY, Freda. Apresentação. *In:* INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina; MITTMANN, Solange (Orgs.). **O acontecimento do discurso no Brasil.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013. p. 9-13.

INDURSKY, Freda. Formação discursiva: ela ainda merece que lutemos por ela? *In:* INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. **Análise do discurso no Brasil:** mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 163-172.

INDURSKY, Freda. A análise do discurso e sua inserção no campo das ciências da linguagem. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n. 20, 7-21, 1998.

INDURSKY, Freda. A escrita à luz da análise do discurso. *In*: CORTINA, Arnaldo; NASSER, Sílvia M. G. C. **Sujeito e Linguagem.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação.** Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2005.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan:** as bases conceituais. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 5:** as formações do inconsciente. Tradução: Vera Ribeiro. Revisão: Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 3:** as psicoses (1955-1956). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão brasileira de Aluísio Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988. Título original: *Le Seminaire de Jacques Lacan Livre III:Les psychoses (1955-1956).*

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise - 1953. *In:* **Escritos.** Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998 [1953].

LAGAZZI, Suzy. A interpretação em composição: de Marielle presente ao samba da utopia. *In:* FLORES, Giovanna G. Benedetto et al. (Orgs.). **Análise do discurso em rede:** cultura e mídia. Vol.4. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. p.179 - 193.

LAGAZZI, Suzy. Trajetos do sujeito na composição fílmica. *In:* FLORES, Giovanna G. Benedetto et al. (Orgs.). **Análise do discurso em rede:** cultura e mídia. Vol.3. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017. p. 23 - 39.

LAGAZZI, Suzy. Metaforizações metonímicas do social. *In:* ORLANDI, Eni P. (Org.). **Linguagem, Sociedade, Políticas.** 1.ed. Campinas: RG, v. 1, p. 105-112, 2014.

LAGAZZI, Suzy. A imagem do corpo no foco da metáfora e da metonímia. **Redisco** – Revista Eletrônica de Estudo do Discurso e do Corpo, Vitória da Conquista, v.2, p. 104-110, 2013.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. Saussure, Chomsky e Pêcheux: a metáfora geométrica do dentro/fora da língua. *In:* **Linguagem & Ensino**, vol. 2, n.1. Pelotas, Educat, p. 123 -137, 1999.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. **Organon**, Rio Grande do Sul, v.24, n.48, p. 17-34, 2010.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. **Da ambiguidade ao equívoco:** a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. O caráter singular da língua na Análise do Discurso. **Organon**, Rio Grande do Sul, v.17, n.35, p. 189-200, 2003.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. Análise de discurso e psicanálise: uma estranha intimidade. **C. da APPOA**, Porto Alegre, n.131, p. 37-52, 2004.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. A língua da análise de discurso: esse estranho objeto de desejo. *In:* INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Orgs). **Michel Pêcheux e a análise do discurso:** uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005a. p. 213-218.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. O quadro atual da análise de discurso no Brasil: um breve preâmbulo. *In:* INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Orgs). **Michel Pêcheux e a análise do discurso:** uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005b. p. 13-22.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. A trama enfática do sujeito. *In:* INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Orgs). **Análise do discurso no Brasil:** mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 101-108.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina.O lugar do social e da cultura numa dimensão discursiva. *In:* INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs). **Memória e história na/da Análise do Discurso.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011. p. 55-64.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. O acontecimento discursivo como gesto de interpretação na história. *In:* BRESSANIN, Joelma Aparecida et al. (Orgs.). **Linguagem e Interpretação:** a institucionalização dos dizeres na história. Campinas: Editora RG, 2013.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. Pêcheux, nossa bússola inspiradora. *In:* GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans (Orgs). **A análise do discurso e sua história:** avanços e perspectivas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. p. 21-34.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. A análise do discurso merece que continuemos a lutar por ela. *In:* GARCIA, Dantielli Assumpção; SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari

(Orgs.). **De 1969 a 2019:** um percurso da/ na análise de discurso. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. p. 27-45.

MACHADO, Antonio. **Antologia Poética.** Lisboa: Editora Cotovia, 1999.

MALDIDIER, Denise. **A Inquietação do Discurso:** (re)ler Michel Pêcheux hoje. Campinas: Pontes, 2003.

MARIANI, Bethania. Silêncio e metáfora, algo para se pensar. *In:* INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Orgs.). **Análise do discurso no Brasil:** mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 213-228.

MARIANI, Bethania. Uma análise do discurso desejante. *In:* NAVARRO, Pedro (Org.). **O discurso nos domínios da linguagem e da história.** São Carlos: Claraluz, 2008.

MILNER, Jean-Claude. **O amor da língua.** Trad. e notas Paulo Sérgio de Souza Júnior; revisão técnica Thereza Guimarães de Lemos e Maria Rita Salzano Moraes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012 [1978].

MILNER, Jean-Claude. Linguística e Psicanálise. **Revistas de Estudos Lacanianos,** Belo Horizonte, v.2, n.4, Jul – Dez, p. 177 – 192, 2009.

MITTMANN, Solange. ROSA, Marilane Mendes Cascaes da. Desenrolar metonímico e metafórico de um tapete no horizonte político. *In:* GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans; SOBRINHO, Helson Flávio da Silva. (Orgs). **Ousar se revoltar:** Michel Pêcheux e a análise do discurso no Brasil. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021. p. 203-217.

OLIVEIRA, Bruno Fernandes. A Filosofia Semântica Tradicional: uma abordagem entre Frege e Russel. **Revista Alamedas,** v.3, n.2, p.1-14, 2015. Disponível em: http://e-revista.unioeste.br/index.php/alamedas/article/view/12793. Acesso em: 29 out.2020.

ORLANDI, Eni. **Discurso e texto:** formulação e circulação dos sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005a.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 4. ed. Campinas: Pontes, 2004a.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Sobre o intangível, o ausente e o evidente. *In:* GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. **A língua inatingível:** o discurso na história da Lingüística. Tradução: Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 2004b.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Análise de discurso. *In:* ORLANDI, Eni; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (Org.). **Introdução às ciências da linguagem:** discurso e textualidade. Campinas: Pontes, 2006.

ORLANDI, Eni P. Análise de discurso, ciência e atualidade. *In:* INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Orgs.). **O acontecimento do discurso no Brasil.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013. p. 17-30.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Nota à edição brasileira. Uma questão de coragem: a coragem da questão. *In:* PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014. Título original: Les Vérités de La Palice, 1975.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Ler Michel Pêcheux hoje. *In:* **Análise de Discurso:** Michel Pêcheux. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Na trilha: teoria, autoria, reescrita. *In:* INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Orgs.). **Análise do discurso:** dos fundamentos aos desdobramentos (30 anos de Michel Pêcheux). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011. p. 21-31.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Política e Silêncio na América Latina: Quando se fala pelo outro. *In:* GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans; SOBRINHO, Helson Flávio da Silva (Orgs.). **Silêncio, memória, resistência**: a política e o político no discurso. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. p. 19-39.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014a. Título original: *Les Vérités de La Palice*, 1975.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). *In:* GADET & HAK (Orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução Bethania S. Mariani et al. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014b.Título original: *Analyse automatique du discours*, 1969.

PÊCHEUX, Michel. A análise de discurso: três épocas (1983). *In:* GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução Bethania S. Mariani et al. 5ª.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014b. p. 307-315. Título original: *Analyse automatique du discours*, 1969.

PÊCHEUX, Michel. Metáfora e interdiscurso. *In:* ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). **Análise de Discurso:** Michel Pêcheux. 3.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012. Título original: *Metapher und interdiskurs*, 1984.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. *In:* ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 2015a. Título original: *Rolê de la mémoire*, 1983.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Tradução: Eni P. Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015b. Título original: *Le discours: structure ou événément?*, 1983.

PÊCHEUX, Michel. Língua, “Linguagens”, Discurso. *In:* **Análise de Discurso:** Michel Pêcheux. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015c. p. 121-129. Título original: *Langue, ‘Language’, Discours,* 1971.

PÊCHEUX, Michel. Efeitos discursivos ligados ao funcionamento das relativas em francês. *In:* **Análise de Discurso:** Michel Pêcheux. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015c. p. 131-140. Título original: *Effets discursifs lies au fonctionnement des relatives em francais*, 1981.

PÊCHEUX, Michel. Ideologia – Aprisionamento ou Campo Paradoxal?. *In:* **Análise de Discurso:** Michel Pêcheux. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015c. p.107-119. Título original: *Ideology: fortress or paradoxical space*, 1983.

PÊCHEUX, Michel. O enunciado: encaixe, articulação e (des)ligação. *In:* CONEIN, Bernard et al. (Orgs.). **Materialidades discursivas.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016 [1980].

PÊCHEUX, Michel. Sobre os contextos epistemológicos da análise de discurso. **Cadernos de Tradução.** 2. Ed. Porto Alegre, Instituto de Letras/UFRGS, n. 01, nov. 1998a. p.51-60. Título original: *Sur les contxts épistémologiques de I’analyse de discourse*, 1984.

PÊCHEUX, Michel. Sobre a (des-) construção das teorias lingüísticas. *In:* **Cadernos de Tradução.** 2.ed. Porto Alegre, Instituto de Letras/UFRGS, n. 04, out. 1998b. p. 35-55. Título original: *Sur la (dé-) construction des theories linguistiques*, 1982.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. *In:* ORLANDI, Eni et al. (Org.) **Gestos de Leitura:** da história no discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. Título original: *Lire I’archive aujourd’hui*, 1982.

PÊCHEUX, Michel; GADET, Françoise. A língua inatingível. *In:* **Análise de Discurso:** Michel Pêcheux. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015. Título original: *La langue introuvable*, 1981.

PÊCHEUX, Michel; GADET, Françoise. Há uma via para a linguística fora do logicismo e do sociologismo? *In:* **Análise de Discurso:** Michel Pêcheux. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015. Título original: *Y-a-t-il une voie pour la linguistique hors du logicisme et du sociologisme?*, 1977.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectiva (1975). Tradução: Péricles Cunha. *In:* GADET & HAK (Orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso.** Campinas: Ed da Unicamp, 2014. Título original: *Mises au point et perspectives à propos de l’analyse automatique du discours*, 1975.

PESSOA, Fernando. **Poesias Inéditas (1930 – 1935).** Lisboa: Ática, 1990.

PFEIFFER, Claudia; GRANTHAM, Marilei. Sentidos em redes imagéticas: um gesto de análise na saúde pública. *In:* GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans (Orgs.). **A análise do discurso e sua história:** avanços e perspectivas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. p. 283-296.

PRADO, Adélia. **Bagagem.** São Paulo: Siciliano, 1993.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Opacidade e incompletude: essa estranha tessitura do sujeito no discurso. *In:* ROMÃO, Lucília Maria Sousa; ZANDWAIS, Ana (Orgs.). **Leituras do político.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

ROSA, João Guimarães. **Fita verde no cabelo:** nova velha estória. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

SANTOS, Hélder Sousa. Vestígios de Chomsky em M. Pêcheux: da língua para o discurso alguns diálogos e dissidências. **Letras Escreve** – Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Curso de Letras-UNIFAP, vol. 1, nº 1, Janeiro a Junho de 2011. Disponível em: https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/view/211. Acesso em: 30 ago. 2021.

SANTOS, Sônia Sueli Berti**.** Pêcheux**.** *In:* OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org.). **Estudos do discurso:** perspectivas teóricas**.** 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 209-233.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de Lingüística Geral.** Simon Bouquet e Rudolf Engler (Orgs.). São Paulo: Cultrix, 2004 [1916].

SAUSSURE, Ferdinand de. As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand Saussure. Tradução de Carlos Vogt et al. *In:* OS PENSADORES. **Ferdinand Saussure, Roman Jakobson, Louis Trolle Hjemslev, Noam Chomsky** – textos selecionados. São Paulo: Abril, 1978.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral.** Org. por Charles Bally e Albert Sechehaye. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHONS, Carme Regina; MITTMANN, Solange. A contradição e a (re) produção/ transformação na e pela ideologia. INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina; MITTMANN, Solange. **O discurso na contemporaneidade:** materialidades e fronteiras. 1.ed. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 295-304.

TFOUNI, Leda Verdiani; PROTTIS, Marcella Marjory Massolini Laureano; BARTIJOTTO, Juliana "... lá onde o amor é tecido de desejo ...": lalangue e a irrupção do equívoco na língua. **Cad. Psicanál**. (CPRJ), Rio de Janeiro, v. 39, n. 36, jan./jun., p. 141-159, 2017.

REFERÊNCIAS DAS SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS ANALISADAS

AGUSTINI, Carmen. (N)as dobraduras do dizer e n(o) não-um do sentido e do sujeito: um efeito da presença do interdiscurso no intradiscurso. *In:* INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Orgs). **Análise do discurso no Brasil:** mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 303-312.

AMARAL, Priscila Cavalcante do. Mar de sentidos: a metáfora no entrelaçamento entre a subjetividade e o imaginário na construção do significante "mar". *In:* Seminário de Estudos em Análise do Discurso, 2013, Porto Alegre. **Anais eletrônicos do VI SEAD - 1983-2013 – Michel Pêcheux: 30 anos de uma presença.** Porto Alegre: UFRGS, 2013. p. 1-6. Disponível em: https://www.discursosead.com.br/paineis-vi-sead. Acesso em: 15 jan. 2021.

AZEVEDO, Aline Fernandes de. Medicalização e escrita: metáforas da sutura e da cicatriz. *In:* INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Orgs.). **Análise do discurso:** dos fundamentos aos desdobramentos (30 anos de Michel Pêcheux). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015. p. 95-109.

CAMPOS, Luciene Jung de. Olhar e imagem: construções basculantes do sujeito na cultura. *In:* INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Orgs.). **O acontecimento do discurso no Brasil.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013. p. 151-163.

CORACINI, Maria José. Silêncio, interdito, real do discurso: a questão do estranhamento em migrantes no Estado de São Paulo. *In:* INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Orgs.). **Memória e história na/da análise do discurso.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011. p. 143-158.

CORTES, Gerenice Ribeiro de O. O gigante das diretas está na direção certa? Memória e metáfora no discurso virtual sobre o Brasil. *In:* GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans; SOBRINHO, Helson Flávio da Silva. (Orgs). **Silêncio, memória, resistência:** a política e o político no discurso. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. p. 135-150.

CYRRE, Magda Regina Lourenço. Gestos de leitura de cartuns: a campanha e o horário eleitoral como espetáculo. *In:* Seminário de Estudos em Análise do Discurso, 2015, Recife. **Anais eletrônicos do VII SEAD - A Análise do Discurso e sua história:** avanços e perspectivas. Recife: UFPE, 2015. p. 1-8. Disponível em: https://www.discursosead.com.br/vii-sead-2015. Acesso em: 16 jan. 2021.

DALTOÉ, Andréia da Silva. As metáforas de Lula e o deslizamento dos sentidos na língua política: um ritual que falha". *In:* Seminário de Estudos em Análise do Discurso, 2013, Porto Alegre. **Anais eletrônicos do VI SEAD - 1983-2013 – Michel Pêcheux: 30 anos de uma presença.** Porto Alegre: UFRGS, 2013. p. 1-6. Disponível em: https://www.discursosead.com.br/vi-sead-2013. Acesso em: 16 jan. 2021.

FILHO, Carlos Piovezani; MILANEZ, Nílton. Apontamentos sobre Lecture et mémoire: por uma sumária contextualização histórico-epistemológica. *In:* INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Orgs). **Michel Pêcheux e a análise do discurso:** uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005. p. 235-244.

FONSECA, Rodrigo Oliveira. Um olhar historiador para o trabalho com as formações discursivas: os palanques enunciativos. *In:* INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Orgs.). **O acontecimento do discurso no Brasil.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013. p. 47-62.

GRANTHAN, Marilei Resmini; PETRI, Verli. Meu coração é um coração partido: o político como espaço de produção de sentido. *In:* GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans; SOBRINHO, Helson Flávio da Silva. (Orgs). **Sujeito, sentido, RESISTÊNCIA:** entre a arte e o digital. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. p. 145-163.

GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans; SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da. Entre raízes e frutos: a potência da análise do discurso no Brasil. *In:*

GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans; SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da (Orgs.). **Ousar se revoltar:** Michel Pêcheux e a análise do discurso no Brasil. 1. Ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021. p.7-18.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. *In:* INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Orgs.). **Memória e história na/da análise do discurso.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011. p. 67-89.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O mal-estar do sujeito contemporâneo: político, cultura e arte. *In:* GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans; SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da. (Orgs). **Silêncio, memória, resistência:** a política e o político no discurso. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. p. 19-35.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina Leandro. A trama enfática do sujeito. *In:* INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Orgs). **Análise do discurso no Brasil:** mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 101-108.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. Discurso, arte e sujeito e a tessitura da linguagem. *In:* INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). **O acontecimento do discurso no Brasil.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013. p. 127-139.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. Pêcheux, nossa bússola inspiradora. *In:* GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans (Orgs). **A análise do discurso e sua história:** avanços e perspectivas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. p. 21-34.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. O quadro atual da análise de discurso no Brasil: um breve preâmbulo. *In:* INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Orgs). **Michel Pêcheux e a análise do discurso:** uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005. p. 13-22.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. Análise de discurso e psicanálise: uma estranha intimidade. **C. da APPOA**, Porto Alegre, n.131, p. 37-52, 2004.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. A língua da análise de discurso: esse estranho objeto de desejo. *In:* INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Orgs). **Michel Pêcheux e a análise do discurso:** uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005a. p. 213-218.

MALUF, Olímpia. O inverno político europeu que nunca acabou de se processar. *In:* INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Orgs). **Michel Pêcheux e a análise do discurso:** uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005. p. 177-182.

MARIANI, Bethania. Silêncio e metáfora, algo para se pensar. *In:* INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Orgs.). **Análise do discurso no Brasil:** mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 213-228.

MITTMANN, Solange. Discurso e texto: na pista de uma metodologia de análise. *In:* INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Orgs). **Análise do discurso no Brasil:** mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 153-162.

MITTMANN, Solange. O arquivo como gatilho de movimentos de interpretação em torno da palavra “luta”. *In:* INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Orgs.). **Análise do discurso:** dos fundamentos aos desdobramentos (30 anos de Michel Pêcheux). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015. p. 351-363.

ORLANDI, Eni P. A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. *In:* INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Orgs.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso:** uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005b. p. 75-88.

ORLANDI, Eni P. Historicidade, indivíduo e sociedade: o sujeito na contemporaneidade. *In:* INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Orgs.). **O discurso na contemporaneidade:** materialidades e fronteiras. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 13-28.

ORLANDI, Eni P. Análise de discurso, ciência e atualidade. *In:* INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Orgs.). **O acontecimento do discurso no Brasil.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013. p. 17-30.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Na trilha: teoria, autoria, reescrita. *In:* INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Orgs.). **Análise do discurso:** dos fundamentos aos desdobramentos (30 anos de Michel Pêcheux). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015b. p. 21-31.

PFEIFFER, Cláudia Castellanos. O fogo que desengessa e mobiliza: uma entrada na obra de Michel Pêcheux. *In:* INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Orgs.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso:** uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005. p. 167-172.

PFEIFFER, Cláudia; GRANTHAM, Marilei. Sentidos em redes imagéticas: um gesto de análise na saúde pública. *In:* GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans (Orgs). **A análise do discurso e sua história:** avanços e perspectivas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. p. 283-296.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Exposição em discursos: gestos de leituras de Rosa em tijolo. *In:* INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Orgs.). **O acontecimento do discurso no Brasil.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013. p. 79-88.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Nós e fios do discurso eletrônico: tentativa de uma costuraa. *In:* Seminário de Estudos em Análise do Discurso, 2007, Porto Alegre. **Anais eletrônicos do III SEAD - O Discurso na Contemporaneidade: materialidades e fronteiras.** Porto Alegre: UFRGS, 2007. p. 1-6. https://www.discursosead.com.br/mesas-iii-sead. Acesso em: 14 jan. 2021.

SCHERER, Amanda Eloina. A constituição do eu e do outro pela interpelação da língua pela língua na história do sujeito. *In:* INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Orgs). **Análise do discurso no Brasil:** mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 347-356.

SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da a. Os andaimes suspensos do discurso nos alicerces do real. *In:* INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Orgs.). **O discurso na contemporaneidade:** materialidades e fronteiras. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 147-160.

TENREIRO, Carlos Alberto. Tecendo o discurso. *In:* INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Orgs). **Michel Pêcheux e a análise do discurso:** uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005. p. 275-280.

TFOUNI, Leda Verdiani. A escrita como processo terapêutico – relação entre inconsciente e ideologia. *In:* INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Orgs.). **Memória e história na/da análise do discurso.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011. p. 191-201.

REFERÊNCIAS PRINCIPAIS DOS TEXTOS DAS METÁFORAS E DOS JOGOS PROPOSTOS

AMARAL, Priscila Cavalcante do. **Mar de sentidos. A metáfora no enlaçamento com a subjetividade e o imaginário na construção do significante "mar".** 2013. 112f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras, Porto Alegre - RS, 2013.

CAPELER, Raísa Beatriz Bússolo. **Tatoo do @gustavobaggiof.** 2021. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CWQsETIp_ef/?utm_medium=copy_link. Acesso em: 30 jan. 2022.

CAPELER, Raísa Beatriz Bússolo. 2021. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CXcSoWxJDxi/?utm_medium=copy_link. Acesso em: 30 jan. 2022.

CAPELER, Raísa Beatriz Bússolo. 2013. Disponível em: https://www.instagram.com/p/BzZCXeyJqQv/?utm_medium=copy_link. Acesso em: 30 jan. 2022.

DASSILVA, Zé. 2022. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CYsRa3VgwoF/?utm_medium=copy_link. Acesso em: 30 jan. 2022.

DASSILVA, Zé. 2022. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CYaPJOqMIlW/?utm_medium=copy_link. Acesso em: 30 jan. 2022.

DASSILVA, Zé. 2022. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CXPQnhCrVR6/?utm_medium=copy_link. Acesso em: 30 jan. 2022.

DASSILVA, Zé. 2021. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CXKHb5OrHLE/?utm_medium=copy_link. Acesso em: 30 jan. 2022.

DALTOÉ, Andréia da Silva. **As metáforas de Lula:** a deriva dos sentidos na língua política. 2011. 220f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras, Porto Alegre - RS, 2011.

GIL, Gilberto. **Metáfora**. Disponível em: https://www.letras.mus.br/gilberto-gil/487564/. Acesso em: 30 jan. 2022.

HENRY, Paul. A história não existe? *In:* ORLANDI, Eni et al. (Org.) **Gestos de Leitura:** da história no discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

INDURSKY, Freda. De ocupação a invasão: efeitos de sentido no discurso do/sobre o MST. *In:* INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Orgs.). **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999.

INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. *In:* MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília Ana (Orgs.). **Práticas discursivas e identitárias:** sujeito e língua. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. **Organon**, Rio Grande do Sul, v.24, n.48, p. 17-34, 2010.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. Nas trilhas do discurso: a propósito de leitura, sentido e interpretação. *In:* ORLANDI, Eni Pucinelli (org.). **A leitura e os leitores.** 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. O acontecimento discursivo como gesto de interpretação na história. *In:* BRESSANIN, Joelma Aparecida et al. (orgs.). **Linguagem e Interpretação:** a institucionalização dos dizeres na história. Campinas: Editora RG, 2013.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. O lugar do social e da cultura numa dimensão discursiva. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs). **Memória e história na/da Análise do Discurso.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011. p. 55-64.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. O quadro atual da análise de discurso no Brasil. *In:* INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs). **Michel Pêcheux e a análise do discurso:** uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005. p. 13-22.

MAGRITTE, René. **O espelho falso.** Disponível em: https://pt.wahooart.com/@@/8XYU7V-Rene-Magritte-O-espelho-falso. Acesso em: 12 jan. 2022.

MITTMANN, Solange. Discurso e texto: na pista de uma metodologia de análise. *In:* INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs). **Análise do discurso no Brasil:** mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 153-162.

MITTMANN, Solange. **Ela está chegando.** 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CALp8fUhvkzJEI3DKdjP-FgrTK_jVyNHFZUcTQ0/?utm_medium=copy_link. Acesso em: 03 fev. 2022.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Análise de discurso. *In:* ORLANDI, Eni; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (Org.). **Introdução às ciências da linguagem:** discurso e textualidade. Campinas: Pontes, 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). *In:* GADET & HAK (Orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução Bethania S. Mariani et al. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.Título original: *Analyse automatique du discours*, 1969.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. *In:* ORLANDI, Eni et al. (Org.) **Gestos de Leitura:** da história no discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. Título original: *Lire I'archive aujourd'hui*, 1982.

PÊCHEUX, Michel. Metáfora e interdiscurso. *In:* ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). **Análise de Discurso:** Michel Pêcheux. 3.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012. Título original: *Metapher und interdiskurs*, 1984.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Tradução: Eni P. Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015b. Título original: *Le discours: structure ou événément?*, 1983.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. *In:* ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 2015a. Título original: *Rolê de la mémoire*, 1983.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014. Título original: *Les Vérités de La Palice*, 1975.

PIZZIMENT, Cris. **Sou feita de retalhos.** Disponível em: https://kantinhodaedite.blogspot.com/2018/04/sou-feita-de-retalhos.htmlS. Acesso em: 14 jan. 2022.

PORTAL DO PONTO CRUZ. O início sem nós. Disponível em: https://portaldopontocruz.blogspot.com/2012/04/curso-de-avesso-perfeito-1-aula.html. Acesso em: 30 jan. 2022.

ROMÃO, Luiza. **Sangria.** 1. ed. São Paulo: Selo do Burro, 2017.

ROSA, Marilane Mendes Cascaes da. Em tramas e encaixes, a metáfora para o ensino da Análise do Discurso. 2022. 310f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras, Porto Alegre - RS, 2022.

SCHUELTER, Wilson. **Portrait.** Disponível em: https://www.instagram.com/p/CY6MgN7rkl7/?utm_medium=copy_link. Acesso em: 30 jan. 2022.

SCHUELTER, Wilson. **Sand dunes.** Dunas do bairro Mar Grosso, Laguna, Santa Catarina, Brasil. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CZE5M9GrI58/?utm_medium=copy_link. Acesso em: 30 jan. 2022.

VAN GOGH, Vincent. **O par de sapatos.** Disponível em: http://www.soartesao.com/2017/11/vincent-van-gogh-sapatos.html. Acesso em: 19 jan. 2022.

APÊNDICES

APÊNDICE A - A BANDA DE MOEBIUS TECIDA NO CROCHÊ E A ANÁLISE DO DISCURSO[29]

Gostaria de iniciar este texto falando um pouco a respeito da minha **história** com a representação da banda de Moebius aqui construída, ou melhor, tecida de crochê. Ao fazê-la, pude voltar aos tempos de outrora, tempo da infância, que não foi só de brincadeiras, mas também de muito trabalho. Na busca pela sobrevivência, minha mãe ajudava meu pai fazendo crochê, atividade muito comum no lugar onde morávamos. Essa história não só remete aos acontecimentos daquela época, como a história do que sou hoje.

Durante muitos anos, minha mãe e eu fizemos crochê. Entre um fio e outro, uma linha percorria nossos dedos e a agulha ia tecendo colchas, almofadas, trilhos, toalhas, uma infinidade de coisas. As cores das linhas, a espessura dos fios, os modelos de peças diferentes me fascinavam, no entanto, com o tempo, esse trabalho de início prazeroso, foi tornando-se cansativo e até exaustivo, visto que, algumas vezes, trabalhávamos o dia todo e boa parte da noite para podermos cumprir com as encomendas e fazer as entregas no prazo.

Agora pensando naqueles trabalhos e nesse que fiz, percebo que ele tem muita relação com a AD e com a fita, aqui tecida no crochê. A AD, assim como o crochê, é constituída de fios, os fios que tecem o **discurso**.

[29] Com este texto mantenho um laço afetivo muito especial, pois foi a partir dele que o meu percurso no doutorado se modificou e pude construir esta tese. Ele constitui o fio inicial da minha trajetória com a metáfora e foi mencionado na introdução desta pesquisa. Produzi-o na disciplina de Teoria da Análise do Discurso, em 2017, ministrada pela professora Dra. Maria Cristina Leandro Ferreira.

Ao fazer o crochê, o **sujeito** imprime ao trabalho o seu gesto, sua forma de constituí-lo e, ao mesmo tempo, constituir-se por ele. E o faz interpelado pela **ideologia**, no nosso caso, pela questão mesma de sobrevivência. Ainda lembro minha mãe dizendo: "minha filha, precisamos terminar para que a Sônia[30] nos pague e possamos comprar as coisas para este mês". E, assim, fazíamos, assujeitados aquela nossa condição, porque, naquele momento, essa era a realidade posta para nós, essa era a **formação discursiva** em que nos filiávamos e na qual assumíamos nossa **posição-sujeito**. Ah, quanta ilusão! Quantos sonhos tecidos com o crochê! Sonhos que alimentaram nosso **imaginário**, na busca por uma vida melhor, mais digna, menos sofrida... Foi esse discurso da minha mãe sobre o que o crochê poderia nos propiciar que fez com que eu pudesse sonhar com outras coisas, que estavam para além dos fios coloridos que passavam por entre os nossos dedos. E um dia, rompemos com aquela nossa condição primeira e fomos tecer outras histórias, em outros lugares e com outros fios, nem sempre coloridos, firmes e resistentes, todavia nos propiciaram vislumbrar outros caminhos.

Pensar a AD e a banda de Moebius é pensar nessa relação que existe entre elas e, agora, quero comparar ao crochê. A fita de Moebius é trançada de tal forma que só contém um lado, não sabendo onde começa e onde termina. O direito e o avesso constituem-se um ao outro, pois não há como identificá-los, fazendo com que pensemos na relação do sujeito com o **inconsciente**. O avesso poderia representar o inconsciente, mas que pode aparecer no direito, no consciente, e vice-versa. Isso revela, ainda, que o interior está contido no exterior e o contrário também acontece, ou seja, **direito/avesso, consciente/ inconsciente, exterior/ interior** constituem-se e são constituídos, estão imbricados um ao outro.

O crochê aqui tramado foi feito desta forma, de maneira que não se pudesse perceber o direito e o avesso. Ao percorrer a fita feita de crochê, vamos ver que ela **não é homogênea**, assim como o discurso, visto que os pontos se distinguem: há pontos altos e baixos; há pontos esburacados e pontos mais fechados; há nós, emendas, fios que sobram, embora estejam escondidos, não visíveis, no entanto constituem o crochê, estão lá, não se mostram, ficam escondidos, tal qual na linguagem. Nessa perspectiva, poderíamos comparar ao que fica no **interdiscurso**, ao já-lá, ao esquecido, mas que pode retornar, por meio da **memória discursiva**. Um nó que pode se desfazer e tornar-se outro, diferente do anterior e até virar um **acontecimento enunciativo/ discursivo** (Por que não?). Um fio que pode se romper e desfazer o trabalho, contudo um outro pode surgir, amarrando outros fios, promovendo outros efeitos de sentidos...

---

[30] Senhora que comprava o crochê que produzíamos.

Então, os fios vão sendo tecidos, vão ganhando forma, tal qual o discurso, pois "De agulha e linha na mão, o analista faz o caminho de ir e vir entre formulação e enunciado" (MITTMANN, 2007, p.158). E, nesse entendimento, fizemos nosso percurso, fomos e voltamos, tecemos o(s) lado(s) (?), os fios foram trançados e de ponto em ponto foi surgindo a fita. Em algumas partes, percebemos **buracos**, os quais lembram uma rede. É por meio dos buracos que os pontos que estão juntos se fazem ver melhor e formam uma flor. Podemos pensar nessa analogia também na AD, alguns **efeitos de sentidos** ficam, estão mais em evidência (mas não evidentes), sobretudo aqueles que estão nas formações discursivas dominantes, e outros são silenciados; uns ficam presos a essa rede da memória, outros escapam, passam por entre os buracos, no entanto é justamente o que não fica na rede, que interessa a AD. O **furo**, a **não transparência**, o **equívoco**, a **não regularidade**, a **não univocidade**, a **incompletude c**onstituem a linguagem e é por esse viés, por esse fio que a AD percorre seu trajeto.

No dizer de Leandro-Ferreira (2005, p. 19), o discurso poderia ser comparado a uma rede, tal qual tentamos tecer na fita de crochê. E, para ela, os fios têm tanta importância quanto os nós e os furos.

> Os fios que se encontram e se sustentam nos nós são tão relevantes para o processo de fazer sentido, como os furos, por onde a falta, a falha se deixam escoar. Se não houvesse furos, estaríamos confrontados com a completude do dizer, não havendo espaço para novos e outros sentidos se formarem. A rede, como um sistema, é um todo organizado, mas não fechado, porque tem os furos, e não estável, porque os sentidos podem passar e chegar por essas brechas a cada momento. Diríamos, então, que um discurso seria uma rede e como tal representaria o todo; só que esse todo comporta em si o não-todo, esse sistema abre lugar para o não-sistêmico, o não-representável. Temos aí a noção de real da língua, como o lugar do impossível que se faz possível pela língua. O não-sistematizado, o não simbolizado, o impossível da língua, aquilo que falta e que resiste a ser representado. A língua como o todo que comporta em si o não-todo.

Pensemos na espessura dos fios, nas cores utilizadas, nos trabalhos diversos produzidos por aquele que faz o crochê. Na AD, verificamos a variedade de discursos, os **objetos distintos** com que o **analista** se depara. Assim como aquele que tece o crochê, o analista tece o seu **gesto de interpretação** diante do objeto, imprime sua **subjetividade**, a sua **historicidade**, a sua ideologia e os efeitos de sentidos, conforme a formação discursiva onde se insere.

E a **dobra**? Que difícil pensá-la, mas ao mesmo tempo instigante! É nela que percebemos o quanto um está no outro. É a dobra que faz entendermos, se é que possível dizer que entendemos (acho que não!), a complexidade da linguagem. Ela abre a possibilidade de um discurso outro, da contradição, daquilo que se mostra, igualmente do que se esconde.

Assim, como **fio último** deste texto que não se fecha, mas que se abre para outros, tecemos nossa fita de Moebius, que mantém estreita relação com a AD, representa-nos. Nela, ponto a ponto, amarramos os fios, fizemos os nós e construímos nosso trabalho, por meio da história e da ideologia. Alguns sentidos ficaram presos à rede, aqui, de crochê, outros escaparam pelos buracos, pelos furos que deixamos, mas que vão se filiar a outras redes e fazer parte de outras memórias, de discursos outros. Memórias que, como a minha, puderam, hoje, não só recordar os tempos passados, mas também reavivar um sujeito cada vez mais ávido e desejante...

REFERÊNCIAS

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. O quadro atual da análise de discurso no Brasil. *In:* INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs). **Michel Pêcheux e a análise do discurso:** uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005.

MITTMANN, Solange. Discurso e texto: na pista de uma metodologia de análise. *In:* INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs). **Análise do discurso no Brasil:** mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007.

APÊNDICE B - QUE É A TEORIA DA AD?[31]

O QUE É A TEORIA DA AD?

Para iniciar esta história, que se imbrica a minha, construímos uma colcha, tecida de crochê. Ao tramá-la, pouco a pouco, quadro a quadro, fui tecendo minha história com a Teoria da AD, que não iniciou hoje e tampouco se encerra com a disciplina que agora termina. Concluímos? Não, essa se constitui de mais uma etapa, de mais alguns quadrinhos que foram tecidos para montar nossa colcha.

Quando iniciei o semestre, já possuía alguns conhecimentos, adquiridos em outras disciplinas e ao longo do percurso estudantil, eram os primeiros quadrinhos,

contudo, durante esta disciplina – Teoria da AD, o trabalho rendeu e a colcha começou a tomar forma, ganhou espessura teórica e prática. Quantos conceitos foram incorporados, aperfeiçoados e até ressignificados, conforme os teóricos que fomos estudando! E quanto ainda falta? Não é possível medir e precisar isso em AD. Só sei que falta e que sempre faltará, característica essa marcante dessa teoria. A falta é constitutiva, é a incompletude que a torna dinâmica. A falta é imprescindível e quanto mais falta, mais nos sentimos preenchidos, por isso que a colcha não está pronta, tal qual o discurso. Os fios sempre podem ser outros, de formas

[31] Este texto foi escrito em 2017 na disciplina de Teoria da Análise do Discurso ministrada pela professora Dra. Maria Cristina Leandro Ferreira.

distintas. Sempre haverá espaço para mais um quadrinho na colcha da AD, pois os sentidos reclamam a todo momento por novas irrupções... Segundo Ferreira (2013, p.136), “se não houvesse a falta, se o sujeito fosse pleno, se a língua fosse estável e fechada, se o discurso fosse homogêneo e completo, não haveria espaço por onde o sentido transbordar, deslizar, desviar, ficar à deriva”. Assim, na colcha do discurso, há a necessidade das cores distintas, dos fios com espessuras diferentes, dos furos, dos pontos altos e baixos, dos firmes e frouxos, dos nós, das emendas, dos sujeitos... Nesse entendimento, o trabalho vai sendo construído, não de forma homogênea e individual, mas na história, por meio de sujeitos interpelados pela ideologia e pelo inconsciente. Um trabalho tecido a muitas mãos, a minha, a sua e a de outros tantos sujeitos que como eu se apaixonaram um dia por esta teoria, tão envolvente, tão tudo e ao mesmo tempo tão complexa e que falta, mas que resiste, resiste a cada fio que destoa ao nosso, resiste e persiste...

Se a contradição, o equívoco, a falta, a falha, a incompletude são algumas das suas marcas, como posso precisar, então, um conceito para a teoria da AD? Deste modo, valho-me de algumas de suas características para resistir a conceituá-la com precisão, já que a AD se dá neste “espaço incerto e tenso entre a Língua e a História, onde ambas se encontram presas e em confronto”. (LEANDRO-FERREIRA, 2003, p. 201). E, na incerteza, temos a certeza de uma teoria firme, consistente, que se coloca como incompleta e que, assim como seu fundador, Pêcheux, assume suas falhas e, se necessário, retifica-as, porque “só há causa daquilo que falha”. (PÊCHEUX, 1995, p. 293).

Hoje, a certeza que fica é que a colcha precisa ser tecida a cada dia e quanto mais a fazemos, mais bela e firme vai se tornando. Cada quadrinho conceito se liga a outro e a mais outro. A linha que passa entre os dedos sempre é diferente. O ponto, embora pareça o mesmo, não o é. A cada nó, a cada emenda, um novo sentido e, assim, todos os quadrinhos conceitos passam por essas mãos. Mãos que já teceram muitas colchas, muitos quadrinhos, contudo os quadrinhos de hoje guardam uma simbologia muito especial, visto serem os que formam a colcha da AD e com a qual nos cobrimos. Estão tramados, emendados, articulados, unidos a muitos fios, porém cada um guarda sua especificidade. Cada quadrinho representa um pouco desta teoria em construção. E a colcha vai se formando, na certeza de que fizemos a escolha certa. Quanto mais a tecemos, mais heterogênea ela fica, mais presente está a multiplicidade de sentidos, os furos, os equívocos, a ambivalência, a contradição, a opacidade, todos impregnados na colcha discursiva. E, então, perguntamo-nos: quantos quadrinhos faltam? Que teoria é essa que nos afeta? Sinceramente, não sei nomear, faltam-me palavras para expressar, só sei que está em mim, faz parte da minha história e da minha vida, tal qual aquela primeira fitinha de crochê tecida nas primeiras aulas...

E, deste modo, ao longo deste semestre, tecemos muitos quadrinhos conceitos, cada um, a seu modo, trazendo a sua contribuição para a colcha da AD e a constituindo.

Para mim, hoje, a colcha da teoria da materialidade dos sentidos apresenta-se assim, mas, como sabemos, outros quadrinhos podem ser inseridos, ressignificados, reorganizados... E, com agulha e linha nas mãos, vamos tecendo nossa teoria, nossa colcha discursiva.

Referências

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. O acontecimento discursivo como gesto de interpretação na história. *In:* BRESSANIN, Joelma Aparecida et al. (orgs.). **Linguagem e Interpretação:** a institucionalização dos dizeres na história. Campinas: Editora RG, 2013.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. Nas trilhas do discurso: a propósito de leitura, sentido e interpretação. *In:* ORLANDI, Eni Pucinelli (org.). **A leitura e os leitores.** 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica a afirmação do óbvio. Tradução: Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

APÊNDICE C - JOGO: MALA DAS FORMAÇÕES

Ah, mala! Faz-se, desfaz-se e se refaz a cada semana.

Na mala vai muito mais do que os utensílios necessários para a viagem. Nela há sonhos, desafios, resistência... e, na busca pela formação, as fronteiras são rompidas e os obstáculos vencidos.

A viagem é cheia de expectativas, tanto por parte dos que ficam, da que vai e daqueles com quem vamos nos encontrar. A cada vez, ela se apresenta ainda mais desafiante. Não sei bem onde ela inicia e nem quando termina, só sei que tem propiciado muitos conhecimentos, que estão para além dos científicos e que, pouco a pouco, vem me constituindo e eu a outros. Nessa história, escrita a cada dia, vamos deixando nossas marcas e trazemos um pouco do que os outros nos oferecem.

Ah, quantas experiências! Experiências de todo tipo e que vão me afetando de algum modo.

No contato com as pessoas, seja no ônibus ou na universidade, percebemos as formações a que se filiam. Com algumas nos identificamos, outras repudiamos e há, ainda, aquelas que apenas respeitamos.

O reencontro com a AD tem me feito vislumbrar um novo horizonte. As experiências e desafios vindos dos professores e colegas de turma nos impulsionam a cada encontro. Somos constantemente atravessados pela ideologia, pelo social, pela cultura, pela história e pelo inconsciente, num jogo onde nem sempre as cartas são reveladas.

Pensando nas cartas, propomos o jogo das formações, que são, na AD, social, cultural, ideológica, discursiva, imaginária e do inconsciente. Elas fazem parte do jogo, assim como as materialidades onde elas se constituem e, embora se apresente uma a uma, relacionam-se, uma está embricada na outra.

Na **formação social**, percebemos como a sociedade se organiza e se produz. É a partir dela que podemos prever os efeitos de sentidos e é ela que condiciona as condições de produção e o lugar ocupado pelo sujeito (a partir da posição que ocupa). Que lugares temos ocupado nessa formação?

A **formação cultural** surge, também, como um “espaço a partir do qual se podem prever os efeitos de sentidos a serem produzidos”. (FERREIRA, 2011, p. 61). E, aqui, notamos os ganhos que a AD tem ao inseri-la.

Articulada a essas e as demais, trazemos a **formação ideológica**, a qual regula a FD naquilo que pode ou não ser dito.

Nessa esteira, trazemos a **formação discursiva**, matriz de sentido. Ela regula "o que pode e deve ser dito" ((PÊCHEUX, 2014 [1975], p. 147)), ou melhor, "os indivíduos são 'interpelados'em sujeitos de seu discurso, pelas formações discursivas que representam 'na linguagem'as formações ideológicas que lhes são correspondentes". (Ibid., p. 161). E, assim sendo, o sujeito diz ou silencia, mas não deixa de projetar o seu imaginário por meio da **formação imaginária**. Imaginário que pode se manifestar pelo inconsciente – **formação do inconsciente** – através de sonhos, chistes, piadas, atos falhos, lapsos...

Nesse universo das formações, há contradições, heterogeneidade, ruptura, incompletude, resistência, ideologia, sujeitos, efeitos de sentidos, opacidade, porosidade... porque nele há discursos.

No jogo das formações, lidamos com sujeitos divididos, assujeitados e interpelados de muitos modos.

A mala que se apresenta hoje é esta, no entanto a que veio não é a que volta, pois na viagem fomos adquirindo outros objetos preciosos e pondo nela. A cada viagem volta mais cheia. Ao retornar e abri-la, vamos acomodando cada elemento em seu lugar, que não é fixo, faz parte de um universo não-estabilizado.

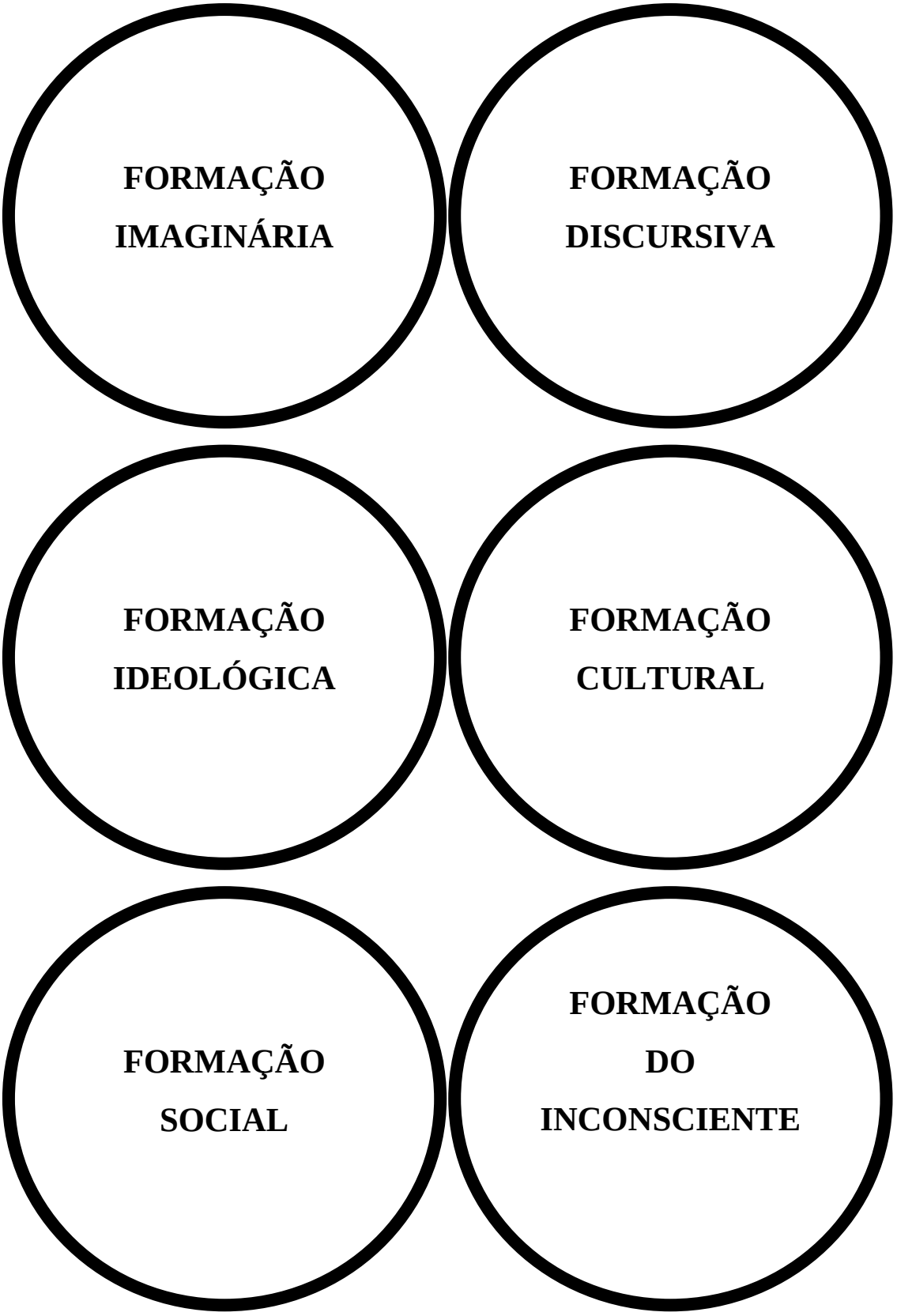
Na mala do analista do discurso precisa ter, também, coragem. Coragem para romper com a homogeneidade dos sentidos e abrir resistência nos espaços de fissura da realidade. Deste modo, é preciso que ela se desfaça e se refaça a cada viagem...

REFERÊNCIAS

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. O lugar do social e da cultura numa dimensão discursiva. *In:* INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs). **Memória e história na/da Análise do Discurso.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014a. Título original: *Les Vérités de La Palice*, 1975.

As cartas...[32]



[32] Meu agradecimento especial à artista plástica, desenhista, tatuadora e professora Raíssa Beatriz Bússolo Capeler e a Zé Dassilva, cartunista, jornalista, escritor e roteirista que cederam os direitos autorais dos textos veiculados nas cartas.

Modo como a sociedade se organiza e se produz. Espaço a partir do qual se pode prever os efeitos de sentidos. Articulada à ideologia.

Manifestação do inconsciente: sonhos, chistes, piadas, atos falhos, lapsos...

Regula a FD naquilo que pode e deve ser dito.

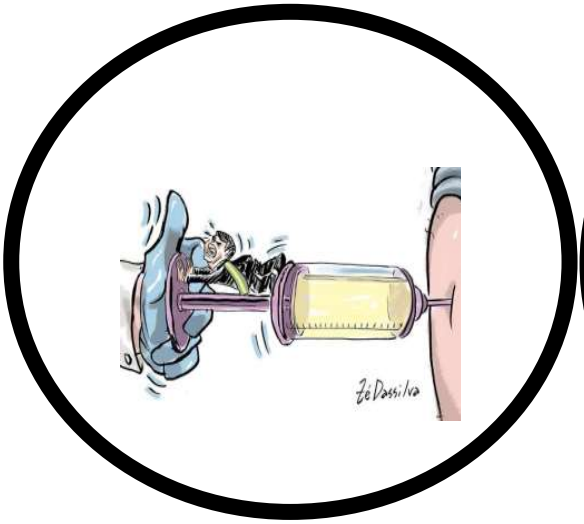
Manifesta-se através da antecipação, das relações de força e de sentido.

Porosa. Matriz de sentido.
Regula o que pode/ deve ser dito em determinada posição.

"Espaço onde se pode prever os efeitos de sentidos a serem produzidos". (LEANDRO-FERREIRA, 2011, p. 61).

Vacinas não salvam vidas!
Urna eletrônica não é confiável!
Ele foi infectado por duas variantes de Fake News!
ZéDassilva

Achei que a liberdade fosse mais importante que a vida...
... E agora tô preso aqui!


ZéDassilva

Eu queria que algumas pessoas parassem de mentir sobre a vacina.
Milagre já não é comigo

APÊNDICE D - DOMINÓ DA AD

DOMINÓ

DA

AD

DISCURSO	**[...] é tomada em sua forma material enquanto ordem significante capaz de equívoco, de deslize, de falha, ou seja, enquanto sistema sintático intrinsecamente passível de jogo que comporta a inscrição dos efeitos lingüísticos materiais na história para produzir sentidos. (LEANDRO-FERREIRA, 2003, p. 196).**

LÍNGUA	**Para Henry (2010), não é cronologia, é sentidos.**

HISTÓRIA	**[...] prática significante, aparece como efeito da relação necessária da língua com a história, no processo de constituição dos sujeitos e dos sentidos. [...] aquilo que é constitutivo aparece como já-lá, como já-dito; o efeito é, então, o da evidência do sentido e a impressão do sujeito como origem do que diz. (LEANDRO-FERREIRA, 2003, p. 191).**

IDEOLOGIA	**[...] *histórico, ideológico*, mas ignora que o é, pois é igualmente afetado, em sua constituição, pelo inconsciente. (INDURSKY, 2008, p. 11).**

SUJEITO	**Compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação [...] Também compreende o contexto sócio-histórico, ideológico. (ORLANDI, 2005, p. 30).**

CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO	**[...] é aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* ... (PÊCHEUX, 2014a [1975], p. 147).**

FORMAÇÃO DISCURSIVA	**[...] presidem todo discurso: a imagem que o sujeito faz dele mesmo, a imagem que ele faz de seu interlocutor, a imagem que ele faz do objeto do discurso. (ORLANDI, 2006, p. 15).**

FORMAÇÃO IMAGINÁRIA	**Manifestação do inconsciente: sonhos, chistes, piadas, atos falhos, lapsos...**

FORMAÇÃO DO INCONS-CIENTE	**Define/ demarca a posição dominante.**

FORMA-SUJEITO	**Está em relação à forma-sujeito.**

POSIÇÃO-SUJEITO	**[...] uma identificação plena do sujeito do discurso com a forma-sujeito da FD que afeta o sujeito do discurso. (INDURSKY, 2008, p. 12).**

IDENTIFI-CAR-SE	**[...] o sujeito do discurso, através de uma *tomada de posição*, se contrapõe à forma-sujeito que organiza os saberes da FD com a qual o sujeito do discurso se identifica. (INDURSKY, 2008, p. 13).**

CONTRA-IDENTIFI-CAR-SE	**O sujeito do discurso desidentifica-se de uma formação discursiva e sua respectiva forma-sujeito para identificar-se com outra formação discursiva e sua forma-sujeito. (INDURSKY, 2008, p. 14).**

DESIDEN-TIFICAR-SE	**[...] retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. [...] está ao lado da estabilização. (ORLANDI, 2005, p. 36).**

PARÁFRASE	**[...] deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco. (ORLANDI, 2005, p. 36).**

POLISSEMIA	**[...] todo complexo dominante das formações discursivas. (PÊCHEUX, 2014 [1975], p. 148).**

INTER-DISCURSO	**Eixo da formulação, isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas. (ORLANDI, 2015, p. 31).**

INTRA-DISCURSO	**[...] promove o encontro de *práticas passadas com uma prática presente*. (INDURSKY, 1999, p. 174).**

MEMÓRIA DISCURSIVA	**[...] ‘àquilo que todo mundo sabe’, isto é, aos conteúdos de pensamento do ‘sujeito universal’ suporte da identificação e àquilo que todo mundo, em uma ‘situação’ dada, pode ser e entender, sob a forma das evidências do ‘contexto situacional’. (PÊCHEUX, 2014 [1975], p. 159).**

PRÉ-CONSTRUÍ-DO	**[..] ponto de encontro de uma atualidade e uma memória." (PÊCHEUX, 2015b [1983], p.16)**

ACONTE-CIMENTO DISCURSIVO	**Modo como a sociedade se organiza e se produz. Espaço a partir do qual se pode prever os efeitos de sentidos. Articulada à ideologia.**

FORMAÇÃO SOCIAL	**Espaço onde se pode prever os efeitos de sentidos a serem produzidos. (LEANDRO-FERREIRA, 2011, p. 61).**

FORMAÇÃO CULTURAL	**Regula a FD naquilo que pode e deve ser dito.**

FORMAÇÃO IDEOLÓ-GICA	**[...] entendido no sentido amplo de ‘campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão’. (PÊCHEUX, 1997, p. 57).**

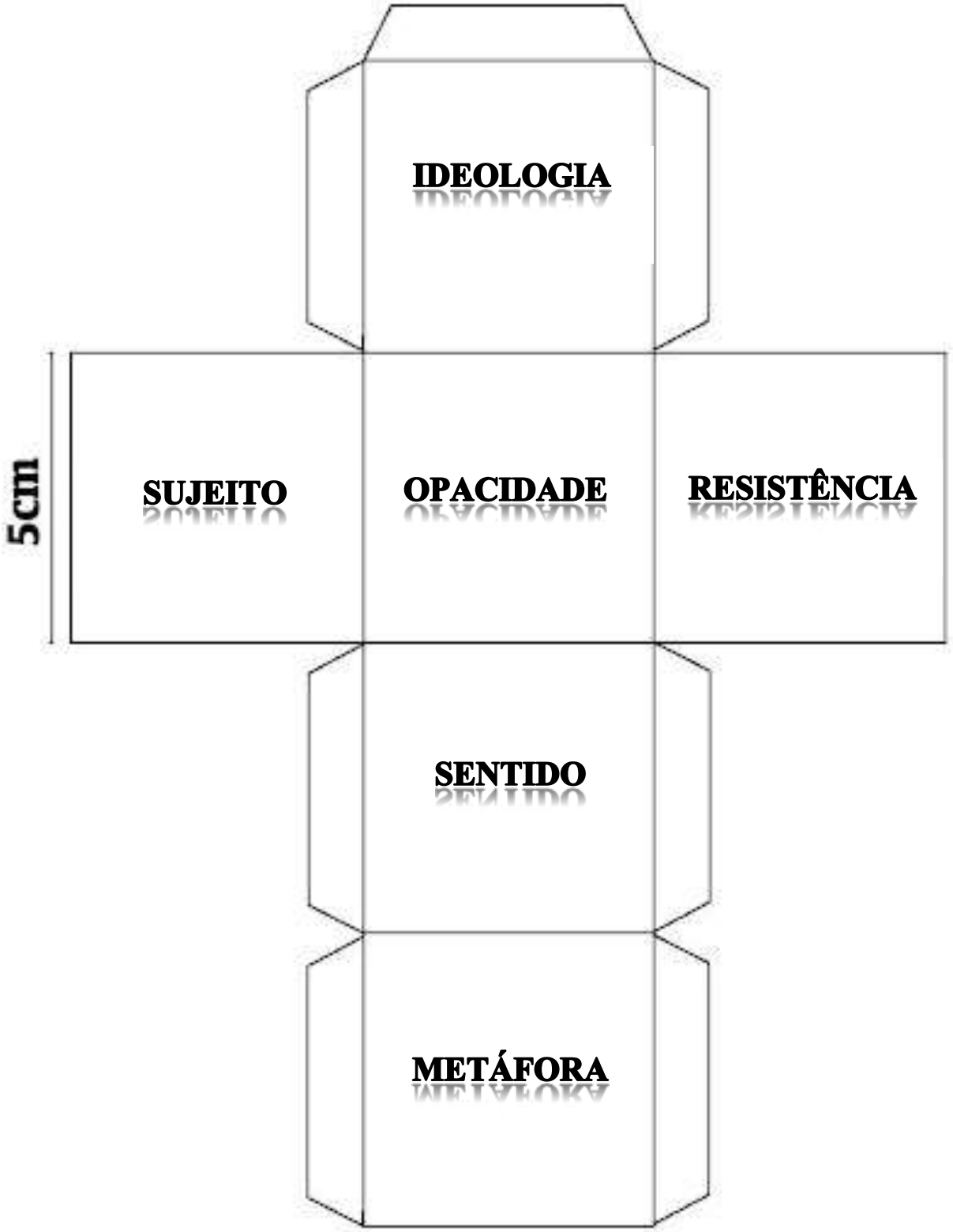
ARQUIVO	**Furo da linguagem. (LEANDRO-FERREIRA, 2010, p. 24).**

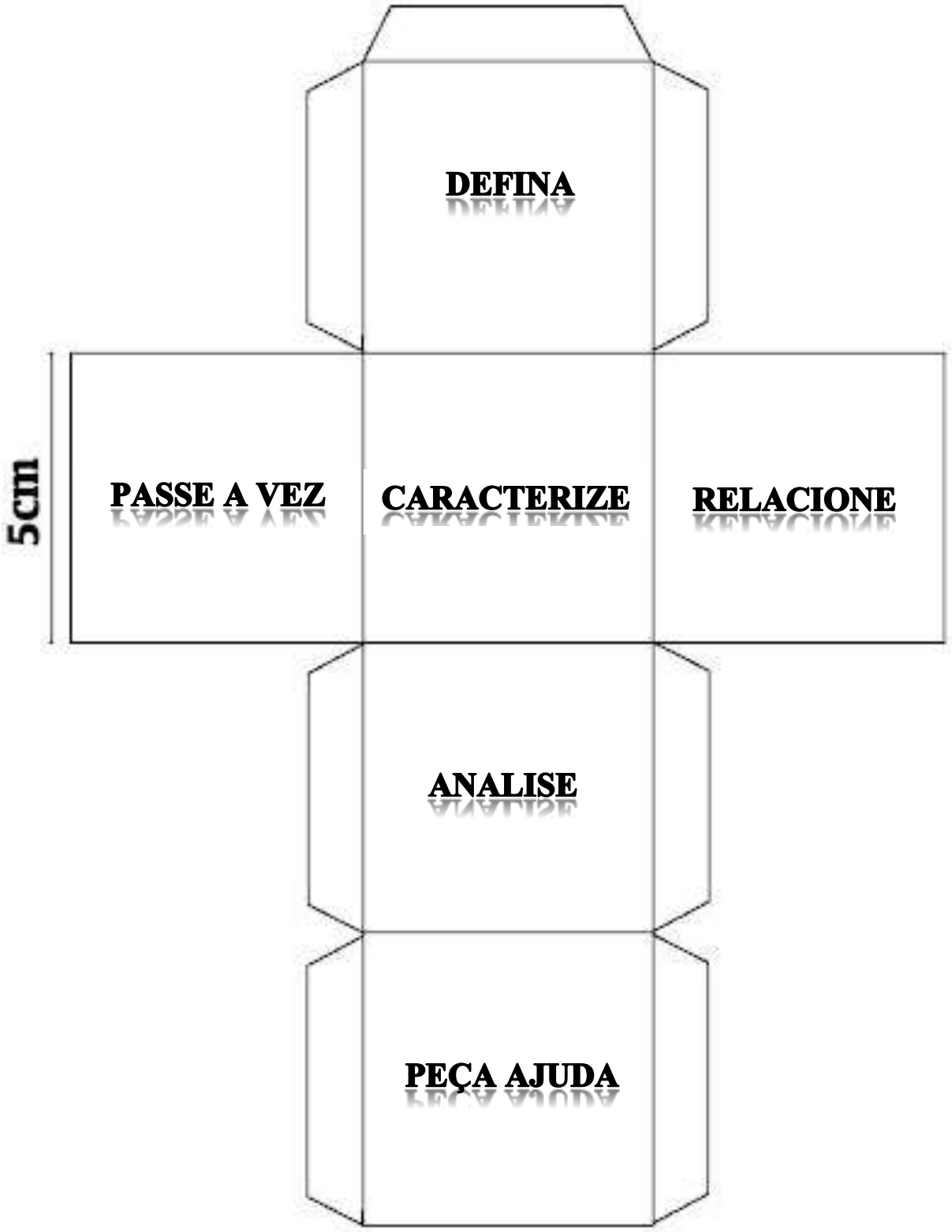
EQUÍVOCO	**Furo da ideologia. (LEANDRO-FERREIRA, 2010, p. 24).**

CONTRADI-ÇÃO	**Furo do inconsciente. (LEANDRO-FERREIRA, 2010, p. 24).**

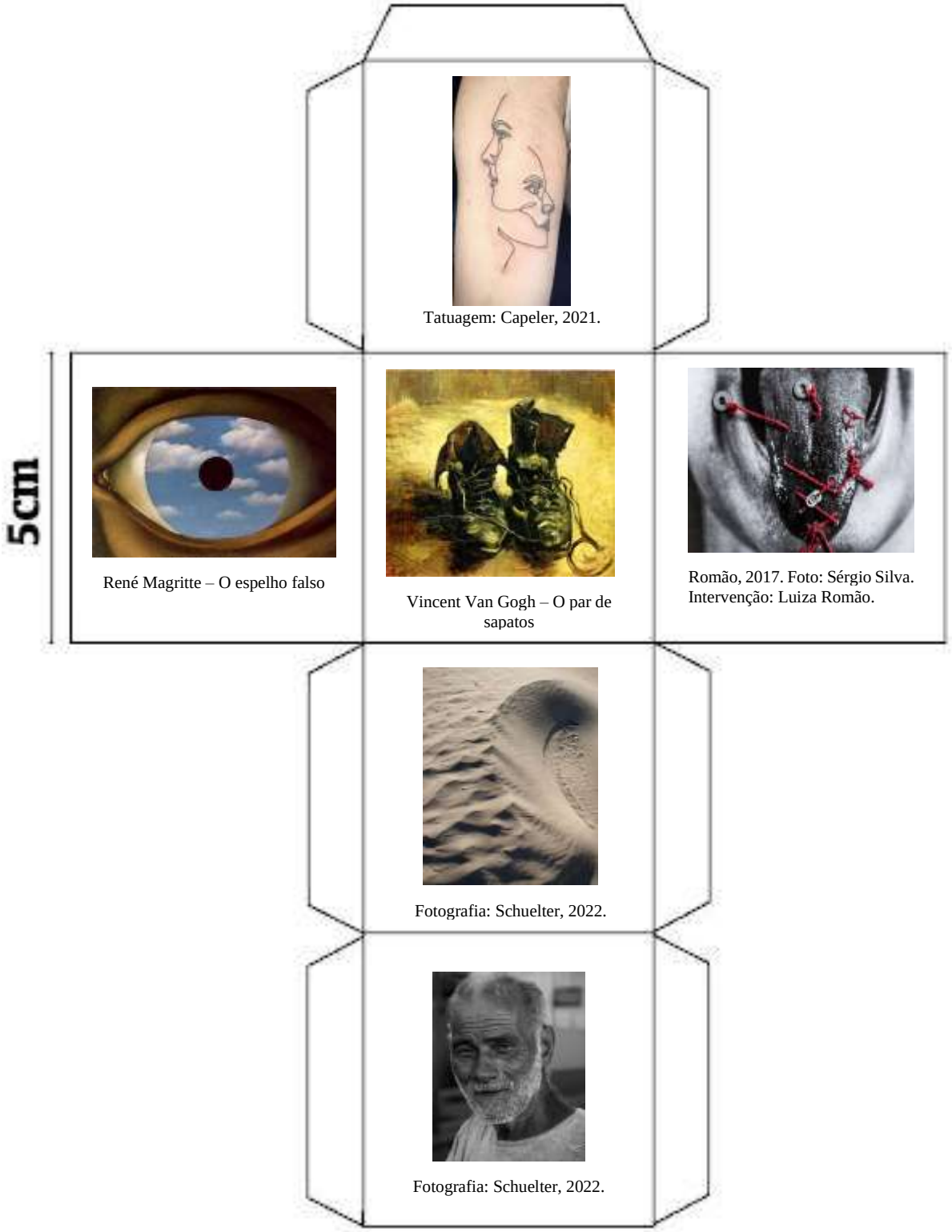
PSICANÁLISE	**Efeito de sentidos entre interlocutores. (PÊCHEUX, 2014 [1969]).**

APÊNDICE E - OS DADOS DA AD




DEFINA
5cm
PASSE A VEZ
CARACTERIZE
RELACIONE
ANALISE
PEÇA AJUDA

33



Tatuagem: Capeler, 2021.

René Magritte – O espelho falso

Vincent Van Gogh – O par de sapatos

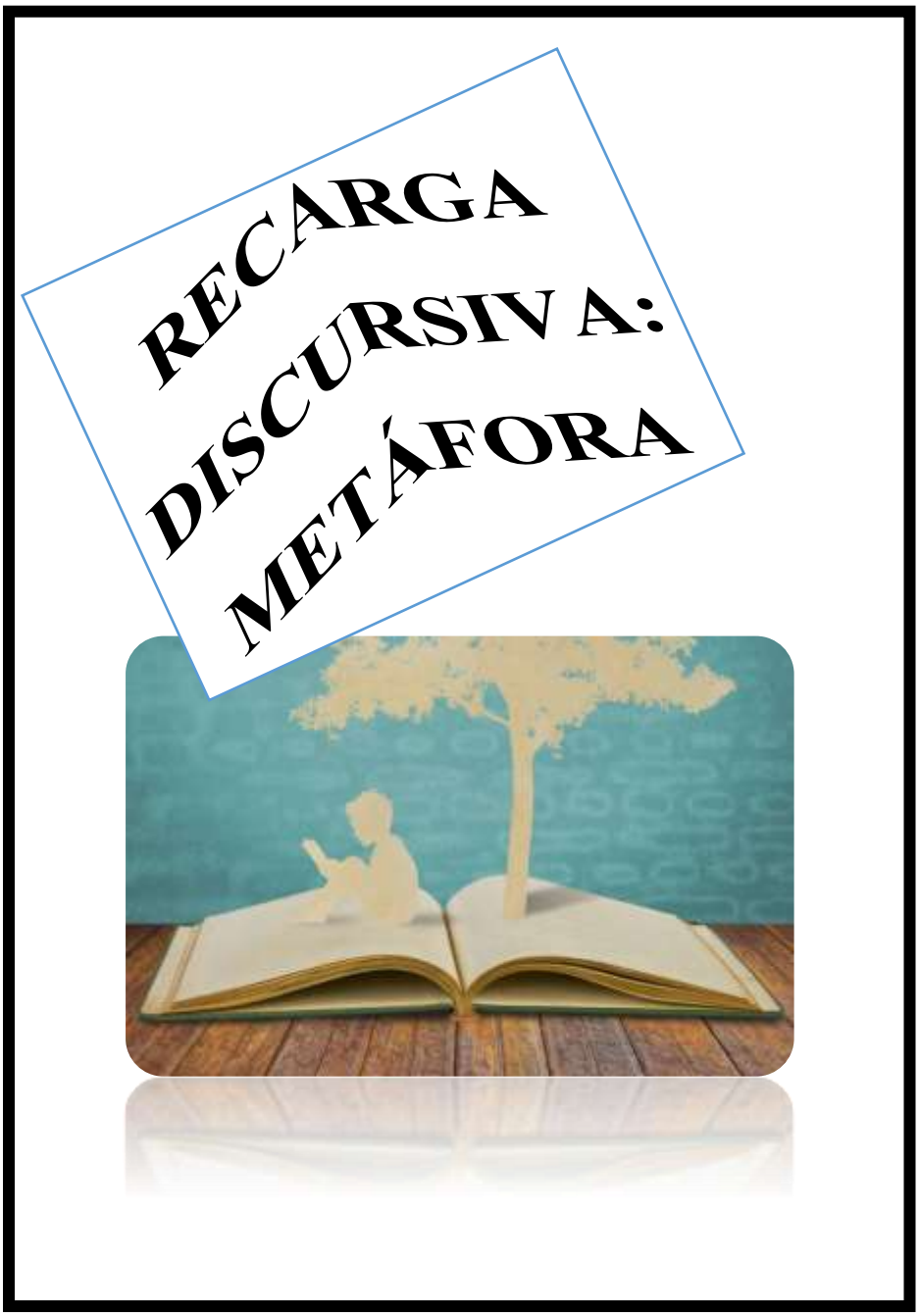
Romão, 2017. Foto: Sérgio Silva. Intervenção: Luiza Romão.

Fotografia: Schuelter, 2022.

Fotografia: Schuelter, 2022.

[33] Agradecimento carinhoso à Luiza Romão, poeta, atriz e escritora; à Raíssa Beatriz Bússolo Capeler, artista plástica, desenhista, tatuadora e professora; e ao professor Dr. Wilson Schuelter, os quais cederam os direitos autorais de seus trabalhos. Em relação às fotografias de Schuelter, a primeira é das dunas do bairro Mar Grosso, Laguna, Santa Catarina e a segunda é um retrato do senhor Marivaldo, que circula pelas ruas de Laguna. Esta foto foi premiada no desafio de fotos em preto e branco pelo Lentes do Mundo.

APÊNDICE F - RECARGA DISCURSIVA



RECARGA CONCEITUAL

Para nós, analistas de discurso, a metáfora é um conceito fundamental. Assim, para melhor compreendê-la, é chegado o momento de (re)lembrar e compartilhar seus conhecimentos. Então...

1) Diga em voz alta uma palavra e/ou expressão que, na sua concepção, melhor representa a metáfora. Explique.

2) Pêcheux (2014, p. 277) nos diz que "´uma palavra por outra' é a definição da metáfora, mas é também o ponto em que o ritual se estilhaça no lapso". Que efeitos de sentido ressoam este enunciado para você?

3) Se você precisasse escolher uma imagem para representar a metáfora, você escolheria um/ uma... Por quê?

RECARGA CONCEITUAL

4) Alguns estudiosos da linguagem, entre eles Daltoé (2011), dedicam e/ou dedicaram seus estudos à metáfora. Ela, em sua tese de doutorado, analisa algumas metáforas de Lula. Assim, ao abordá-las (p. 26), organiza-as em três principais modos de funcionamento: (1) as metáforas que mantém a marca de seu processo de relação metafórica posto em jogo, a partir de elementos linguísticos de comparação: tal qual, assim como, que nem, como, etc.; (2) as metáforas que condensam o processo de comparação, não explicitando os elementos linguísticos de comparação do primeiro grupo; (3) e as metáforas narrativas, ou alusivas, cujas relações nem se marcam por elementos linguísticos de comparação, nem por sua condensação, mas significam pelo modo como remetem a relações estabelecidas entre diferentes elementos, explicadas independentemente de marcas no plano linguístico. Neste entendimento, os exemplos transcritos abaixo, trazidos pela autora, referem-se a quais desses funcionamentos?

- A economia é uma roda gigante que não pode parar. (Lula, 16/02/2009).
- O que aconteceu com o famoso mercado onipotente? Quando o mercado teve a dor de barriga, que não foi uma dor de barriga sim, foi uma diarréia daquela, beraba, sabe? Insuportável. Ou seja, quando o mercado teve essa diarréia, quem é que eles chamaram pa salvá-lo, o Estado que eles negaram durante 20 anos (sic). (Lula, 04/08/2008).
- O Brasil, há muito tempo, era como se fosse uma planta encruada. Aquela que você planta e não cresce, porque talvez as pessoas que estivessem adubando ela, estivessem jogando fertilizante no tronco, quando deveria jogar o fertilizante na área da copa, para ela poder absorver melhor as vitaminas necessárias. (Lula, 18/03/2008).

RECARGA CONCEITUAL

5) A metáfora não é vista na AD como um sentido segundo, figurado, mas a possibilidade de todos os sentidos. Ela é pensada a partir da estabilização/ desestabilização da língua, por isso que, para Pêcheux (2014, p. 240), "o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora", ou seja, não se excluem ou simplesmente se juntam, todavia se articulam. Então, considerando a sequência discursiva abaixo, retirada de Daltoé (2011, p. 129), como poderíamos verificar essa estabilização/ desestabilização da língua?

SDr 38: A gente tem que parar com essa bobagem de que político é um ser superior. Não posso rir porque sou político, não posso beber porque sou político, não posso falar palavrão porque sou político. Pode sim. (Lula, 16/02/09).

6) Na AD de 69, Pêcheux traz o conceito de **efeito metafórico**. Como ele o definiu?

RECARGA CONCEITUAL

7) Ainda pensando no **efeito metafórico** proposto por Pêcheux na AD de 69, analise os enunciados abaixo e diga se ele ocorre aqui. Justifique.

Reforma trabalhista é uma necessidade.

Reforma trabalhista é a única saída.

Reforma trabalhista é um desmonte.

8) Distinga: **efeito metafórico, processo metafórico e metáfora discursiva.**

RECARGA CONCEITUAL

9) Para Pêcheux o **efeito metafórico** é o "fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, para lembrar que este "deslizamento de sentido" entre *x* e *y* é constitutivo do "sentido" designado por *x* e *y*;". (PÊCHEUX, 2014, p. 96). Neste entendimento, escolha um dos dois inícios propostos abaixo e complete o enunciado de forma a produzir esse efeito.

1) O político não é...
2) O político é...

10) O que diferencia a **metáfora linguística** da **metáfora discursiva** proposta pela análise do discurso pecheutiana?

RECARGA CONCEITUAL

11) Em “Mar de sentidos. A metáfora no enlaçamento com a subjetividade e o imaginário na construção do significante “mar””, Amaral (2013) analisa enunciados sobre o significante mar. Desta forma, valha-se da figura abaixo para compreender e explicar como a **metáfora discursiva** ocorre a partir do que propõe a autora.

E1 = O mar é nada.

E2 = O mar é uma extensa porção de água salgada ligada a um oceano.

Teremos:

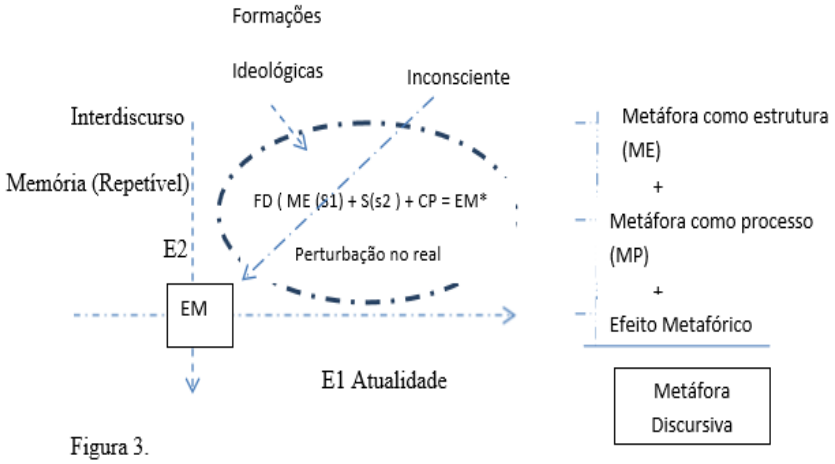


Figura 3.

Fonte: Amaral (2013, p. 57).

RECARGA CONCEITUAL

12) Daltoé (2011, p. 146) propõe uma figura para se compreender a metáfora discursiva a partir das metáforas de Lula. Ela diz que a MD seria *nó em uma rede* e configura-se como *um ponto de encontro entre uma memória e uma atualidade.* Conforme Pêcheux (2012, p. 159), a metáfora discursiva (MD) é um *curto-circuito simbólico* e "se produz entre dois termos sem que nenhum discurso justificativo o subentenda: as explicações e as justificativas virão após". Analisando a figura proposta pela autora, como poderíamos explicar ***nó em uma rede, curto-circuito, memória discursiva e metáfora discursiva*?**

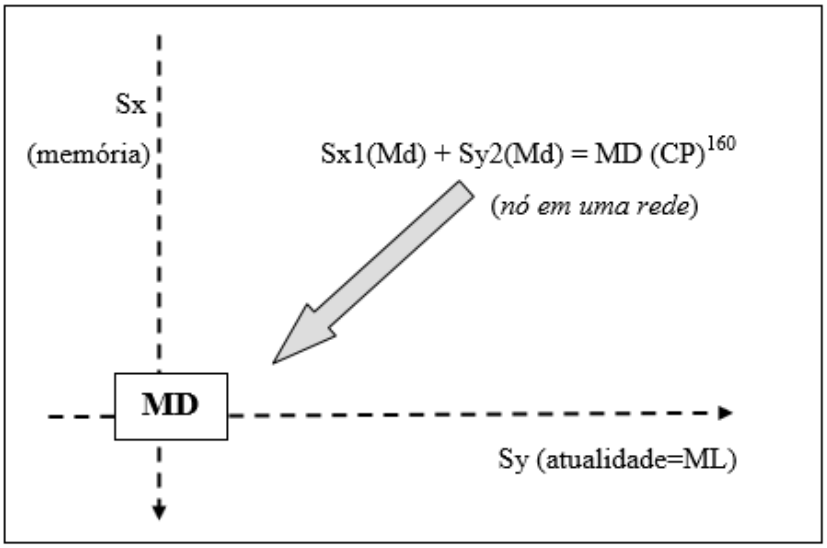


Figura 5: Constituição da Metáfora Discursiva.

Fonte: Daltoé (2011, p. 146).

RECARGA CONCEITUAL

13) Para Pêcheux (2006, p. 53), a metáfora não é o "domingo do pensamento", mas o modo de funcionamento de todo sentido, o qual só "existe exclusivamente nas relações de metáfora" (2014, p. 263). Assim sendo, como se explica o domingo e os outros dias da semana em relação à metáfora.

14) Elabore uma pergunta sobre metáfora para o grupo responder.

RECARGA ANALÍTICA

1) Com base nos pressupostos da análise do discurso pecheutiana, analise a música “Metáfora”, de Gilberto Gil, e diga se é possível pensar o conceito de metáfora discursiva a partir do que se diz nela. Explique.

Metáfora (Gilberto Gil)
Uma lata existe para conter algo
Mas quando o poeta diz: "Lata"
Pode estar querendo dizer o incontível

Uma meta existe para ser um alvo
Mas quando o poeta diz: "Meta"
Pode estar querendo dizer o inatingível

Por isso, não se meta a exigir do poeta
Que determine o conteúdo em sua lata
Na lata do poeta tudonada cabe
Pois ao poeta cabe fazer
Com que na lata venha caber
O incabível

Deixe a meta do poeta, não discuta
Deixe a sua meta fora da disputa
Meta dentro e fora, lata absoluta
Deixe-a simplesmente metáfora

GIL, Gilberto. **Metáfora.** Disponível em: https://www.letras.mus.br/gilberto-gil/487564/. Acesso em: 30 jan. 2022.

RECARGA ANALÍTICA

2) Os conceitos são importantes, contudo, é necessário saber aplicá-los. Desta forma, valha-se de alguns conceitos da AD, sobretudo o de metáfora, para analisar o texto que segue. Que efeitos de sentido pode suscitar?

Sou feita de retalhos – Cris Pizziment

"Sou feita de retalhos. Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma. Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.

Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior. Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade…que me tornam mais pessoa, mais humano, mais completo.

E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também. E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados…haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma. Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias.

E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de nós".

PIZZIMENT, Cris. **Sou feita de retalhos.** Disponível em: https://kantinhodaedite.blogspot.com/2018/04/sou-feita-de-retalhos.htmlS. Acesso em: 14 jan. 2022.

RECARGA ANALÍTICA

3) Daltoé (2011, p. 34), em "As metáforas de Lula: a deriva dos sentidos na língua política", recorta alguns títulos de reportagens, veiculados pela mídia, sobre o uso de metáforas por Lula, as quais transcrevemos abaixo:

"Metáforas do presidente contaminam fala dos ministros" (Folha de São Paulo, 28/12/2003);
"Lula voa em metáforas: a linguagem figurada popularesca do Presidente da República tende a desgastar seu discurso paternalista" (Revista Língua, 2005);
"Todas as metáforas do presidente" (Gazeta do Povo, 06/09/2009);
"Lula e suas metáforas: Presidente foge do compromisso com as palavras ao abusar das figuras de linguagem em seus discursos" (Revista Língua *on line*, 2010).

Ao ler esses enunciados, que **perspectiva de língua** se veicula a partir do uso de metáforas? Sob que **condições de produção** estão os **sujeitos enunciadores**? Que **formações imaginárias** esses títulos evocam?

RECARGA ANALÍTICA

4) O estudo das metáforas sob a perspectiva do ensino tem sido nosso objeto de estudo e propomos algumas construções. Abaixo, um exemplo de uma casa para trabalhar os conceitos da AD. Você acha que o uso das metáforas no ensino contribuirá para uma aprendizagem mais significativa? Justifique. O uso de materiais desta natureza pode contribuir para o ensino de Análise do Discurso também em outros níveis de ensino que não só na graduação ou pós-graduação? Em caso afirmativo, como isso poderia ocorrer?

Fonte: Rosa, 2022.

RECARGA ANALÍTICA

5) A fotografia que se apresenta foi retirada do Livro Sangria, da poeta Luiza Romão. Valendo-se dessa imagem, como poderíamos trabalhar a metáfora? Que efeitos de sentido e que memória evoca? Que sujeito discursivo é esse?

Fonte: Romão, 2017. Foto: Sérgio Silva. Intervenção: Luiza Romão.

RECARGA ANALÍTICA

6) A Análise do Discurso, hoje, explora as mais diversas materialidades. Desta forma, que relações poderíamos estabelecer entre a metáfora e a materialidade que se apresenta abaixo.

Fonte: Mittmann, 2020.

RECARGA ANALÍTICA

7) Outro recorte analisado por Daltoé (2011, p. 44):

SDr20: Tenho ficado mais emocionado, mais motivado, porque as coisas estão acontecendo. Ou seja, É como se você tivesse passado o tempo todo plantando, sabe, um monte de gente colhendo a tua roça e dizendo ‘não vai dar nada, não vai dar nada, isso aqui o cara não soube plantar’, esse cara é um metalúrgico. E de repente, e de repente, a planta brota, cresce e eu tô colhendo. (Lula, 21/07/2010).

Relacione, pelo menos, dois conceitos da AD a esse recorte. Explique-os.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Priscila Cavalcante. **Mar de sentidos. A metáfora no enlaçamento com a subjetividade e o imaginário na construção do significante "mar".** 2013. 112f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras, Porto Alegre - RS, 2013.

DALTOÉ, Andréia da Silva. **As metáforas de Lula:** a deriva dos sentidos na língua política. 2011. 220f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras, Porto Alegre - RS, 2011.

GIL, Gilberto. **Metáfora.** Disponível em: https://www.vagalume.com.br/gilberto-gil/metafora.html. Acesso em: 03 fev. 2022.

MITTMANN, Solange. **Ela está chegando.** 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CALp8fUhvkzJEI3DKdjP-FgrTK_jVyNHFZUcTQ0/?utm_medium=copy_link. Acesso em: 03 fev. 2022.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Pulcinelli Orlandi et al. 5.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014.

PÊCHEUX, Michel. Metáfora e interdiscurso. *In:* ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). **Análise de Discurso:** Michel Pêcheux. 3.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012. Título original: *Metapher und interdiskurs*, 1984.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Tradução: Eni P. Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. Título original: *Le discours: structure ou événément?*, 1983.

ANEXOS

ANEXO A – AUTORIZAÇÕES DIREITOS AUTORAIS

DECLARAÇÃO

Eu, Andréia da Silva Daltoé, autorizo Marilane Mendes Cascaes da Rosa, estudante de doutorado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, sob a orientação da professora Dra. Solange Mittmann, a utilizar, sem custos, SDs e imagens da minha tese de doutorado intitulada *As metáforas de Lula: a deriva dos sentidos na língua política.* Abaixo ostextos e imagens que farão parte do jogo recarga discursiva, o qual objetiva trabalhar a noção de metáfora discursivamente tanto do ponto de vista teórico quanto analítico. O jogo faz parteda tese de doutorado de Marilane.

Textos e imagens a serem utilizados:

- A economia é uma roda gigante que não pode parar. (Lula, 16/02/2009).
- O que aconteceu com o famoso mercado onipotente? Quando o mercado teve a dor de barriga, que não foi uma dor de barriga sim, foi uma diarréia daquela, beraba, sabe? Insuportável. Ou seja, quando o mercado teve essa diarréia, quem é que eles chamaram pa salvá-lo, o Estado que eles negaram durante 20 anos (sic). (Lula, 04/08/2008).
- O Brasil, há muito tempo, era como se fosse uma planta encruada. Aquela que você planta enão cresce, porque talvez as pessoas que estivessem adubando ela, estivessem jogando fertilizante no tronco, quando deveria jogar o fertilizante na área da copa, para ela poder absorver melhor as vitaminas necessárias. (Lula, 18/03/2008).

SDr 38: A gente tem que parar com essa bobagem de que político é um ser superior. Não posso rir porque sou político, não posso beber porque sou político, não posso falar palavrão porque sou político. Pode sim. (Lula, 16/02/09).

SDr20: Tenho ficado mais emocionado, mais motivado, porque as coisas estão acontecendo. Ou seja, É como se você tivesse passado o tempo todo plantando, sabe, um monte de gente colhendo a tua roça e dizendo ‘não vai dar nada, não vai dar nada, isso aqui o cara não soube plantar’, esse cara é um metalúrgico. E de repente, e de repente, a planta brota, cresce e eu tô colhendo. (Lula, 21/07/2010).

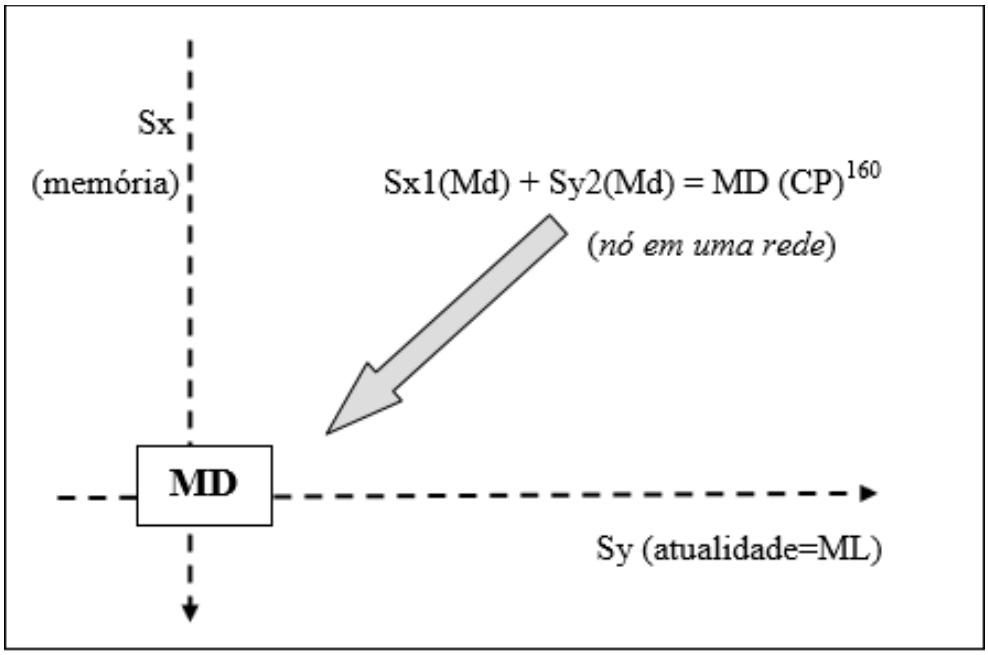


Figura 5: Constituição da Metáfora Discursiva.

Fonte: Daltoé (2011, p. 146).

"Metáforas do presidente contaminam fala dos ministros" (Folha de São Paulo, 28/12/2003);

"Lula voa em metáforas: a linguagem figurada popularesca do Presidente da República tende a desgastar seu discurso paternalista" (Revista Língua, 2005);

"Todas as metáforas do presidente" (Gazeta do Povo, 06/09/2009);

"Lula e suas metáforas: Presidente foge do compromisso com as palavras ao abusar das figuras de linguagem em seus discursos" (Revista Língua *on line*, 2010).

Atenciosamente,

Andréia da Silva Daltoé

Porto Alegre, 21 de janeiro de 2022.

DECLARAÇÃO

Eu, Raïssa Beatriz Bússolo Capeler, autorizo Marilane Mendes Cascaes da Rosa, estudante dedoutorado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, sob a orientação da professora Dra. Solange Mittmann, a utilizar, sem custos, três imagens de minha autoria. As imagens, reproduzidas abaixo, farão parte do jogo das formações e dos dados da AD que objetivam trabalhar as noções da Análise do Discurso. O jogo faz parte da tese de doutorado de Marilane.

Figura 1- Imagens utilizadas nos jogos

FONTE: CAPELER, 2021.

FONTE: CAPELER, 2013.

FONTE: CAPELER, 2021.

Atenciosamente,

Raïssa Beatriz Bússolo Capeler

Porto Alegre, 31 de janeiro de 2022.

"Metáforas do presidente contaminam fala dos ministros" (Folha de São Paulo, 28/12/2003);
"Lula voa em metáforas: a linguagem figurada popularesca do Presidente da República tende a desgastar seu discurso paternalista" (Revista Língua, 2005);
"Todas as metáforas do presidente" (Gazeta do Povo, 06/09/2009);
"Lula e suas metáforas: Presidente foge do compromisso com as palavras ao abusar das figuras de linguagem em seus discursos" (Revista Língua *on line*, 2010).

DECLARAÇÃO

Eu, Wilson Schuelter, autorizo Marilane Mendes Cascaes da Rosa, estudante de doutorado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, sob a orientação da professora Dra. Solange Mittmann, a utilizar, sem custos, duas fotografias de minha autoria. As fotografias, reproduzidas abaixo, farão parte do jogo dos dados da Análise de Discurso, o qual faz parte datese de doutorado de Marilane.

Figura 1- Fotografias utilizadas no jogo

Fotografia: Schuelter, 2022.	Fotografia: Schuelter, 2022.

Atenciosamente,

Wilson Schuelter

Porto Alegre, 31de janeiro de 2022.

DECLARAÇÃO

Eu, Zé Dassilva, autorizo Marilane Mendes Cascaes da Rosa, estudante de doutorado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, sob a orientação da professora Dra. Solange Mittmann, a utilizar, sem custos, quatro charges de minha autoria. As charges, reproduzidas abaixo, farão parte de jogos, presentes na tese de doutorado de Marilane e que objetivam trabalhar as noções da AD.

Figura 1- Charges utilizadas no jogo

Fonte: Zé Dassilva, 2022.

Atenciosamente,

Zé Dassilva

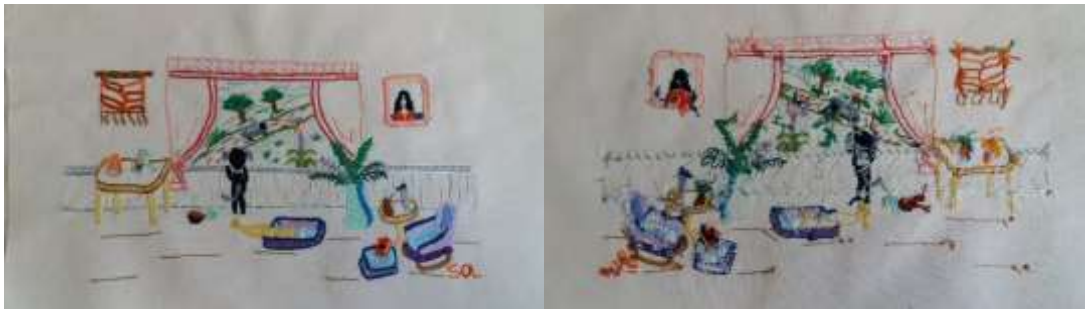
Zé Dassilva

Porto Alegre, 08 de fevereiro de 2022.

DECLARAÇÃO

Eu, Solange Mittmann, autorizo Marilane Mendes Cascaes da Rosa, estudante de doutorado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, sob minha orientação, a utilizar, sem custos, um bordado de minha autoria. O bordado, reproduzido abaixo, fará parte dos jogos da tese de doutorado de Marilane.

Figura 1- Bordados



Fonte: Mittmann, 2020.

Atenciosamente,

Solange Mittmann

Porto Alegre, 18 de fevereiro de 2022.

UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

DECLARAÇÃO

Eu, Priscila Cavalcante do Amaral, autorizo Marilane Mendes Cascaes da Rosa, estudante de doutorado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, sob a orientação da professora Dra. Solange Mittmann, a utilizar, sem custos, a imagem, anexada abaixo, retirada da minha dissertação de mestrado intitulada *Mar de sentidos. A metáfora no enlaçamento com a subjetividade e o imaginário na construção do significante "mar"*. O jogo tem como objetivo trabalhar a noção de metáfora discursivamente, tanto do ponto de vista teórico e analítico, e faz parte da tese de Marilane.

Figura:

E1 = O mar é nada.

E2 = O mar é uma extensa porção de água salgada ligada a um oceano.

Teremos:

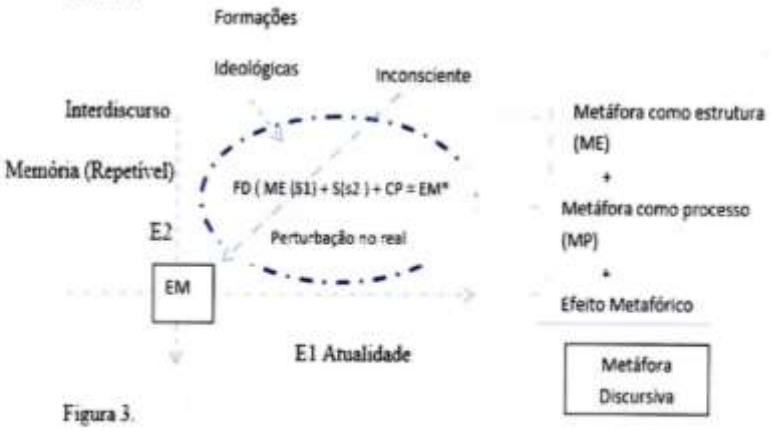


Figura 3.

Fonte: Amaral (2013, p.57).

Atenciosamente,

Priscila Cavalcante do Amaral

Porto Alegre, 21 de janeiro de 2022.

UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

DECLARAÇÃO

Eu, Cris Pizzimenti, autorizo Marilane Mendes Cascaes da Rosa, estudante de doutorado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, sob a orientação da professora Dra. Solange Mittmann, a utilizar, sem custos, o texto "Sou feita de retalhos", anexado abaixo, no jogo recarga discursiva constituinte de sua tese de doutorado. O jogo tem como objetivo trabalhar a noção de metáfora discursivamente, tanto do ponto de vista teórico quanto analítico.

Texto:

Sou feita de retalhos. Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma. Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.
Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior. Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade…que me tornam mais pessoa, mais humano, mais completo.
E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também. E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados…haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma. Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias.
E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de nós".

Fonte: Disponivel em: https://kantinhodaedite.blogspot.com/2018/04/sou-feita-de-retalhos.htmlS. Acesso em: 14 jan. 2022.

Atenciosamente,

Cris Pizzimenti

Porto Alegre, 21 de janeiro de 2022.